

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO**

VANDERLEI RICARDO GUERRA

**O PRINCÍPIO EDUCATIVO DO TRABALHO E AS CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA
SENAI NILO PEÇANHA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS DE
CAXIAS DO SUL (2000-2012)**

Caxias do Sul
2014

VANDERLEI RICARDO GUERRA

**O PRINCÍPIO EDUCATIVO DO TRABALHO E AS CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA
SENAI NILO PEÇANHA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS DE
CAXIAS DO SUL (2000-2012)**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Orientadora: Dr^a. Nilda Stecanela

Caxias do Sul
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

G934p Guerra, Vanderlei Ricardo, 1967-
O princípio educativo do trabalho e as contribuições da Escola SENAI Nilo Peçanha na educação profissional de jovens de Caxias do Sul (2000-2012) / Vanderlei Ricardo Guerra. – 2014.
222 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.
Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.
Orientadora: Profª. Dra. Nilda Stecanela.

1. Educação para o trabalho. 2. Ensino profissional - Caxias do Sul (RS). 3. Mercado de trabalho - Jovens. 4. Aprendizagem industrial. I. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI. II. Título.

CDU 2.ed.: 377

Índice para o catálogo sistemático:

1. Educação para o trabalho		377
2. Ensino profissional - Caxias do Sul (RS)	377.36(816.5CAXIAS DO SUL)	
3. Mercado de trabalho - Jovens		331.5-053.6
4. Aprendizagem industrial		67:377

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Roberta da Silva Freitas – CRB 10/1730



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

"O Princípio Educativo do Trabalho e as Contribuições da Escola Senai Nilo Peçanha na Educação Profissional de Jovens de Caxias do Sul (2000-2012)"

Vanderlei Ricardo Guerra

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Caxias do Sul, 20 de agosto de 2014.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Nilda Stecanela
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Lúcio Kreutz
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Pedro Moura Ferreira
Universidade de Lisboa

Prof. Dra. Tercliane Ângela Luchese
Universidade de Caxias do Sul

CIDADE UNIVERSITÁRIA

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – B. Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefax (54) 3218 2100 – www.ucs.br

Entidade Mantenedora: Fundação Universidade de Caxias do Sul – CNPJ 88 648 761/0001-03 – CGCTE 029/0089530

Dedico às pessoas que passaram pelos bancos da Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Peçanha, na sua adolescência, e que hoje, são profissionais atuantes no desenvolvimento social e econômico de nosso País.

AGRADECIMENTOS

A Deus

Pela existência, constante proteção e condução nos meus caminhos.

À minha querida esposa, Ivone Tessari Guerra

Pelo amor e compreensão, pelos momentos compartilhados, pelo afeto, carinho e por estar ao meu lado, mesmo quando meus pensamentos estiveram focados nesta atividade, nos distanciando de nosso diálogo, nas muitas horas de minha dedicação e envolvimento com a pesquisa.

Aos filhos Viviane e Vinícius

Por sentirem este distanciamento e pacientemente me aguardarem para nossas conversas, nas horas finais dos dias de trabalho intenso.

Aos pais Verônica e Armando, e à irmã Siomara

Pelo apoio e alegria nas minhas conquistas.

Ao Curso de Pedagogia EAD, da Universidade de Caxias do Sul

Pelas sementes lançadas ao campo da pesquisa, em especial, às tutoras Fernanda Bertoldo e Marília Silva, que me conduziram na caminhada.

À minha orientadora, Prof.^a Dra. Nilda Stecanela

Pelo exemplo do agir docente, oportunidade de crescimento, suporte, confiança e por acreditar no meu potencial, mesmo quando nem eu mais acreditava, sempre perseverante, atenciosa e acima de tudo, humana, em suas ações.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado em Educação da Universidade de Caxias do Sul

Pelo saber compartilhado, em especial, ao Prof. Dr. Lúcio Kreutz, pela leitura e compreensão de minha atuação profissional.

À direção e funcionários da Escola de Educação Profissional SENAI

NiloPeçanha

Pela confiança e apoio nesta caminhada rumo ao desenvolvimento pessoal e profissional, em especial aos colegas Prof. Saul João Devenz, atual diretor de nossa escola, e nosso coordenador, Prof. Everton Evaristo Luchesi, que muito me instigaram e incentivaram para trilhar nesta trajetória.

Aos meus amigos

Por compreenderem a minha ausência, e na presença, ouvirem meus discursos de pesquisador ansioso, cheio de questionamentos e por contribuírem no diálogo da educação, para a continuidade deste trabalho. Em especial, aos colegas de trabalho, que em muitos compromissos, me auxiliaram, me substituindo nas atividades escolares, ao Prof. Lindonez Alberto da Silva, e ao nosso ex-aluno e estagiário, agora Prof. Igor Simon. Mãos amigas que muito me apoiaram por serem comandadas por mentes e corações de grande nobreza humana.

Aos ex-alunos da Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Peçanha

Por gentilmente atenderem ao meu pedido de entrevistas e destinarem seus preciosos tempos de vida, para nos recordarmos de nossas experiências, dentro do processo de desenvolvimento humano, especialmente, nas épocas da realização de seus cursos de aprendizagem industrial.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram e incentivaram esta construção.

Muito obrigado!

“Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.”

“Na verdade, não me é possível separar o que há em mim de profissional do que venho sendo como homem.”

Paulo Freire

RESUMO

Esta produção apresenta a construção de uma pesquisa sobre a história da EEP SENAI Nilo Peçanha que, em seu contexto, sonda os elementos vinculados ao princípio educativo do trabalho. Esta pesquisa teve por base diversas fontes, principalmente orais e documentais, tendo a evocação da memória como um elemento fundente, sendo composta por um breve histórico da educação para o trabalho no Brasil, do SENAI, da FIERGS e da EEP SENAI Nilo Peçanha.

O tema da educação para o trabalho foi apresentado dentro da perspectiva de uma educação plena, voltada não apenas aos aspectos técnicos da execução de atividades laborais, mas à formação do ser humano, em diversos aspectos, como a ética e a sociedade, abordando o trabalho como um agente construtor e transformador da vida humana, nos aspectos ontológicos e profissionais.

Foram realizadas entrevistas com treze ex-alunos da EEP SENAI Nilo Peçanha, oriundos de cursos da modalidade de Aprendizagem Industrial, voltados à área de Usinagem Mecânica, no período de 2000 a 2012, com apoio de questionários, gravação de áudio, reprodução e transcrições das informações e narrativas produzidas. As entrevistas ocorreram concomitantemente com a pesquisa em documentos para a obtenção de informações referentes ao histórico da Escola e estudos abrangendo as áreas da História Oral, História Cultural, Narrativas de Vida, Trajetórias Juvenis, Trabalho, Memória, Educação para o Trabalho, Identidades Juvenis, entre outros, os quais catalisam as narrativas. Os dados empíricos evidenciam que a Educação para o Trabalho, através dos cursos de Aprendizagem Industrial, na EEP SENAI Nilo Peçanha, foi fundamental para o exercício e o êxito profissional dos ex-alunos entrevistados. A trajetória profissional deles foi analisada através dos detalhes de sua inserção e atuação no mercado de trabalho, bem como, nas trocas de áreas de atuação, de cargos ou funções e nas relações destas funções com o aprendizado obtido nos cursos profissionalizantes. Em meio aos relatos dos ex-alunos são narrados alguns detalhes do funcionamento da Escola, suas regras, a metodologia aplicada, a cultura escolar, as percepções e expressões de sentimentos dos ex-alunos, fundindo-se com as narrativas de vida de um dos instrutores, que traça um paralelo entre sua experiência como aluno, profissional da indústria e docente, com as experiências dos seus ex-alunos, chegando até a realidade atual da instituição. Na visão dos interlocutores da pesquisa, os fatores mais significativos da atuação da EEP Nilo Peçanha, não estão relacionados com a parte técnica, ou nas informações essenciais para a execução operacional do trabalho, fatores que não foram discutidos pelos entrevistados, apenas referenciados como a marca da qualidade da Escola. Os aspectos mais lembrados pelos ex-alunos estão relacionados com a educação voltada à formação humana, onde foram apresentados temas como: ética, respeito, organização, relações humanas, assiduidade, comprometimento, responsabilidade, espírito de equipe, amizade, empreendedorismo, entre outros, que foram evocados pelos entrevistados como aspectos marcantes de uma educação, que alguns caracterizaram como: “a educação da pessoa para ser um profissional”. Tais afirmações, aliadas aos estudos realizados, vão ao encontro da ideia do princípio educativo do trabalho, como linha de atuação para a Educação Profissional.

Palavras-chave: Princípio educativo do trabalho. História da EEP SENAI Nilo Peçanha. Educação. Juventude. Trabalho.

ABSTRACT

This production presents the construction of a research about the history of EEP SENAI Nile that in context, the probe elements linked to the educational principle of work. This research was based on several sources, mainly oral and documentary, and the evocation of memory as a flux element, consisting of a brief history of education for work in Brazil, SENAI, FIERGS and EEP SENAI Nilo Peçanha.

The theme of education for work was presented from the perspective of a full education focused not only the technical aspects of performing work activities, but the formation of the human being, in many aspects, such as ethics and society, addressing the work as a builder and transforming agent of human life, the ontological and professional aspects.

Interviews with thirteen alumni EEP SENAI Nilo Peçanha, from courses of Industrial Training mode, directed to the area of Mechanical Machining, in the period 2000-2012, with support from questionnaires, audio recording, playback and transcripts were made information and narratives produced. The interviews took place concurrently with the research documents in order to obtain information regarding the history of the School and studies covering the areas of Oral History, Cultural History, Lore of Life Trajectories Youth, Work, Memory, Education for Work, Youth Identities, among others, which catalyze the narratives. Empirical data show that the technical training through courses of Industrial Training, the EEP SENAI Nilo Peçanha, was fundamental to the practice and the professional success of alumni respondents. The professional career of them was analyzed through the details of their integration and performance in the labor market as well as in trade of practice areas, positions or roles and relationships of these functions with the knowledge gained in professional courses. Amid reports of former students are recounted some details of the operation of the school, its rules, the methodology applied, the school culture and the perceptions and expressions of feelings alumni, merging with the stories of the life of one of instructors, which draws a parallel between his experience as a student, teacher and industry professional, with the experiences of his former students, even to the present reality of the institution. In view of the interlocutors of the research, the most significant factor of the performance of EEP Nilo Peçanha, are not related to the technical part, or the essential information for the operational execution of work, factors that were not discussed by the interviewees, only referred to as the mark the quality of the school. The aspects most remembered by former students are related to education focused on human development, where themes were presented as: ethics, respect, organization, human relations, diligence, commitment, responsibility, team spirit, friendship, entrepreneurship, among others, that were raised by respondents as important aspects of an education, which some have characterized as "the education of the person to be a professional." Such statements, allied to studies, meet the educational principle of the idea of work as a line of action for Vocational Education.

Keywords: Educational principle of work. History of EEP SENAI Nilo Peçanha. Education. Youth. Work.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação de CTs, CEPs, EEPs, AEPs e Faculdade do SENAI-RS.....	219
Tabela 2 - Bairro atual de moradia.....	150
Tabela 3 - Residentes no lar.....	150
Tabela 4 - Carga horária semanal.....	151
Tabela 5 - Comparação entre informações das entrevistas com ex-alunos e a pesquisa do SAPES, na modalidade de Aprendizagem Industrial.....	152
Tabela 6 - Cursos frequentados.....	153
Tabela 7 – Relação do curso com o desenvolvimento pessoal e profissional.....	154
Tabela 8 - Motivos para frequentar a EEP Nilo Peçanha.....	160
Tabela 9 - Razões para a escolha da área do curso profissionalizante.....	161
Tabela 10 - Relacionamento com pessoas que já haviam frequentado a EEP Nilo Peçanha.....	162
Tabela 11 - Conceito dos ex-alunos da EEP SENAI Nilo Peçanha antes do ingresso no curso.....	163
Tabela 12 - Profissões dos ex-alunos da EEP SENAI Nilo Peçanha.....	164
Tabela 13 - Projetos dos ex-alunos da EEP SENAI Nilo Peçanha para futuro.....	195

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

3º GAA Ae	3º Grupo de Artilharia Antiaérea - Exército Brasileiro
ABC	Agência Brasileira de Cooperação
AEP	Agência de Educação Profissional
AFA	Academia da Força Aérea
AGASE	Associação Gaúcha de Servidores do SENAI
AGQ	Associação Gaúcha para a Qualidade
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ARH	Associação de Recursos Humanos
CEED/RS	Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul
BNH	O Banco Nacional da Habitação
BPE	Biblioteca Pública do Rio de Janeiro
CEP	Centro de Educação Profissional
CFESP	Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional
CFP	Centro de Formação Profissional
CIC	Câmara de Indústria, Comércio e Serviços
CIERGS	Centro das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul
CINFA	Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNC	Controle Numérico computadorizado
CNE/CEB	Conselho Nacional da Educação – Câmara de Educação Básica
CNI	Confederação Nacional da Indústria
CNPq	Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPF	Cadastro de Pessoa Física
CT	Centro Tecnológico
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social
CUT	Central Única dos Trabalhadores
CV	Cavalo-vapor
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

EAD	Educação a Distância
EEP	Escola de Educação Profissional
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FAS	Fundação de Assistência Social
FAI	Formação e Aperfeiçoamento de Instrutores
FGTS	Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FIEP	Federação das Indústrias do Estado do Paraná
FIERGS	Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
GEAP	Gerência de Apoio operacional
IDORT	Instituto de Organização Racional de Trabalho
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
ISO	<i>International Organization for Standardization</i>
MEC	Ministério da Educação
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
MRE	Ministério das Relações Exteriores
PCD	Pessoa com Deficiência
PGQP	Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PSAI	Programa SENAI de Ações Inclusivas
RFFSA	Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima
RG	Registro Geral
SAPES	Sistema de Acompanhamento Permanente de Egressos do SENAI
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SENAI/DR	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – Departamento Regional
SENAI/DN	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – Departamento Nacional
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SENAT	Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte
SESI	Serviço Social Industrial

SMO	Séries Metódicas de Oficina
SMED	Secretaria Municipal da Educação
SSA	Serviços Sociais Autônomos
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 O CAMINHAR DA PESQUISA	21
3 AS NARRATIVAS DA EEP SENAI NILO PEÇANHA	27
3.1 A EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO NO BRASIL E O SENAI	28
3.2 A ESCOLA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL SENAI NILO PEÇANHA.....	47
3.3 OS CURSOS DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL	55
4 O PRINCÍPIO EDUCATIVO DO TRABALHO	75
4.1 O TRABALHO E A SOCIEDADE	77
4.2 EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E TRABALHO	90
5 JUVENTUDE, TRABALHO E CULTURAS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ..	135
5.1 ELES ERAM ALUNOS, AGORA SÃO PROFISSIONAIS	138
5.2 TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS JUVENIS.....	148
5.3 A ESCOLA ANTES E DEPOIS DA FORMATURA	158
5.4 A EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO NO RETROVISOR DA PRÁXIS PROFISSIONAL.....	175
6 CONSIDERAÇÕES FINAS	187
REFERÊNCIAS.....	196
APÊNDICE A – RELAÇÃO DE UNIDADES OPERACIONAIS DO SENAI-RS	208
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTEVISTA.....	212
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO.....	221
ANEXO B – CONSELHO REGIONAL DO SENAI/RS.....	222

1 INTRODUÇÃO

Diante da observação de mudanças nos padrões de comportamento social e das relações entre família, escola e mundo do trabalho, dos jovens com os quais convivo na minha atuação como docente da Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Peçanha¹, desde 1986, busquei junto a Universidade de Caxias do Sul a possibilidade de esclarecimento e atualização de minha atuação no processo de ensino e aprendizagem, através do curso de Pedagogia, no período de 2007 a 2011. Dos estudos realizados surge o desejo de prosseguir a busca pelo conhecimento na proposta de pesquisador, que envolve a minha curiosidade, descontentamento com as respostas prontas, crítica, observação, persistência, na procura por explicações dos fatos ou fenômenos, sabendo que as respostas estão contidas dentro das dimensões do espaço e do tempo, sendo assim, eternamente mutáveis. Do olhar de pesquisador, surge a necessidade da busca e análise de informações, no intuito de narrar um pouco da história construída fora das escolas regulares, do ensino voltado às necessidades pessoais e profissionais de jovens e adultos, que envolve o princípio educativo do trabalho e o papel da EEP SENAI Nilo Peçanha, nesse contexto.

Neste estudo transito por leituras referentes à juventude e a aspectos sociais, educativos, culturais que atravessam essa categoria social, através de diversos autores, entre eles José Machado Pais e Nilda Stecanela, que trazem elementos importantes para compreender a relação entre os processos identitários da juventude e sua relação com as instituições clássicas de socialização, especialmente no mundo do trabalho. Busco respostas para várias questões relacionadas aos percursos educativos de uma juventude específica da cidade: aquela que procura uma formação profissional no campo da indústria. São, em sua maioria, jovens do ensino regular, que fazem sua formação profissional de forma paralela. Também, alguns jovens em defasagens entre idade e ano escolar, que buscam na formação profissional uma possibilidade para desenhar seus projetos de futuro. Em alguns

¹ Escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), vinculada a Confederação Nacional das Indústrias (CNI) e sob gerência da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS).

casos, são jovens com alguma necessidade especial de aprendizagem que encontram na formação profissional um espaço de socialização e de sociabilidade².

A pesquisa busca um acompanhamento de situações que envolvem a própria educação, procurando informações a respeito de sua continuidade em percursos ao longo da vida, através de várias possibilidades, entre elas: a busca por outras formações que não a de ensino regular, o encaminhamento de pessoas próximas aos cursos profissionalizantes, o cuidado destas com a continuidade do ensino regular, a intenção ou a realização de cursos de ensino superior, a cobrança por parte de empresas e familiares em relação à formação regular, o sentimento da necessidade desta formação, a busca ou retomada de formação técnica ou acadêmica por iniciativa própria, se a formação técnica tem efetiva relação com a melhoria nas oportunidades de trabalho, etc.

Além destes aspectos são analisadas as respostas para o papel da EEP SENAI Nilo Peçanha junto aos jovens que lá buscaram cursos profissionalizantes, na tentativa de narrar uma parte da história desta Escola, através da voz direta de seus alunos e ex-alunos e, também, de informações contidas nos seus documentos escolares. Busco construir uma história na perspectiva da História Cultural diferente de uma história linear e progressiva nas dimensões de espaço e tempo, de acordo com Pesavento (2005), não apenas tratando-se de um estudo de correntes de idéias e seus nomes mais expressivos, mas de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.

A pesquisa, portanto, apresenta a construção de uma narrativa sobre a história da EEP SENAI Nilo Peçanha que, no contexto do estudo, procurou rastrear os elementos vinculados ao princípio educativo do trabalho. Esta narrativa teve por base diversas fontes, sejam elas orais, documentais, arquitetônicas, fotográficas, tendo a evocação da memória como um elemento fundente, considerando as afirmações de Magalhães (2004), onde o conhecimento do processo histórico de uma instituição educativa envolve a análise da genealogia da sua materialidade, organização, funcionamento, quadros imagético e projetivo, representações, tradição e memórias, práticas, envolvimento e apropriação.

² A EEP SENAI Nilo Peçanha oferece o curso de Auxiliar de Linha de Produção voltado para pessoas com deficiência intelectual (PCDs), através de turmas especiais, para suprir uma necessidade do mercado industrial, em atendimento a legislação vigente, com vistas à inclusão, no mercado de trabalho.

As ideias sinalizadas nesta pesquisa, como intenções de investigação, foram construídas de forma gradativa, a partir de minhas vivências profissionais e acadêmicas, nos recentes caminhos pela pós-graduação em educação. A escolha pela área da Educação se fez pelos contatos com meu campo de trabalho onde a docência foi desafiando um jeito de ensinar e de aprender, potencializado pela passagem pelo curso de Pedagogia e pela oportunidade de ser aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS no segundo semestre de 2011, período em que recém concluía a graduação. A Linha de Pesquisa História e Filosofia da Educação foi uma alternativa para transitar pelos percursos narrativos sobre a instituição em que atuo e para compreender a relação que os seus usuários estabelecem entre seus percursos de vida e a perspectiva da educação profissional.

A questão principal de pesquisa situa-se num contexto de busca por evidências das contribuições da EEP SENAI Nilo Peçanha para a educação, tanto na formação humana, quanto para o ingresso e atuação no mercado de trabalho, em Caxias do Sul, assim como, na intenção de construir uma narrativa sobre a trajetória percorrida por esta escola, como uma possibilidade de dar visibilidade através da produção científica aos percursos desta importante instituição de educação profissional da cidade de Caxias do Sul.

A reflexão que se pretende, situa-se num contexto em que ocorre uma busca da formação técnica pelo mercado de trabalho e este é atendido por escolas da rede pública ou de iniciativa privada, como as criadas e mantidas por empresas, sejam próprias ou da rede SENAI, como é o caso da EEP SENAI Nilo Peçanha, vinculada a Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul e a Confederação Nacional da Indústria. Tal realidade conduziu-me a formulação da seguinte questão de pesquisa:

“Que narrativas são produzidas pelos protagonistas da EEP SENAI Nilo Peçanha sobre as contribuições da mesma na formação profissional da juventude de Caxias do Sul, sobre o seu lugar no contexto da educação profissional da cidade e que representações podem estar vinculadas à concepção de princípio educativo do trabalho, nestes relatos?”

O presente estudo está subdividido em quatro capítulos, sendo que inicialmente, o capítulo “O caminhar da pesquisa”, apresenta a gênese da pesquisa e o caminho percorrido em sua construção, através do método e a fundamentação teórica que iluminaram este caminho. O segundo capítulo, “As narrativas da EEP SENAI Nilo Peçanha”, apresenta um breve histórico do surgimento do ensino

profissionalizante no Brasil, a criação do SENAI no Brasil, sua implantação no Rio Grande do Sul, a instalação da EEP SENAI Nilo Peçanha em Caxias do Sul, seu funcionamento e algumas mudanças ocorridas ao longo de sua existência, buscando contextualizar seu vínculo com o mercado de trabalho, como base para o tema proposto.

O terceiro capítulo, “O princípio educativo do trabalho”, aborda o trabalho e seus significados, buscando a significação do trabalho dentro de aspectos como seu sentido ontológico, sua relação com o capital, a evolução humana por meio do trabalho, o trabalho como um construto social, as relações entre educação, juventude e trabalho, a visão de trabalho manual e intelectual, a relação entre o mundo do trabalho e a educação, o princípio educativo do trabalho, a juventude não mais linear, buscando uma análise do comportamento social e, por fim, as relações entre o trabalho e a juventude na atualidade.

O quarto capítulo, “Juventude, trabalho e culturas de educação profissional”, apresenta momentos da existência da EEP SENAI Nilo Peçanha, abordando as culturas e a forma de atuação desta instituição, buscando contextualizar a educação profissional, no seu cotidiano, através dos depoimentos de seus ex-alunos, com relatos de sua vivência escolar e de suas trajetórias profissionais. Este capítulo apresenta informações e narrativas coletadas nas entrevistas realizadas e em documentos escolares, concomitantemente aos relatos de um de seus instrutores, que é o mais antigo docente atuando nas escolas do SENAI na região da serra. São apresentadas as trajetórias profissionais dos ex-alunos entrevistados e suas opiniões a respeito do caminho percorrido, o antes, durante e depois dos cursos de Aprendizagem Industrial, os cargos ocupados, a influência dos cursos realizados na EEP SENAI Nilo Peçanha nas suas carreiras profissionais e no desenvolvimento pessoal e profissional. Apresenta ainda, a metodologia de ensino empregada, as percepções dos entrevistados quanto à práxis pedagógica, a relação entre a vivência escolar e aplicação do aprendizado na indústria, a análise das possíveis contribuições da Escola para seus ex-alunos, finalizando com a visão de futuro dos mesmos.

Este estudo busca fundamentos da História Cultural, História Oral e Culturas Escolares, através das contribuições de autores como Peter Burke, Sandra Jatahy Pesavento, Verena Alberti, Paul Thompson, Marieta de Moraes Ferreira e Daniel Bertaux, Antônio Viñao Frago, Michel de Certeau e Diana Gonçalves Vidal, entre

outros, aliados aos estudos referentes ao cotidiano juvenil, de Nilda Stecanela e José Machado Pais. Assim, apresento uma análise de aspectos da educação profissional de jovens trabalhadores de Caxias do Sul, das contribuições da EEP SENAI Nilo Peçanha para jovens Caxienses, onde o princípio educativo do trabalho é investigado com uma possibilidade para a promoção do desenvolvimento humano.

2 O CAMINHAR DA PESQUISA

A gênese desta investigação se dá na inserção acadêmica, com grupos de relações de estudo e trabalhos focados na educação, que me provocaram uma visão mais ampla da educação, saindo do campo visual do meu mundo da educação profissional e adentrando num universo geral da educação, percebendo diferentes realidades, de outras instituições de ensino. As diferenças e comparações foram evidenciando-se na voz dos depoimentos de professores e colegas, mas também na inserção às diferentes escolas, sejam da Educação Infantil, Séries Iniciais ou Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas quais realizei meus estágios.

Através desta inserção constatei que muitas pessoas na comunidade caxiense, não conhecem a instituição em que trabalho e que penso, ter importância no contexto da educação na Cidade de Caxias do Sul e região. Assim surgiu a intenção de investigar e narrar parte desta história, porém de uma maneira diferenciada, não apenas uma narrativa linear, mas uma história dentro da história, buscando um contexto com a sociedade, com os alunos e ex-alunos, com os trabalhadores de Caxias do Sul e região e a partir de suas formas de representação, tomada de acordo com Chartier (1988), referente aos processos de ensino e de aprendizagem na educação profissional.

A pesquisa situa-se no âmbito dos princípios da História Cultural, a partir das contribuições de Peter Burke e Pesavento, para quem “o historiador da cultura se dispõe a fazer as coisas falarem.” (PESAVENTO, 2008, p.107). A autora coloca que a História Cultural já opera nas fronteiras do conhecimento quando se situa no limiar entre verdade e ficção, entre real e não real, enfocando o imaginário como uma instância para além das distinções, onde trabalhar com a história cultural seria desvendar essa teia, na busca do universo simbólico contido em cada traço do passado. Assim, tanto o texto antropológico quanto o histórico seriam, sempre, ficções, construções a partir dos registros do comportamento humano no tempo, em que seria buscado tanto o dito quanto o não dito, tanto a presença quanto o silêncio. A História Cultural tem como característica trazer a tona o indivíduo, como sujeito da história, recompondo histórias de vida, particularmente daqueles egressos das camadas populares.

Para a composição dos dados da pesquisa, apoiiei-me em fontes orais³. Entre os autores que tratam da metodologia de pesquisa com base em fontes orais está Verena Alberti, que desenvolve argumentos a respeito da História Oral. Segundo ela:

O trabalho com a História oral se beneficia de ferramentas teóricas de diferentes disciplinas das Ciências Humanas, como a Antropologia, a História, a Literatura, a Sociologia e a Psicologia, por exemplo. Trata-se, pois, de metodologia interdisciplinar por excelência. Além dos campos mencionados, ela pode ser aplicada nas mais diversas áreas do conhecimento: na Educação, na Economia, nas Engenharias, na Administração, na Medicina, no Serviço Social, no Teatro, na Música. Em todas essas áreas já foram desenvolvidas pesquisas que adotaram a metodologia da História oral para ampliar o conhecimento sobre experiências e práticas desenvolvidas, registrá-las e difundi-las entre os interessados. (ALBERTI, 2005, p 156).

A autora aborda a importância e a trajetória do uso das fontes orais, dentro do conhecimento histórico, trazendo um relato histórico do uso destas fontes, cuidados e muitas orientações para a utilização das mesmas abordando assuntos como: definições e história; possibilidades de pesquisa e a especificidade da fonte oral; preparação de entrevistas com o projeto de pesquisa e roteiros; realização de entrevistas; tratamento de entrevistas; tecnologia de gravação; interpretação e análise de entrevistas.

De acordo com Alberti (2005, p. 155), “A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita”. A autora aborda a importância da realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. “Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido”. (ALBERTI, 2005, p 155).

Para a realização deste trabalho utilizei equipamentos que possibilitaram o arquivamento de áudio e vídeo em meio eletrônico, compilando estas informações em computadores.

O instrumento de pesquisa constitui-se de um roteiro semiestruturado, no qual foi possível investigar os sentidos e as representações que 13 ex-alunos da EEP

³ Nas fontes orais, busquei as narrativas de quem viveu a educação da referida escola, compondo diversas percepções desta educação, que envolvem a própria cultura escolar.

SENAI NILO PEÇANHA produzem ou produziram sobre a experiência na educação profissional. A análise documental também fez parte do método de pesquisa à medida que documentos pertencentes à EEP SENAI Nilo Peçanha, foram analisados, considerando os procedimentos recomendados por Bacellar (2005)⁴.

É um grande desafio para o historiador movimentar-se no campo da História da Educação, usando preceitos da História Cultural, porém, a tarefa torna-se possível pelas atitudes de um investigador construindo seu campo de pesquisa em busca de pistas e de evidências, como Pesavento alude:

[...] ir além daquilo que é dito, ver além daquilo que é mostrado é a regra de ação desse historiador detetive, que deve exercitar o seu olhar para os traços secundários, para os detalhes, para os elementos que, sob um olhar menos arguto e perspicaz, passariam despercebidos. (PESAVENTO, 2005, p.64).

A maior parte da pesquisa foi composta por fontes orais, mas, também busquei informações em fontes documentais e estive no setor de “Arquivo Morto⁵” da escola em questão, onde lembrei a afirmação de Pesavento: “Fontes são construções do pesquisador” (2005, p.98), e pensei em quantas pessoas e quantas histórias estão nos dossiês de tantos alunos, como também afirma Chartier: [...] “Por suas eleições, suas seleções, suas exclusões. O historiador atribui um sentido novo às palavras que tira do silêncio dos arquivos.” (2002, p. 117).

Em cada documento manuseado tive a sensação de aumento da minha curiosidade, de um detalhamento de informações, que poderia me levar ao infinito do tempo e do espaço, mas que me provocou reflexões, onde sentia a necessidade de diálogo entre o meu pensamento e o do outro, o que também me lembrava de Bachelard:

E, até no pormenor da pesquisa científica, diante de uma experiência bem específica que possa ser consignada como tal, como verdadeiramente una e completa, sempre será possível ao espírito científico variar-lhe as condições, em suma, sair da contemplação do mesmo para buscar o outro, para dialetizar a experiência. [...] É assim que, em todas as ciências rigorosas, um pensamento inquieto desconfia das identidades mais ou menos aparentes e exige sem cessar mais precisão e, por conseguinte,

⁴ Bacellar (2005) recomenda diversos procedimentos técnicos e de cuidado com a saúde na consulta de arquivos em meio físico.

⁵ Local de armazenamento dos documentos da EEP SENAI Nilo Peçanha, onde são arquivados os documentos que não são mais utilizados no cotidiano escolar, sendo armazenados por prazos determinados ou definitivamente.

mais ocasiões de distinguir. Precisar, retificar, diversificar, são tipos de pensamentos dinâmicos que fogem da certeza e da unidade, e que encontram nos sistemas homogêneos mais obstáculos do que estímulo. Em resumo, o homem movido pelo espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar. (BACHELARD, 2006, p. 21).

Entre os documentos escolares pesquisados encontram-se atas de reuniões internas, entre direção e funcionários, e externas, entre direção e empresários, membros do Conselho Consultivo das Escolas EEP SENAI Nilo Peçanha e AEP SENAI de Construção Civil ocorridas no período de 2000 a 2012. A seleção dos alunos entrevistados foi feita de forma aleatória, a partir de cadernos, que contém os Diários de Classe, organizados por período anual, dentro do grupo dos diários referentes aos cursos da modalidade de Aprendizagem Industrial, na área dos cursos de Usinagem Mecânica, buscando a relação com o mercado de trabalho caxiense, no segmento industrial metal-mecânico.

A partir das informações obtidas nas pastas nomeadas de Dossiê do Aluno, que estão organizadas no setor de Arquivo Morto, da EEP SENAI Nilo Peçanha, foram elencados alguns alunos por sorteio e realizadas diversas tentativas de contato por telefone. Em muitas dessas tentativas não se obteve êxito devido à troca dos números de telefone, tanto residenciais quanto móveis, fato que me conduziu a uma aleatoriedade ainda maior da escolha, mas que considere um fator positivo.

Nos dossiês encontrei informações precisas a respeito da idade, escolaridade, frequência e avaliações dos alunos, além da segunda via do certificado de conclusão do curso, para os concluintes e documentos de registro de cancelamento para não concluintes. Entre os ex-alunos escolhidos entrevistei um que desistiu do curso, alguns que saíram da área metal-mecânica, empresários, profissionais autônomos, líderes de equipes e operadores de máquinas de usinagem.

As entrevistas foram sugeridas aos ex-alunos em suas residências ou locais de trabalho, porém, todos os entrevistados solicitaram a visita aos laboratórios, salas e oficinas onde foram realizados os seus cursos. Assim, as entrevistas foram gravadas nas salas de aula da EEP SENAI Nilo Peçanha, nos horários de final de expediente do trabalho dos entrevistados, entre as 18 e 20 horas. Elas ocorreram entre os dias 03 e 14 de fevereiro de 2014, com duração aproximada entre 45 e 75 minutos, sendo gravadas simultaneamente por computador e aparelho de telefone celular. Foram mantidos apenas os arquivos de áudio do computador, depois de

ouvidos e feitos os *backups*, de acordo com Alberti (2005, p. 180): “medida indispensável, seja qual for o destino dado aos depoimentos, é a duplicação da gravação imediatamente após a realização das entrevistas, com vistas à produção de cópias de segurança”.

O início da gravação foi enunciado por cabeçalhos, uma vez que segundo Alberti:

Durante a gravação da entrevista, é preciso não esquecer que se está produzindo uma fonte, que poderá ser consultada por outros pesquisadores. Alguns procedimentos são recomendados, por isso. Ao iniciar a gravação, convém gravar uma espécie de "cabeçalho" da entrevista, informando o nome do entrevistado, do(s) entrevistador(es), a data, o local e o projeto no qual a entrevista se insere. Isso evitará que, mais tarde, ninguém mais saiba de que entrevista se trata, quando e por que foi gravada. (ALBERTI, 2005, p. 179).

As questões preparadas para as entrevistas foram divididas em cinco blocos, sendo eles: Dados de Identificação – Sociografia do Entrevistado; Relação do Curso com o Desenvolvimento Pessoal e Profissional; Motivação para Procurar a EEP SENAI Nilo Peçanha; Memórias da EEP SENAI Nilo Peçanha; Experiência em Participar da Entrevista. O diálogo estabelecido através do roteiro, foi acompanhado pela escrita do entrevistador, obtendo a síntese das ideias no momento da entrevista e transcrevendo manualmente em material previamente impresso, contendo as 53 questões. Todas as entrevistas foram realizadas por mim, com o cuidado de anotar as ideias principais e os tempos de gravação junto às questões, como forma de localização e rastreamento das informações, preparando para a compilação das informações ao ouvir os arquivos de áudio. O roteiro foi preparado com capa e sumário para o auxílio ao acesso às seções, conforme recomenda Alberti:

Se as entrevistas forem disponibilizadas ao público, é preciso decidir se serão consultadas diretamente em áudio ou vídeo, ou na forma escrita. Em qualquer dessas hipóteses, devem ser produzidos instrumentos de auxílio à consulta, como sumários e índices temáticos. Sem esses instrumentos, corre-se o risco de manter um cervo "mudo", pois não se conhece o conteúdo das entrevistas. (ALBERTI, 2005, p. 180).

As informações foram transcritas a partir das gravações e anotações, com a análise das respostas dos entrevistados, onde os arquivos de áudio foram executados em programa de computador, com localização dos tempos demarcados nos questionários. As informações obtidas de forma objetiva, como idade, estado

civil e outras, foram tabuladas em planilha eletrônica do programa Microsoft Excel. As respostas subjetivas foram transcritas no programa de edição de textos Microsoft Word. Os ex-alunos que aceitaram participar da entrevista assinaram um termo de consentimento informado para formalizar a participação e colaboração nesta atividade.

Além das narrativas citadas apresenta-se a de um ex-aluno da EEP SENAI Nilo Peçanha no período de 1963 a 1965, atualmente Coordenador de Cursos, na referida escola, o Prof. Everton Luchesi. Esta narrativa ocorreu durante a aula inicial do curso de Mecânico de Usinagem, na modalidade de Aprendizagem Industrial, ocorrida em julho de 2013, no auditório da EEP SENAI Nilo Peçanha, com a presença de 44 alunos, retratando o desenvolvimento da cidade de Caxias do Sul e as contribuições da EEP SENAI Nilo Peçanha para os jovens desta cidade e da região, através da educação para o trabalho.

A presente pesquisa foi realizada com ex-alunos da referida escola, porém, atualmente a Escola possui alunas também, que, são em menor número na área da usinagem, devido às características das atividades profissionais inerentes do uso de componentes mecânicos, máquinas e ferramentas, que são desenvolvidas em ambientes industriais, geralmente insalubres e com exigência de esforço físico. Acredito que esta realidade contribua para que o público feminino não se interesse pelos cursos de usinagem.

Assim, na busca pelas evidências das contribuições da EEP SENAI Nilo Peçanha, na educação profissional da juventude de Caxias do Sul, procurei compor parte da história da educação desta cidade, por meio de informações contidas em documentos e com o auxílio das pessoas que estão ou estiveram envolvidas no processo de ensino e de aprendizagem da referida escola, através da História Oral, transitando por conceitos de formação profissional e educação profissional, na perspectiva de estudo do princípio educativo do trabalho, almejando tecer um conceito de culturas de formação profissional inspirado em pensamentos de autores como Diana Vidal e Antonio Viñao Frago, referentes às culturas escolares.

3 AS NARRATIVAS DA EEP SENAI NILO PEÇANHA

Atravessava a cidade a pé ou de bicicleta. Quando tinha dinheiro, pegava o ônibus. Mas nada disso era problema para mim, eu estava tão feliz por realizar o sonho de aprender uma profissão!

E foi ali que o meu amor pelo ensino profissionalizante foi demarcado. Apaixonei-me por ele, certo das oportunidades que ele me trazia. Sentia na própria pele os efeitos que este instrumento de cidadania produzia em mim e acreditei nele, como acredito até hoje. (BRASIL, 2009, p. 6).

As palavras citadas acima, por um político brasileiro, o Senador Paulo Paim, revelam um sentimento comum para muitos alunos da EEP SENAI Nilo Peçanha. Elas expressam o reconhecimento e a importância do ensino profissionalizante na educação, por quem já teve uma experiência vivida nos bancos desta escola.

Este capítulo tem por objetivo fazer uma contextualização do campo de atuação da EEP SENAI Nilo Peçanha e de suas atividades na cidade de Caxias do Sul. Para tanto está subdividido em três subcapítulos.

O primeiro inicia pela história que demarca o surgimento do ensino profissionalizante no Brasil, descrevendo e analisando as trajetórias traçadas pelas leis e movimentos sociais que marcaram a importância desta área da educação em nosso país.

No segundo, faz-se uma apreciação da história da EEP SENAI Nilo Peçanha, desde sua construção, em 1944, até os dias atuais, com uma narrativa que busca relatar algumas mudanças ocorridas, tanto físicas, quanto nas formas de trabalho e a sua atuação junto a importantes segmentos de nossa sociedade.

No terceiro, apresenta-se uma narrativa dos cursos de maior contingente da referida escola, sendo também os cursos que iniciaram juntamente com a implantação das escolas do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, em nosso país. Neste, aborda-se o funcionamento dos cursos, aspectos didáticos e pedagógicos e algumas mudanças na legislação, que modificaram o funcionamento da Escola, buscando assim, contextualizar seu vínculo com o mercado de trabalho.

Os assuntos tratados neste capítulo subsidiam os demais capítulos da pesquisa, no sentido de alicerçar o tema das contribuições da EEP SENAI Nilo Peçanha, para a formação profissional de uma parcela da juventude de Caxias do Sul.

3.1 A EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO NO BRASIL E O SENAI

Ao pensar na história da EEP SENAI Nilo Peçanha evoco um breve histórico das atividades no Brasil, onde tivemos momentos de muita luta pela sobrevivência de muitas pessoas, especialmente dos trabalhadores, que escravos ou não, muito trabalharam para atingirmos a situação em que nos encontramos atualmente como sociedade no vigente regime democrático.

Neste sentido recordo a época da vida colonial brasileira, quando os trabalhadores tinham diversos ofícios:

Tudo começou há muito tempo. Portanto, vou me remontar à época da vida colonial brasileira, quando os trabalhadores teciam seus rudes panos, quando o ferreiro constituía uma classe que se situava entre os senhores rurais e os escravos e os carpinteiros manejavam serras e goivas, pregos de ferro e latão, vazadores e outras ferramentas preciosas.

Isso fica nos idos das Capitâneas, onde, nas fazendas, se produzia de tudo: era, naquele tempo, centro de produção e de consumo próprios. De modo que os produtores dos artigos que os escravos não conseguiam elaborar desfrutavam de certa consideração, formando uma classe intermediária, detentora de alguns privilégios, pertencendo à categoria dos artífices.

As oficinas dos artífices ficavam situadas próximas às casas-grandes e produziam de acordo com as necessidades do momento nos engenhos e na lavoura. Não era, portanto, uma produção sistemática.

Ferreiros e sapateiros, carpinteiros ou tecelões, os artífices transmitiam aos mais jovens os poucos conhecimentos do manejo das ferramentas na tecnologia rudimentar das profissões. Os índios e os negros aprendiam estas práticas com facilidade e logo dominavam os ofícios. (MOURÃO, 1992, p. 17).

De acordo com Fonseca (1986) os índios e escravos foram os primeiros aprendizes de ofício, fato que marcou com o estigma da escravidão, o ensino industrial em nosso país. “É que, desde então, habituou-se o povo da nossa terra a ver aquela forma de ensino como destinada somente a elementos das mais baixas categorias sociais.” (FONSECA, 1986, p. 22). As profissões manuais eram desvalorizadas aos olhos dos brancos, que passaram a considerá-las inferiores.

A autora aponta a conduta da classe dominante e a relação desta com a educação Jesuítica, onde:

O branco colonizador copiava os hábitos da metrópole, querendo distinguir-se da população nativa, formada de negros e mestiços. Logo, a educação ministrada pelos padres da Companhia de Jesus servia aos propósitos dos senhores de engenho e dos donos de terra, ávidos de domínio e poder. Ela não perturbava a estrutura vigente; ao contrário, contribuía para a sua permanência (MOURÃO, 1992, p. 17).

Ela lembra a sociedade escravista, no tempo da agricultura rudimentar, onde existia a educação para as coisas do espírito, destinada para as elites. A aristocracia distanciava-se das atividades práticas, criando uma mentalidade que resultaria em entraves para a sistematização do ensino voltado ao trabalho no Brasil.

Para que se tenha idéia da força dessas raízes, basta dizer que, historicamente, atravessou todo o período colonial, sobreviveu ao imperial mesmo depois da expulsão dos jesuítas, em 1759 e atingiu o período republicano sem que houvesse modificações significativas na sua estrutura. (MOURÃO, 1992, p. 19).

Segundo Romanelli (1982), a maneira como ocorreu a colonização das terras brasileiras, distribuição do solo, estratificação social, controle e poder político, ao lado do uso de modelos importados de cultura letrada, condicionaram a evolução da educação nas escolas brasileiras. Esse acontecimento teria influências profundas e se projetaria, no futuro, como uma raiz: a aprendizagem de um ofício estaria, por muito tempo, ligada às classes menos favorecidas da sociedade, fato que persistiria permeando o ensino profissional no Brasil.

De acordo com Ciavatta e Silveira (2010), Celso Suckow da Fonseca analisa a educação profissional no Brasil e estudando a época da colonização pelos portugueses e pelos jesuítas, identifica um período voltado para a especulação intelectual e para o amor às letras, voltado para uma cultura humanística, responsável pela difusão de uma filosofia de desprezo pelo ensino de ofícios. “Esta visão negativa do trabalho manual é criticada pelo autor, que a considera responsável pelo atraso do País e que perdura até a época republicana.” (CIAVATTA e SILVEIRA, 2010, p. 55).

Ele critica o modelo de ensino profissionalizante adotado pelo império colocando como uma solução aristocrática do Império, que busca solução da falta de instrução através da formação de uma elite economicamente elevada, em nítido contraste com a grande massa dos analfabetos. “Este projeto teria contribuído para dar força ao secular desprezo pelo trabalho executado com as mãos e, conseqüentemente, pelo ensino que a ele fosse destinado” (CIAVATTA e SILVEIRA, 2010, p. 55), e aponta os locais onde acontecia a aprendizagem profissional: asilos, orfanatos e arsenais, assim como nas Casas de Educandos Artífices, destinadas aos pobres. “Foi nesse tipo de estabelecimento que o ensino de ofícios se uniu às

matérias de cultura geral, entrando para o conjunto da instrução como uma atividade vergonhosa.” (CIAVATTA E SILVEIRA, 2010, p. 56).

O ensino de ofícios por vezes não foi citado nos documentos oficiais como nos relatórios das províncias, que não o incluíam por ser considerado de ordem assistencial e não educacional. “Quando ele é incluído na instrução pública, situa-se no grau elementar, abaixo do primário, como uma atividade deprimente e desmoralizante.” (CIAVATTA e SILVEIRA, 2010, p. 56).

Muitas mudanças ocorreram até o século XIX, período em que surge, no Brasil, uma classe social diferenciada, a pequena burguesia. Tal classe era constituída por artesões, jornalistas, comerciantes e pessoas ligadas às letras, com maior participação na vida social e política. Como ferramenta de firmamento social esta classe apoiava-se na educação escolarizada. Esse segmento corroborou na evolução política do Brasil monárquico e nas transformações pelas quais passaria este regime no final do século.

Em decorrência da independência política do Brasil a pequena burguesia tinha o privilégio de buscar a escola juntamente com a aristocracia rural, logo a escola funcionaria como instrumento de ascensão social, porém sem conseguir quebrar a relação de dependência com a classe dominante. Como o trabalho manual era considerado sem importância e o ócio privilégio aristocrático, a pequena burguesia busca unir-se às camadas superiores, de quem dependia, para conseguir ocupações mais dignas, quase sempre ligadas às funções administrativas, burocráticas ou intelectuais, mantendo-se afastada das classes inferiores, às quais se associava a ideia de trabalho.

Esta relação de dependência seria quebrada mais tarde, pois o ideal burguês europeu de ir contra a ordem estabelecida das ideias aristocrático-feudais, também existia no Brasil. A contradição dos ideais acentuar-se-ia até o rompimento da dependência quando prevaleceram os ideais burgueses sobre a ideologia colonial, atingindo seu ponto culminante na abolição da escravatura e na proclamação da República; mais tarde, no estabelecimento do capitalismo industrial no Brasil⁶. Mas a

⁶ O capitalismo industrial surge em meio a um processo de revoluções políticas e tecnológicas, na segunda metade do século XVIII, superando o mercantilismo, que surgiu em fins do século XIV e vigorou até então. Muitos fatores econômicos, sociais e políticos contribuíram para o desenvolvimento dessa nova forma de capitalismo.

independência política não trouxe modificações significativas para o ensino brasileiro da época, vinculando-o a uma realidade prática, pois:

Os letrados herdariam, ainda, o legado do poder. Era uma coisa tão entranhada na mentalidade do povo que, apesar dos cursos de Medicina, Engenharia e de Artes terem sido implantados antes, pesava acima de tudo, o conteúdo universalista e humanístico do ensino de Direito: era, pois, do bacharel na preferência para a ocupação dos cargos administrativos e políticos de maior relevância. O título de bacharel era extremamente cobiçado. Basta dizer que a classe afortunada colocava entre seus ideais ter um filho doutor, não cogitando sequer se tal grau de instrução teria uma utilidade prática no futuro. Esse fato chegou a influir na evolução da nossa economia, pois era freqüente acontecer que, após o recebimento do ambicionado diploma, ilustrados com o título de doutor, os filhos dos senhores rurais e dos fazendeiros abastados retornavam às suas casas com uma instrução quase sempre inadequada ao trabalho que os aguardava. (MOURÃO, 1992, p. 27).

Neste contexto, com a contradição entre os estudos do bacharelado e a realidade da prática rural, muitos buscavam os centros urbanos para atuarem como profissionais, porém não havia mercado para todos e o ingresso no serviço público passa a ser uma opção.

A presença da corte e de um príncipe regente provocou mudanças econômicas e culturais na sociedade brasileira. As necessidades criadas pela corte provocaram mudanças nas instituições educacionais da época, havendo iniciativas de beneficiar principalmente o ensino superior. Surgiram escolas como a Academia Real da Marinha e Academia Militar de Aplicação, atuando destinadas a formar engenheiros civis e preparar para as armas.

Segundo a Marinha do Brasil (Brasil, s.d.), a Escola Naval é a mais antiga instituição de ensino de nível superior do Brasil. Foi criada em 1782, em Lisboa, Portugal, por Carta Régia da Rainha D. Maria I sob a denominação de Academia Real de Guardas-Marinha. Com a vinda da Família Real para o Brasil, a Academia desembarcou no Rio de Janeiro em 1808, trazida a bordo da nau "Conde D. Henrique". Instalada primeiramente no Mosteiro de São Bento, lá permaneceu até 1832, e a partir daí sofreu inúmeras mudanças de instalações, tendo funcionado inclusive a bordo de navios. Finalmente, em 1938, a Escola Naval veio a fixar-se na Ilha de Villegagnon, na baía de Guanabara, RJ.

De acordo com o Arquivo Nacional, do Ministério da Justiça, (Brasil, 2011a), a Academia Real Militar foi criada pela carta de lei de 4 de dezembro de 1810 e tinha por objetivo ministrar, na colônia, um curso completo de ciências matemáticas e de

observações, com disciplinas como: física, química, mineralogia, metalurgia e história natural para a compreensão dos reinos vegetal e animal, além das ciências militares em toda a sua extensão, tanto de tática como de fortificação e artilharia. Na Academia Real Militar deveriam ser formados oficiais de artilharia e engenharia, bem como oficiais engenheiros, geógrafos e topógrafos, que estivessem habilitados aos estudos militares teóricos e práticos que formam a ciência militar, capazes de dirigirem trabalhos de minas, de caminhos, portos, canais, pontes, fontes e calçadas.

Criaram-se os cursos de Médico-Cirúrgico da Bahia e do Rio de Janeiro, precursores das nossas primeiras escolas de medicina e posteriormente a implantação da Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil que deu origem à Escola Nacional de Belas Artes. Segundo a Universidade Federal do Rio de Janeiro (s.d.), a Aula Pública de Desenho e Figura, estabelecida por carta régia de 20 de novembro de 1800 foi a primeira ação oficial que se tem conhecimento para que se estabelecesse o ensino da arte no Brasil. Este, porém, só teria início com a criação da Escola Real das Ciências Artes e Ofícios, por Decreto-Lei de D. João VI, em 12 de agosto de 1816.

Com a chegada ao Brasil da Missão Artística Francesa, chefiada por Joaquim Lebreton, a convite de D. João VI, viabiliza-se o projeto do ensino artístico em nosso país. Cria-se o Museu Real, o Jardim Botânico, a Biblioteca Pública e a Imprensa Régia, completando a estrutura indispensável à sobrevivência da corte na colônia. A valorização do nível superior, relegando os outros níveis de ensino, acentuava ainda mais a tradição da educação aristocrática. De acordo com o Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (s.d.), o Jardim Botânico foi criado por decreto real de 13 de junho de 1808, o Príncipe-regente D. João de Bragança (D. João VI), cria o Jardim de Aclimação, com a finalidade de aclimatar as plantas de especiarias oriundas das Índias Orientais como: noz-moscada, canela e pimenta-do-reino. Conforme o Governo do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, s.d.), a Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro (BPE) é uma importante instituição cultural do país, inaugurada em 1873 por Dom Pedro II, localizada no centro da cidade de Rio de Janeiro, RJ.

Segundo o portal Educarbrasil (2011), a imprensa surge no Brasil, em 1808. A vinda da corte para o país tornou necessária a impressão e a circulação dos atos e normas proclamadas pelo rei, que interfeririam na administração da colônia. Os primeiros jornais editados em solo brasileiro foram submetidos à censura pela

Impressão Real. Alguns acontecimentos deste período beneficiariam o ensino dos ofícios, como a abertura dos portos ao comércio estrangeiro em 1808⁷ e, em seguida, a instalação de indústrias, apesar do desagrado dos estrangeiros, pois foram muitos os exemplos de ações que atestaram a contrariedade dos portugueses ao florescimento de uma indústria local.

A indústria passou por períodos difíceis no Brasil, como em 1706, quando uma ordem determinava o fechamento da primeira tipografia a funcionar no País⁸ e em 1751, quando o Governador das Capitanias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais expedia uma ordem do governo português, extinguindo várias oficinas em funcionamento⁹. Segundo Celso Suckow da Fonseca o alvará, datado de cinco de janeiro de 1785, acompanhado de instruções secretas, afirmava:

O Brasil é o país mais fértil do mundo em frutos e produção da terra. Os seus habitantes têm, por meio da cultura, não só tudo quanto lhes é necessário para o sustento da vida, mas ainda muitos artigos importantíssimos para fazerem, como fazem, um extenso comércio e navegação. Ora, se a estas incontáveis vantagens reunirem-se as da indústria e das artes para o vestuário, luxo e outras comodidades, ficarão os mesmos habitantes, totalmente independentes da metrópole. É, por conseguinte, de absoluta necessidade, acabar com as fábricas de manufaturas no Brasil. (FONSECA, 1986, p. 100).

As atividades industriais no Brasil a partir de 1809 foram apoiadas pelo Colégio das Fábricas¹⁰, considerado como o primeiro estabelecimento público de ensino no país, destinado à educação dos artistas e aprendizes que vinham de Portugal. Havia também a necessidade de mão-de-obra para suprir o arsenal do Exército, assim foi organizada uma Companhia de Artífices, semelhante a uma tropa, paga com o soldo de um tostão por dia, era dotada de uniforme, ordem de formatura e sistema de subordinação, composta de 60 oficiais entre ferreiros, serralheiros e torneiros em madeira, pela ordem hierárquica, os mestres equivaliam-

⁷ De acordo com o Arquivo Nacional (Brasil, s.d.), o Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas foi a primeira Carta Régia promulgada pelo Príncipe-regente de Portugal Dom João de Bragança, no dia 28 de Janeiro de 1808, em Salvador, quatro dias após sua chegada.

⁸ Segundo o Grupo de Poetas Livres (2012), não houve tipografia e imprensa nos séculos coloniais e as tímidas iniciativas foram categoricamente proibidas pela Metrópole. A Carta Régia de 8 de junho de 1706 determinava sequestrar as letras impressas e notificar seus donos. Fomos o último povo da América a conhecer a imprensa. A Imprensa Régia foi implantada em 1808, com a vinda de D. João VI, e nosso primeiro jornal, "A Gazeta do Rio de Janeiro", apareceu em 10 de setembro de 1808.

⁹ Nesta época se fazia restrição ao desenvolvimento de atividades industriais no Brasil. Apenas uma pequena indústria para consumo interno era permitida, devido às distâncias entre a metrópole e a colônia. Eram, principalmente, de fiação, calçados e vasilhames.

¹⁰ Criado por D. João VI, em 1808.

se aos sargentos e os contramestres aos cabos de esquadra. Esta companhia deu origem ao Arsenal de Guerra no Rio de Janeiro, que viria gerar grande aprendizagem de ofícios.

Em 1815 surge um movimento que busca incrementar a indústria com conhecimentos de Ciências e Belas Artes, a Missão Francesa. Em 1816 chegavam personalidades como Debret, que pintava, escrevia e ilustrava; Nicolas Antoine Taunay, pintor; Auguste Taunay, escultor; Montigny, arquiteto, e Charles Pradier, gravador, eles imprimiram seu legado na história do Brasil, através do registro de suas obras. Aos poucos a escola foi perdendo seus artífices, fugindo do objetivo inicial do decreto de criação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, sendo que, em 1820 perderia de vez o caráter da formação profissional com que fora idealizada, transformando-se na Real Academia de Pintura, Escultura e Arquitetura Civil e depois em Academia de Artes, longe, do ideal que nutria o desejo de uma escola de ofícios de alto nível. Do desejo inicial restaram algumas oficinas, onde se consertavam e construía armamentos do Exército, denominadas “trens”.

Novamente percebe-se a dificuldade do ensino profissional destinado à população em geral. Em 1819, num antigo convento da Bahia, criou-se o Seminário de Órfãos, que ficava, por coincidência, perto de um trem da Capitania. Pensou-se, então, que os asilados pudessem ali aprender os ofícios mecânicos. E assim o procedimento de recolher órfãos para dar educação profissional tornou-se prática no Brasil por mais de um século. Destas ações naturalmente houve uma ligação entre o ensino profissionalizante e os menos favorecidos.

Na trajetória da evolução do ensino profissionalizante no Brasil tivemos as Corporações de Ofícios¹¹, com estrutura hierárquica de mestres, oficiais e aprendizes, onde o menor deixava a casa paterna e ia residir na do mestre. Com idade entre os 12 e 14 anos, os aprendizes muitas vezes tornavam-se subordinados aos mestres, passavam por exames, frequentavam a igreja e eram submetidos aos castigos físicos nos erros de desvio de conduta, apesar do espírito religioso.

¹¹ Em geral, as corporações de ofício reuniam os comerciantes e artesãos que se envolviam na fabricação e venda de um mesmo tipo de produto, visando a garantia de ganho para os seus integrantes. Uma corporação tinha poderes para tabelar os preços referentes à mão de obra e a matéria-prima empregada em um processo de fabricação. Além disso, tomavam todo o cuidado para que a fabricação seguisse determinados padrões de qualidade e combatiam a falsificação de mercadorias.

Segundo Eduardo Bueno e Paula Taitelbaum, havia uma preocupação com o ensino para o trabalho industrial em meados do século XIX:

A preocupação dos industriais brasileiros com a instrução da classe trabalhadora vinha desde 1866, quando a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional criou a *Escola Nocturna Gratuita de Instrução Primária para Adultos*. Mas seria preciso mais 80 anos até que a lição fosse aprendida e viessem notas mais altas. (BUENO e TAITELBAUM, 2009, p. 99).

No início do século XX a República trouxe uma evolução, o então Presidente Afonso Pena, anuncia os institutos de ensino técnico e profissional. Seu sucessor Nilo Peçanha fica conhecido como o fundador do ensino profissional no Brasil, defendendo a ideia de que esse ensino fosse prioridade aos menos favorecidos. Instala-se em 1910, 19 escolas da rede federal, com muitas dificuldades, pois os prédios eram inadequados, as instalações precárias, havia falta de professores e mestres especializados, etc. Porém, estas escolas seriam um passo prévio para posteriores instalações de estabelecimentos voltados ao ensino profissional. O Presidente Nilo Peçanha é substituído por Hermes da Fonseca e deixa a presidência com escolas profissionalizantes que totalizam mais de 1200 alunos.

Posteriormente, com grande parte das instituições de ensino não tendo resultados satisfatórios, o Ministro Ildelfonso Simões Lopes resolve tomar providências nomeando uma comissão de ensino, que ficou conhecida como Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico, sendo composta por administradores e mestres do Instituto Parobé, do Rio Grande do Sul, devido aos bons resultados apresentados pela instituição. Assim, o diretor daquele instituto, Eng. João Luderitz, assumiu a chefia daquela comissão e, mais tarde, tornou-se o primeiro Diretor Nacional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

Logo após, a crise mundial de 1929¹², que tirava do Governo a concessão de financiamento de estoques, atinge exportações de café e barra a entrada de capital estrangeiro, ocorre a revolução de 1930¹³, onde cai o Presidente Washington Luiz,

¹² Após a primeira guerra mundial, os países europeus deixaram de comprar produtos dos Estados Unidos e estes, reduziram a compra de produtos estrangeiros, como o café brasileiro, suspendendo os empréstimos a outros países, ocasionando uma crise mundial, com grave desemprego no Brasil.

¹³ Getúlio Vargas governou o Brasil de forma provisória entre 1930 e 1934 (governo provisório). Em 1934 foi eleito pela Assembleia Constituinte como presidente constitucional do Brasil, com mandato até 1937. Porém, através de um golpe com apoio de setores militares, permaneceu no poder até 1945, período conhecido como Estado Novo.

sob movimento armado. O Brasil sobrevive à crise com seu capital e mercado interno, fatores que impulsionam o desenvolvimento industrial.

Em 1932, ocorre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nacional, registrando as ideias debatidas num documento elaborado por Fernando Azevedo e assinado por 26 educadores brasileiros, adeptos das mudanças. O documento discute os rumos da educação nacional e traz uma nova concepção sobre ela, com um olhar voltado ao social onde a educação é vista como um problema social.

De 1930 a 1937 o Brasil teve o Governo Provisório, que manteve os ideais de mudanças, surgindo o Ministério da Educação e Saúde Pública, com o ministro Francisco Campos, que implantou reformas através de decretos, criando o Conselho Nacional de Educação, organizando o ensino superior no Brasil, o ensino comercial, a regulamentação da profissão de contador, etc. Como uma forma de nacionalizar o ensino secundário, que até então era um curso preparatório, representou uma importante organização da educação da época, embora tenha tido dificuldades como a de não conseguir implantar efetivamente um ensino técnico e científico.

Segundo Bueno e Taitelbaum (2009), o movimento na direção da educação para a profissionalização começou em 1932, quando o Presidente Vargas criou a Inspeção do Ensino Profissional Técnico. “Em 1934, com Gustavo Capanema no Ministério da Educação, o ensino brasileiro avançou várias páginas.” (BUENO e TAITELBAUM, 2009, p. 99). As medidas iniciais já apontavam para a colaboração da indústria de acordo com seu número de funcionários:

Entre as medidas do ministro, foi decretado, em 2 de maio de 1939, que todas as indústrias com mais de 500 operários deveriam oferecer cursos de aperfeiçoamento profissional a seus trabalhadores. Foi a ponte entre o ministério de Capanema e o de Valdemar Falcão, do Trabalho. Após meses de exaustivas reuniões envolvendo governo e industriais, foi proposta a substituição do decreto-lei de 1939 por outro que abraçasse a criação de um sistema nacional de aprendizagem. (BUENO e TAITELBAUM, 2009, p. 99).

Neste período tivemos duas constituições a de 1934, mostrando o predomínio positivo das ideias do Movimento Renovador¹⁴ e a de 1937, promulgada, como golpe estabelecendo o Estado Novo, tendo um importante foco no ensino profissional, deixando claro o entendimento de um ensino destinado aos pobres. Segundo

¹⁴ O Movimento Renovador está ligado aos ideais do movimento da Escola Nova, que ganhou intensidade na metade do século XX.

Romanelli (1986) a constituição de 1937 marca uma distinção entre o trabalho intelectual, para as classes mais favorecidas, e o trabalho manual, enfatizando o ensino profissional para as classes menos favorecidas.

De acordo com Mourão (1992), o ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas é o primeiro dever do Estado na área da educação. “Cumpra-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais.” (MOURÃO, 1992, p. 101).

A constituição de 1937 limitaria a ação do Estado quanto às obrigações educacionais, onde se entendia que quando faltassem recursos necessários à educação para a infância e a juventude, estes deveriam ser assegurados pela nação, seus estados e municípios, por meio das instituições públicas de ensino em todos os seus graus, onde estaria compreendida também a questão das aptidões, pela possibilidade de receber uma “educação adequada às suas faculdades, aptidões e tendências vocacionais.” (MOURÃO, 1992, p. 105).

O ensino profissional ainda necessitaria de diretrizes para regulamentação, nas diversas regiões do país. Em 1942, o ministro Gustavo Capanema, no governo de Getúlio Vargas, trabalha junto a uma comissão de educadores para dar conta de procedimentos na educação em decorrência da forte expansão industrial. Os estudos desta comissão resultaram em reformas parciais da educação intituladas de Leis Orgânicas de Ensino, gerando uma nova estrutura ao ensino técnico, surgindo as Leis Orgânicas do Ensino Industrial de 1942, Comercial de 1943 e Agrícola em 1946. Horácio da Silveira, Leon Renault, Francisco Montojos, Lourenço Filho e Rodolfo Fuchs, auxiliados por Roberto Mange, eram alguns dos educadores que faziam parte da comissão.

Segundo Dominschek (2011), o ensino industrial assumiu um papel relevante na formação da mão de obra a partir de 1942, principalmente no contexto da industrialização do país, chegando ao ponto de tanto o Estado como a Confederação Nacional das Indústrias patrocinarem este tipo de ensino, havendo, assim dois tipos de ensino industrial, um de controle patronal, ligado ao SENAI; outro, sob a responsabilidade direta do Ministério da Educação e Saúde, o ensino industrial básico.

Nos três últimos anos do Estado Novo, foram decretadas leis voltadas à educação, entre elas o decreto-lei: nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942, que criou a Lei

Orgânica do Ensino Industrial; o de nº 4.048, de 22 de janeiro de 1942, que instituiu o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial; o de nº 4.244, de 9 de abril de 1942, instituiu a Lei Orgânica do Ensino Secundário e o de nº 6.141, de 28 de dezembro de 1943, a Lei Orgânica do Ensino Comercial.

Mesmo com a queda de Getúlio Vargas, durante o Governo Provisório, com José Linhares respondendo pela Presidência da República e Raul Leitão da Cunha pelo Ministério da Educação, foram baixados outros decretos-leis como o de nº 8.529, de 2 de janeiro de 1946, criando a Lei Orgânica do Ensino Primário, os de nº 8.621 e 8.622, de 10 de janeiro de 1946, instituindo o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, e o de nº 9.613, de 20 de agosto de 1946, que criava a Lei Orgânica do Ensino Agrícola.

O ensino foi organizado em dois ciclos, um com quatro anos (Fundamental) e outro com duração de três a quatro anos (Técnico). Quanto ao ensino industrial, além do básico de quatro anos, existia, no mesmo ciclo, um de mestre, de dois anos. Já o segundo ciclo possuía, além dos cursos técnicos, de três a quatro anos, o curso de formação de professores, o pedagógico, com duração de um ano, os cursos artesanais de treinamento rápido e os de aprendizagem, destinados à qualificação de aprendizes industriais. Santos, comenta que “era oferecido nesse mesmo ciclo o curso de formação pedagógica, com o intuito de habilitar professores para lecionar no ensino industrial.” (SANTOS, 2000, p.271).

O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI atua no Brasil desde o período do Estado Novo, onde em épocas de guerra mundial, surge um ideal nacionalista. Segundo SENAI (2012), o SENAI foi criado para atender a necessidade do país frente à falta de mão de obra, com vistas a uma expansão industrial¹⁵, tendo a urgência da formação de profissionais qualificados para uma indústria de base da época. Já naquela ocasião, existia o pensamento voltado para a educação profissional com a ideia de que sem educação profissional não haveria possibilidade

¹⁵ O crescimento de centros urbanos, como o Rio de Janeiro e São Paulo, na primeira metade do século XX, foi decorrente do processo de industrialização da época. Os meios de comunicação acompanharam essas transformações, modernizando-se e interferindo diretamente nas relações de mercado e nas dinâmicas particulares da propaganda. A imprensa foi o primeiro meio a ser afetado, com a proliferação dos jornais diários e o desenvolvimento de mecanismos mais eficientes para sua distribuição e venda. A radiodifusão, logo em seguida, mal surgia e já se tornava o símbolo mais significativo da modernidade tecnológica e de seus progressos para as comunicações. Nas ondas do rádio e nas páginas dos jornais diários, as informações circulavam, modificando hábitos e comportamentos, em especial aqueles diretamente relacionados a padrões de consumo, dando origem ao que veio a ser chamado de indústria cultural.

do desenvolvimento industrial para o País. Como precursores do ideal da educação profissional são citados os nomes de Euvaldo Lodi e Roberto Simonsen. Como assinala Weistein, segundo Raphael Noschese, membro do Conselho Regional do SENAI na década de 1940: “o SENAI aprontava os homens para o mundo, não era para a fábrica do João, do Pedro e do Paulo. A nossa finalidade não é fazer um operário para você, é para São Paulo, para o Brasil.” (WEISTEIN, 2000, p. 91).

Euvaldo Lodi, na época presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), e Roberto Simonsen, à frente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), tiveram como modelo e inspiração uma experiência bem sucedida para a realidade daquele momento, o Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional (CFESP),¹⁶ e assim, idealizaram uma solução com muita semelhança ao trabalho realizado pelo referido Centro, mas com a amplitude para o parque industrial brasileiro. Curiosamente, foi que desta maneira que um empresariado assumiu, não apenas os encargos como queria o governo, mas também a responsabilidade pela organização e direção de um organismo próprio, subordinado a CNI e às Federações das Indústrias nos estados, ou seja, as próprias indústrias assumiram a total responsabilidade pela formação de seus profissionais.

Segundo Weistein (2000) muitos industriais não acreditavam nos resultados esperados pelo SENAI, na sua implantação e entendiam-no como uma instituição governamental:

Porém muitos industriais entendiam o SENAI como uma instituição governamental que estava lá só para tirar o dinheiro deles. Com esta visão, as indústrias enviavam seus aprendizes menos promissores, os “piores alunos”, ao SENAI, pois eles consideravam o programa como perda de tempo [...] (WEISTEIN, 2000, p, 190).

Logo após sua implantação o conceito da instituição mudou, pois esta assumiu uma característica de inovação, tendo êxito na preparação de seus alunos

¹⁶ Segundo FONSECA (1986), o CFESP, nasce em 1934 utilizando recursos das ferrovias de São Paulo. O Instituto de Organização Racional de Trabalho (IDORT) negociou com o Governo Estadual o preparo e seleção do pessoal ferroviário, com a coordenação do CFESP. A expansão das ferrovias envolvia a necessidade da formação própria de mão de obra qualificada. O IDORT foi fundado em 1931 por um grupo de empresários e pensadores, em resposta à crise financeira mundial de 1929, sendo uma associação privada de caráter educativo, científico e cultural, sem fins econômicos, considerado a primeira instituição do País a prover tecnologia e inteligência de capacitação, formação profissional e desenvolvimento de negócios e organizacional. (IDORT, s. d., p. 1).

para o mercado de trabalho industrial, mesmo sob os olhares de empresários que duvidavam de sua atuação, como aponta Dominschek:

O SENAI era inovador em sua estrutura e em seu caráter ao mesmo tempo público e privado, mas deparava-se com grande ceticismo entre os industriais. Mas mesmo com todo esse “ceticismo” pela parte dos industriais, a imagem do SENAI se fortaleceu, transformando os jovens menos capazes em operários competentes, conquistando assim uma relativa confiança dos industriais. (DOMINSCHEK, 2011, p. 200).

De acordo com SENAI (s.d. a), muitas foram as ações da instituição ao longo das décadas que sucederam a sua instalação no país, sendo que no fim da década de 1950, quando o presidente Juscelino Kubitschek acelerou o processo de industrialização, o SENAI estava presente em quase todo o território nacional e começava a buscar, no exterior, a formação para seus técnicos. Logo, tornou-se referência de inovação e qualidade na área de formação profissional, servindo de modelo para a criação de instituições similares na Venezuela, Chile, Argentina e Peru.

Na década de 60, o SENAI investiu em cursos sistemáticos de formação, intensificou o treinamento dentro das empresas e buscou parcerias com os Ministérios da Educação e do Trabalho, e com o Banco Nacional da Habitação (BNH)¹⁷. Na crise econômica da década de 1980, o SENAI percebeu o substancial movimento de transformação da economia e decidiu investir em tecnologia e no desenvolvimento de seu corpo técnico. Em meio à crise¹⁸, expandiu a assistência às empresas, investiu em tecnologia de ponta, instalou centros de ensino para pesquisa e desenvolvimento tecnológico e com o apoio técnico e financeiro de instituições da Alemanha, Canadá, Japão, França, Itália e Estados Unidos, o SENAI chegou ao início dos anos 1990 assessorando a indústria brasileira no campo da tecnologia de processos, de produtos e de gestão.

De acordo com SENAI (s.d. a), a média de 15 mil alunos dos primeiros anos transformou-se em cerca de 2,3 milhões de matrículas anuais, totalizando aproximadamente 52,6 milhões de matrículas de 1942 até 2010. As primeiras

¹⁷ O Banco Nacional da Habitação (BNH) foi uma empresa pública brasileira com sede em Brasília, voltada ao financiamento e à produção de empreendimentos imobiliários, nos mesmos moldes do que se faz atualmente a Caixa Econômica Federal.

¹⁸ A economia brasileira na década de 80 atravessou uma das mais graves crises de sua história, a qual resultou na estagnação do Produto Interno Bruto e em taxas de inflação sem precedentes no Brasil.

escolas deram origem a uma rede de 797 unidades operacionais, entre fixas e móveis, distribuídas por todo o País, nas quais são oferecidos mais de 2.900 cursos de formação profissional, além dos programas de qualificação e aperfeiçoamento realizados para atender necessidades específicas de empresas e trabalhadores. Em 2010, foram prestados 126.470 serviços técnicos e tecnológicos, como laboratoriais, informacionais, assessorias, desenvolvimento e inovação e certificações de processos e produtos. O SENAI firmou 48 parcerias com 29 países e 1 organismo internacional; captou 10.804 horas de consultoria e promoveu a capacitação de 3.654 pessoas no Brasil por peritos internacionais. Além disso, ainda em 2010, implantou quatro Centros de Formação Profissional e está implementando mais onze no exterior, em parceria com a Agência Brasileira de Cooperação (ABC)¹⁹, e desenvolve 29 projetos de cooperação técnica totalizando investimentos de aproximadamente 68,9 milhões de reais.

Os seus primeiros Departamentos Regionais foram instalados nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, sendo que “as primeiras escolas de aprendizagem industrial do Rio Grande do Sul abriram suas portas em Porto Alegre, Caxias do Sul, Novo Hamburgo e Rio Grande.” (BUENO e TAITELBAUM, 2009, p. 99). Segundo Fonseca (1986), no Rio Grande do Sul até o final da década de 40, o SENAI já contava com cinco escolas em funcionamento: Escola Visconde de Mauá - 1944, em Porto Alegre; Escola Nilo Peçanha – 1944, em Caxias do Sul; Escola João Simplício - 1944, em Rio Grande; Escola Simões Lopes - 1945, em Novo Hamburgo; Escola Lindolfo Collor - 1949, em São Leopoldo.

De acordo com FIERGS (s. d.), no Rio Grande do Sul, a história da educação para o trabalho industrial está ligada ao começo da história da fundação da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul que começou com a fundação do Centro da Indústria Fabril. Com a Revolução de 1930 houve o isolamento da economia gaúcha, com muitas dificuldades no suprimento de matérias-primas e na distribuição dos produtos para os outros estados. Os empresários e políticos do Estado sentiram a necessidade de uma entidade para aglutinar forças em torno da defesa do desenvolvimento rio-grandense. Através da

¹⁹ Conforme Brasil (2012), a Agência Brasileira de Cooperação (ABC), que integra a estrutura do Ministério das Relações Exteriores (MRE), tem como atribuição negociar, coordenar, implementar e acompanhar os programas e projetos brasileiros de cooperação técnica, executados com base nos acordos firmados pelo Brasil com outros países e organismos internacionais.

mobilização dos mesmos, no dia 7 de novembro de 1930, nascia o Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul (CINFA), que posteriormente veio a denominar-se Centro das Indústrias do Rio Grande do Sul (CIERGS), “uma entidade que através do seu quadro social representa empresas e as Associações, Centros e Câmaras de Indústria e Comércio de todas as Regiões do Estado.” (FIERGS, s.d., p. 1). A mobilização entre empresários e sindicatos patronais foi crescendo e conforme FIERGS (s.d.), sendo que, sete anos depois, foi fundada a Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS) como entidade de representação sindical, criada dia 14 de agosto de 1937. No mesmo ano, o Centro da Indústria Fabril tinha 147 indústrias associadas, e a FIERGS representava 21 sindicatos setoriais filiados. A FIERGS foi uma das primeiras federações a se incorporar com a Confederação Nacional da Indústria:

Um ano depois da fundação da FIERGS, é concedida a Carta de Sindicalização da Confederação Nacional da Indústria (CNI) no dia 29 de setembro de 1938, congregando as primeiras Federações organizadas no Brasil, que eram as do Rio Grande do Sul, São Paulo, Distrito Federal e Minas Gerais. Atualmente, a FIERGS tem 113 sindicatos filiados e o CIERGS, mais de 2 mil associados. Ambas têm o mesmo presidente, como marca de sua origem baseada na união. E, juntas, representam as 41 mil fábricas em atividade no Rio Grande do Sul, que empregam diretamente 600 mil pessoas. (FIERGS, s.d., p. 1).

O sistema industrial do Estado do Rio Grande do Sul incorpora três importantes instituições voltadas para a educação profissional do setor industrial, pois, segundo FIERGS (s.d.), desde o início, a FIERGS e o CIERGS tiveram uma trajetória única, compondo, hoje, o Sistema Indústria do Rio Grande do Sul, que além das duas entidades que o lideram, contempla “o Serviço Social da Indústria (SESI-RS); o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI-RS) e o Instituto Euvaldo Lodi (IEL-RS)”. (FIERGS, s.d., p. 1).

O SENAI é uma instituição privada²⁰, brasileira e de interesse público, sem fins lucrativos, recebendo recursos provenientes das contribuições da indústria, voltada especificamente para o setor industrial. A instituição tem como missão: “Promover a educação profissional e tecnológica, a inovação e a transferência de

²⁰ O SENAI é uma instituição com personalidade jurídica de direito privado que está fora da Administração Pública, compondo o chamado Terceiro Setor. É denominado de ente paraestatal e é conceituado na categoria de Serviços Sociais Autônomos – SSA.

tecnologias industriais, contribuindo para elevar a competitividade da indústria brasileira.” (SENAI, s.d. b).

Além da educação profissional o SENAI também atua no aperfeiçoamento de processos e produtos industriais prestando assistência técnica e tecnológica:

Integrante do Sistema FIERGS, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), foi criado em 1942. É uma entidade de direito privado, que tem como objetivo promover o desenvolvimento e o aprimoramento da indústria nacional. Atua na capacitação de profissionais e no aperfeiçoamento dos produtos e processos das indústrias, por meio de cursos e serviços técnicos e tecnológicos. No Rio Grande do Sul, o Departamento Regional do SENAI localiza-se na cidade de Porto Alegre. Administrado nacionalmente pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pelas Federações das Indústrias nos Estados, o SENAI é normatizado por um conselho nacional e por conselhos regionais, que definem a política de atuação da entidade. (SENAI/RS, s.d. a, p. 1).

De acordo com SENAI/RS (s.d. b), os cursos são desenvolvidos visando os aspectos da profissionalização ou atualização para o mercado de trabalho, possibilitando o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de técnicas e conhecimentos sempre de maneira integrada com as necessidades dos diversos segmentos industriais. Eles acompanham os rumos da ciência, dos conhecimentos e aplicações da tecnologia.

Um aspecto importante colocado pela instituição é a base de seu projeto educacional, para atendimento dos diferentes níveis da educação profissional:

Seu projeto educacional é baseado na construção da cidadania, no desenvolvimento das múltiplas inteligências e no exercício da flexibilidade produtiva, promovendo a educação profissional e tecnológica, a inovação e a transferência de tecnologias industriais.

A educação profissional no SENAI é desenvolvida nos níveis: Formação Inicial e Continuada de Trabalhadores; Educação Profissional Técnica de Nível Médio e Educação Profissional Tecnológica de Graduação, conforme Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), podendo ocorrer nas seguintes modalidades: Aprendizagem Industrial, Iniciação Profissional, Qualificação Profissional, Aperfeiçoamento Profissional, Cursos Técnicos e Graduação Tecnológica. (SENAI/RS, s.d. b, p. 1).

De acordo com SENAI/RS (s.d. b), a modalidade de “Aprendizagem Industrial” é destinada à qualificação de jovens aprendizes, de acordo com a Lei nº 10097 e Decreto nº 5598, caracterizada pela articulação entre formação e trabalho. Os cursos são oferecidos gratuitamente em diversas unidades do SENAI no Estado.

A modalidade de “Iniciação Profissional” visa à preparação do aluno para o desempenho das funções básicas e de baixa complexidade de uma profissão, independentemente de conhecimentos técnicos já adquiridos anteriormente e experiências profissionais anteriores. Ocorre no nível da formação inicial e continuada de trabalhadores. É uma ação de educação para o trabalho que tem como objetivo despertar o interesse pelo trabalho e prepara para a profissão, independente da escolaridade.

A modalidade de “Qualificação Profissional” é realizada através de cursos que se destinam à preparação do indivíduo para o exercício de uma ocupação profissional, de acordo com o perfil requerido no mercado de trabalho, definido por um Comitê Técnico Setorial. Estão incluídos nessa modalidade os processos de qualificação destinados a trabalhadores que necessitam de uma adequação devido a mudanças tecnológicas e organizacionais.

Na modalidade de “Aperfeiçoamento Profissional” são realizados cursos que buscam atualizar e ampliar qualificações profissionais adquiridas por meio de formação profissional ou no trabalho. Atendem às necessidades dos profissionais em enfrentar os novos desafios proporcionados pela constante inovação tecnológica e novos processos de produção e de gestão. Desenvolvidos para a comunidade ou ajustados às necessidades de cada empresa, podem ser realizados nas unidades do SENAI ou em ambiente com infraestrutura adequada.

Conforme SENAI/RS (s.d. b), os “Cursos Técnicos” oferecem a habilitação técnica e esta modalidade busca a formação de técnicos em determinadas áreas profissionais e é destinada a alunos matriculados ou egressos do Ensino Médio ou equivalente. A formação objetiva o desenvolvimento de competências e habilidades para ações de planejamento, execução, gerenciamento e revisão de processos. Todos os cursos técnicos são autorizados pelo Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (CEED-RS).

O SENAI-RS possui uma Faculdade, localizada na cidade de Porto Alegre, onde são realizados os cursos na modalidade de “Graduação Tecnológica”. São cursos de nível superior de tecnologia com características especiais, distintos do bacharelado, cuja conclusão dá direito ao diploma de Tecnólogo. Classificam-se no SENAI-RS em educação profissional tecnológica de graduação, podendo os seus egressos dar prosseguimento de estudos em outros cursos e em programas de educação superior, como os de pós-graduação. Os cursos de Graduação

Tecnológica são autorizados pelo Ministério da Educação (MEC), de acordo com a legislação vigente.

As decisões estratégicas do SENAI-RS são definidas pelo Conselho Regional do SENAI, que, de acordo com a Ata nº 632, da reunião ordinária realizada em 21 de janeiro de 2014, atualmente é composto pelo Presidente Nato do Conselho Regional e Presidente do Sistema FIERGS, Sr. Heitor José Müller e por Conselheiros Titulares Representantes das Atividades Industriais da FIERGS, conforme relação em anexo.

A estrutura de atendimento do SENAI-RS, está composta pela Faculdade de Tecnologia²¹, Centros Tecnológicos²², Escolas de Educação Profissional²³, Centros de Educação Profissional²⁴, Agências de Educação Profissional²⁵, além de Extensões²⁶, contando também com Unidades Móveis²⁷ e Kits Didáticos²⁸, totalizando a capacidade de 158 pontos de atendimento até dezembro de 2013, de acordo com SENAI/RS (s.d. a).

As unidades trabalham em rede, onde as Unidades Operacionais auxiliam-se mutuamente na busca de soluções integradas para atender as demandas das diversas áreas de atividades industriais. A partir de janeiro de 2014, a rede foi ampliada, chegando a 164 pontos de atendimento, conforme FIERGS-SENAI (2014), em circular divulgada para funcionários da rede. As informações de localização e data de início das atividades de escolas, centros, agências e da faculdade do SENAI, estão apresentadas na tabela 1, conforme Apêndice A.

Ao longo de sua trajetória a instituição vem ampliando sua atuação em paralelo ao crescimento industrial, buscando atender a necessidade de educação profissional dos trabalhadores da indústria, através da implantação de novos cursos, e da ampliação da sua rede de atendimento. Além dos diversos cursos implantados,

²¹ Unidade que atua no Ensino Superior.

²² Unidades que atuam com exclusividade em cursos Técnicos de Nível Médio, oferecendo também assistência técnica e tecnológica às indústrias.

²³ Unidades que atuam com cursos de Aprendizagem Industrial e Técnicos de Nível Médio.

²⁴ Unidades que atuam exclusivamente com cursos de Aprendizagem Industrial.

²⁵ Unidades que atuam com curso de Aprendizagem Industrial, com exclusividade em determinados segmentos, ex.: Construção Civil.

²⁶ Unidades que atuam em convênios com o SENAI, geralmente instaladas dentro de parques fabris, em instituições de ensino ou de assistência social.

²⁷ Unidades montadas sobre rodas, em carretas do tipo furgão, que possuem sala e laboratório. São transportadas por caminhão até o local de realização dos cursos.

²⁸ Conjuntos de equipamentos necessários para a realização cursos, acomodados em embalagens especiais para fácil e rápido transporte, armazenados em unidades operacionais fixas.

o apoio às empresas também é feito prestando atendimento às necessidades encontradas através de cursos específicos, assistência técnica, tecnológica e instalação de laboratórios e escolas.

Muitos trabalhadores, ex-alunos do SENAI de diversos estados brasileiros, começaram sua trajetória profissional em ocupações básicas, dentro do processo industrial e, buscando o desenvolvimento pessoal e profissional, ocuparam cargos de liderança, gerenciamento e tornaram-se empresários. Alguns deixaram a área industrial para atuarem em outros segmentos da sociedade, como o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva²⁹ (Lula), que na festa dos 71 anos de ações da CNI, realizada na sede do Sistema Indústria, em Brasília, no mês de agosto de 2009, comentou sobre seu curso no SENAI: “Ele lembrou sua passagem pelo SENAI em 1962, 41 anos antes de ele ser eleito presidente” (SENAIBRASIL, 2009, p. 3-5).

Em discurso de inauguração de uma das escolas do SENAI, em Pernambuco, o ex-presidente Lula demonstrou seu reconhecimento pela Educação Profissional da instituição:

[...] E mais alegria, ainda, poder vir aqui participar da inauguração de uma escola do SENAI. O SENAI é para mim uma conquista que me deu a luz, que me tirou das trevas e me abriu caminho para uma profissão, para um melhor salário, para uma conscientização política, para o sindicato, para a política e para Presidente da República. É por isso que eu digo, com muito orgulho, sem nenhuma restrição, que eu devo grande parte do que eu sou à teimosia da minha mãe, que saiu daqui analfabeta, morreu analfabeta, mas fazia um imenso esforço para que cada um dos seus filhos pudesse aprender uma profissão. (BRASIL, 2005, p. 2).

O primeiro astronauta da América Latina, Eng. Me. Marcos Cesar Pontes também expressou sua experiência como aluno do SENAI e em palestra para alunos da instituição, comentou:

O meu primeiro emprego foi graças ao SENAI de Bauru (SP), onde fiz o curso de eletricitista na modalidade de aprendizagem industrial para atender a Rede Ferroviária Federal (RFFSA). Também ganhei, graças ao SENAI, além de uma profissão, mais confiança, e isso me ajudou para o resto da minha vida, principalmente na formação do meu caráter. O SENAI foi para mim uma pista de onde eu decolei para a AFA (Academia da Força Aérea) e, de lá, voei para alcançar o meu sonho de ser astronauta. (PORTAL JORNAL DO POVO, 2010, p. 1).

²⁹ De acordo com Campo e Cidade (2007), o ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, foi aluno do SENAI/SP entre 1961 e 1963, no curso de Torneiro Mecânico, na modalidade de Aprendizagem Industrial, tendo iniciado o curso aos 14 anos de idade.

Muitos acontecimentos fazem parte dos registros na história do SENAI, com ações voltadas à responsabilidade social, na construção de um desenvolvimento econômico, social e ambientalmente sustentável. Uma das preocupações da instituição é o apoio à inovação, onde desde 2009 o SENAI, junto com o Ministério da Ciência e Tecnologia, por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) leva para a sociedade edital para estimular possibilidades de soluções inovadoras dentro das empresas, buscando o aperfeiçoamento e o uso de novas tecnologias para os constantes desafios do moderno mundo globalizado.

3.2 A ESCOLA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL SENAI NILO PEÇANHA

Em Caxias do Sul existem atualmente seis unidades do SENAI, sendo que a EEP SENAI Nilo Peçanha, foi a primeira a ser instalada, com o início das obras em julho de 1943 e inauguração em janeiro de 1944, em terreno de aproximadamente 4.800 m², doado pela Prefeitura Municipal, durante a gestão do Prefeito Dr. Dante Marcucci³⁰, de acordo com os estudos de Herédia (2007b):

A primeira Escola de Educação Profissional do SENAI, denominada Nilo Peçanha, havia sido inaugurada em 1944, dois anos depois da criação do SENAI, sendo a segunda unidade instalada no Rio Grande do Sul. A fundação do SENAI em 1942 refletia a visão do presidente Getúlio Vargas na instalação do modelo em substituição às importações no Brasil. De acordo com Getúlio Vargas, o País precisava atender a uma demanda de formação de mão-de-obra para o crescimento da indústria. (HERÉDIA, 2007b, p. 60).

A Escola situa-se na Rua Vereador Mário Pezzi, nº 1135, no Bairro Exposição. Em 1967 ela foi ampliada com a construção de um prédio em anexo pelo lado norte (R. Santos Dumont), comportando um auditório e uma oficina de marcenaria (fig. 13). Na década de 1970 ocorreu uma nova ampliação, desta vez no lado sul (R. Plácido de Castro), para comportar um almoxarifado e a garagem para os veículos.

³⁰ De acordo com a Gazeta de Caxias (2012), Dante Marcucci foi Prefeito de Caxias do Sul, de 1935 até 1945, com o recorde de se manter ininterruptamente no comando de Caxias. Foi o primeiro prefeito eleito em 1935, mas de 1937 a 1945 foi nomeado pela ditadura do Estado Novo, ficando 10 anos no comando da prefeitura.

Na década de 1980 esta área recebeu mais dois pavimentos superiores, para a ampliação das áreas de mecânica e eletricidade, compondo a fachada existente atualmente. Na parte posterior da área construída existe um ginásio de esportes que foi edificado em 1994, comportando uma quadra de esportes, cinco de salas de aula, banheiros e uma garagem para os veículos da escola. No lado sul do ginásio (R. Plácido de Castro) encontra-se uma residência da época da construção do primeiro pavimento, onde por muitos anos residiram os diretores da escola, no final dos anos oitenta esta área foi convertida numa sede para os funcionários que são sócios da Associação Gaúcha de Servidores do SENAI (AGASE), criada para as funções sociais e de lazer. No início do novo milênio, o térreo desta edificação foi convertido em salas de aula para atender a necessidade de expansão da escola, também foi montado um laboratório de soldagem, na esquina sul do terreno.

A escola atende alunos e empresas de Caxias do Sul e das cidades próximas desde sua inauguração, época em que o desenvolvimento industrial já sinalizava o município viria a ser um grande centro industrial. A instalação da Escola em Caxias do Sul deve-se ao desenvolvimento industrial regional, fato que foi considerado como conquista para os empresários da época. Inicialmente, foram desenvolvidos cursos de Leitura e Interpretação de Desenho Mecânico, Matemática e Português, cursos preparatórios para jovens e para adultos. Em seguida, com a conclusão das oficinas, iniciaram os cursos de aprendizagem para menores: Ajustador Mecânico, Torneiro Mecânico, Eletricista e Marceneiro.

A EEP SENAI Nilo Peçanha teve como diretores: Sr. Enio Barbedo, de 1943 a 1947; Sr. José Wilson Telles Costa, de 1947 a 1964; Sr. Arduino Mazzotti, em 1964; Sr. Gevaldino Ferreira, de 1964 a 1975; Sr. Joel Bastos de Souza, de 1975 a 1990; Sr. Flavio Betiollo, de 1990 a 1992; Sr. Jorge Luis Pasqual, de 1992 a 1997.

Atualmente está sob a direção do Sr. Saul João Devenz, que é responsável pela direção desta e de outras escolas, dentro de um sistema denominado pelo SENAI-RS de Unidade Gestora da Região da Serra, compreendendo as escolas: Escola de Educação Profissional SENAI José Gazola, Agência de Educação Profissional SENAI da Construção Civil, Agência de Educação Profissional SENAI do Plástico, além de escolas conveniadas ao SENAI, de propriedade de empresas, instaladas junto aos parques industriais, como a Marcopolo, Randon, Agrale, e Vostplaine Meincol, unidades em grande expansão atualmente, como uma nova tendência na educação profissional.

Inicialmente a escola foi nomeada de Centro de Formação Profissional (CFP) SENAI Nilo Peçanha, já no final da década de 90, com a implantação de cursos Técnicos³¹ e atendendo as exigências do Ministério da Educação (MEC), passou a chamar-se Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Peçanha, com adaptações de instalações, ampliação de setores e contratação de profissionais como: Bibliotecária, Secretária Escolar, Professores e Coordenadores de Nível Técnico, Orientadora Educacional e Pedagógica. Atualmente o quadro de funcionários da Unidade Gestora da Região da Serra é composto por mais de cem colaboradores.

O nome da Escola homenageia um político que teve reconhecimento por suas iniciativas na implantação de escolas de educação profissional no Brasil. Segundo Brasil (2012), Nilo Peçanha nasceu na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, foi advogado, governador do estado, senador, e assumindo a presidência aos 42 anos, como Vice-Presidente de Affonso Penna, o substituindo-o em final de mandato. Nilo Peçanha governou de 14 de junho de 1909 a 15 de novembro de 1910 e, segundo Mourão (2009), é conhecido como o fundador do ensino profissional no Brasil, defendendo-o como prioridade aos menos favorecidos e promovendo a instalação, em 1910, de 19 escolas da rede federal, deixando a presidência com escolas profissionalizantes ultrapassando 1200 alunos.

A EEP SENAI Nilo Peçanha atende aproximadamente 900 alunos diariamente, nos três turnos de trabalho. Na educação de jovens e adultos voltada para o trabalho industrial, oferece cursos de Aprendizagem Industrial para alunos na faixa etária de 14 a 24 anos e escolaridade mínima de 7º ano do Ensino Fundamental, nas áreas de Mecânica, Eletricidade, Eletrônica, Gráfica, Manutenção de Máquinas e Assistência Administrativa, além de cursos Técnicos para alunos do Ensino Médio, com estágios supervisionados nas empresas.

Além dos cursos de Aprendizagem Industrial³² são oferecidos diversos cursos de Qualificação Profissional³³ e Aperfeiçoamento Profissional³⁴ para maiores de 16

³¹ Para a educação profissional de nível técnico com concomitância externa, o aluno faz o curso técnico simultaneamente ao ensino médio cursado em outra instituição. Nesse regime, o aluno deve estar cursando, o 2º ou 3º ano do ensino médio, para efeito de matrícula no respectivo curso técnico.

³² Aprendizagem Industrial é a ação regimental do Sistema S (SENAI, SENAC, SENAR, SENAT), caracterizada por programas de formação profissional, de acordo com a Lei n.º 10.097/00, destinada aos jovens de 14 a 24 anos.

³³ Qualificação Profissional é a preparação através da formação profissional para o aprimoramento de habilidades na execução de funções específicas demandadas pelo mercado de trabalho.

anos de idade, alguns com exigência de maioridade, como o de Soldador. Determinados cursos são elaborados para atender às demandas das empresas da região, através do setor de Agentes de Relações com o Mercado de Trabalho³⁵, que mantém permanente contato com as empresas desenvolvendo cursos com flexibilidade de programação, carga horária, dentro da escola ou nas instalações das próprias empresas solicitantes.

A escola atende também aos programas sociais de diferentes esferas dos governos Municipal, Estadual e Federal, através de instituições e programas, como a Fundação de Assistência Social (FAS), 3º Grupo de Artilharia Anti-Aérea (3º GAAAE) e Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC); além de programas elaborados pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS), como o Programa Novos Horizontes³⁶ para atendimento à menores em situação de vulnerabilidade social e o Programa SENAI de Ações Inclusivas (PSAI), dentro do qual desenvolve-se a inclusão nos cursos regulares e também cursos especiais, como o Auxiliar de Linha de Produção, iniciado em 2012, já com a inserção de 75 pessoas com deficiência intelectual em empresas de Caxias do Sul; este é o resultado da parceria entre as empresas, a escola e o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), de Caxias do Sul, atendendo as necessidades da mão de obra especializada para pessoas com deficiência, em cumprimento a legislação vigente.

A EEP SENAI Nilo Peçanha teve o reconhecimento de muitos profissionais que foram alunos na instituição, como o expressou o empresário João Luiz Cipolla, referindo-se ao período de 1966 a 1968, de acordo com Herédia:

[...] A preocupação com o ensino técnico para a especialização e atualização do pessoal foi uma tônica no período, inclusive através do SENAI, que não formou apenas técnicos, mas também lideranças como foi o meu caso. Eu fui aluno do SENAI. A presença atuante do SENAI, como formador de mão-de-obra, atento às demandas da indústria e às exigências que o mercado impunha em cada período, foi um diferencial na economia do município. O setor secundário se destacava, e a qualificação da mão-de-obra para a indústria era necessária. A Escola Técnica do SENAI

³⁴ Aperfeiçoamento é a modalidade de ensino destinada aos profissionais que buscam atualização tecnológica e novas habilidades através da formação profissional.

³⁵ Profissionais que agenciam cursos atendendo necessidades industriais específicas.

³⁶ O programa é uma iniciativa do Sistema FIERGS por meio do SENAI-RS e SESI-RS que busca promover a inclusão social de jovens oriundos de famílias de baixa renda e vulnerabilidade social, visando à melhoria da qualidade de vida, através de ações que contribuam para sua formação pessoal e profissional.

acompanhou a evolução tecnológica. Fato que pode ser comprovado com as máquinas que recebeu do Exterior para aprimorar o treinamento de seus alunos com as novas tecnologias. (HERÉDIA, 2007a, p. 80).

Segundo Herédia, (2007) o papel do SENAI foi fundamental para o desenvolvimento industrial, nas esferas regional, estadual e nacional, pois, desde a sua criação em 1942, fomentou o desenvolvimento da indústria, nas áreas de educação profissional e serviços técnicos e tecnológicos. A educação profissional da instituição foi dirigida a jovens e adultos que tivessem como objetivo a profissionalização ou a atualização no mercado de trabalho. Segundo a autora a instituição sempre esteve atenta ao desenvolvimento e aperfeiçoamento de competências, promovendo um sistema de educação integrado ao mercado de trabalho, a inovação tecnológica e ao uso de novas tecnologias. Herédia enfatiza o caráter de direito privado da instituição:

O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), instituição de direito privado, integrante do Sistema FIERGS, objetiva a promoção do desenvolvimento e do aprimoramento da indústria nacional. A Confederação Nacional da Indústria (CNI) e as federações das indústrias nos estados são responsáveis pela administração em âmbito nacional. A política de atuação da instituição é estabelecida por um conselho nacional e por conselhos regionais. (HERÉDIA, 2007b, p. 55).

O surgimento da EEP SENAI Nilo Peçanha é apontado como um dos fatores responsáveis pelo desenvolvimento econômico de Caxias do Sul, de acordo com Tonet e Tonet (2010), que listam os acontecimentos importantes que marcaram este desenvolvimento, entre eles estão: a apropriação de terras por imigrantes italianos; a estrutura fundiária baseada no minifúndio, a policultura e o trabalho livre; a produção de bens forçada pelo distanciamento dos grandes centros fornecedores; a experiência trazida do continente italiano para a fabricação destes bens; a abertura de estradas, a vinda do telégrafo e do telefone, a instalação de agências bancárias, a chegada da luz elétrica, criando uma estrutura básica de logística para o crescimento dos negócios; a atividade dos tropeiros³⁷, que propiciou a utilização de inúmeros artefatos que desenvolveram as oficinas; a chegada do trem e da BR-116, ligando o centro produtor com os mercados consumidores; o desenvolvimento da

³⁷ Atividade comercial que envolvia a compra de tropas de animais para revendê-las ou que usava os animais, para além de vendê-los, transportar outros gêneros para o comércio nas várias vilas e cidades pelas quais passavam os tropeiros.

produção de vinhos como um setor de alto valor agregado, propiciando o desenvolvimento de outros setores; o aumento da população com o mercado consumidor para as utilidades domésticas e para as ferramentas de trabalho; o ciclo da madeira, forçando a necessidade do desenvolvimento do setor de transportes, fazendo com que o setor automotivo se desenvolvesse; “a criação do SENAI, formando mão de obra especializada e a criação da entidade patronal, estruturando e desenvolvendo o setor.” (TONET e TONET, 2010, p 123).

A relação entre o desenvolvimento industrial da região de Caxias do Sul e a atuação da EEP SENAI Nilo Peçanha também foi citada pelo seu atual coordenador de cursos, professor Everton Luchesi, na aula inicial do curso de Mecânico de Usinagem, ocorrida no auditório da Escola em julho de 2013 com a presença de 44 alunos. Ele foi aluno desta escola no período de 1963 a 1965, atuando na área mecânica através de diversas funções como: Torneiro Mecânico, Matriseiro, Ferramenteiro, Mecânico de Manutenção e Projetista. Buscou seu desenvolvimento através dos cursos profissionalizantes do SENAI e de Ensino Superior, tendo formação nas áreas de Engenharia Operacional, Administração de Empresas e Pedagogia. Atuou, durante muitos anos, como gerente e diretor industrial da empresa Universal Preletri e como instrutor da EEP Nilo Peçanha, no período de 1981 a 1990. Atualmente é coordenador de cursos, cargo que exerce desde 2005.

De acordo com o professor Everton a EEP SENAI Nilo Peçanha abriu pela primeira vez as suas portas em 1944 dando início a uma era voltada ao desenvolvimento profissional através da disciplina, valores éticos, morais, dinamismo e espírito empreendedor. Ele comentou a época em que Caxias do Sul era uma cidade provinciana caracterizada pela cultura italiana trazida pelos imigrantes que aqui chegaram movidos pelo sonho de encontrar oportunidades para desenvolverem-se. No período em que Caxias do Sul era movida pela agricultura, pecuária e extrativismo, com destaque para a vitivinicultura, várias vinícolas foram instaladas no centro e arredores da cidade, gerando o sustento dos agricultores e trabalhadores que transformavam a uva em vinho. O reconhecimento deste segmento produtivo ocorreu através da Festa Nacional da Uva, um importante evento cultural da região. Caxias do Sul era dividida em colônias, habitadas por imigrantes italianos. Com o passar dos anos a quantidade de pessoas que faziam parte de uma mesma família aumentou e o espaço de terra passou a ficar pequeno para o sustento de todos, fator que levou a criação de novas formas de

sobrevivência. Os moradores da cidade não tinham grandes oportunidades, o comércio era restrito e a indústria iniciava lentamente, com algumas exceções, como a Metalúrgica Abramo Eberle, que assim como o SENAI, teve um papel importante para o crescimento de Caxias do Sul.

Algumas empresas surgiram, graças ao espírito empreendedor, porém, havia uma grande dificuldade de se conseguir mão de obra para ocupar os postos de trabalho com capacidade produtiva e qualificação, tornando processo de crescimento das indústrias muito lento, situação que ocorria em várias cidades do país. Diante da necessidade de formar profissionais para a indústria brasileira na década de 1940, Getúlio Vargas, então presidente da república, juntamente com empresários paulistas, fundaram a primeira escola do SENAI no Brasil, em São Paulo. Em Caxias do Sul foi fundada a EEP SENAI Nilo Peçanha, a terceira escola do SENAI no Brasil, segunda no Rio Grande do Sul e primeira no interior do país.

Segundo o Prof. Everton, muitas pessoas da cidade e região, começaram a frequentar os cursos profissionalizantes da EEP SENAI Nilo Peçanha, conseguindo melhores postos de trabalho nas empresas, com oportunidades de crescimento profissional, alavancando o desenvolvimento industrial da região aumentando a produtividade, qualidade e competitividade da indústria caxiense, que hoje é um dos principais pólos industriais do país. O espírito empreendedor juntou-se com a tecnologia e o conhecimento. Os caxienses abriram pequenas empresas, fomentados pelo desejo de crescer e progredir, que se desenvolveram ao longo do tempo, tornando-se importantes grupos econômicos para Caxias do Sul. A formação de mão de obra especializada foi impulsionando a indústria local e as oportunidades de crescimento profissional foram aumentando, exigindo profissionais cada vez mais qualificados, para assumirem postos de trabalho com maior exigência de competências técnicas e de gestão, assegurando um volume de produtos de elevada qualidade.

O professor Everton lembrou que Caxias do Sul conta com seis escolas SENAI, além de vários convênios e que, a procura por cursos profissionalizantes ultrapassa as fronteiras de nosso país devido à vinda de estrangeiros que frequentam as escolas de Caxias do Sul, além de pessoas de outros estados que, atraídos pela oportunidade de emprego, procuram no SENAI uma fonte de especialização. Mencionou que o SENAI é uma instituição que preserva os conceitos éticos, disciplina e qualidade de ensino, através de uma política

educacional que prioriza o conhecimento e mantém os valores humanos como símbolo de sua cultura, caracterizando-se como impulsionador do espírito empreendedor. Salientou que a escola possui um olhar voltado para atender as necessidades das indústrias acompanhando a tecnologia e formando profissionais com perfil adequado ao mercado de trabalho, capacidade, dinamismo e espírito criativo. Ao comentar a qualidade da Escola ele mencionou que a EEP SENAI Nilo Peçanha segue o sistema educacional, missão, valores e objetivos em comum para todas as unidades do SENAI e, sendo a terceira escola do Brasil, não há como negar sua importância no cenário industrial caxiense. Segundo ele, a EEP Nilo Peçanha iniciou sua história de sucesso graças a profissionais que por ela passaram e se firmaram pela competência, marcando sua presença através da dedicação, profissionalismo e comprometimento com a formação profissional.

O professor Everton deu ênfase à cultura educacional profissionalizante dizendo que a sociedade caxiense reconhece a importância da EEP SENAI Nilo Peçanha e sua relação com as indústrias. Ele enfatizou a atuação dos docentes como profissionais comprometidos com a instituição, com alunos e indústrias, sendo pessoas conscientes de que o conhecimento é fundamental na vida profissional de um cidadão e concluiu dizendo: “não é por acaso que as estatísticas revelam que sessenta por cento dos empresários das indústrias de Caxias passaram por uma escola SENAI, um número muito expressivo, que revela a importância do SENAI em Caxias do Sul”. (Informação verbal) ³⁸.

Nas palavras do referido professor, atualmente coordenador de cursos na EEP SENAI Nilo Peçanha, são apresentadas situações que remetem ao passado desta escola e sua relação com o desenvolvimento da cidade de Caxias do Sul, onde podemos perceber o reconhecimento de um profissional da indústria desta cidade, que exerceu diversos cargos relacionados à área do curso realizado na Escola e voltou para ela atuando como colaborador, fazendo parte de seu quadro funcional.

Percebi nestes relatos, a emoção de um profissional que, após ter desenvolvido uma trajetória de muitos anos de trabalho expressa seu reconhecimento pela oportunidade de ter sua iniciação profissional, atribuindo seu

³⁸ Informações obtidas a partir da gravação em áudio da aula inicial do curso de Mecânico de Usinagem, na modalidade de Aprendizagem Industrial, ocorrida em julho de 2013, no auditório da EEP SENAI Nilo Peçanha, ministrada pelo Prof. Everton Luchesi, aos alunos do referido curso.

êxito profissional à possibilidade de ingresso no mercado de trabalho por meio da formação profissional, evidenciando a importante contribuição da EEP SENAI Nilo Peçanha na sua vida, especialmente no período de sua juventude, fato que reforça a ideia do princípio educativo do trabalho como possibilidade de conhecimento técnico, profissional e de formação humana.

3.3 OS CURSOS DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL

A modalidade de Aprendizagem Industrial representa o maior número de alunos da EEP SENAI Nilo Peçanha, em cursos de longa duração. São cursos desenvolvidos em meio turno, pela manhã ou à tarde, com duração entre um ano e meio a dois, com cargas horárias de 1200 a 1600 horas. O público desta modalidade é determinado pela legislação vigente, através da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), conforme itens que se referem ao contrato de aprendizagem industrial, de acordo com o Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943; Lei 10097, de 19 de dezembro de 2000; Decreto nº 5.598, de 1º de dezembro de 2005, e pelas necessidades de conhecimentos gerais, específicas do curso oferecido. Para maioria dos cursos ofertados é necessário ter completado o sétimo ano do ensino fundamental e ter entre 14 e 24 anos de idade, atendendo a Lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005.

A Escola desenvolve suas atividades para o atendimento das necessidades de formação profissional das indústrias de Caxias do Sul e região, sendo necessária, para a inscrição nos cursos de Aprendizagem Industrial, uma apresentação formal, encaminhada por Carta de Apresentação de Aprendiziz³⁹, pela empresa que firmará contrato de vínculo empregatício com o aprendiz. Esta empresa terá o aluno em seu quadro funcional, respeitando em seus direitos trabalhistas, porém este funcionário-aprendiz fica sob a responsabilidade da Escola, que seguirá a carga horária estabelecida pelo contrato de trabalho, informando o andamento das atividades, assiduidade, pontualidade, e outros aspectos da vida escolar do aluno, junto ao Departamento de Recursos Humanos da empresa contratante.

³⁹ Modelo de carta para empresas que desejam encaminhar candidatos para os cursos de aprendizagem e mantê-los como cotista durante dois anos.

O aluno tem a garantia de seus direitos trabalhistas pela legislação vigente, através da CLT, (Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio, de 1943), tendo como benefícios o direito ao equivalente a 50% do Salário Mínimo Nacional, vale transporte, 13º salário, depósitos de Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), sendo também contribuinte do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), com seu tempo de curso contando como tempo de serviço, para fins de direitos trabalhistas, entre eles, a aposentadoria. O aprendiz passa pelo processo normal de admissão, apresentação e integração nas empresas contratantes, sendo necessária a expedição de documentos como a Cédula de Identidade ou Registro Geral (RG), Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), Cadastro de Pessoa Física (CPF), Cartão Vale Transporte, Crachá e Contrato de Aprendiz, onde os responsáveis devem assinar pelos contratados de menoridade.

Ele também tem o dever de seguir os requisitos do Regulamento Interno para Alunos do SENAI, sob pena de desligamento do Curso de Aprendizagem, com extinção do contrato de aprendiz nos casos de desempenho insuficiente ou não adaptação do aprendiz, falta disciplinar grave ou a ausência injustificada à escola que implique perda do ano letivo, conforme o Artigo 433, da Lei 10097, de 19 de dezembro de 2000. As empresas devem admitir por contrato de aprendizagem, matriculando nos cursos dos Serviços Nacionais de Aprendizagem, um número de aprendizes equivalente a cinco por cento, no mínimo, e quinze por cento, no máximo, dos trabalhadores existentes em cada estabelecimento, cujas funções demandem formação profissional, de acordo com o Artigo 429, da mesma lei.

Atualmente não são realizados testes de seleção aos candidatos, sendo disponibilizadas vagas por ordem de chegada aos que possuem a carta de apresentação fornecida pelas empresas. É dada a preferência ao ingresso dos candidatos com idade mínima de 16 anos para os cursos destinados aos empregos em profissões que exijam maioridade, de acordo com a legislação trabalhista vigente, como os cursos da área da Usinagem, Eletricidade, Impressão Gráfica e Manutenção Mecânica.

Foi nesta modalidade que ingressei no SENAI, no ano de 1982, quando foram realizados testes de seleção muito disputados pelos jovens da época, pois a legislação, nos anos oitenta e noventa, só permitia a aprendizagem para menores entre 14 e 18 anos, de acordo com a CLT. Este limite de idade foi modificado

posteriormente em 2000, quando se estendeu a idade do contrato para 24 anos (Art. 428 da Lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005).

A minha opção foi pelo curso de Torneiro Mecânico, que envolve diversas áreas do conhecimento técnico como: Desenho Mecânico, Cálculo Técnico, Metrologia, Tecnologia Mecânica, entre outras. Fui influenciado pelo meu pai, que foi profissional da área. O curso de Torneiro Mecânico foi um dos cursos instalados no início das atividades da EEP Nilo Peçanha e se mantém até os dias atuais, inserido na área de Usinagem. As provas de seleção incluíam conhecimentos de matemática, português e habilidades no uso de ferramentas manuais, como alicates, para dobras de arames. Estas provas de seleção foram extintas no ano de 2009, quando a direção regional do SENAI do Rio Grande do Sul, dispensou a seleção de alunos, para oferecer os cursos aos indicados pelas empresas, ficando sob a responsabilidade destas a seleção dos mesmos. As provas de seleção para ingresso foram aplicadas até o ano de 2009.

Muitas pessoas que frequentaram a escola comentam quanto ao grau de exigência destes testes, da rigorosidade da seleção, da satisfação pela aprovação e da oportunidade de ingresso na EEP SENAI Nilo Peçanha, como é o caso do senador Paulo Paim, representante do estado do Rio Grande do Sul, no Senado Brasileiro:

Desde logo aprendi que sonhos deveriam vir acompanhados de força de vontade e muita luta. E foi assim que, desejoso de dar asas aos meus sonhos, resolvi disputar, aos doze anos, uma vaga num concurso para o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, em Caxias do Sul, onde morava. Como o resultado demorava um pouco a chegar e eu precisava trabalhar, fui para Porto Alegre com a intenção de trabalhar na feira livre de um primo meu, onde vendia frutas, legumes e verduras. Estando lá há seis meses, num dia que jamais me esquecerei, de repente avisto a figura do meu pai, que vinha me buscar. Eu, com meus doze anos, criança tendo que ser adulto, olhei para meu pai e fui em sua direção cheio de uma saudade que invadia de todo o meu peito. Mas, minha alegria só fez aumentar quando ele me disse: “Filho, vim te buscar porque você passou no concurso do SENAI.” Meu Deus, eu ia para casa, poderia abraçar minha mãe, queria rir e chorar no seu colo. Poderia voltar a conviver com meus 10 irmãos e rever meus amigos de infância, e, além disso, eu iria aprender uma profissão! Senti que ali a minha vida começava a mudar. (BRASIL, 2009, p. 5).

Os testes de seleção, foram aplicados aos candidatos aos cursos de aprendizagem do SENAI desde sua implantação, pois os perfis de entrada dos

alunos da década de 40, não condiziam com a necessidade da instituição para a formação profissional, como lembra Dominschek ao citar Weinstein:

Weinstein aponta que houve um estudo feito no SENAI para definir o perfil da média de seus aprendizes. O psicólogo responsável por este estudo concluiu que o aluno do SENAI não poderia ser considerado um adolescente comum, porém, ponto de convergência de influências deformativas da personalidade: falta de assistência familiar, trabalho desinteressante, má habitação e alimentação, ambientes inadequados, longo convívio com adultos mal-educados, precocidade de responsabilidades, etc.. (DOMINSCHEK, 2011, p. 200).

A autora aponta para a escolha e direcionamento dos candidatos nos cursos de aprendizagem industrial, onde um departamento responsável pela Seleção e Orientação Profissional usava esses testes como uma avaliação inicial do candidato, não apenas para verificar se o mesmo possuía as condições físicas e formação escolar necessária, mas também “para descobrir se as reais aptidões do aprendiz o qualificavam para outro ofício que não fosse o que tivesse escolhido para aprender e, se fosse o caso, encaminhavam o pequeno aprendiz para o curso mais adequado.” (DOMINSCHEK, 2011, p. 201). Também, segundo Dominschek (2011), estes testes tiveram um sucesso relativo, pois os dirigentes do SENAI muitas vezes comentavam a tendência que os alunos tinham de se concentrar nos cursos que tinham uma maior oferta de mercado, como era o caso do curso de Torneiro Mecânico, mesmo quando considerados habilitados para ofícios que ofereciam melhores oportunidades de emprego.

Ao ingressar no SENAI na condição de aprendiz encontrei uma proposta inovadora, um método de ensino diferenciado de tudo o que havia vivenciado noutras escolas, o Método de Ensino Individualizado⁴⁰, que teve seu início no ano de 1982 e foi extinto em 1992. Através deste método fui me habituando a uma cultura de pesquisas, leituras e execução de atividades, de forma autônoma, pois fui orientado pelos instrutores, através de cronogramas de disciplinas, com respeito ao

⁴⁰ Metodologia de ensino da prática profissional utilizando as chamadas Séries Metódicas de Oficina (SMO), que eram constituídas por Folhas de Tarefa indicando ao aluno o que fazer; de Folhas de Operação, como fazer e Folhas de Informações Tecnológicas, com que fazer. Os alunos, após estudo das unidades de instrução, em grupo ou individualmente, sob a direção do instrutor e em sessões de estudo dirigido, elaboravam o Roteiro de Trabalho, para a execução de suas tarefas nas oficinas. Foram instaladas, anexas às oficinas, salas de Preparação do Trabalho de Oficina e adotou-se a técnica da Instrução Individual com o desenvolvimento progressivo da iniciativa, do senso de responsabilidade e da criatividade dos alunos.

tempo de aprendizado para o cumprimento das etapas previstas nos programas de cursos, de acordo com o exposto pelo Centro de Memória do SENAI do Estado do Paraná:

Na busca do aperfeiçoamento de uma metodologia e procurando atender de forma mais racional às necessidades das empresas e às características individuais dos alunos foi utilizado o Ensino Individualizado durante a realização do estudo de tarefa. É de se notar que a instrução individual já vinha sendo adotada para a prática profissional mediante a utilização das "folhas de instrução" (tarefa, operações e informações tecnológicas). O que caracterizou a melhoria da metodologia foi a globalização do ensino de oficina com o das disciplinas instrumentais, permitindo que o aluno condicionasse seu progresso na aprendizagem ao seu próprio ritmo, interesse e conhecimentos anteriormente adquiridos. (CENTRO DE MEMÓRIA FIEP, s.d., p. 1).

A flexibilidade de tempo era de um ano e meio a dois anos e meio, para respeitar o tempo do aprendizado de cada aluno, no meu caso, cumpri o tempo mínimo e fui o primeiro aluno da turma a ingressar no mercado de trabalho, tendo minha carteira profissional registrada com a profissão de Torneiro Mecânico⁴¹, ofício insalubre⁴², aos 16 anos de idade, situação possível pela legislação vigente na época (Decreto-Lei nº 229, de 28 de fevereiro de 1967).

O Método de Ensino Individualizado do SENAI foi muito importante para a minha educação, pois me colocou numa postura diferenciada em relação à busca pelo conhecimento e a sua relação com as atividades práticas que executei em oficina mecânica. Os instrutores utilizavam gráficos, em quadros de madeira, que eram preenchidos com alfinetes de cabeça colorida de acordo com a realização das atividades propostas, seguindo uma avaliação pelos conceitos: "Regular", quando o resultado era inferior a 80% de aproveitamento, sinalizado por um alfinete vermelho, "Bom", quando de 80 a 90%, em verde e "Ótimo", de 90 a 100%, sinalizado em azul. Assim, pude ver a realização das atividades da turma e os resultados da avaliação.

Os alunos portavam suas fichas de avaliação, que também eram representadas por gráficos, onde, de acordo com as atividades realizadas em áreas específicas, como Matemática, Metrologia, Leitura e Interpretação de Desenho

⁴¹ Profissão destinada à confecção de componentes mecânicos, a partir de materiais, geralmente metálicos, usinados por movimento de revolução, através de ferramentas de corte, em Torno Mecânico.

⁴² Exercício de atividades ou operações, que por sua natureza, condições ou métodos de trabalho fiquem expostos a agentes nocivos à saúde, acima dos limites de tolerância fixados em razão da natureza e da intensidade do agente e do tempo de exposição aos seus efeitos.

Mecânico, Tecnologia Mecânica, Cálculo Técnico Aplicado, Higiene e Segurança no Trabalho e Execução de Tarefas de Oficina, eram formadas linhas pela união de pontos, dispostos em três níveis, de acordo com os conceitos citados, compondo uma espécie de gráfico do desenvolvimento das atividades do curso, que só podiam ser registradas pelos professores. Nestes relatos reflito sobre a minha própria identidade em formação, o que me traz à memória as palavras de Ecléa Bosi, em seu questionamento, também reflexivo:

O movimento de recuperação da memória nas ciências humanas será moda acadêmica ou tem origem mais profunda com o a necessidade de enraizamento? Do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade. (BOSI, 2003. p.16).

As empresas dos alunos eram informadas mensalmente sobre os resultados da avaliação, através de um boletim, que tínhamos que levar até os setores de Recursos Humanos, das mesmas. Neste boletim constavam os conceitos gerais de cada área, número de horas, faltas ou de atrasos e, itens referentes à conduta do aluno como interesse, empenho, relacionamento com colegas e funcionários, etc.

No caso da empresa, na qual fui cotista, a Eberle S.A., o pagamento do salário era realizado através de contracheque e o recebimento do dinheiro ocorria num posto bancário situado nas dependências da empresa. Porém, só era possível receber o salário de cotista mediante uma conversa com um funcionário responsável pelo acompanhamento dos aprendizes da empresa. Nestes encontros mensais contávamos as nossas experiências na realização das atividades e éramos conhecidos pelas pessoas que, posteriormente, no término do curso, nos direcionavam para os postos de trabalho.

A legislação dos anos oitenta previa que o aprendiz recebesse meio salário mínimo na primeira metade do curso e dois terços na segunda metade, de acordo com o Artigo 80 do Decreto-Lei nº 229, de 28.2.1967, assim, passar para o segundo ano, no meu caso foi uma só uma questão temporal, pois o curso não tinha divisões por anos ou séries. As empresas exigiam uma espécie de estágio, uma inserção em suas atividades, pelo período mínimo de um mês e máximo de dois, situação que ocorria durante as férias de verão do Centro de Formação Profissional SENAI Nilo Peçanha.

Nesta experiência profissional a carga horária diária era de nove horas e trinta e cinco minutos, de acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho, em vigor na época, alterada posteriormente pela Constituição Federal de 1988, que reduziu a duração da jornada de trabalho, de 48 para 44 horas semanais. O trabalho era de rotina da área que o aluno estudava e tivemos a oportunidade de conhecer a realidade das empresas da época. Nos anos oitenta, muitas empresas convidavam seus aprendizes para assumirem postos de trabalho em meio turno e assim muitos alunos passaram a frequentar o ensino regular no turno da noite, pois a maioria do pessoal cursava o Ensino Médio, Segundo Grau na época, passando a ter atividades nos três turnos. Os estudantes da escola regular trocavam seus turnos de aula da manhã para a noite, passando a trabalhar nas empresas pela manhã e frequentando os cursos do SENAI à tarde.

Atualmente esta situação não é mais comum, devido às mudanças na legislação trabalhista, que impedem o menor de 16 anos a trabalhar, de acordo com o Artigo 403 da Lei 10097, de 19/12/2000, e o menor de 18 anos, a ocupar postos considerados insalubres, conforme Portaria nº 88, de 28 de abril de 2009, do Ministério do Trabalho e Emprego, além da lei do aprendiz deixar claro que os aprendizes não têm o dever de trabalhar nas empresas que ofereçam cotas, em turno oposto ao do curso realizado no SENAI, ou dentro de suas próprias escolas (Art. 432 do Decreto-Lei 10097, de 19/12/2000). Tal situação provocou uma mudança muito significativa na faixa etária dos alunos que frequentam a Escola, pois, embora a legislação permita a idade de 14 a 24 anos para o ingresso, naturalmente a Escola não pode admitir essa entrada antes dos 16 anos para os cursos de dois anos e que estejam dentro da condição de insalubridade, sob pena do aprendiz não conseguir emprego e não desenvolver suas aprendizagens no mercado de trabalho, fato que desviaria o objetivo da educação profissional.

A instalação de escolas profissionalizantes vem se disseminando em Caxias do Sul, atualmente muitas empresas estão instalando suas próprias escolas de educação profissional, voltadas aos cursos de aprendizagem industrial. Na maioria dos casos, elas são construídas dentro da própria área do parque fabril. Estas escolas surgem do interesse das empresas em constituírem um quadro funcional

com formação dentro de suas necessidades de trabalho, dentro da *cultura empresarial*⁴³, com o aproveitamento de incentivos fiscais da atual legislação.

Muitas mudanças ocorreram nos cursos de Aprendizagem desde que ingressei no SENAI, em 1982, hoje o aprendiz já não tem salários diferenciados do primeiro para o segundo ano de curso, sendo as empresas obrigadas a manter o valor correspondente a meio salário mínimo nacional, durante todas as fases de realização dos cursos (Art. 428, da CLT e Art. 17, do Decreto nº 5.598 de 01/12/2005). A experiência de trabalho durante o período das férias escolares também foi extinta, especialmente para as funções que exigem maioridade. Poucos são os alunos convidados a trabalhar neste período, dentro de postos de trabalho relacionados com o curso realizado.

No período entre 1982 a 1992, tivemos mudanças no sistema de avaliação, em meados da década de oitenta, foram acrescentadas as “Provas de Bloco”, onde os alunos desenvolvendo as atividades propostas dentro de uma divisão do plano do curso prestavam exames para habilitarem-se às próximas fases, sendo divididos os cursos em cinco etapas. As avaliações previam as provas principais e mais duas provas de recuperação, caso os alunos não obtivessem o nível mínimo de 80% de aproveitamento.

Estes ajustes não implicaram na mudança do Método de Ensino Individualizado, pois o mesmo respeitava as capacidades e as limitações de cada aluno, oportunizando o respeito às características de aprendizado de cada aluno, atendendo as necessidades do mercado de trabalho, conforme o Centro de Memória da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP):

Atendendo às necessidades do mercado, o SENAI adotou o Sistema Modular na Formação Profissional, que se caracterizava pelo ensino individualizado, utilizando material auto-instrucional. Por meio dessa metodologia procurava-se contemplar a individualização, pelo respeito ao ritmo próprio de aprendizagem do aluno; a autoinstrução, que favorecia a individualização, uma vez que o aluno dispunha, no material instrucional, de todas as informações necessárias ao aprendizado que estava realizando; e a personalização, pela flexibilidade dos itinerários de Formação Profissional, que permitia ao aluno escolher seu próprio caminho ocupacional. (CENTRO DE MEMÓRIA FIEP, s.d., p 1).

⁴³ De acordo com Infopédia (2003 – 2013), a cultura empresarial pode ser entendida como um conjunto dos valores, dos símbolos e sinais partilhados pelos membros de uma empresa e que marcam os seus comportamentos e as suas atitudes. Sobre ela agem tanto variáveis culturais externas como particularidades de cada empresa. É um conceito que se vulgarizou a partir de 1981, com a publicação de várias obras americanas relativas à excelência da gestão de certas empresas.

Em meio a estas mudanças, no final da década de oitenta, foram desenvolvidos treinamentos de curta duração voltados ao ensino para o trabalho, como o curso *TWI – Ensino Correto de um Trabalho*⁴⁴, que foi dividido em quatro fases. Na primeira, “Instrução de Trabalho”, foi etapa destinada ao treinamento rápido de trabalhadores inexperientes. Os instrutores foram orientados a dividir trabalhos em etapas bem definidas, com os pontos-chave, em seguida, assistir a tentativa do estudante auxiliando na análise de suas ações. O curso popularizou a crença: “Se o aluno não aprendeu, o instrutor não ensinou”.

Na segunda fase, “Melhoramento de Métodos de Trabalho”, o ensino foi voltado para eficiência de postos de trabalho e na sugestão de melhorias em seu método, sugerindo a análise de cada passo através de perguntas incisivas, buscando melhorias contínuas na segurança, qualidade, produtividade e custos, padronizando o novo método.

A terceira fase, “Relações de Trabalho”, mostrou aos instrutores os conhecimentos utilizados por supervisores para lidar com os trabalhadores de forma eficaz e justa. Ele enfatizou a lição: “As pessoas devem ser tratadas como indivíduos”. A quarta fase, “Programa de Desenvolvimento”, tratou do desenvolvimento intelectual, como ajuda na organização para a resolução de problemas de produção, através da formação.

No início dos anos noventa o Brasil passou por uma forte crise financeira, com elevadas taxas de juros e grande desvalorização de sua moeda, sendo esta trocada de nome algumas vezes. Na região de Caxias do Sul, várias empresas tiveram redução de quadro funcional, fato que se refletiu também na EEP Nilo Peçanha.

Entre os anos de 1989 e 1991 eu exercia o cargo de Coordenador de Cursos, na área da Usinagem, em três turnos, com horários intercalados; com a crise o SENAI-RS demitiu um grande número de funcionários e mudou seu Plano de

⁴⁴ De acordo com Donald (2005), o Training Within Industry (TWI) foi criado pelo Departamento de Guerra dos Estados Unidos, utilizado entre 1940 e 1945, com o objetivo de fornecer serviços de consultoria para as indústrias relacionadas com a guerra cujo pessoal estava sendo recrutado para o Exército dos EUA. Diante da falta de pessoal qualificado, num momento de grande necessidade de produção industrial tornavam-se necessários melhores métodos de treinamento profissional. Até o final da Segunda Guerra Mundial, mais de 1,6 milhões de trabalhadores em mais de 16.500 plantas fabris receberam certificação.

Cargos e Salários, reduzindo diversas funções administrativas. Foram demitidos 18 funcionários num só dia na EEP SENAI Nilo Peçanha, reduzidos quatro cargos de confiança de coordenação, reduzido o número de alunos, vários instrutores foram demitidos e perdi o cargo de Coordenador, voltando à atuação docente, como instrutor.

Em 1992, os cursos do Método Individualizado, não se sustentaram dentro de uma boa relação de custo e benefício diante das dificuldades financeiras. Mudanças no comportamento do público adolescente em relação ao comprometimento com as atividades de aprendizagem levaram alguns alunos ao tempo de três anos de curso, na modalidade de Aprendizagem Industrial. Um problema encontrado foi o elevado índice de faltas e atrasos, visto que tal comportamento não interferia no desenvolvimento das atividades. A escola seguiu as determinações do Departamento Regional do SENAI-RS, mudando neste ano para o Método Socializado, que é utilizado até os dias atuais.

Após a troca dos métodos de ensino diversas mudanças ocorreram. Inicialmente o tempo de duração dos cursos de aprendizagem foi restabelecido para dois anos, o que já ocorria antes da implantação do Método Individualizado, o material didático, que era elaborado por profissionais com formação pedagógica, no Departamento Nacional - DN e nos Regionais - DRs, deixou de ser responsabilidade dos mesmos, passando esta incumbência para as escolas. Muitas mudanças ocorreram nos ambientes da escola, pois as salas de aula dos anos oitenta mais se pareciam com bibliotecas, contendo exemplares de livros e apostilas relacionados aos cursos realizados, distribuídos numa grande quantidade de armários e balcões, que ocupavam todas as paredes do ambiente das salas.

Nesta nova fase, a Escola deixa de emprestar os livros e passa à transmissão do conhecimento de forma tradicional, através de aulas expositivas, causando certa instabilidade aos seus instrutores, pois a pesquisa passa a ser direcionada ao grande grupo e, no Centro de Formação Profissional SENAI Nilo Peçanha, a quantidade de material didático disponível era pequena para o grande grupo estudar simultaneamente. A Escola não possuía uma biblioteca, não tínhamos computadores, nem *Internet*, fatores que levaram a uma visão mais conteudista na parte teórica dos cursos, com as informações passadas no quadro e copiadas pelos alunos em seus cadernos. Este fato desanimou aos instrutores, pelo receio de uma espécie de regressão didática e pedagógica, em relação ao Método Individualizado,

pois, já haviam realizados diversos cursos na área pedagógica, entre eles o chamado FAI – Formação e Aperfeiçoamento de Instrutores⁴⁵, onde haviam sido abordadas diversas as vantagens do Método de Ensino Individualizado sobre o método anterior, chamado na época de Método Tradicional.

Conforme SENAI/DN (1984), o Método de Ensino Individualizado apresenta muitas vantagens, como o interesse centrado no aluno, não havendo preocupação maior com um tempo determinado e rígido para cumprir um programa, mas, com a atenção voltada para aprendizagem. O tempo é variável, onde uns completam sua aprendizagem antes que outros. A aquisição do conhecimento é constante, pois tendo a oportunidade de reestudar qualquer assunto que ainda não domine, cada aluno desenvolve sua aprendizagem de maneira particular.

O aluno tende a manter uma atitude ativa quando lê, pesquisa, descobre, questiona, executa e pode avançar ou não, dependendo do seu domínio em cada área. O instrutor, ao orientar seus alunos a sanar suas deficiências pelo reestudo mediante pesquisas, incentivava as descobertas, transformando-se no facilitador da aprendizagem, com maior entrosamento promovido pelo diálogo e interação entre ambos. Ocorre o atendimento individual, não havendo aula coletiva com um tema único para explanar a todos os alunos ao mesmo tempo. Os cursos têm flexibilidade em toda a sua estrutura básica, permitindo a utilização em qualquer região do país e em diferentes ocupações. Ocorre o incentivo a promoção do desenvolvimento pessoal dos alunos pela leitura, pesquisa, planejamento, execução de tarefas, onde o aluno mantém uma atitude ativa, de forma gradual, alcançando seu desenvolvimento individual, tornando-se o promotor de seu aperfeiçoamento.

No Método Individualizado, de acordo com SENAI/DN (1984), a aprendizagem é considerada mais eficiente e completa, com o respeito às diferenças individuais. A aprendizagem do aluno em seu ritmo e de acordo com suas capacidades pessoais, tanto no estudo teórico, quanto na prática, permite que somente aqueles alunos que alcançarem o domínio necessário sobre um assunto, possam prosseguir com outros assuntos. Outro aspecto enfatizado foi a promoção da iniciativa, criatividade e capacidade de julgamento, onde o aluno que planeja o

⁴⁵ O curso de Formação e Aperfeiçoamento de Instrutores – FAI foi realizado em duas etapas, uma de forma presencial, com duração de 80 horas, no Departamento Regional do SENAI-RS, em Porto Alegre e outra a distância, no período de um ano, com apoio dos coordenadores, nas escolas. Foi um curso voltado para diversas áreas como comunicação e expressão, matemática, ciências humanas, com o foco principal em psicologia e pedagogia.

seu trabalho e executa o seu planejamento, verificava o seu progresso e quais as deficiências que terá de sanar, desenvolvendo sua personalidade nos aspectos relacionados à iniciativa, à criatividade e a capacidade de julgamento, condições indispensáveis para um profissional. Como não haviam períodos previamente fixados para começar e concluir o curso, o aluno ingressava no Centro de Formação Profissional quando a vaga era disponibilizada, lá permanecendo até completar a aprendizagem, de acordo com seu ritmo e sua capacidade.

Também de acordo com SENAI/DN (1984), as informações necessárias ao estudo de uma ocupação são fornecidas ao aluno no material didático específico do SENAI-DN, proporcionando maior unidade ao ensino, com alunos de qualquer região tendo acesso às mesmas informações que outros alunos do mesmo curso, em outras regiões. Pela oportunidade do aluno poder completar seu curso em qualquer época do ano, as indústrias teriam suas solicitações atendidas, regularmente, ao longo do ano. Neste método a elevação do nível de conhecimento do docente é promovida pelo desempenho do papel de facilitador da aprendizagem, mantendo o diálogo constante com os alunos, sentindo a necessidade de elevar seu nível de conhecimento, atualizando-se constantemente, a fim de satisfazer os questionamentos naturais, oriundos da exigência de seus alunos.

Segundo SENAI/DN (1984), a instrução individualizada proporciona uma redução de investimentos, pois, o aluno desenvolve a tarefa em seu próprio ritmo onde dificilmente vários alunos estariam na mesma tarefa, por tanto, não sendo necessária a mesma quantidade de materiais e de equipamentos, o que possibilita uma redução de investimentos, a partir da diversificação das atividades realizadas pelos alunos. Também de acordo com SENAI/DN, o Ensino Tradicional, traz algumas desvantagens:

Tem programa a cumprir como centro de interesse, dele não se podendo fugir, com as aulas coletivas, onde todos recebem a mesma informação, ao mesmo tempo, sendo a aprendizagem variável onde uns aprendem, alcançando bom resultado, outros obtêm resultado insuficiente, necessitando seguir com o grupo para o tema seguinte.
O professor é a autoridade maior sobre o assunto, vindo dele todas as informações e os alunos ficam passivos, recebendo estas informações.
O relacionamento é formal, há certa distância entre o aluno e o professor que, tendo o conhecimento de um assunto que transmite, não tem grande preocupação com a aprendizagem de cada aluno, que, na maioria das vezes, não se manifesta, nem mesmo para tirar dúvidas. (SENAI/DN, 1984, p. 9).

Após a fase inicial de adaptação ocorreu a implantação dos chamados Planos de Aula, com folhas padronizadas, normalizadas pelo Departamento Regional-RS, onde os conteúdos expostos em sala de aula deveriam ser rigorosamente descritos nestes planos, aula por aula, numa espécie de organização, que era refletida pelo caderno do aluno. Estes conteúdos deveriam ser manuscritos, não podendo ser impressos de outra forma, garantindo assim, a autoria da aula pelo docente que a ministrava. Os professores passaram a elaborar e utilizar documentos como: Plano de Aula, Plano de Quadro de Giz, Plano de Demonstração das Operações Práticas, além do Controle de Frequência e das Fichas de Avaliação. A avaliação no início do Método Socializado passou a ser bimestral com notas de zero a cem, com nível mínimo de aproveitamento em 80%, prevendo média de todas as atividades desenvolvidas, com possibilidade de duas recuperações em todas elas.

O temor dos instrutores quanto ao Ensino Tradicional não se transformou em realidade pois, a ação nos cursos da EEP SENAI Nilo Peçanha foi baseada em planos de aula que dividiam o conhecimento em etapas classificadas como: “Conhecer, Saber e Ser Capaz”, que levavam o aluno ao fazer, colocando seus conhecimentos e habilidades em ação, para construir suas tarefas práticas em oficinas e laboratórios. Neste aspecto foram disponibilizados cursos aos instrutores com o foco na demonstração das operações desenvolvidas em máquinas, como o curso: “Técnica da Demonstração” de 1995, que tratou do conceito, tipos, quando e como fazer, etapas, importância e preparação dos planos para demonstração.

A partir de 2001, houve a implantação da Metodologia por Competências, focadas no desenvolvimento de competências pessoais e técnicas, voltadas para a profissionalização. Ocorreram mudanças significativas no planejamento e execução das aulas, tendo em vista a ideia de autonomia do aluno, com o princípio de incentivo pela busca do conhecimento e incentivo à pesquisa. O curso de Torneiro Mecânico, da EEP SENAI Nilo Peçanha teve uma das turmas iniciais desta metodologia, como turma piloto, para implantação nas demais escolas do estado. Através do ensino por competências, foram evidenciadas características individuais dos alunos, como as qualidades pessoais, capacidades intelectuais e habilidades motoras, dentro da concepção de mobilização dos conhecimentos e habilidades para a resolução de situações problematizadas, envolvendo ações que simulam atividades desenvolvidas nas indústrias, nos ofícios aos quais os cursos se destinam a preparação, pois, de acordo com o Centro de Memória da FIEP,

Competência é a mobilização de conhecimentos, habilidades e atitudes necessários ao desempenho de atividades ou funções típicas segundo padrões de qualidade e produtividade requeridos pela natureza do trabalho. O SENAI está adotando o enfoque por competências procurando maior articulação entre o mundo da educação e do trabalho, ditada pelo novo paradigma da sociedade do conhecimento. (CENTRO DE MEMÓRIA FIEP, s.d., p. 1).

Esta novidade foi possibilitada pelas tecnologias da informação e comunicação, com o uso da *Internet* e a implantação de redes de computadores na escola, além da organização do setor da Biblioteca, que até então não existia. O ensino por competências envolve o planejamento de situações propostas pelos instrutores. O trabalho inicia com aulas tradicionais, de forma expositiva e em poucos meses migra para a busca pela autonomia do aluno, através de um incentivo à mudança de postura e conduta dos alunos, em relação ao conhecimento, provocando a busca do mesmo.

De acordo com SENAI/DN, a mudança foi provocada por diversos fatores:

As novas concepções demandadas pela moderna gestão empresarial, as necessidades criadas pela explosão tecnológica, o novo enfoque dado ao conhecimento que, hoje, é considerado um instrumento gerador de competitividades e produtividade organizacional, têm alterado de forma significativa o contexto do processo de trabalho, repercutindo diretamente no mundo da educação, especialmente na educação profissional que, nos últimos anos, tem sido objeto de discussão voltada para a análise e a avaliação de sua estrutura e funcionamento. (SENAI/DN, 2009, p. 13).

A avaliação através de competências busca o atendimento das propostas estabelecidas pelo plano de curso. Este é elaborado por um comitê técnico setorial, composto por diversas esferas do mundo do trabalho e da educação, como representantes de empresas que atuam na área do curso, instrutores, coordenadores e diretores de escolas do SENAI, representantes dos sindicatos, tanto patronal, quanto dos trabalhadores da área, Secretaria Municipal da Educação (SMED), coordenadores de cursos de instituições que promovem o desenvolvimento de ciência e tecnologia, como a Universidade de Caxias do Sul (UCS), entre outros.

A avaliação busca a mobilização de conhecimentos e habilidades para a realização de tarefas do mundo do trabalho, tanto de forma intelectual quanto manual, baseada em conceitos que envolvem o êxito destas ações, com resultados

finais de atendimento ou não das propostas apresentadas aos aprendizes, buscando o alinhamento com a legislação da educação vigente:

[...] Além disso, busca-se a ampliação das oportunidades de inserção profissional do trabalhador, através da preparação para perfis mais abrangentes bem como a renovação do processo de ensino e aprendizagem e o reconhecimento e validação de competência, independente da forma como foram adquiridas, para atendimento das disposições legais, dispostas na Lei de Diretrizes e Bases - LDB, de 1996. (CENTRO DE MEMÓRIA FIEP, s.d., p. 1).

Os estudantes são desafiados pela resolução de situações propostas, que envolvem o fazer, sendo que não existe nenhum tipo de classificação por nota, ou comparação, apenas a busca pela competência do fazer, alicerçada em todas as ações de preparação para este fazer. No final de unidades curriculares e de competências, que não podem ter duração superior a seis meses, a avaliação dos alunos é expressa nos conceitos “A”, quando atingidas ou “NA”, quando não atingidas, considerando a reprovação. Durante todo o processo são oferecidas recuperações para promover as competências, de forma a auxiliar os aprendizes em suas dificuldades, estas recuperações ocorrem concomitantemente com as atividades do curso e podem ser feitas de diversas maneiras, quando o instrutor percebe aspectos a serem trabalhados para o auxílio ao desenvolvimento do aluno. Assim, trabalhar na perspectiva da Pedagogia de Competências nos remete para a adoção de uma prática pedagógica que:

Privilegia metodologias ativas centradas no sujeito que aprende, a partir de ações desencadeadas por desafios, problemas e projetos; Desloca o foco do trabalho educacional do “ensinar” para o “aprender”, do que vai ser ensinado para o que é preciso aprender no mundo contemporâneo e futuro; Valoriza o docente no papel de facilitador e mediador do processo de aprendizagem; Visa formar alunos com autonomia, iniciativa, pró-atividade, capazes de solucionar problemas, alcançar a metacognição, realizar auto-avaliação e por consequência, conduzir sua auto-formação e aperfeiçoamento; Enfatiza a importância do planejamento sistemático das atividades pedagógicas pelos docentes em termos de atividades e projetos para o exercício das competências pretendidas, bem como do processo de avaliação. (SENAI/DN, 2009, p. 14).

A proposta de ensino por competências causa muito estranhamento nos aprendizes ao ingressarem na escola, pois estão acostumados com as notas e todas as negociações feitas sobre estas. O início do curso é um período de adaptação e estranhamento, pois, para alguns é difícil aceitar que quando não realizam uma

tarefa, ficam na obrigação de fazê-la, ao passo que na educação regular, normalmente só perdem nota. São necessários alguns meses para mostrar aos aprendizes as suas responsabilidades e o papel delas no mundo profissional. Meses que orientam para a autonomia dentro dos cursos de aprendizagem, através de uma avaliação onde são contemplados aspectos fundamentais para a vida contemporânea, como sustentabilidade, racionalização de recursos utilizados, relacionamento humano, trabalho em equipe, legislação, empreendedorismo, etc., buscando a interdisciplinaridade, pois, de acordo com Paviani:

A organização das ciências e das disciplinas pressupõe distintas racionalidades científico-pedagógicas. Há nelas uma transversalidade entre o epistemológico e o pedagógico que se entrecruzam e definem horizontes e fronteiras entre as disciplinas. Daí o trabalho de mediação da interdisciplinaridade para encurtar o distanciamento entre os conhecimentos nos processos de pesquisa e de ensino. (PAVIANI, 2008, p. 18).

Os documentos e as práticas observadas indicam que, ao longo de sua história, a Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Peçanha, vem passando por mudanças para acompanhar o mercado de trabalho, porém, sempre manteve sua tradição na educação do ser humano, de forma plena, buscando não apenas a formação técnica, mas sim, a formação de pessoas, que como cidadãs, através do mundo do trabalho contribuem para a sociedade em que vivemos, sejam como colaboradoras ou proprietárias de empresas.

Um dos aspectos que chama a atenção dos aprendizes é o da intervenção da escola para uma mudança de postura daqueles alunos que não demonstram comprometimento com seu próprio desenvolvimento. Outro aspecto é o tratamento das questões de conduta, respeito e disciplina, que vão desde a apresentação pessoal até as questões de valores humanos que envolvem a racionalidade, a ética e a moral, no exercício do viver, que é um exercício exigente, de acordo com Bombassaro e Paviani (1997), já que o mesmo envolve uma tríplice dimensão: a crítica, visando os aspectos da inquietação e da vigilância; a ética, abordando as questões da autonomia e da responsabilidade e a prática, que envolve o empenho e a criatividade. Os autores comentam a racionalidade no viver:

É através desse viver, que se realiza a racionalidade, aqui entendida como indeclinável tarefa da humanidade que não pode ser abandonada. Racionalidade como a qualidade humana que se constitui no e pelo

exercício da razão. Razão compreendida como estruturação de capacidades humanas. (BOMBASSARO e PAVIANI, 1997, p. 291).

O avanço tecnológico provocou muitas mudanças, como a fusão de áreas, onde ocorreu a união de alguns cursos e a extinção de outros. Um exemplo disto foi a fusão entre algumas áreas de usinagem, onde anteriormente existiam os cursos de Torneiro, Fresador e Ajustador Mecânicos, atualmente existe o curso de Mecânico de Usinagem, que engloba as três áreas. Tal fato evidencia as palavras de Jayme Paviani:

O atual fenômeno do excesso de disciplinas possui uma evidente relação com os avanços científicos e tecnológicos e com a complexidade da vida contemporânea. O ponto de vista ontológico das concepções de realidade e as perspectivas da nova modalidade de entender o fenômeno do conhecimento e da linguagem humana produzem efeitos nas estratégias de formação de cidadãos e de profissionais e, conseqüentemente, na organização dos cursos e dos meios didáticos e pedagógicos. (PAVIANI, 2008, p. 27).

Alguns cursos foram extintos pelas demandas de mercado, como por exemplo, o de Ajustador Mecânico e o de Marceneiro, porém outros surgiram a partir de novas tecnologias, como a criação dos módulos de Eletrônica Analógica e Digital, em 1988, como um complemento do curso de Eletricista Industrial, com duração de 400 horas, evoluindo em 1992, para um curso de Aprendizagem, o Reparador de Circuitos Eletrônicos, de 1200 horas, e deste para curso de Qualificação Profissional de 2º Grau - Técnico em Eletrônica, em 1997, autorizado pelo Parecer nº 1.129/96, do Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (CEED/RS).

Este curso passou para Técnico de Nível Médio e em 2002, quando reestruturado para Metodologia de Competências. Ao adaptar o Curso Técnico, a escola trocou de nome, pois até então se chamava Centro de Formação Profissional SENAI Nilo Peçanha, com as exigências legais para a implantação do curso em nível de Ensino Médio, passou a chamar-se Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Peçanha, em 2002, através do Parecer nº 79/2002, do CEED/RS, em atendimento a legislação vigente, da época, atendendo a Resolução nº 4/99 do Conselho Nacional da Educação – Câmara de Educação Básica (CNE/CEB).

Esta mudança foi muito significativa na história da escola, pois a estrutura do curso técnico possibilitou que os demais cursos pudessem também fazer uso, especialmente os de Aprendizagem Industrial, pois as exigências levaram a

implantação de uma biblioteca e dos setores de Serviço de Orientação Escolar e Pedagógica. O quadro de funcionários foi modificado, sendo que houve a inserção de uma Secretária Escolar, duas Pedagogas para os serviços de Orientação Educacional e Pedagógica, uma Bibliotecária e a formação pedagógica de um ano e meio, em nível Superior, para todos os Instrutores envolvidos nas atividades de docência do curso técnico.

A Escola passou a ter outro *status*, diante da comunidade empresarial e de estudantes, pois a mudança de *formação para educação* ampliando os horizontes da profissionalização, na ideia de formação plena do ser humano, com a possibilidade da oferta de um curso Técnico de Nível Médio, ideal que sempre foi tradição nos cursos de Aprendizagem Industrial. A colaboração da equipe pedagógica tem um papel fundamental na melhor interpretação e orientação da educação como um todo, com o acompanhamento aos docentes e discentes desde o planejamento das atividades pedagógicas e acompanhamento da ação docente, até os eventuais problemas de dificuldades para atingir os objetivos dos processos de ensino e de aprendizagem. Iniciou-se o trabalho pedagógico dentro da escola, através de reuniões periódicas com o objetivo de tratar das ações e reflexões do cotidiano escolar, fazendo análises de documentos, planejamentos de aulas, avaliações, implicações legais do agir docentes, postura e conduta de docentes e discentes, etc.

O setor da Biblioteca provocou uma mudança da forma do trabalho docente, pois se abriu o espaço para a pesquisa, como uma importante ferramenta no ensinar a aprender. Os instrutores acompanharam todo o processo de implantação, composição do acervo e catalogação, arranjos físicos, etc. Atualmente a Biblioteca disponibiliza diversos tipos de mídias, como suporte, assinaturas de vários periódicos, tanto de áreas técnicas, quanto do conhecimento geral, além de computadores para acesso à *Internet*, recursos que muito auxiliam o trabalho docente.

A Biblioteca da Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Peçanha é supervisionada pelo Núcleo de Informações do Departamento Regional do SENAI-RS, que possui sede na Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul, com visitas periódicas dos técnicos deste núcleo, para constantes adaptações e atualizações. Outra ajuda importante foi o apoio da equipe pedagógica nas dificuldades enfrentadas por instrutores e alunos no processo de ensino e aprendizagem, ampliando o espaço para o diálogo, que sempre foi tradição na ação

educativa da escola, mas que, a partir da atuação pedagógica, elevou a qualidade e o profissionalismo na solução de problemas do cotidiano escolar. Por parte da secretaria, houve um trato diferenciado com a documentação escolar, pois, os documentos passaram a ser controlados com muito maior rigor, visando o atendimento às exigências do Ministério da Educação, além dos procedimentos da própria instituição.

A Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Peçanha, também acompanha a implantação de normas utilizadas pela indústria, como as da série ISO 9000, em suas diversas versões e atualizações, participa de programas como o Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade (PGQP), de competições nacionais e internacionais através das “Olimpíadas do Conhecimento” e do *WorldSkills Competition*, o Torneio Internacional de Formação Profissional, onde muitos de seus alunos já se destacaram pela excelência de seus resultados, nas esferas municipal, estadual, nacional e mundial.

A avaliação realizada na Escola não se restringe apenas aos alunos, mas a todos os serviços prestados, onde os alunos avaliam diretamente seus instrutores e todos os serviços que utilizam. Setores são avaliados pelos seus clientes internos e seus responsáveis, assim, a coordenação avalia os instrutores e estes os coordenadores, ocorrem ainda, avaliações do atendimento da secretaria, biblioteca, cantina, etc., além das avaliações feitas pelos setores de Supervisão Escolar e da Qualidade, do Departamento Regional, que aplica suas avaliações abrindo Procedimentos de Oportunidades de Melhorias, em todas as escolas do Estado do Rio Grande do Sul. Os procedimentos de funcionamento das escolas do Rio Grande do Sul estão padronizados e descritos nos Procedimentos Regionais ou Internos da Norma ISO 9001.

As indústrias da serra gaúcha já possuem o reconhecimento da qualidade de seus produtos e a Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul (CIC), buscou junto aos empresários de Caxias do Sul o atendimento às normas internacionais de qualidade, criando uma comissão para atender as novidades nesta área, no início da década de 90, segundo Herédia e Machado, nos relatos sobre as gestões da entidade:

A gestão de Aldenir Stumpf começou com a participação da Comissão da Qualidade da CIC no momento em que a entidade assumiu o compromisso de coordenar o Programa Gaúcho da Qualidade e Produtividade. Esse

programa, lançado em maio de 1994, tinha como finalidade elevar o patamar da produção gaúcha, e em Caxias do Sul tinha como objetivos desenvolver a filosofia da Qualidade Total nas organizações que aderissem ao programa, propiciar treinamento em administração participativa e conscientizar a população sobre os conceitos da Qualidade. Esse programa visava sensibilizar as empresas para o momento que o País economicamente estava vivendo, para enfrentar o mercado, na era da globalização. Foi crescendo gradativamente pelas adesões que teve com o apoio do SEBRAE, SESI, SENAC, UCS, SENAI, ARH e AGQ. (HERÉDIA e MACHADO, 2001. p. 154).

A Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Peçanha, acompanhou este processo de atendimento às normas internacionais da qualidade, sendo que, possui certificação através da norma ISO 9001 desde 1999, com atualizações nas versões 2000 e 2008 (fig. 24), demonstrando assim, sua responsabilidade na constante melhoria da qualidade de seus processos e serviços, para o atendimento dos objetivos da desafiadora educação profissional. Segundo Bueno e Taitelbaum: “É a indústria ensinando e apreendendo a lição.” (2009, p. 99).

A história da EEP SENAI Nilo Peçanha é uma história de trabalho, de trabalho pela educação e da educação para o trabalho, na perspectiva de desenvolvimento humano, onde se torna possível o exercício do princípio educativo do trabalho, que vai ao encontro do pensamento de “uma educação plurilateral, tecnológica ou politécnica, formadora de sujeitos autônomos e protagonistas da emancipação humana.” (FRIGOTTO e CIAVATTA, 2002, p. 26).

4 O PRINCÍPIO EDUCATIVO DO TRABALHO

Início este capítulo com as palavras de Frigotto e Ciavatta, buscando a associação do princípio educativo do trabalho com a criança e o jovem, no sentido da análise das relações do trabalho, educação e juventude:

[...] o principio educativo do trabalho - deriva de sua especificidade de ser uma atividade necessária, desde sempre, a todos os seres humanos. O trabalho constitui-se, por ser elemento criador da vida humana, num dever e num direito. Um dever a ser aprendido, socializado, desde a infância. Trata-se de apreender que o ser humano - como ser natural - necessita elaborar a natureza, transformá-la, e pelo trabalho extrair dela bens úteis para satisfazer as suas necessidades vitais e socioculturais. Quando não se socializa este valor, a criança e o jovem tornam-se, no dizer de Gramsci, espécies de *mamíferos de luxo*, que acham natural viverem do trabalho e da exploração dos outros. Não se trata aqui de defender a exploração capitalista do trabalho infanto-juvenil, que mutila e degrada a vida da infância e da juventude. Trata-se de educar a criança e o jovem para participar das tarefas da produção, de cuidar da sua própria vida e da vida coletiva e para partilhar de tarefas compatíveis com sua idade. (FRIGOTTO e CIAVATTA, 2002, p. 14).

O capítulo é composto por dois subcapítulos, sendo o primeiro, “O trabalho e a sociedade”, onde busco a significação do trabalho, visto que tenho a proposta de abordar o seu sentido ontológico diretamente ligado a existência humana, porém, sem poder desvincular a outra face, a que lembra das relações entre o trabalho e o capital, assunto amplamente estudado por autores como Marx, Engels, Gramsci, entre outros. Abordo um breve histórico da evolução humana pelas forças do trabalho, como forma de sobrevivência, qualidade de vida e desenvolvimento humano abordando o trabalho como um constructo social e sua evolução, iniciando nas comunidades primitivas, passando pelas etapas de Escravidão, Feudalismo, Socialismo, Comunismo e Capitalismo, onde surge o trabalho em regime de escravidão, a produção de bens em grande quantidade, com expansão do comércio e a necessidade dos meios de transporte e a industrialização, fases que levaram às lutas de classes, concentrações de pessoas, surgimento de grandes cidades e as mudanças na sociedade influenciadas por forças produtivas que envolvem o trabalho.

No segundo, “Educação, juventude e trabalho”, abordo a evolução da educação para o trabalho, em especial para os jovens, levando em conta que, no passado, começava-se o ensino para o trabalho muito precocemente, onde são

comuns os registros de crianças que trabalhavam ainda em tenra idade. Relato a questão da visão de trabalho manual e intelectual e da educação oportunizada aos indivíduos dependendo de suas classes sociais, com os movimentos que foram dando abertura para a democratização do acesso à escola, chegando aos nossos dias, com a situação das escolas diante da necessidade do conhecimento da tecnologia.

Apresento a ideia do princípio educativo do trabalho como um fundamento da racionalidade do trabalho e da educação, que leva à afirmação do caráter formativo destes, no sentido de ação humanizadora, por meio do desenvolvimento de diversas potencialidades do indivíduo e da sociedade, com a análise do comportamento social, em especial das mudanças culturais que marcam a relação entre juventude e trabalho, comparando a minha experiência de vida, as de meus colegas de aula e de trabalho, com as de nossos alunos e filhos, onde alguns estudos demonstram mudanças significativas na forma de preparação para o trabalho e na atuação profissional dos jovens na atualidade. Abordo a importância do trabalho na juventude, iniciando pela estrutura familiar, suas mudanças e necessidades para a sobrevivência, envolvendo a questão da renda familiar e a autorrealização dos jovens, com a necessidade de serem reconhecidos como sujeitos de direitos, por oportunidades de emancipação e de autonomia, chegando ao desenvolvimento profissional através do trabalho, o que requer a igualdade de oportunidades dadas a eles, independente de suas classes sociais. Também coloco em questão a capacidade da escola atender a necessidade de conhecimentos que o jovem almeja para o seu ingresso no mundo do trabalho, numa visão de escola como instituição de educação para a vida, sendo o trabalho uma parte dela.

Assim, na abordagem apresentada neste capítulo, busco enfatizar o princípio educativo do trabalho como possibilidade de inserção da preparação para o trabalho nas culturas juvenis, sendo este princípio um aspecto importante a ser considerado dentro da preparação para a trajetória profissional e um relevante fator de desenvolvimento pessoal, auxiliando os jovens na inserção ao mundo do trabalho, com igualdade de condições, independente de classe social ou poder aquisitivo, numa sociedade mais humana e desenvolvida.

4.1 O TRABALHO E A SOCIEDADE

A palavra trabalho carrega muitos sentidos, sendo que a relação com uma profissão ou com a carreira profissional aparenta ser inevitável. Quando nos perguntam uma identificação, como: Quem é você? Uma primeira resposta leva ao nosso nome, mas em seguida, há uma relação com o que fazemos e que atividades nos colocam em função social ou que nos permitem a sobrevivência.

O trabalho pode ser entendido de diferentes maneiras, entre elas, conforme o Ferreira (2004), como a aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim. Neste sentido, encontramos uma relação do homem com o ambiente, em sua necessidade de adaptar os recursos oferecidos pela natureza às suas necessidades, uma diferença fundamental entre este e os demais animais, que demonstra o seu desenvolvimento e permitindo certo domínio sobre a natureza.

Outra relação que estabeleço com o trabalho é a do lazer, embora a palavra trabalho seja ampla, pois o lazer também exige esforços para ser realizado, encontramos nele cargas de emoção, prazer, alegria e descontração. Neste sentido a diferença significativa encontra-se no objetivo das ações, que podem ser traduzidas como trabalho, um trabalho direcionado para o prazer, convivência e diversão.

O ócio, por sua vez, traduz-se como descanso do trabalho, folga ou repouso, o tempo que se passa desocupado, a vagar, na quietação, mas que também pode conter um trabalho mental ou ocupação suave, agradável, momentos que também são necessários dentro do trabalho como meio produtivo de bens e serviços.

Em nossos calendários, temos divisões claras entre os tempos de trabalho e de descanso, assim consideramos os dias úteis e os de repouso, os períodos de trabalho e os de férias, dispensas e feriados. O trabalho envolve a atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento. Assim, temos os trabalhos especializados, trabalhos de maior responsabilidade, sendo que o exercício de atividades como ocupação, ofício ou profissão também é chamado de trabalho. São exemplos o trabalho de uma dona-de-casa ou o de um médico, ainda que estes trabalhos sejam ou não remunerados pelo serviço realizado, produto produzido ou tempo trabalhado.

Conforme Ferreira (2004), o local onde trabalhamos também costuma ser chamado de trabalho, assim ouvimos comentários como: - Lá no meu trabalho..., ou - Moro perto do meu trabalho..., etc..

Por trabalho também se denomina uma obra realizada: - Aquele prédio é um belo trabalho de arquitetura..., - A professora publicou um trabalho sobre a juventude..., - Temos que entregar o trabalho na semana que vem..., etc..

Os meios, o manuseio de ferramentas e instrumentos também caracteriza uma maneira de falar sobre o trabalho, assim, ouvimos colocações como: - Trabalho com máquinas de corte.

O trabalho pode ser entendido como esforço ou um afazer: - Hoje teremos mais um dia de trabalho; como tarefa: - O pintor já terminou o trabalho; como uma ação de forças da natureza: - O trabalho das águas causa erosão; como funcionamento de máquinas: - O trabalho de um torno resulta em peças cilíndricas.

Diversas são as áreas onde a definição de trabalho assume o caráter científico como na Biologia, Física e Medicina, em que temos o conhecido Trabalho de Parto, que representa um conjunto dos fenômenos especiais que ocorrem, no organismo feminino, ao termo da gestação e caracterizam as diversas fases do parto; na Economia como a atividade humana, considerada como fator de produção. Além destas áreas muitas outras utilizam conceitos particulares que são denominados de trabalho.

O trabalho pode ser visto até como uma forma de sacrifício, neste sentido, segundo José Machado Pais, o termo trabalho tem raízes no latim e é citado na Bíblia:

O termo trabalho tem raízes etimológicas no latim: trabalho dizia-se *tripalium* que designava também um instrumento de tortura composto por três estacas cruzadas ou paus (do latim *palu*). Com esse instrumento (*tripalium*) os réus eram torturados. Aliás, na Bíblia, também aparece a ideia do trabalho associado à “tortura”, ao “castigo”, à “maldição”. Quando Adão contraria a vontade de Deus, é-lhe dada a possibilidade de “purificação” através do “sacrifício laboral”. Embora, atualmente, o trabalho continue a conservar o sentido de obrigação, de esforço e até de sofrimento, o certo é que alguns inquéritos recentes mostram que, sobretudo os jovens, valorizam a realização pessoal e os desfrutes relacionais que possam retirar do trabalho. (PAIS, 2001, p. 20).

Por outro lado, não raro é encontrarmos pessoas que afirmam ter um sentimento de carinho e de prazer no que fazem, profissionais que afirmam ter amor

pelo trabalho no exercício de suas profissões, como alguns médicos, professores, bombeiros e outros.

O trabalho humano como ação de transformação dos elementos encontrados na natureza representa a própria sobrevivência da humanidade desde os tempos mais remotos. Segundo Dermeval Saviani, é pelo trabalho que o homem se destaca na natureza:

Voltando-nos para o processo de surgimento do homem vamos constatar seu início no momento em que determinado ser natural se destaca da natureza e é obrigado, para existir, a produzir sua própria vida. Assim, diferentemente dos animais, que se adaptam à natureza, os homens têm de adaptar a natureza a si. Agindo sobre ela e transformando-a, os homens ajustam a natureza às suas necessidades. (SAVIANI, 2007, p. 154).

Assim, a relação que a humanidade possui com o trabalho, tanto em caráter profissional quanto pessoal, é algo inerente à própria natureza dos seres humanos. A vida não se compõe apenas de trabalho, mas este faz parte dela na eterna transformação da natureza pelo homem.

Durante muito tempo, o ser humano primitivo usou sua própria força muscular juntamente com ferramentas, armas e utensílios rudimentares para satisfazer às suas necessidades. Talhar a pedra foi um dos processos iniciais para a obtenção de objetos, um trabalho difícil e lento, onde a dureza das pedras impedia a fabricação de objetos com formatos mais complexos. A Idade da Pedra nos dá a ideia do início do trabalho na vida do ser humano. O sílex, um tipo de pedra, era o material mais comum para fazer estacas, machados de caça, utensílios e, ainda, para raspar as peles de animais abatidos. Depois de lascadas as pedras passaram a ser polidas, melhorando a aplicação de ferramentas e utensílios.

As diferenças entre o ser humano e os demais seres da natureza podem ser analisadas por diferentes aspectos, mas, segundo Marx e Engels, citados por Saviani, a produção de objetos representa uma diferença fundamental:

Podemos distinguir o homem dos animais pela consciência, pela religião ou por qualquer coisa que se queira. Porém, o homem se diferencia propriamente dos animais a partir do momento em que começa a produzir seus meios de vida, passo este que se encontra condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material. (MARX & ENGELS apud SAVIANI, 2007, p. 154).

Na busca por matérias na natureza o ser humano encontra uma pedra diferente, brilhosa, logo percebe que se trata de outro tipo de material, o Cobre. Gradativamente as pedras vão sendo substituídas por metais encontrados na natureza que necessitam de forjamento⁴⁶, uma técnica utilizada para dar forma desejada ao metal por meio de golpes, a fim de fabricar utensílios e ferramentas. Com o aprimoramento do domínio do fogo o ser humano inicia o processo de fundição⁴⁷, confeccionando moldes para deposição do material derretido, que assume o formato deste ao esfriar, confeccionando ferramentas, utensílios, objetos ornamentais e joias.

A ação humana sobre a natureza torna-se maior, sendo que ocorre o desenvolvimento diferenciado entre comunidades, o que leva ao domínio de umas sobre outras. De acordo com Branco, temos o início de desigualdades sociais:

Devido o progresso das técnicas agrícolas, as colheitas tornaram-se mais abundantes, o que favoreceu o aumento populacional e a divisão do trabalho. Assim, teremos no final deste período caracterizado como pré-história, o surgimento do estado, da família e a propriedade privada, a qual deu origem à desigualdade social. (BRANCO, 2012, p. 2).

Segundo Saviani (2007), com o aumento da produção de bens ocorreu uma divisão de classes através da divisão do trabalho e a apropriação privada da terra, que provocou a ruptura da unidade vigente nas comunidades primitivas. “A apropriação privada da terra, então o principal meio de produção, gerou a divisão dos homens em classes. Configuram-se, em consequência, duas classes sociais fundamentais: a classe dos proprietários e a dos não proprietários.” (SAVIANI, 2007, p. 155).

Com a fusão dos metais o ser humano consegue as ligas, combinações entre diferentes tipos de metais, melhorando as características dos objetos trabalhados. A descoberta do ferro traz um novo desafio, a construção de fornos para a fusão do

⁴⁶ O Forjamento é o processo de conformação mecânica, ou seja, mediante aplicação de esforços mecânicos altera-se plasticamente a forma dos materiais. O forjamento é o antecessor de todos os processos de transformação por deformação plástica. As tribos hindus desde 1500 a.C trabalhavam o ouro, a prata e o ferro. A arte do forjamento foi utilizada na idade média para a fabricação de armas e armaduras.

⁴⁷ A Fundição é o processo de vaziar metal líquido em um molde, que contém uma cavidade com a forma desejada, e depois permitir que resfrie e solidifique. A parte solidificada é também conhecida como peça fundida, que é ejetada do molde ou tem o molde quebrado para completar o processo. A fundição é mais frequentemente usada para fazer peças complexas que seriam difíceis ou mais caras de se fazer por outros métodos.

material com temperaturas superiores a 1500°C e surge o Ferro Fundido. Após a segunda fusão do ferro e mistura com outros componentes como carvão e pedras calcárias, surgiu o Aço⁴⁸, por volta de 1500 a.C., uma revolução para o desenvolvimento de ferramentas e armas. O trabalho humano muda radicalmente com as descobertas de novos materiais, assim como, atualmente, no surgimento de novas tecnologias.

Ao longo de sua história o ser humano procurou melhorar suas condições de trabalho principalmente no que se refere à redução do esforço físico, utilizando inicialmente meios auxiliares que lhe permitissem realizar trabalhos de modo mais fácil e com o menor gasto possível de sua força muscular como a roda, alavanca e o plano inclinado. Os animais também foram utilizados como força motriz e a construção mecânica surge para a transmissão e transformação de forças e movimentos. As mudanças feitas pelo ser humano na natureza caracterizam a sua essência, sendo o próprio modo de ser, um resultado de suas ações pelo trabalho de transformação, conforme Saviani:

Ora, o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos com o nome de trabalho. Podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho. A essência humana não é, então, dada ao homem; não é uma dádiva divina ou natural; não é algo que precede a existência do homem. Ao contrário, a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, é-o pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico. (SAVIANI, 2007, p. 154).

Durante muito tempo, a fabricação dos objetos se limitou ao trabalho artesanal. O ser humano ainda dependia da sua força muscular e fabricava-se um produto de cada vez, onde a qualidade exigia muita habilidade do artesão, entretanto o crescente consumo de produtos exigiu uma produção mais rápida e em maior quantidade. De acordo com a Fundação Roberto Marinho (1995), aos poucos, o ser humano foi substituindo materiais, construindo máquinas mais complexas, observando e utilizando a força dos próprios componentes da natureza e, com isso, diminuindo seu trabalho muscular. Um moinho pode ser um exemplo de evolução entre o trabalho artesanal e o de grande produção. Ao usar moinho de tração

⁴⁸ Aço e Ferro Fundido e são materiais compostos basicamente de ferro e carbono, além de outros elementos, porém apresentam estrutura e características mecânicas diferentes.

animal, o homem percebeu que o trabalho poderia ser acelerado, substituindo o pilão por uma grande pedra de moer. As forças encontradas na natureza foram observadas e aproveitadas, assim, a força da água e a força do vento foram muito utilizadas pelos nossos antepassados, principalmente para mover os moinhos.

Os materiais em maior abundância para a construção eram os retirados diretamente da natureza, como a madeira e o couro. No início, as máquinas eram feitas de madeira, sendo aprimoradas posteriormente com o emprego de novos materiais e o desenvolvimento de novos processos de fabricação. “O torno foi uma das primeiras e mais importantes máquinas utilizadas na fabricação de peças.” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2005. p. 33). Inicialmente, os movimentos de rotação da máquina eram gerados por pedais e a ferramenta para torneiar ficava na mão do operador que dava forma ao produto, onde a importância de sua habilidade no processo de fabricação era fundamental. Posteriormente a ferramenta foi fixada na máquina, o que a tornou uma máquina-ferramenta, facilitando o torneamento.

No século XVIII, surge um grande invento, a Máquina a Vapor, revolucionando a produção de bens e o transporte, o vapor, que ao realizar trabalho mecânico, substituía outras formas de energia. Surge, assim, o cavalo-vapor (CV), uma unidade de potência utilizada em motores atualmente. Conforme Fundação Roberto Marinho (1995), a máquina a vapor impôs a necessidade de peças com formatos mais complexos, acabamentos melhores, dimensões precisas e maior resistência mecânica, pois, eram sujeitas a elevadas temperaturas, velocidades e pressões. A fabricação de produtos atendendo a necessidade dessas características exigiu máquinas-ferramenta mais precisas e materiais de melhor qualidade, o que provocou grande desenvolvimento da mecânica.

Entre os séculos XVIII e XIX, na Inglaterra, surgem as primeiras indústrias destinadas à fabricação de máquinas-ferramenta. O surgimento das máquinas-ferramenta contribuiu para transformar a produção artesanal em produção industrial e para acelerar o desenvolvimento do setor produtivo, pois através delas foram confeccionadas peças para a construção de diversas outras máquinas, como as prensas para cunhar moedas.

A industrialização é recente se comparada com a evolução do trabalho desde as épocas primitivas, onde as maneiras de trabalhar duravam muitos anos sem um aperfeiçoamento significativo, mas com o desenvolvimento do comércio e o crescimento da população, um objeto como uma panela, por exemplo, logo teve a

necessidade de rápida produção em grande quantidade. Aos poucos, o sistema artesanal foi sendo substituído por uma nova organização do trabalho para o aumento da produção, onde ocorreu a divisão do trabalho:

Na produção, o trabalho passou a ser dividido e o trabalhador deixou de ter a visão de conjunto do processo de produção passando a realizar apenas partes do trabalho, tornando-se especialista em determinadas tarefas e operações, visto que a produção em conjunto de vários especialistas tornou as indústrias muito mais produtivas. Neste sentido, o desenvolvimento de máquinas teve um papel fundamental no aumento da produtividade, sendo que, tornou-se comum o aparecimento de locais em que se concentravam máquinas e grupos de operários, organizados para a fabricação de grandes quantidades de peças, numa produção muito mais rápida e econômica. (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2005. p. 38).

Assim surgiram as primeiras fábricas, dando início à fase industrial na história da humanidade, onde a busca por novos materiais e processos de fabricação, tornou-se um constante desafio. Vários são os processos de fabricação, sendo muito usados os de: Moldagem⁴⁹, Conformação⁵⁰, Corte⁵¹ e Junção⁵².

Muitos estudos, desenvolvimento e fabricação de bens ocorreram após a industrialização, sendo que vários destes produtos modificaram as maneiras de realizarmos as atividades diárias, como no preparo e conservação de alimentos, comunicação, transporte, saúde e recentemente, no acesso ao conhecimento produzido pela humanidade, através dos computadores e da rede mundial, que os interliga.

A produção de bens não é obra de um ser humano de forma isolada, assim ela carrega o caráter social. No processo de produção de bens materiais os seres humanos relacionam-se de diversos modos e o trabalho de cada produtor converte-se numa parte do trabalho social, desde as sociedades mais primitivas até os processos industriais mais avançados. Na história da humanidade tivemos regimes diferenciados nas relações de produção, entre eles: Comunidade Primitiva, Escravidão, Feudalismo, Socialismo, Comunismo e Capitalismo. Muitos conflitos e lutas armadas ocorreram na disputa de territórios e pela exploração de recursos

⁴⁹ Fabricação de objetos a partir de um molde, como garrafas de vidro ou de plástico.

⁵⁰ Transformação de materiais em chapas, fios e formas diversas, como fios elétricos e painéis.

⁵¹ Transformação de materiais pela remoção de partes através de ferramentas de corte, como engrenagens.

⁵² União de peças através de parafusos, soldas e outros, como monoblocos de automóveis.

naturais que garantissem a sobrevivência e até a soberania de pequenos grupos ou mesmo de países.

Na Comunidade Primitiva⁵³, o trabalho representava a comum propriedade dos meios de produção e do que era produzido. Com a busca pelo aperfeiçoamento de seus instrumentos e aumento da produção de bens para a sobrevivência, gradativamente ocorrem mudanças no sistema primitivo, com a divisão do trabalho, para aumentar a produção de alimentos, domesticar animais, entre outras atividades, iniciando a confecção artesanal de objetos, separando as atividades por grupos e provocando concomitantemente mudanças sociais, onde a tribo fragmenta-se em famílias, que representam unidades econômicas trocas de produtos.

Com as trocas surge a propriedade particular, o desenvolvimento do trabalho e a busca por reservas para enfrentar as condições impostas pela natureza, que incentivaram o aperfeiçoamento dos instrumentos e a criação de hábitos e rotinas de trabalho, porém, na mudança do sistema primitivo, o ser humano inicia outro tipo de trabalho com sérias consequências na área social, a escravidão.

O regime de Escravidão castigou os trabalhadores escravizados com muito sofrimento. Os direitos de muitas pessoas foram vistos com desigualdade por outras. Os opressores usaram o trabalho físico com desprezo, visto que o consideravam como castigo e indigno de homens livres. A base das relações de produção neste regime era a propriedade privada do senhor que além da propriedade territorial, também detinha os meios de produção e os seus trabalhadores: os escravos.

O regime escravista intensifica a divisão do trabalho com maior conhecimento técnico na especialização e aperfeiçoamento das ferramentas, ocorrendo o desenvolvimento da agricultura com maior emprego de animais. A disponibilidade de mão de obra de um grande contingente de escravos possibilitou que obras maiores fossem realizadas, como abertura de caminhos e represas. As pessoas livres dedicam-se às atividades de cunho científico e artístico. O desenvolvimento do trabalho não sustentou a base do regime, a escravidão, que através de revoluções sociais, marcadas por muitas lutas de povos escravos, mesmo sem condições de unificação, conseguiram em diferentes momentos e locais, lutar contra o estado escravista.

⁵³ Na comunidade primitiva existia o ideal de produção suficiente, de maneira independente.

No Feudalismo, as relações de produção basearam-se no poder dos senhores feudais sobre os meios de produção, inicialmente sobre a terra, distribuída pelo poder de um rei em troca de apoio político e militar, onde os trabalhadores camponeses eram dependentes, com uma liberdade condicionada a obrigatoriedade de viver na propriedade cedida pelo senhor feudal. Estes trabalhadores, chamados de servos, estavam obrigados a viver nestas propriedades e também eram tratados como propriedades nas transações comerciais, pois eram negociados junto com a terra. No trabalho da terra do senhor feudal recebiam um pequeno terreno para sua própria produção, dependendo deste senhor para o uso de ferramentas e instalações, através o pagamento do pagando de elevadas taxas. No decorrer do tempo, os trabalhadores camponeses foram lutando com força cada vez maior contra a opressão feudal para obter o direito de dispor livremente do produto de seu trabalho.

Com o desenvolvimento do sistema de produção de ferramentas e utensílios, as unidades artesanais tornaram-se maiores e utilizaram trabalhadores não submetidos à servidão, ocorrendo à expansão do comércio e maior desenvolvimento técnico científico, surgindo aos poucos, em meio à sociedade feudal, o Sistema Capitalista de Produção. Para a sustentação deste, houve a necessidade do rompimento com o feudalismo, pois os burgueses, detentores do novo sistema de produção precisavam de trabalhadores livres, de pessoas emancipadas da servidão, porém, estando estas desprovidas de propriedades, foram condicionados à necessidade do trabalho na produção de bens. A burguesia lutou pela supressão das taxas que sustentavam a corte juntamente com aqueles que estavam sob a opressão ou em desacordo com o regime feudal.

A economia capitalista evoluiu com o feudalismo ainda em vigor, houve uma crise agrícola, muitos trabalhadores servos e camponeses viviam na miséria, enquanto poucos eram de classes privilegiadas. Surgem revoluções burguesas, entre elas a Revolução Francesa de 1789, considerada como uma das maiores revoluções da humanidade e um marco do início da Idade Contemporânea, trazendo o ideal dos princípios universais de “liberdade, igualdade e fraternidade”, frase de Jean-Jacques Rousseau, abolindo a servidão e os direitos feudais.

A Revolução Francesa foi um acontecimento muito importante na humanidade, influenciando mudanças em diversos países, com o surgimento dos ideais democráticos e republicanos.

A evolução do Capitalismo levou à revolução industrial, com significativa elevação da produção material e de rendimento do trabalho, porém, a nova realidade revelou a acumulação de riquezas num extremo e miséria noutra, onde trabalhadores enfrentaram jornadas de trabalho exaustivas⁵⁴ em condições precárias, além de baixos salários⁵⁵.

Com o regime capitalista surgem duas classes, de um lado a alta burguesia ou dos capitalistas, possuidores dos meios de produção, do outro, a dos proletários ou classe trabalhista, que vende seu trabalho em troca de uma remuneração ou salário, que nem sempre condiz com as suas necessidades. Elas representam extremos opostos social e economicamente que, ao longo da história da humanidade, apresentaram confrontos e negociações através da união de seus membros, seja por segmentos ou por apoio de organizações sindicais, que ocorrem até hoje, onde a classe capitalista tem a vantagem do poder econômico.

O Socialismo⁵⁶ surge no final do século XVIII e início do século XIX, tendo origem na classe intelectual e nos movimentos políticos da classe trabalhadora, que criticavam os efeitos da industrialização e da sociedade sobre a propriedade privada. Ele caracteriza-se como uma transformação política e econômica, buscando uma nova fase de relações de produção, onde existem semelhanças com o sistema primitivo, tendo como base a propriedade social dos meios de produção, mas diferenciando-se deste por apoiar-se em forças produtivas de grande capacidade.

Neste regime a propriedade pública ou coletiva dos meios de produção e a distribuição de bens de uma sociedade que é caracterizada pela igualdade de oportunidades para todos os indivíduos, como um método mais igualitário de compensação. Alguns países implantaram o regime no início do século XX, como a Rússia, pela revolução de 1917, mas o regime não conseguiu sustentação pelas dificuldades de controle econômico e da justiça social.

⁵⁴ Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), (2010), a jornada de trabalho diária, no período da revolução industrial era de 16 horas.

⁵⁵ Trabalhadores eram mal remunerados, conseguindo apenas sobreviver com baixos salários, sendo que, mulheres e crianças também trabalhavam e recebiam aproximadamente um terço do salário do homem.

⁵⁶ Para Karl Marx, (1867) o Socialismo seria alcançado através da luta de classes e de uma revolução do proletariado, tornando-se a fase de transição do Capitalismo para o Comunismo.

O Comunismo⁵⁷ segue a mesma linha de pensamento que o Socialismo, porém com forças de domínio e controle diferenciadas. Enquanto o Socialismo propõe uma reforma gradual da sociedade capitalista com o objetivo de equilíbrio entre o valor de capital e de trabalho, diminuindo a diferença econômica entre ricos e pobres, o Comunismo defende o fim da ordem capitalista, com o uso de forças armadas, se necessário. Na ideologia socialista, o Comunismo seria um passo posterior, onde não haveria controle de estado. Na prática, a justiça social sempre foi um desafio e o controle de classes não deixou de ser exercido, pois são múltiplos os fatores que estão envolvidos na concepção das sociedades e, entre eles, encontram-se as relações trabalhistas.

Na obra “O Manifesto Comunista” de Karl Marx e Friedrich Engels, de 1948, são encontradas proposições científicas para o Socialismo. Karl Marx torna-se conhecido como um teórico de referência nos estudos científicos do Capitalismo e do Socialismo por diversas obras. Os estudos científicos nesta área basearam-se numa análise histórica e filosófica da sociedade, com propostas de compreender a realidade e transformá-la, analisando os mecanismos econômicos e sociais do sistema capitalista, constituindo, assim, uma proposta revolucionária do proletariado, tendo a ciência como base e não somente ideias de justiça social.

Uma das mais conhecidas obras de Karl Marx é “O Capital”, composta por um conjunto de livros, sendo o primeiro de 1867, obra que influenciou mudanças nos estudos das áreas econômicas e sociais. Em suas obras o autor aponta para princípios como o “materialismo histórico”, com uma interpretação social e econômica da história e conceitos como o de “luta de classes”, “mais-valia⁵⁸” e “revolução socialista”.

Dentro do “materialismo histórico”, toda sociedade é determinada por suas condições socioeconômicas, compondo a chamada de “infraestrutura⁵⁹” e adaptadas a ela, encontram-se a política, ideologia, cultura e as instituições como um todo,

⁵⁷ O Comunismo aqui entendido como uma ideologia política e socioeconômica, com intenção de promover o estabelecimento de uma sociedade igualitária (do latim communis - comum, universal), sem classes sociais, baseada na propriedade comum e no controle dos meios de produção e da propriedade em geral.

⁵⁸ Diferença entre o valor final da mercadoria produzida e a soma do valor dos meios de produção e do valor do trabalho, que seria a base do lucro no sistema capitalista, de acordo com Marx (1867).

⁵⁹ Conforme Marx (1867), uma forma para produção social da vida, onde os homens estabelecem determinadas relações necessárias e independentes de sua vontade. Relações de produção que correspondem a uma determinada fase do desenvolvimento de suas forças produtivas materiais.

compondo o que Marx chamou de “superestrutura⁶⁰”. De acordo Aranha e Martins (1993), o materialismo histórico é a teoria que aplica os princípios do materialismo dialético ao campo da história. Como o próprio nome indica, é a explicação da história por fatores materiais, ou seja, econômicos e técnicos. Segundo Aranha e Martins, Marx busca a mudança do senso comum:

Marx inverte o processo do senso comum que explica a história pela ação dos indivíduos, ou, às vezes, até pela intervenção divina. Para o marxismo, no lugar das ideias estão os fatos materiais; no lugar dos heróis individuais, a luta de classes. Em outras palavras, embora possamos tentar compreender e definir o ser humano pela consciência, pela linguagem, pela religião, o que fundamentalmente o caracteriza é o modo pelo qual reproduz suas condições de existência. (ARANHA e MARTINS, 1993, p. 323).

A luta de classes, na análise marxista, é o agente capaz de transformar a sociedade, sendo que a oposição entre dominadores e dominados induz às lutas e às transformações sociais. Para Marx, as disputas entre classes terminariam com aparecimento de uma sociedade comunista perfeita, onde desapareceria a exploração de classes e as injustiças sociais. Segundo Aranha e Martins (1993), para Marx, o movimento dialético pelo qual a história se faz tem um motor: a luta de classes. Denomina-se “luta de classes” o confronto entre duas classes antagônicas na disputa por seus interesses.

O conceito de “mais-valia” corresponde ao valor não remunerado do trabalho do operário, que é apropriado pelos capitalistas. Sendo o sistema capitalista sustentado pela produção e mercadorias e estas valorizadas pela venda e não pelo uso, esta mercadoria como o produto do trabalho tem seu valor pelo trabalho socialmente necessário para produzi-la.

O sistema capitalista sustenta-se pela produção e o valor da força de trabalho que o operário vende ao capitalista, por ser a única mercadoria que este possui, ou seja, a capacidade de trabalhar. De acordo com Marx esse valor deve ser o necessário para a subsistência e a reprodução de sua capacidade de trabalho, isto é, alimento, roupa, moradia, educação dos filhos, etc. O salário deve, portanto, corresponder ao custo da própria manutenção e de sua família, porém:

⁶⁰ A superestrutura compreende a estrutura jurídica (o Direito e o Estado) e a ideologia (moral, política, religião, artes etc.). Assim, a estrutura social seria o produto da relação dialética entre a superestrutura e a infraestrutura, de acordo com Marx (1867).

[...] na obra *O capital*, Marx explica que a relação de contrato de trabalho é livre só na aparência; na verdade, o desenvolvimento do capitalismo supõe a exploração do operário. O capitalista o contrata para trabalhar durante certo período de horas a fim de alcançar determinada produção, mas, por ficar disponível todo o tempo, na verdade produz mais do que foi calculado, ou seja, a força de trabalho pode criar um valor superior ao estipulado inicialmente. No entanto, a parte do trabalho excedente não é paga ao operário, e serve para aumentar cada vez mais o capital. Denomina-se mais-valia, portanto, o valor que o operário cria além do valor de sua força de trabalho, e que é apropriado pelo capitalista. (ARANHA e MARTINS, 1993, p. 326).

Contra a ordem estabelecida pela sociedade burguesa, Marx considerava inevitável a ação política do operariado organizado, a revolução socialista, que iria inaugurar a construção de uma nova sociedade. Num primeiro momento, o controle do Estado ficaria na mão da ditadura do proletariado, quando ocorreria a socialização dos meios de produção através da eliminação da propriedade privada. Numa etapa posterior, a meta seria o comunismo perfeito, onde todas as desigualdades sociais e econômicas, além do próprio Estado, acabariam.

Atualmente poucos países seguem regimes socialistas ou comunistas, mesmo os que declaram oficialmente seguir estes regimes possuem particularidades em áreas que sofrem a influência do capitalismo, especialmente após a ampliação dos mercados internacionais por consequência da globalização⁶¹. O livre comércio internacional tem provocado nos últimos anos mudanças no mercado mundial e no consumo de bens industrializados, fato que também influencia mudanças no comportamento social.

No mundo do trabalho, cada vez mais competitivo, com a necessidade de trabalhadores e empresários com maior conhecimento dos métodos de produção e gerenciamento de negócios, as revoluções tecnológicas já não são derivadas de inventos isolados como os de grandes inventores do passado. A necessidade de consumo também vem modificando-se nos últimos anos, onde a oportunidade de negócio para obtenção do lucro induz ao comércio de produtos que não são oferecidos pela necessidade de uso, como as ferramentas agrícolas foram no passado, mas como objetos de consumo, simplesmente pelo fascínio da novidade

⁶¹ A globalização aqui entendida como processo de aprofundamento da integração econômica, social, cultural, política, que teria sido impulsionado pelo barateamento dos meios de transporte e comunicação dos países do mundo no final do século XX e início do século XXI. Como fenômeno gerado pela necessidade da dinâmica do capitalismo de formar uma comunidade global que permita maiores mercados para os países produtores, considerados desenvolvidos tecnologicamente, cujos mercados internos já estão saturados.

tecnológica. Grandes corporações investem em ciência e tecnologia, na corrida do consumismo, colocando grandes equipes no desenvolvimento de novos produtos.

Evidentemente que o desenvolvimento tecnológico beneficia diversas áreas da sociedade, como saúde, educação, transportes, etc., assim, a escola também está envolvida nessas mudanças no sentido de preparação para a vida, que entre outros fatores também é composta pelo trabalho.

4.2 EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E TRABALHO

O ser humano como um ser social é dependente da instrução, através dos conhecimentos transmitidos de gerações em gerações. Desde os povos primitivos, até os dias atuais, a educação da humanidade é fundamental para sua sobrevivência. Na antiguidade os conhecimentos eram transmitidos pela convivência, pois, segundo Luzuriaga (1983), as culturas e a educação dos povos primitivos foram conhecidas através de restos de produtos pré-históricos e da vida humana, sendo que os grupos de homens primitivos não passaram subitamente de uma para outra fase da evolução humana, mas, através de muitas dificuldades e experiências, que foram transmitidas através das gerações.

Estes grupos de humanos primitivos possuíam armas e utensílios de sua própria confecção para o uso doméstico e de trabalho, em estágios mais evoluídos construíram abrigos e casas rudimentares. Os mais evoluídos exerciam atividades como o trabalho com metais, o que exigia conhecimentos técnicos preservados de forma estratégica para confecção de ferramentas e armas. Possuíam conhecimentos, confeccionavam também adornos, pintavam e desenhavam trabalhando com a estética em vários materiais como a cerâmica, onde, segundo Luzuriaga, a educação seguia o curso da natureza:

Era essencialmente uma educação natural, espontânea, inconsciente, adquirida na convivência de pais e filhos adultos e menores. Sob a influência ou direção dos maiores, o ser juvenil aprendia as técnicas elementares necessárias à vida: caça, pesca, pastoreio, agricultura e fainas domésticas. Trata-se, pois, de educação por imitação ou, melhor, por co-participação nas atividades vitais. Assim aprende também os usos e costumes da tribo, seus cantos e suas danças, seus mistérios e seus ritos, o uso das armas e sobre tudo a linguagem, que constitui seu maior instrumento educativo. (LUZURIAGA, 1983, p. 14).

A educação, tanto para as atividades de sobrevivência através do trabalho para geração de alimento, vestimentas e habitação, quanto para os fins de comunicação e das artes, ocorria de forma livre, porém, com o desenvolvimento da agricultura e pecuária, a educação muda gradativamente, pois, os trabalhos agrícolas e pastoris apresentam rotinas que exigem um aprendizado de maior observação por parte da juventude requerendo ordem, normalidade e estabilidade, diferentes do trabalho de caça.

Segundo Luzuriaga (1983), os jovens tinham que aprender fenômenos meteorológicos, cultivo das plantas, cuidado com animais, construção de habitações, produção de alimentos, além das técnicas de construções para a transformação e armazenamento da produção. Conflitos e disputas também envolveram a necessidade do aprendizado destinado aos jovens, especialmente na preparação e uso de armas, como o arco e a lança.

Alguns povos iniciaram uma forma de educação destinada aos homens jovens e separada do grupo familiar, com fins de preparação para a guerra, assim, de acordo com Luzuriaga (1983), os jovens recebiam, longe das famílias e dos clãs, em lugares separados, exercício muito rigoroso para iniciá-los nos mistérios do clã e prepará-los para as atividades guerreiras. Esta forma de educação era conhecida como “Iniciação dos Efebos”. Luzuriaga comenta alguns detalhes de tal prática:

Os meninos são tomados da família e da aldeia reunidos em grupos e submetidos durante semanas, em lugares solitários, em montes e bosques, em cabanas ou em tendas construídas de propósito a todo um sistema de exercícios e provas. O sentido mais profundo dessas práticas é a disciplina da alma, cura anímica preparatória para o renascimento na iniciação; esta serve para expulsão dos maus demônios e para aquisição do caráter masculino. Os exercícios são danças ascetismo, mortificações que provocam estados anímicos e êxtases passageiros. Mas se praticam exercícios de toda classe com finalidade racional: caçadas, corporais, plantação, de desmonte, exercícios de armas, etc. A direção de tudo isso pode ser confiado ao chefe, a um monge sacerdote ou a um ancião experimentado e distinto. (LUZURIAGA, 1983, p. 15).

De acordo com o Luzuriaga (1983), existem evidências de que o processo de educação teve seu início no núcleo familiar e foi ao grupo social com caráter militar e até profissional, como uma espécie de graduação após as provas finais. Ocorriam grandes cerimônias de ordenação para iniciação da vida adulta, onde todos os membros da tribo assistiam a submissão dos moços, em provas muito rigorosas e duras, para demonstrar-lhes o grau de adestramento. O autor menciona a

possibilidade da iniciação profissional: “É também muito provável que nesse período houvesse um começo de educação profissional, atinente, como se disse, a ferraria e ao fabrico de armas”. (LUZURIAGA, 1983, p. 16). Porém, nos povos primitivos não se evidencia a institucionalização, especialização ou sistematização da educação. Nota-se que desde os povos primitivos, já existia a preocupação com a educação para ofícios, mesmo que esta representasse apenas uma forma de treinamento, sem evidências concretas de um pleno processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral destes jovens ou objetivos de melhor integração individual e social.

De acordo com Cambi (1999) a escola é definida como instituição no Mediterrâneo Antigo⁶², especialmente na Grécia Clássica⁶³ e Helenística⁶⁴, que tinham a escola no centro da vida social. O autor aponta que a escola vai se desenvolvendo em articulações, entre Egito e Grécia, tanto nos aspectos administrativos como culturais. Surgem escolas estatais e particulares que vão tratando da juventude de suas sociedades, porém, somente com acolhimento dos filhos das classes dirigentes e médias, com instrução básica, focada principalmente nos aspectos retórico e literário, envolvendo as habilidades da fala e escrita, com regras estabelecidas e de maneira respeitosa, mas com um toque de persuasão. Segundo Cambi, além da escola temos a função de um especialista, o Pedagogo:

São escolas que se transformam no tempo desde o *tyasos* (cenáculo de amigos) até o "colégio", a escola propriamente dita, sobretudo na época helenística. Igualmente significativa é a figura do pedagogo, já um acompanhante – na Grécia, da criança, que a controla e estimula; figura que se transforma e se enfatiza no mundo mediterrâneo com a experiência dos "mestres de verdade" (diretores da vida espiritual e mestres de almas, verdadeiros protagonistas da formação juvenil, basta pensar em Sócrates), mas que se enriquece também com a experiência dos profetas hebraicos que são os educadores do povo, a voz educativa de Deus. (CAMBI, 1999, p. 49).

⁶² De acordo com Candido (2010), a expressão “Mediterrâneo Antigo”, representa uma singular relação espaço temporal para o entendimento de nossa civilização. O Ocidente considera as culturas do passado grego-romano como seu ponto de origem apropriando-se desta herança em diversos aspectos: língua, direito, política, arquitetura, filosofia, etc. A historiografia produz, no campo da ciência, memórias e esquemas narrativos que condicionam olhares e revelam épocas, interesses e circunstâncias, sendo de especial importância os estudos referentes ao Mediterrâneo Antigo.

⁶³ O Período Clássico estende-se entre 500 e 338 a.C. e é dominado por Esparta e Atenas de forma que cada “polis” desenvolveu o seu modelo político, bipolarizando a Grécia.

⁶⁴ No período Helenístico, entre 338-146 a.C., ocorre a expansão cultural helenística com o surgimento de vários reinos, que seguem diferentes percursos.

O mundo antigo dá destaque ao educador na vida do indivíduo, atribuindo a este, qualidades que vão além de simples ensinamentos. Os educadores são caracterizados como pensadores dos processos da educação, como pedagogos e filósofos-educadores. Segundo o autor a Paidéia surge na sequência, e influencia a cultura ocidental:

Posteriormente surge a ideia de Paidéia, da formação do homem através do contato orgânico com a cultura, organizada em curso de estudos, com o centro dedicado aos *studia humanitatis*, que amadurece por intermédio da reflexão estética e filosófica e encontra na pedagogia na teorização da educação subtraída à influência única do costume seu próprio guia. Todo o mundo grego e helenístico, de Platão a Plotino, até Juliano, o Apóstata, e, no âmbito cristão, até Orígenes, elaborará com constância e segundo diversos modelos este ideal de formação humana, que virá a constituir, como salientou Jaeger, o produto mais alto e complexo, mais típico da elaboração cultural grega e um dos legados mais ricos da cultura ocidental por parte do mundo antigo. (CAMBI, 1999, p. 49).

O autor também aponta para o dualismo entre trabalho manual e o trabalho intelectual, como sendo dois modelos educativos separados que dão base para a formação do homem antigo, especialmente na Grécia, com a existência de modelos educativos voltados para a escola, além da “relação educativa, a ideia de formação, que alimentaram uma história riquíssima da pedagogia/educação, feita de muitos modelos teóricos, de diversas experiências práticas (escolares sobre tudo), de diversas atitudes formativo-educativas posteriores.” (CAMBI, 1999, p. 49).

Neste dualismo, o trabalho manual é muito desvalorizado e seu emprego se dá aos escravos, pois o trabalho intelectual é digno somente aos homens livres. De acordo com Cambi (1999), com os sofistas este dualismo é nitidamente tematizado: a educação retórica é típica daqueles que se empenham no governo da *pólis*, já evidenciada como uma classe diferenciada, que mergulha na vida política para participar da direção dos serviços públicos. Cambi destaca “a educação anti-técnica, que marginaliza toda forma de trabalho manual e valoriza apenas o uso da palavra, livre e auto-regulada, distante de qualquer forma de saber utilitário (destinado a obter efeitos práticos).” (CAMBI, 1999, p. 51). A Bíblia também traz distinções entre ocupações, onde se evidencia a valorização de determinadas funções como a dos escribas:

A sabedoria do escriba é adquirida em horas de lazer. Aquele que está livre de atividades torna-se sábio. Como poderá tornar-se sábio aquele que maneja o arado e cuja glória consiste em manejar o ferrão? Como pode

tornar-se sábio aquele que guia bois, não abandona o trabalho e só sabe falar das crias de vacas? Somente se preocupa com os sulcos que traça, e fica sem dormir, preocupado com a forragem das bezerras. O mesmo acontece com todo carpinteiro e construtor, e com qualquer pessoa que trabalha dia e noite: aqueles que fazem entalhes para os selos procuram pacientemente variar o desenho; eles tentam reproduzir o modelo e se preocupam em terminar o trabalho. Da mesma forma, o ferreiro se assenta diante da bigorna e se entrega a trabalhar o ferro: a chama de fogo seca-lhe a carne, e ele se debate com o calor da forja; o barulho do martelo o ensurdece e seus olhos se fixam no modelo do objeto. Ele se esforça em acabar o trabalho e fica atento para retocá-lo, até ficar perfeito. (ECLESIAÍSTICO, 38:24-28).

A liberdade é colocada neste contexto Bíblico como um pressuposto de sabedoria. Aquele que tem tempo para aprender saberes da vida, que não são apenas relacionados com o trabalho e suas funções, pode tornar-se sábio. Atribui-se maior importância ao trabalho intelectual do escriba sem, no entanto, desvalorizar a importância e a necessidade dos demais ofícios, que envolvem diversas habilidades e sustentam as necessidades básicas da vida humana. Porém, distinguem-se estes do trabalho intelectual, que leva aos cargos mais importantes da sociedade:

O oleiro se assenta para fazer o trabalho, girando a roda com os pés e dedicando total cuidado à sua obra. Todos os gestos são calculados: com o braço modela a argila e com os pés quebra sua resistência; ele se preocupa em acabar o polimento e passa a noite limpando o forno. Todos esses artesãos confiam em suas próprias mãos, e cada um é hábil em sua profissão. Sem eles, seria impossível construir uma cidade, e ninguém poderia nelas habitar ou andar.

Mas eles não são requisitados no conselho do povo, não têm lugar especial na assembleia, não se assentam na cadeira do juiz, nem conhecem as disposições legais. Eles não brilham pela cultura, nem pelo julgamento, e não entendem de provérbios. Entretanto, são eles que sustentam as necessidades básicas e a oração deles consiste em realizar o próprio trabalho. (ECLESIAÍSTICO, 38:29-34).

Cambi (1999) comenta os tempos de Platão e seu dualismo educativo entre as classes de governantes e dos governados, aborda a questão da proteção, com classes de protetores e produtores, ressurgem um modelo racional-filosófico de formação que se nutre da dialética, que é livre, régio, autônomo, típico dos protetores-reis, “um modelo inferior, não-excelente, utilitário, de educação técnica, profissional e produtiva, que se realiza no mundo do trabalho em contato com a experiência operativa dos artesãos, constituindo um uso não-desinteressado e não-autônomo da inteligência.” (CAMBI, 1999, p. 51).

Na Bíblia encontramos a distinção entre aqueles os que têm acesso à produção escrita, que podem estudar e meditar a respeito do desenvolvimento da humanidade e das Leis de Deus e os que cumprem apenas funções específicas do trabalho produtivo, para sustento das necessidades básicas da vida humana:

Diferente é o caso de quem se aplica em meditar a Lei do Altíssimo. Ele investiga a sabedoria de todos os antigos e se dedica ao estudo das profecias. Preserva as sentenças dos homens famosos e penetra a sutileza das parábolas. Busca o sentido oculto dos provérbios e se ocupa com os enigmas das parábolas. Desempenha funções entre os grandes e marca presença nas reuniões dos chefes. Viaja entre povos estrangeiros, fazendo a experiência do bem e do mal entre os homens. Muitos elogiarão a sua inteligência, e ele nunca será esquecido. Não desaparecerá a sua recordação, e a sua fama viverá de geração em geração. Os povos falarão da sua sabedoria e a assembléia proclamará os seus louvores. Se viver por muito tempo, deixará um nome mais famoso que mil outros, e quando morrer, isso lhe bastará. (ECLESIASTICO, 39:1-11).

O texto bíblico está relacionado com o trabalho do escriba e também enfatiza a sua função intelectual, evidenciando-a, atribuindo grande valor ao estudo e produção do conhecimento humano, com a possibilidade de reconhecimento deste trabalho pela fama e reprodução do mesmo. Neste contexto colocam-se em segundo plano as habilidades motoras, cálculos, conhecimento empírico e científico, domínio de técnicas, além da expertise necessária para a execução de muitas atividades do cotidiano da vida humana. São aspectos vinculados a atividades consideradas como básicas ou simples e trazem a reflexão da valorização de determinadas atividades intelectuais sobre outras, consideradas apenas manuais.

O trabalho manual, assim como a instrução para ele, é submetido para o segundo plano em diversos ofícios por muito tempo tornando-se alvo de exploração em diversas sociedades, como nas escravistas e feudais:

Todo o mundo antigo, até a revolução cultural do cristianismo, permanecerá ancorado a esse dualismo radical de modelos formativos, que refletem e se inserem naquele dualismo entre trabalho manual e trabalho intelectual que, por sua vez, foi uma infra-estrutura da cultura ocidental, pelo menos até o advento da modernidade, que tornou a pôr em causa a cisão e a contraposição, exaltando aquele *Homo faber* que será o protagonista do mundo moderno: no capitalismo, na ciência/técnica, na construção de uma sociedade mais igualitária e democrática etc. (CAMBI, 1999, p. 52).

Por longo período a educação ficou por conta e domínio de uma minoria de pessoas, nas classes elitizadas. As habilidades da leitura e escrita eram privilégio de

poucos. Como exemplos temos a escrita em Latim e a leitura da Bíblia, que outrora fora mantida em segredo ou com acesso restrito. A educação, tanto no sentido cultural, quanto no domínio de técnicas de confecção de objetos, representou por muito tempo o poder e o domínio de povos.

Dos tempos dos Gregos e Romanos para a atualidade, muitas lutas e conquistas ocorreram na história da educação, como as de Lutero e Comenius. Movimentos como o Iluminismo e a Revolução Francesa, representaram grandes avanços para a educação democratizada do século XXI, especialmente no Ocidente. Segundo Aranha (2006), surge um grande interesse pela educação na época do Renascimento Europeu, entre os séculos XV e XVI, se comparado a Idade Média, com a expansão de colégios e confecção de cartilhas ou manuais para alunos e professores. Nasce uma nova concepção de ser humano, onde: “O olhar humano desviava-se do céu para a terra, ocupando-se mais com as questões do cotidiano. A curiosidade, aguçada para a observação direta dos fatos, redobrou o interesse pelo corpo e pela natureza circundante.” (ARANHA, 2006, p. 124).

As mudanças neste período levaram a denominação de Idade das Trevas⁶⁵, para o período anterior, o da Idade Média, e apresentaram características de contraposição às concepções predominantemente teológicas da Idade Média e ao espírito autoritário delas decorrente:

Durante o Renascimento prevaleceu a tendência um tanto exagerada, e até injusta, de considerar a Idade Média, na totalidade, como a "idade das trevas" ou "a grande noite de mil anos". [...] A oposição dos renascentistas devia-se antes à recusa dos valores medievais, respondendo às aspirações dos novos tempos. O retorno às fontes da cultura greco-latina, sem a intermediação dos comentadores medievais, foi um procedimento que visava também à secularização do saber; isto é, a desvesti-lo da parcialidade religiosa, para torná-lo mais humano. Procurava-se com isso formar o espírito do indivíduo culto mundano, "cortês" (o que frequenta a corte), o gentil-homem. (ARANHA, 2006, p. 124).

A educação de jovens deste período também é marcada pela diferença de classes, enquanto as classes nobres encaminham seus filhos para a escola com fins de lideranças, os filhos oriundos de camadas populares têm apenas educação voltada a determinados ofícios, pois: “[...] os interesses pela educação de segmentos

⁶⁵ Período que enfatiza as deteriorações da cultura e da economia, ocorridos na Europa com o declínio do Império Romano. O título alude a um contraste entre a “escuridão” deste período com os períodos anteriores e posteriores de “luz”.

populares, em geral, não eram levados em conta, restringindo-se à aprendizagem de ofícios.” (ARANHA, 2006, p. 126). A juventude tem separação por idade, crianças são separadas dos adolescentes e adultos, a prática escolar é marcada por disciplina severa, os jovens alunos deste período sofrem castigos corporais na escola em nome de uma formação moral. Os ensinamentos buscam a referência na gramática e retórica, como na Idade Média, onde o Latim tem ênfase sobre a língua materna.

Segundo Cambi (1999), analisar as mudanças e a evolução dos processos de sistematização da educação envolve diversas vertentes de pensamento, pois por trás dos atuais currículos escolares, no movimento da institucionalização educativa e de desenvolvimento da escola moderna, temos grande influência de muitos pensadores:

A própria cultura escolar, por tanto, foi se renovando profundamente. Matemática e ciência, política e religião universal, ou tolerância, compreensão, diálogo, começarão a fazer parte do *currículum* formativo ideal, pelo menos dos grupos sociais privilegiados e destinados a um papel de direção política. Tanto Locke como Rousseau, tanto Comenius como os mestres de Port-Royal ou Fénelon delineiam currículos mais ricos e complexos do que os da escola humanística e vão esboçando os conteúdos culturais da escola moderna que, retomados pelos propagandistas do iluminismo europeu, se tornarão o modelo e o itinerário formativo da escola burguesa. (CAMBI, 1999, p. 209).

Com a industrialização, surge a necessidade de trabalhadores especializados e a massificação da mão de obra, que emprega trabalhadores de forma indiscriminada, independente de condições de trabalho, gênero ou idade. Ela provoca mudanças sociais e influencia a educação.

Um dos pensadores desta época, como já citado, é Karl Marx, que segundo Manacorda (1992), apresenta uma sugestão para a educação na obra: “O Manifesto Comunista”, ele propõe: “Educação pública e gratuita para as crianças. Abolição do trabalho das crianças nas fábricas. Unificação da instrução com o material, etc.” (MANACORDA, 1992, p. 296). A proposta não intenciona a profissionalização de jovens, crianças ou adolescentes para o trabalho subalterno ou uma instrução pluriprofissional, pois, de acordo com Manacorda (1992), em Genebra, durante o I Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores em 1866, Marx apresentou:

Por instruções entendemos três coisas: Primeira: Instrução intelectual; Segunda: educação física assim como é ministrada nas escolas de ginástica e pelos exércitos militares; Terceira: Treinamento tecnológico que transmita os fundamentos científicos gerais de todos os processos de produção e que contemporaneamente introduza a criança e o adolescente no uso prático e na capacidade de manusear instrumentos elementares de todos os ofícios. (MANACORDA, 1992. p. 296).

Cabe lembrar que esta época é marcada pela tendência da inserção dos jovens, crianças e adolescentes, de ambos os sexos, na produção industrial, com o consentimento do próprio Marx, desde que isso ocorresse de forma que respeitasse as forças infantis de modo adequado. Ele afirma:

[...] a partir dos nove anos cada um deve participar do processo produtivo e trabalhar não somente com o cérebro, mas com as mãos.
A subdivisão de crianças e adolescentes dos 9 aos 17 anos em três classes deveria estar articulada com um programa gradual e progressivo de instrução intelectual, física e tecnológica ...
A união entre o trabalho produtivo remunerado, instrução intelectual, exercício físico e treinamento politécnico elevará a classe operária acima das classes superiores e médias. (MANACORDA, 1992. p. 297).

Segundo Manacorda (1992), as recomendações citadas fazem parte do primeiro documento oficial do proletariado moderno, que trata da instrução profissional. Para Marx, esta não era a solução definitiva para a educação, pois ele tinha em mente uma unidade entre instrução e trabalho, com a presença das crianças contemporaneamente nas estruturas escolásticas e nas estruturas produtivas, com a instrução tecnológica que, longe de orientar uns para uma profissão e outros para outra, seria útil para dar a todos, indistintamente, tanto um conhecimento da totalidade das ciências, como das capacidades práticas em todas as atividades produtivas. De acordo com Manacorda (1992), Marx visava uma formação de homens plenamente desenvolvidos.

A relação entre a educação e a constituição social, segundo Manacorda (1992), contém dois aspectos fundamentais que envolvem a pedagogia moderna como reflexão e prática, sendo um deles a descoberta da psicologia infantil e o outro a presença do trabalho no processo da instrução técnica e profissional, com a tendência de ser executado na escola, sendo separado do próprio local de trabalho dos adultos. Estes dois aspectos balizam movimentos de renovação pedagógica entre o final do século XIX e início do século XX.

Esta época marca a entrada do trabalho no campo da educação. São rumos que em certos momentos se opõem e em outros se justapõem, tendo por um lado, uma situação de desenvolvimento das capacidades produtivas sociais, com a revolução industrial e os seus envoltórios capitalistas e por outro, a concepção moderna da descoberta do ser infantil, através da psicologia.

A visão inicial de capacidade produtiva especialmente industrial é uma dura e exigente realidade, afinal necessita-se da capacidade dos seres humanos de apresentar produtividade, com técnicas, maquinário, desenvolvimento de materiais e processos, para dar conta de renovações e especializações das novas maneiras de fazer, incorporados ao cotidiano fabril. O segundo caminho busca uma observação do próprio ser humano como tal, exaltando as características infantis como: espontaneidade, evolução natural de suas etapas, avanços ligados à psique, atenção às características sensório-motoras e intelectuais, necessidade de intervenção adequada com práticas de atividades de maior liberdade, jogos e desenvolvimento afetivo na promoção da socialização:

Por tanto, a instrução técnico-profissional promovida pelas indústrias ou pelos Estados e a educação ativa das escolas novas, de um lado, dão-se as costas, mas, do outro lado, ambas se baseiam num mesmo elemento formativo, o trabalho, e visam o mesmo objetivo formativo, o homem capaz de produzir ativamente. (MANACORDA, 1992. p. 304).

O movimento da Escola Nova⁶⁶ surge após um longo processo que gradativamente leva a emancipação das classes populares e também da mulher, com propostas inovadoras para a sua época, onde a juventude e a infância são observadas com maior detalhamento:

Nas escolas “novas”, a espontaneidade, o jogo e o trabalho são elementos educativos sempre presentes: é por isso que depois foram chamadas de “ativas”. São freqüentemente escolas nos campos, no meio dos bosques, equipadas com instrumentos de laboratório, baseadas no autogoverno e na cooperação, onde se procura ao máximo respeitar e estimular a personalidade da criança. Por tanto, o conhecimento da psicologia infantil e da idade evolutiva, tanto da criança individual como da infância e da adolescência em geral, como idade que tem em si suas leis e sua razão de

⁶⁶ A Escola nova, também chamada de Escola Ativa ou Escola Progressiva, como um movimento de renovação do ensino, surgiu no fim do século XIX e ganhou força na primeira metade do século XX. Nascido na Europa e América do Norte, chegou ao Brasil em 1882, pelas mãos de Rui Barbosa, e exerceu grande influência nas mudanças promovidas no ensino na década de 1920, quando o país passava por uma série de transformações sociais, políticas e econômicas.

ser, são temas essenciais da pedagogia das escolas novas. (MANACORDA, 1992. p. 305).

Na escola nova o trabalho não tem o foco principal no desenvolvimento industrial, mas ao desenvolvimento humano, com a atenção na criança: não é uma forma de preparação de profissionais, mas uma modalidade didática que envolve a moralidade. Os representantes destas tendências são os críticos mais radicais da escola e da educação tradicionais.

As escolas de nossos dias se vêem às voltas com grandes inovações tecnológicas e as mudanças que elas têm provocado no comportamento humano, especialmente quanto às fontes de informação e modos de comunicação vigentes.

Muitas descobertas, inventos e eventos marcaram o século XX, entre eles temos inicialmente, o anúncio da Teoria da Relatividade de Einstein⁶⁷, Santos Dumont voa com o 14 Bis, a fotografia passa a ser colorida; na segunda década Ford⁶⁸ desenvolve a linha de produção nas suas fábricas, ocorre a Primeira Guerra Mundial, operários organizam greves em São Paulo, transmissões de rádio começam a funcionar no Brasil; entre os anos trinta e cinquenta surge a televisão, eclodem muitos conflitos e revoluções em diversos países ocorrendo a Segunda Guerra Mundial, com a explosão de bombas atômicas.

Na segunda metade surge o computador, o homem vai à lua, as indústrias tornam-se muito produtivas com o desenvolvimento da automação, especialmente pelas máquinas controladas por computadores; surgem doenças que se proliferam rapidamente, como a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e o Câncer. Nas últimas décadas do século XX ocorre a clonagem de animais e a popularização dos meios de comunicação através do rádio, imprensa, televisão, telefonia fixa e móvel, rede mundial de computadores, além de serviços oferecidos por tecnologias via satélite, como os de segurança e de localização. Em paralelo se expandem os meios de transporte e ampliam-se as redes de saúde pública.

⁶⁷ A Relatividade Especial é uma teoria publicada em 1905 por Albert Einstein. Ela substitui os conceitos independentes de espaço e tempo da Teoria de Newton pela ideia de espaço-tempo como uma entidade geométrica unificada. O espaço-tempo na relatividade especial consiste de uma variedade diferenciável de 4 dimensões, três espaciais e uma temporal (a quarta dimensão). É nessa teoria, também, que surge a ideia de velocidade da luz invariante.

⁶⁸ Henry Ford (1863 - 1947), empreendedor americano, fundador da Ford Motor Company e o primeiro empresário a aplicar a montagem em série, para produção de automóveis em grande escala, baixando custos e aumentando a produção.

A juventude do século XXI tem características particulares, marcadas pela velocidade das inovações de seu tempo. Uma destas características é a forma de comunicação, com o surgimento das redes sociais e a publicação das ações do cotidiano, uma nova maneira de se comunicar, através do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). As recentes tecnologias da informação e comunicação representam desafios e oportunidades em suas possibilidades de usos para fins educativos. Atrativos para a juventude e desafios aos educadores, os aparelhos eletrônicos, mágicos e fascinantes, especialmente aos adolescentes, são importantes objetos de consumo do atual mercado capitalista e, com desenvolvimento de novas tecnologias de produção, tornam-se cada vez mais populares.

Não obstante a isto, encontramos o mercado de trabalho que também cobra o conhecimento voltado para produção de bens e serviços, dando a impressão que não temos significativas diferenças nos objetivos da educação entre o início deste século e início do século passado, o que coloca em pauta a questão da educação para o trabalho, já que este é parte integrante da existência humana.

Conforme histórico apresentado, a relação entre educação e trabalho passou por diversas aproximações e afastamentos, por um lado a predominância conservadora das elites, reservando para si a formação literária e científica, com a preocupação do acesso à produção cultural para suas gerações, tendo o cuidado de limitar este acesso às classes mais populares, trabalhadores escravos ou não, restando para estes apenas o aprendizado de ofícios necessários ao trabalho, característica marcante de sociedades escravistas e feudais, por outro, a necessidade de conhecimento científico e técnico dos trabalhadores, com fundamentos teóricos e práticos bem calçados numa educação mais ampla, de formação técnica e até acadêmica, fundamentais para a produção de bens e serviços na sociedade contemporânea.

Neste histórico, percebemos que a educação universalizada é fato recente, pois para os trabalhadores por muito tempo prevaleceu uma educação elementar, destinada a um trabalho específico, onde o dualismo educacional se expressou na destinação dos filhos dos trabalhadores ao trabalho e ao preparo para as atividades manuais e profissionalizantes, enquanto aos nobres, fora destinada uma educação mais abrangente, nas diversas áreas do conhecimento humano.

Atualmente percebemos constantes e rápidas mudanças em nossa maneira de viver, onde o conhecimento é base para a sobrevivência, tanto profissional, quanto social, porém esta realidade não representa uma novidade dentro do contexto histórico da evolução humana, apenas está em voga nos meios de comunicação atuais, na chamada “Sociedade do Conhecimento⁶⁹”. Assim o mundo busca novidades, ideias que desenvolvam produtos e serviços diferentes, onde a corrida pela inovação tem sido tema de muitas discussões atuais.

Não obstante a isto, temos a educação para o trabalho, que atualmente sofre modificações por exigências de maior autonomia do trabalhador, da necessidade do trabalho em equipe, dos conceitos de qualidade com a busca pela formação do trabalhador em atendimento as exigências de normas mundiais, nas relações de mercado entre empresas, clientes e fornecedores, que também são regradas por leis nacionais e internacionais. Tais mudanças convergem para uma preparação mais complexa, de maior universalidade para o mercado de trabalho.

A legislação brasileira também sofreu mudanças em virtude da crescente demanda por uma educação que possa atender não só a formação do cidadão na expressão cultural do conhecimento humano, mas também na atuação profissional. A educação politécnica e a formação integrada surgem em meio a discussões político-pedagógicas, na área da educação:

Essa discussão e sua expressão político-prática retornaram nos anos neoliberais de 1990, com a exarcação do Decreto n. 2.208/97. Contrariando a LDB (Lei n. 9.394/96) que “tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho” (art.2º.), implantou-se a separação entre o ensino médio geral e a educação profissional técnica de nível médio. Nos anos 2000, em condições políticas polêmicas, o Governo exarou o Decreto n. 5.154/04 que revogou o anterior e abriu a alternativa da formação integrada entre a formação geral e a educação profissional, técnica e tecnológica de nível médio. (CIAVATTA, 2006, p. 5).

De acordo com Ciavatta (2006), a discussão sobre o princípio educativo do trabalho esteve associada à discussão sobre a politecnicidade e sua viabilidade social e política no país. Os antigos ideais socialistas já apresentavam a educação com a

⁶⁹ De acordo com DZIEKANIAK e ROVER (2011) existem diversos conceitos que envolvem a expressão “sociedade do conhecimento” sendo identificadas visões que revelam o conceito e o destino distorcidos, atribuídos à importância da informação e do conhecimento, não como bens sociais, mas sim, como matérias prima para o desenvolvimento da livre concorrência econômica, sem considerar a importância do desenvolvimento cultural e social da humanidade.

associação entre instrução e trabalho, no objetivo de uma formação humana com capacidade de produzir, dirigir e até governar, com a existência de uma unidade indissolúvel dos aspectos manuais e intelectuais do trabalho humano.

A autora aborda a posição de pensadores como Gaudêncio Frigotto, que argumenta em dois sentidos, por um lado critica a visão positivista do trabalho, por sua exploração capitalista, numa visão de educação negativa, como submissão e alienação do sujeito e, por outro, volta-se para a importância da articulação dos interesses de classe dos trabalhadores pela educação: “[...] é preciso pensar a unidade entre o ensino e o trabalho produtivo, o trabalho como princípio educativo e a escola politécnica.” (CIAVATTA, 2006, p. 6).

Ainda de acordo com Ciavatta (2006), Demerval Saviani, opõe-se a fragmentação do trabalho em funções especializadas, defendendo a politecnicidade. Georg Lukács apresenta o trabalho como uma atividade fundamental ao ser humano, de visão ontocriativa, como a produção da própria existência, nas relações com a natureza, ligadas a cultura e ao desenvolvimento próprio. Sob o olhar do desenvolvimento humano, retomo as palavras de Paulo Freire:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tão pouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (FREIRE, 1989, p. 44).

O princípio educativo do trabalho remete a ideia de princípios como fundamentos da racionalidade do trabalho, da educação que leva à afirmação do caráter formativo do trabalho e da educação como ação humanizadora, por meio do desenvolvimento de diversas potencialidades do ser humano. Uma visão humanizadora facilmente relaciona-se com o campo da educação, porém, pode parecer antagônica ao campo do trabalho, uma vez que neste temos os fatores da venda do trabalho, desemprego, subemprego, forças do poder capitalista, lutas sindicais, etc..

Extraír o fator positivo, um princípio educativo de condições de exploração financeira, repetição de operações, condição de vigília, problemas com a remuneração da força de trabalho, etc., parece um tanto utópico, porém é justamente neste aspecto que busco a visão humanizadora, no sentido de analisar o

trabalho como um constructo, tanto individual quanto social, com aspectos de desenvolvimento humano na experiência da própria vida, pela transformação de modos de viver da humanidade, através de ações tanto de exercício físico, quanto intelectual.

Frigotto faz um questionamento neste sentido: “Como pode ser educativo algo que é explorado e, na maior parte das vezes, se dá em condições de não escolha?” (FRIGOTTO, 2005, p. 1). Ele aborda diversas características, como a tendência da relação do trabalho com os aspectos herdados pelas sociedades escravocratas aos capitalistas, a demora da abolição da escravatura no Brasil, a visão do trabalho em forma de castigo ou maneira de disciplinar, herdada de pensamentos ligados a algumas religiões e a própria perspectiva reducionista da educação para o trabalho como uma simples instrumentalização, com o pensamento de que “se aprende a trabalhar, trabalhando”.

Sabemos que a forma de trabalho capitalista não é natural, mas produzida pelos seres humanos com intenções de poder, envolvendo sentimentos de egoísmo e posse, com o acúmulo de bens para poucos sobre o trabalho de muitos, envolvendo vantagens e desvantagens nas relações, que são traduzidas em condições de trabalho, remuneração, qualidade de vida, etc.. Fatores que levam as desigualdades sociais, onde a luta para superar as relações injustas que o próprio sistema oferece já é histórica, todavia, de acordo com Frigotto, o trabalho como princípio educativo está relacionado com a maneira de viver dos seres humanos:

Somos parte da natureza e dependemos dela para reproduzir a nossa vida. E é pela ação vital do trabalho que os seres humanos transformam a natureza em meios de vida. Se essa é uma condição imperativa, socializar o princípio do trabalho como produtor de valores de uso, para manter e reproduzir a vida, é crucial e “educativo”. Trata-se, como enfatiza Gramsci, de não socializar seres humanos como “mamíferos de luxo”. (FRIGOTTO, 2005, p. 2).

A partir desta visão, observa-se que o princípio educativo do trabalho é possuidor de um caráter problematizador, gerador de consciência crítica, ideia que vai ao encontro dos ensinamentos de Paulo Freire (1987), onde, através do diálogo como o dado da problematização, busca-se o compromisso de transformação da realidade, transformação do próprio ser humano, partindo da análise do contexto da educação como um processo de humanização, ou seja, o caráter problematizador que se dá através do diálogo de base existencialista.

No sentido pedagógico, a educação para o trabalho assume importante função, pois abre horizontes para o desenvolvimento humano através da produção dos meios de vida através do trabalho. Segundo Frigotto, estas relações não são simplesmente transformadoras da natureza que nos envolve:

Na relação dos seres humanos para produzirem os meios de vida pelo trabalho, não significa apenas que, ao transformar a natureza, transformamos a nós mesmos, mas também que a atividade prática é o ponto de partida do conhecimento, da cultura e da conscientização. A direção que assume a relação trabalho e educação nos processos formativos não é inocente. Traz a marca dos embates que se efetivam no âmbito do conjunto das relações sociais. Trata-se de uma relação que é parte da luta hegemônica entre capital e trabalho. (FRIGOTTO, 2005, p. 2).

O ato pedagógico em Freire (1967) é um ato político, assim como, a comunicação é uma relação social, uma prática social transformadora e eminentemente política, ele aponta para a democratização cultural e para a cultura, como resultado do trabalho humano. Ao tratar da alfabetização, Freire aborda a distinção entre os dois mundos: o da natureza e o da cultura, onde a cultura é colocada como papel ativo do homem, em sua e com sua realidade. Ele foca a transformação, a ação humana no sentido de mediação que tem a natureza para as relações e comunicação dos homens. A cultura analisada como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez, apontando a cultura como o resultado de seu trabalho, a produção humana com seu esforço criador e recriador, no sentido transcendental de suas relações, abordando a dimensão humanista da cultura:

A cultura como aquisição sistemática da experiência humana. Como uma incorporação, por isso crítica e criadora, e não como uma justaposição de informes ou prescrições "doadas". A democratização da cultura — dimensão da democratização fundamental. O aprendizado da escrita e da leitura como uma chave com que o analfabeto iniciaria a sua introdução no mundo da comunicação escrita. (FREIRE, 1967, p. 108).

No princípio educativo do trabalho temos a importância do ato pedagógico dentro de uma perspectiva de educação, não no trabalho como emprego, nem a educação como um treinamento, mas, como disse Freire (1967), no sentido transcendental das relações humanas. "O homem, afinal, no mundo e com o mundo. O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto." (FREIRE, 1967, p. 108).

A diferença entre o treinamento para um ofício e a educação para o trabalho está no centro da questão do princípio educativo do trabalho, pois temos neste ponto

a consciência dos próprios atos, a reflexão das ações que tomamos dentro desta transformação provocada pelo trabalho, seja na natureza, indivíduo ou sociedade, como aponta Frigotto:

É a consciência moldada por esse agir prático, teórico, poético ou político que vai impulsionar o ser humano em sua luta para modificar a natureza (ou para dominá-la, como se dizia no passado, antes que se tomasse consciência da destruição que o homem vem operando sobre o planeta). (FRIGOTTO, 2005, p. 3).

Neste agir consciente, não podemos mecanizar ações através de treinamento ou repetitividade de operações, mas valorizar o pensamento reflexivo. Não quero desvalorizar o treinamento no sentido de adquirir aptidões para a execução de atividades, pois este é fundamental para o exercício do trabalho, seja ele de caráter profissional ou não, mas, valorizar o treinamento quando operacionalizado pela educação, com um agir consciente, pois: “A consciência é a capacidade de representar o ser de modo ideal, de colocar finalidades às ações, de transformar perguntas em necessidades e de dar respostas a essas necessidades.” (FRIGOTTO, 2005, p. 3).

Dentro dos atuais apelos ao consumo temos que considerar o respeito ao atendimento das necessidades humanas. O capitalismo vigente, na maioria dos países, muitas vezes nos impõe a crença de que necessitamos adquirir algo para o exercício do consumo, assim, temos a impressão da necessidade para alimentar um sistema de compra e venda de produtos. Penso que pelo princípio educativo do trabalho, na visão de desenvolvimento humano, possamos provocar reflexões sobre as finalidades do nosso trabalho e que, através de uma educação emancipatória⁷⁰, diferenciada de treinamentos mecanicistas, podemos contribuir para um desenvolvimento mais sustentável de nossa sociedade.

Segundo Frigotto (2005), na intervenção do homem na natureza existe uma relação entre a satisfação de necessidades biológicas, mas também a parcela de deliberação para a prática das ações para satisfazê-las, devido ao estabelecimento de metas, finalidades e escolhas, contempladas nas ações tomadas. É a liberdade

⁷⁰ Paulo Freire (1987) defende a educação humanizadora, que remete os sujeitos do processo educativo à emancipação, através de uma ação problematizadora num fazer humanista e libertador. Enfatiza a importância da luta pela emancipação dos sujeitos submetidos ao intelectualismo alienante, com uma educação que supere a deposição de conhecimentos nos alunos através do autoritarismo do educador, por Freire chamada de educação bancária.

de escolhas, característica do intelecto humano, que pode levar o ser humano a tomar ações muito diferenciadas dos demais seres da natureza, como por exemplo, abster-se do próprio alimento, em detrimento de uma causa. Liberdade, que quando não focada na humanização, pode conduzir as práticas de segregação e injustiças, perdendo-se, assim, o conhecimento da totalidade social, com a ênfase dada as partes, onde estas ganham compreensão e significado, conforme aponta o autor: “É a ampliação e a reelaboração desta liberdade, pelo aperfeiçoamento do agir humano, que vai provocar a divisão do trabalho, as formas desiguais de apropriação da riqueza social produzida.” (FRIGOTTO, 2005, p. 4). Ele também alude à ideologia humana que, segundo Frigotto (2005), são as apropriações ideológicas que mistificam essas ações, constituindo a divisão social do trabalho, fator gerador de classes sociais. O autor ainda aponta a alienação humana dentro deste pensamento de divisão:

Aí se origina a separação, a alienação dos seres humanos da produção que se torna mercadoria avaliada segundo o tempo de trabalho e seu valor de troca, a ponto de eles não se reconhecerem no produto do seu trabalho, no conhecimento produzido pelo trabalho, nas relações com os demais produtores. (MARX apud FRIGOTTO, 2005, p. 4).

Freire (1987) sugere uma educação problematizadora, no sentido de refletir sobre as ações do homem em busca de uma percepção capaz de perceber-se, sair da concepção da realidade posta como realidade indiscutível ou mágica e, neste movimento de percepção, conseguir transformar a realidade objetivando-a. O autor chama a atenção para a o sentimento humano de pertencimento, onde os homens, sentindo-se sujeitos do movimento de busca do ser de outros, tomando-lhes o direito deste movimento, provocam a alienação as suas decisões, tornando-os objetos.

Freire caracteriza este ato como violento e desumano, enfatizando que a busca do ser ocorre na comunhão e não de forma individual e coloca a relação entre o ser e o ter: “Precisamente porque é, não pode o ter de alguns converter-se na obstaculização ao ter dos demais, robustecendo o poder dos primeiros, com o qual esmagam os segundos, na sua escassez de poder.” (FREIRE, 1987, p. 43). Ele compara a educação problematizadora com a forma tradicional de transmissão de conhecimento, onde o educador narra aos educandos, ação que ele denomina de educação bancária:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, na narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão.

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. (FREIRE, 1987, p. 33).

Assim reforço que a ideia da educação para o trabalho, dentro da concepção de princípio educativo, não seja voltada para as ideias de treinamento para ofícios, não desmerecendo a importância deste para o desenvolvimento de certas atividades, como já mencionado, mas para uma educação humanizadora, com bases democráticas e dialógicas, pois, a preparação para o trabalho faz parte do contexto de vida, fato que nos leva as aproximações entre escola e trabalho, entre educandos e educadores. Freire salienta que a educação bancária entra em choque com o próprio público ao qual dispomos a ação educadora:

Simplemente, não podemos chegar aos operários, urbanos ou camponeses, estes, de modo geral, imersos num contexto colonial, quase umbilicalmente ligados ao mundo da natureza de que se sentem mais partes que transformadores, para, à maneira da concepção “bancária”, entregar-lhes “conhecimento” ou impor-lhes um modelo de bom homem, contido no programa cujo conteúdo nós mesmos organizamos. (FREIRE, 1987, p. 48).

Dentro do contexto social, do qual o sistema capitalista depende da produção e consumos de bens, que automaticamente impõe apelos ao consumo através de comerciais veiculados por diversos meios de comunicação, considero de fundamental importância que a educação para o trabalho ocorra de maneira dialógica e esclarecedora, buscando conscientização dos impactos ambiental e social, com discussões envolvendo desde a parte básica de conhecimentos culturais e científicos até as técnicas de produção, logística, venda e especialmente o consumo, dentro de uma convivência social harmoniosa e ética.

Estamos vivendo uma realidade de rápidas mudanças; rapidez, sem precedentes na história do desenvolvimento humano, mas Freire já alertava para as necessidades de mudanças na educação de jovens e adultos há algum tempo, apostando na dialogicidade, problematização, renovação, ampliação dos conhecimentos e interdisciplinaridade:

Enquanto na prática “bancária” da educação, anti-dialógica por essência, por isto, não comunicativa, o educador deposita no educando o conteúdo programático da educação, que ele mesmo elabora ou elaboram para ele, na prática problematizadora, dialógica por excelência, este conteúdo, que jamais é “depositado”, se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus temas geradores.

Por tal razão é que este conteúdo há de estar sempre se renovando e ampliando-se. A tarefa do educador dialógico é, trabalhando em equipe interdisciplinar este universo temático recolhido na investigação, devolvê-lo, como problema, não como dissertação, aos homens de quem recebeu. (FREIRE, 1987, p. 48).

O autor defende uma educação que leve os sujeitos do processo, pelo fazer humanista e libertador, empenhar-se por sua emancipação. “Por isto é que esta educação, em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador “bancário”, supera também a falsa consciência do mundo.” (FREIRE, 1987, p. 43).

O exposto até aqui, referente aos pensamentos de Paulo Freire, não intenciona sugerir o método da problematização para o uso na educação para o trabalho, mas sim, de suas ideias relativas à educação como um todo, no ideal de libertação, emancipação e humanização através da educação. Em Freire (2000), encontramos uma abordagem ao ensino voltado ao trabalho, na distinção entre educação e treinamento para esta modalidade:

A necessária formação técnico-científica dos educandos por que se bate a pedagogia crítica não tem nada que ver com a estreiteza tecnicista e cientificista que caracteriza o mero treinamento. É por isso que o educador progressista, capaz e sério, não apenas deve ensinar muito bem sua disciplina, mas desafiar o educando a pensar criticamente a realidade social, política e histórica em que é uma presença. É por isso que, ao ensinar com seriedade e rigor sua disciplina, o educador progressista não pode acomodar-se, desistente da luta, vencido pelo discurso fatalista que aponta como única saída histórica hoje a aceitação, tida como expressão da mente moderna e não “caipira” do que aí está porque o que está aí é o que deve estar. (FREIRE, 2000. p. 22).

Desta forma, o princípio educativo do trabalho, se estende como educação ampla, que não só aborda o trabalho e suas características, mas o seu contexto e os sujeitos envolvidos nele. O princípio educativo do trabalho torna-se assim abrangente, envolvendo profundamente o ser humano e suas relações com a natureza, consigo mesmo, com o outro e com a sociedade, ou sociedades, dentro da atual globalização. Paulo Freire expõe o seu cuidado ao falar de educação e não de treinamento:

Da educação que, não podendo jamais ser neutra, tanto pode estar a serviço da decisão, da transformação do mundo, da inserção crítica nele, quanto a serviço da imobilização, da permanência possível das estruturas injustas, da acomodação dos seres humanos à realidade tida como intocável. Por isso, falo da educação ou da formação. Nunca do puro treinamento. (FREIRE, 2000, p. 27).

Ainda de acordo com Freire (2000), existem dificuldades na mudança de sistemas tradicionais de educação, como ele próprio chamou de “educação bancária”, tanto para a formação de educadores, quanto para trabalhadores. Freire aborda o aspecto da educação como desenvolvimento humano, como formação e não de puro treinamento técnico-profissional. Ele apresenta a união sem dicotomia da capacitação técnico-científica do educando com os conhecimentos necessários ao exercício de sua cidadania, abordando a visão pragmático-tecnicista contida em discursos reacionariamente pós-modernos, que valorizam muito a transferência de saberes técnicos, instrumentais, assegurando uma boa produtividade.

O autor destaca que esta visão ofusca aos homens e mulheres levando-os ao raciocínio subjetivo de que a globalização diminua as diferenças entre classes sociais, não tenha ideologias, direita ou esquerda, que a globalização da economia não apenas fez o mundo melhor, mas também, o tornou quase igual, onde atualmente a educação de que se precisa não tem nada que ver com sonhos, utopias, conscientização ou ideologias, mas com saber técnico, que esta será tão mais eficaz quanto melhor se “treine” os educandos para certas destrezas. Freire alerta:

Introduzir no ensino e no aprendizado da matemática, da física, ou no “treino” de operários qualificando-se o sonho da libertação, a utopia da justiça social é repetir erros funestos por causa dos quais pagamos caro. A educação para hoje é a que melhor adapte homens e mulheres ao mundo tal qual está sendo. Nunca talvez se tenha feito tanto pela despolitização da educação quanto hoje. (FREIRE, 2000, p. 43).

Quando Freire menciona que a educação tem que ser adaptada a realidade do mundo, ele coloca uma visão do desenvolvimento da ação educativa, para uma constante atualização às necessidades do indivíduo e da sociedade, porém, ele aponta para o cuidado com a mudança tecnológica e suas subjetividades, chamando a atenção para os fins dos usos da tecnologia invocando uma observação constante para o aspecto ético:

A compreensão crítica da tecnologia, da qual a educação de que precisamos deve estar infundida, e a que vê nela uma intervenção crescentemente sofisticada no mundo a ser necessariamente submetida a crivo político e ético. Quanto maior vem sendo a importância da tecnologia hoje tanto mais se afirma a necessidade de rigorosa vigilância ética sobre ela. De uma ética a serviço das gentes, de sua vocação ontológica, a do ser mais e não de uma ética estreita e malvada, como a do lucro, a do mercado. (FREIRE, 2000, p. 46)

Neste sentido, Freire aborda um aspecto importante que pode muito contribuir na ação educadora para o trabalho: o cuidado para que a tecnologia e as mudanças de hábitos provocadas pelo uso destas, não ofusquem o real sentido educativo, levando aos meros treinamentos, sem o necessário e fundamental olhar filosófico. Ele aponta para os sentidos no uso dos recursos tecnológicos:

Por isso mesmo a formação técnico-científica de que urgentemente precisamos é muito mais do que puro treinamento ou adestramento para o uso de procedimentos tecnológicos. No fundo, a educação de adultos hoje como a educação em geral não podem prescindir do exercício de pensar criticamente a própria técnica. O convívio com as técnicas a que não falte a vigilância ética implica uma reflexão radical, jamais cavilosa, sobre o ser humano, sobre sua presença no mundo e com o mundo. Filosofar, assim, se impõe não como puro encanto, mas como espanto diante do mundo, diante das coisas, da História que precisa ser compreendida ao ser vivida no jogo em que, ao fazê-la, somos por ela feitos e refeitos. (FREIRE, 2000, p. 46).

Freire convida para a reflexão dos sentidos do fazer humano, convida ao exercício de pensamento referente ao tempo, técnica, conhecimento enquanto se conhece. Ele coloca uma questão que considero fundamental dentro do princípio educativo do trabalho: “pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem, são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo.” (FREIRE, 2000 p. 46).

Assim, entrar no campo do princípio educativo do trabalho exige um pensamento voltado para os sentidos do atual sistema capitalista, pois “[...] o trabalho na formação social do capitalismo, ao se instituir como alienação, reforça o sentido da adaptação e impõe limites à emancipação humana.” (PALARO 2006, p. 5). Por outro lado, ainda segundo Palaro (2006), no sentido da contribuição para a educação do trabalhador, cidadão, onde ele possa reconhecer-se no produto de sua obra, aprendendo a se organizar, reivindicar seus direitos, desmistificar ideologias, dominar conteúdos do trabalho, compreender as relações sociais e a função que

nelas desempenha, com visão global e possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional, contribuindo para uma melhor qualidade de vida individual e social.

Kuenzer (2000) aborda a mudança do agir docente, dentro da perspectiva de atual flexibilidade do capital, na lógica de acumulação flexível⁷¹. Na análise da tarefa de ser professor, a autora aponta para as mudanças ocorridas no reordenamento do trabalho, onde o professor não educa mais para os fazeres desenvolvendo apenas as habilidades psicofísicas, a memorização, o treinamento para a obtenção da destreza e a repetição, ou seja, não se buscam mais os resultados focados em relações sociais e produtivas com marcas de rigidez e de estabilidade. Segundo Kuenzer, o desafio atual é o de “desenvolver a capacidade de pensar, de estudar, de criar, como resultado da articulação entre conteúdo e método, produto e processo, pensamento e ação, como requisitos para a destruição das condições que produzem exclusão.” (KUENZER, 2000, p. 15). A autora aborda o aspecto do negativo do treinamento, como prática pedagógica, no ensino para o trabalho:

A pedagogia do trabalho, assim compreendida, se resume a observar e repetir até memorizar as 'boas práticas' dos trabalhadores mais experientes, bastando inserir desde logo o trabalhador na situação concreta de trabalho, mesmo antes que ele se aproprie de categorias teórico-metodológicas, que lhe permitam analisá-la e compreendê-la para poder intervir com competência. (KUENZER, 2008, p. 505).

Ela questiona as intenções no ensino para o trabalho com este tipo de proposta, tendo em vista a necessidade da mediação teórica ao cotidiano da vida prática dos trabalhadores, onde estes, tendo a redução da formação ao conhecimento tácito, com a observação apenas das ações práticas, “sem a mediação teórica, se afastam do conhecimento científico, tecnológico e sócio-histórico, enquanto produto do pensamento humano, mas também enquanto método para aprender a conhecer.” (KUENZER, 2008, p. 505).

As colocações de Kuenzer (2008) conduzem à ideia da mediação na ação educativa, articulando-se teoria e prática, no pensamento e através do trabalho intelectual, permitindo a compreensão e a sistematização do conhecimento tácito e

⁷¹ A produção industrial no regime de acumulação flexível busca eliminar a tradicional hierarquia gerencial substituindo-a por equipes multiqualificadas que operam em conjunto, diretamente no ponto de produção. O modelo flexível aborda a importância de uma equipe cooperativa no uso da capacidade mental e de experiência prática dos envolvidos no processo de fabricação, tendo em vista as rápidas mudanças nos processos, produtos e serviços gerados pelo comércio globalizado.

sua transformação em conhecimento científico. “Justifica-se, deste modo, o resgate das ações educativas sistematizadas, escolares e não escolares, pelo regime de acumulação flexível.” (KUENZER, 2008, p. 505-506).

Numa reflexão aos apontamentos feitos por Kuenzer (2008) estabeleço um paralelo com as colocações de Freire (2000), em relação às dificuldades encontradas na promoção de práticas educativas que enfoquem o caráter humanizador, dentro do sistema capitalista. Kuenzer (2006) sinaliza para a complexidade de trabalhar com a concepção mais ampla de educação, de modo a incorporar todas as dimensões educativas que ocorrem no âmbito das relações sociais e objetivam a formação humana nas dimensões social, política e produtiva.

A autora aponta que esta ação implica no reconhecimento de cada sociedade, com seu modo de produção e regimes de acumulação, com formas próprias de educação, correspondendo às demandas de cada grupo e das funções desempenhadas na divisão social e técnica do trabalho. “O exercício destas funções não se restringe ao caráter produtivo, mas abrange todas as dimensões comportamentais, ideológicas e normativas que lhe são próprias, elaborando a escola sua proposta pedagógica com base em demandas sociais.” (KUENZER, 2006, p. 300).

O desafio de uma proposta que vislumbre o princípio educativo do trabalho com o objetivo de mediação entre os dois pólos é muito grande, pois, por um lado temos a visão humanista e por outro a avassaladora realidade de domínio e poder praticados pelo uso do capital. Esta proposta remete a escola para o contexto do trabalho e o apresenta como um agente fomentador de diversas áreas da educação. Toda via, não podemos esquecer que o trabalho é apenas uma parte do contexto da vida humana, fato que nos leva à reflexão quanto ao universo que compreende a educação e o papel da escola, nas diversas áreas do conhecimento, diante das mudanças de vida social das últimas décadas, que foram fortemente influenciadas pelos recursos de transporte, saúde e comunicação, recursos que foram popularizados pela produção de bens e serviços.

No contexto destas mudanças encontramos diversos aspectos, como a adaptação da legislação e hábitos do cotidiano. Analisando tais mudanças busco uma reflexão na minha própria história de vida, onde tenho a impressão que vivenciei uma forma de planejamento ou de projeção de futuro, com certa linearidade. O sentido linear ao qual me refiro, é o da preparação para uma

profissão, do estudo para a garantia de um futuro melhor, das demarcações distintas entre fases de escola, profissão, namoro, casamento, família, filhos, etc.

Vivi uma realidade que me conduziu ao trabalho remunerado aos treze anos de idade, trabalho informal, conduzido e controlado pelos meus pais, com o cuidado para não interferir de forma impactante em meus estudos. Posteriormente, aos quatorze anos, tive a oportunidade de estudar numa escola de ensino profissionalizante com um método inovador para a época, o Método de Ensino Individualizado, que me possibilitou uma rápida ascensão ao conhecimento técnico e de experiência de vida.

A partir de uma nova relação com o conhecimento e da forma de aprender as coisas da vida, com liberdade de escolhas e buscas pelo que era necessário na solução de problemas propostos nas situações de aprendizagem, tal método me ensinou também os sentidos da autonomia e emancipação na relação entre o viver e o aprender.

Como primeiro aluno formando de uma turma que começou na mesma data, porém tendo a saída dos alunos de acordo com o tempo do aprendizado individual, entrei no mercado de trabalho, aos quinze anos de idade. Tive minha carteira profissional assinada para trabalhar nove horas e trinta e seis minutos por dia, em local perigoso e insalubre, conforme permitido pela legislação trabalhista daquela época. No Ensino Médio, Segundo Grau na época, existia a chamada Terminalidade de Segundo Grau ou Segundo Grau com Habilitação Profissional⁷², casualmente dentro da minha área de atuação profissional, fator que muito me ajudou, pois tive um excelente professor da área técnica, dentro de uma escola estadual. Nos anos oitenta, com a formação de ensino médio juntamente com a do ensino profissionalizante, através de um Centro de Formação Profissional do SENAI, escolhíamos empregos bem remunerados na área industrial de Caxias do Sul.

Tal situação permitia a opção de fazer um curso superior, porém estes tinham um custo muito elevado, restrição que privilegiava apenas uma pequena

⁷² Títulos que expressam uma tentativa de aproximação entre o ensino regular e a formação profissional, pelo governo federal, a partir da Lei Federal n.º 5.692/71, que exigia uma Habilitação Profissional como condição para a obtenção de certificado de conclusão do então 2.º grau, necessária para o prosseguimento de estudos em nível superior. Conforme Brasil (2007), esta ação foi contestada posteriormente, em 1982, por diversos motivos, entre eles pela titulação de “Auxiliar”, nas habilitações profissionais, fato que caracterizava a parcialidade da formação profissional, que além de não ser plena, substituiu diversas disciplinas empobrecendo a formação geral do estudante.

parcela da população de maior poder aquisitivo. Assim, sem a formação de Nível Superior, segui minha vida profissional voltado para as questões da qualidade no trabalho e sempre buscando aperfeiçoamento através de diversos cursos, treinamentos, congressos e palestras, entre outros, que faziam grande diferença no exercício da profissão, uma situação bem diferente do atual mundo informatizado, onde as informações são muito mais fáceis de serem obtidas.

Aos dezessete anos mudei do setor de usinagem, onde operava máquinas, para o de engenharia, projetando ferramentas, foi como mudar da prática para a teoria. Posteriormente, devido ao grande número de treinamentos e cursos, surgiu uma oportunidade de concurso para docentes no SENAI. Assim, aos dezenove anos de idade mudei radicalmente para uma profissão que jamais havia pensado para a minha vida, o exercício da docência na educação profissional, na qual me encontro até hoje. Em paralelo, conheci a minha esposa e aos dezessete anos comecei a comprar material de construção para a casa própria; casei aos vinte e um, construímos nossa casa aos vinte e dois, nossa filha nasceu aos vinte e quatro e quatro anos depois, o nosso filho.

Pensando nesta trajetória e comparando a minha experiência de vida com a de muitos colegas, notei similaridade em nossa geração, com uma tendência linear que, ao comparar com a geração de meus filhos percebi muitas diferenças, começando pela forma de preparação para o trabalho, a necessidade de cursos superiores, que felizmente estão mais acessíveis, uma legislação que não permite o trabalho de menores em local insalubre ou perigoso, fazendo com que os jovens da atualidade venham a ingressar no mundo do trabalho bem mais tarde do que a minha geração ingressou, numa disputa bem maior pelas oportunidades de emprego, com mais idade, mas nem sempre representando mais maturidade ou autonomia, fatores que dependem das experiências da vida, etc..

Percebo que as regras, tempos e espaços que serviram para mim, parecem não mais serem uma certeza para os jovens da atualidade, diante de um mercado de trabalho que oferece boas oportunidades para poucos, levando a maioria destes jovens para as constantes mudanças de trajetórias. Estas mudanças envolvem diversas tentativas de emprego, ocasionadas por diversos fatores, entre eles o subemprego. Fatores como as ofertas somente para estágios e a falta de cursos profissionalizantes ou de preparação para o trabalho para um maior número de jovens colaboram neste sentido.

Outro aspecto importante é a visão de mundo da juventude atual, na frenética busca pelo “ter”. Busca que acarreta muita ansiedade e rapidez no descarte dos sonhos de consumo, motivada por incessantes apelos comerciais nas grifes de diversos fabricantes, facilitada pelas rápidas e constantes mudanças nas inovações tecnológicas, além de processos de informação e comunicação cada vez mais dinâmicos e interativos. Neste contexto, trajetórias profissionais podem ser muito mais influenciadas pelo poder de aquisição da profissão exercida, do que outros aspectos que envolvem a dinâmica profissional.

Mesmo tendo uma trajetória profissional que iniciou cedo e fora marcada por uma mudança de rumo, que desviara o caminho da engenharia para o da docência no ensino profissionalizante, com uma história de vida pessoal que também constitui um núcleo familiar jovem, observo que passei por um processo que seguiu uma linearidade. O pensamento de etapas de vida definidas pela sequência cronológica, com a responsabilidade de atingir objetivos pré-estabelecidos, fez parte da minha experiência de vida. Como exemplo, penso na situação do namoro, que passando pelo noivado levou ao casamento, num período de aproximadamente quatro anos, tempo que levamos para amadurecer a ideia de um relacionamento sério, atualmente chegando aos trinta anos e que constituiu um núcleo familiar.

Estes aspectos me remetem ao pensamento de uma linearidade, que não percebo mais nos jovens de hoje, tendo em vista os relacionamentos conjugais sem a formalidade de casamentos, seja de representação civil ou religiosa e, em especial, nas tentativas de oportunidades de empregos, com trajetórias constantemente modificadas, tanto para a constituição de vida pessoal, quanto profissional. Esta observação não me remete a julgamentos entre as escolhas nas diferentes gerações, mas, à constatação de diferenças consideráveis nas trajetórias atualmente percorridas. Assim, tenho a impressão de que os percursos lineares, da época de minha juventude, estejam hoje, se redimensionado para uma espécie de rede, onde a sequência dos acontecimentos não tende a seguir num só sentido, de forma simples, mas, por meio da interconectividade de múltiplos desvios, necessitando de um mergulho num mundo de discontinuidades, aparentemente sem ligação, mas que pode estar comunicado pela rede de fatos da vida dos jovens.

José Machado Pais (2001) apresenta uma analogia de histórias de vida com a das histórias representadas em quadrinhos: “Numa história aos quadrinhos - da mesma forma que numa história de vida - a comunicação é feita através de um

conjunto descontínuo de imagens (os quadradinhos) ou de discursos (relatos).” (PAIS, 2001, p. 76). Ele salienta que as imagens sendo estáticas e separadas, diferentemente do recurso de movimento das imagens dos filmes no cinema, incumbem ao leitor, uma interpretação com coerência. Segundo Pais (2001), mesmo que exista certa linearidade nas histórias em quadrinhos, pois existe uma história a seguir, esta é composta por uma série de representações iconográficas de distribuição descontínua, que podem parecer ilhas em um arquipélago, que ao serem observadas num vôo são separadas, porém num mergulho, facilmente se percebe a ligação entre elas. O autor chama a atenção para a forma de interpretação das histórias em quadrinhos e da força de mudança da interpretação linear para a não linear: “O significado encontra-se nos descontínuos da informação e é através destes descontínuos que se realiza o trabalho de interpretação.” (PAIS, 2001, p. 77).

Dentro deste pensamento, de acordo com Pais (2001), já não estão nítidos quem são os heróis ou os vilões de uma história. Causas e efeitos, vitórias ou derrotas não são mais facilmente deduzidas por não terem uma nitidez. A objetivação da resolução deixa de dirigir a história pela contraposição de forças de pressões constantemente atuantes e transformadoras. Em sua analogia, o autor nos traz uma reflexão sobre a agitação do modo de vida da juventude atual, especialmente em relação ao trabalho:

A força que levou o mundo dos quadradinhos da simplicidade linear para a complexidade não-linear foi a mesma de qualquer sistema caótico: a *turbulência*. É essa força de turbulência que agita a vida de muitos jovens, designadamente quando procuram integrar-se no mundo do trabalho. Mas o que os jovens nos contam das suas experiências profissionais são contas de um rosário vasto: de experiências profissionais ligadas a outras experiências de vida; de um rosário de vida cuja história se encontra ligada a outras vidas. Rosário de enredos cruzados cuja linearidade é sacrificada a favor da interconectividade, entre fatos, modos e tempos. (PAIS, 2001, p. 77).

A interconectividade pressupõe a relação em rede de experiências que não necessariamente estão diretamente conectadas. A questão então é: como podem ser nossas experiências desconectadas de forma direta, tendo linhas de conexões interligadas e sendo inseparáveis?

Neste aspecto Pais (2001) comenta a relação entre nossas experiências de vida, que não podem acontecer de maneira isolada, sempre estão dentro de um

contexto, trazendo uma significação para o presente e conduzindo novas experiências como uma bagagem de conhecimentos de vida, o que se traduz em significar uma experiência através de experiências passadas, pois “[...] não conseguiríamos experienciar a vida da forma que a experienciamos se não tivéssemos tido as experiências que tivemos” (PAIS, 2001, p. 78), mas que existem saltos de vida, de descontinuidade: “Estes saltos de vida são frequentes nos modos de vida de alguns jovens e alguns podem ser bastante traumáticos, como acontece quando um jovem perde o emprego [...]” (PAIS, 2001, p. 79).

A interconectividade mencionada interliga diferentes realidades, entre diferentes tempos, Pais (2001) ao referir Schutz, menciona que a interconectividade não ocorre apenas entre o aqui e o agora. Ela refere-se ainda a diferentes instâncias de finitas realidades. Este é um importante conceito de Schutz, pois, “acentua a descontinuidade da realidade social, ao fragmentá-la em realidades discretas e finitas.” (PAIS, 2001, p. 78).

A interligação entre diferentes experiências de vida nos remete a interpretação do tempo, onde os referenciais foram alterando-se, especialmente na realidade capitalista. Segundo Stecanela (2010a), as experiências relacionadas ao tempo, por longo período, seguiram o determinismo de um modelo de sociedade capitalista industrializada, com as referências do tempo medido por máquinas e o tempo de orientação finalista. Na primeira, uma dimensão artificial através da ação de cronometrar o tempo, em busca das informações de tempos individuais e dos tempos sociais, em relação ao trabalho e ao lucro das empresas. Na segunda, um tempo linear que se movia em direção ao final do tempo, do fim da história, do progresso, etc.. Mas esta linearidade vem sendo modificada em nossa realidade atual:

As experiências contemporâneas em relação ao tempo indicam que um processo de diferenciação esteja acontecendo, pois os tempos experimentados por sujeitos sociais são muito diferentes uns dos outros, por vezes, tornando-se contrastantes. (STECANELA, 2010a, p. 102).

Ao mencionar Melucci, Stecanela (2010a) aborda a definição dominante de tempo que vem sendo desafiada pela atual juventude: “A juventude constitui a categoria social que mais desafia a definição dominante do tempo, anunciando que são possíveis outras dimensões da experiência humana.” (STECANELA 2010a, p.

102). De acordo com estudos de Stecanela, a experiência de tempo dos jovens passa por muitas alternâncias:

Os jovens vivem dilemas do tempo que se entrelaçam entre a escolha, o controle e a culpa. A escola, o trabalho, a cultura e o lazer são elementos que participam na constituição desses dilemas, pois se associam ao viver o presente e ao estabelecimento de projetos de futuro. Ao lado das preocupações com a escolarização para garantir a certificação e o acesso a algum trabalho, conquistar a autonomia e ingressar no mundo das responsabilidades próprias do mundo adulto, há o desejo de experimentar intensamente os tempos presentes na esfera do lazer, da fruição e do acesso aos bens culturais oportunizados pela vida urbana. (STECANELA, 2010a, p. 105).

A ideia de transição embutida na fase da juventude, em associação com metáfora de passagem para a fase adulta baseada em idades da vida, cristalizadas em torno da ideia de geração, constituiu a juventude como uma categoria socialmente construída, por muito tempo. As relações de trabalho e o prolongamento da escolaridade obrigatória incidiram diretamente sobre as representações sociais, baseadas no caráter ternário, em torno do ciclo de vida, onde na juventude ocorre uma formação, na fase adulta se trabalha e na velhice ocorre o repouso, de acordo com Stecanela (2010a).

A autora menciona a questão da previsibilidade, onde a habilidade da previsão e a normalização das etapas de vida, já não são mais precisas, saindo da perspectiva de forte previsibilidade e normalização em direção à “descronologização do ciclo de vida e sua desestandardização ou descristalização” (STECANELA, 2010a, p. 70), situação em que as referências cronológicas cederam lugar às referências funcionais, especialmente aquelas relacionadas às atividades econômicas, deixando de lado as limitações das idades.

Na visão de sociedade moderna temos a impressão que as novas tecnologias e atuais formas de interatividade estão inventando a juventude, mas, não é a sociedade que a inventa, conforme aponta Stecanela (2010a) ao mencionar Tartuce. De acordo com Stecanela (2010a), os jovens sempre existiram e foram reconhecidos como tais, em outras realidades de história da humanidade. Porém, a modernidade encara a juventude como transição, partindo de um suposto ideal de vida, protagonizado pelo adulto, através do trabalho.

Assim, acredito que a educação para o trabalho pode contribuir para a constituição da vida profissional e pessoal a partir de uma educação para a

juventude, que envolva a visão contextualizada do mundo do trabalho, do ser humano e da sociedade, auxiliando também na questão da própria identidade juvenil, que envolve relações de representações dentro da ação de reconhecimento próprio e dos outros, como aponta Stecanela (2010a, p. 122), ao mencionar Melucci: “[...] é possível definir identidade como um sistema de relações e de representações que compreendem tanto a capacidade de nos reconhecermos, como a possibilidade de sermos reconhecidos pelos outros”.

O significado do simbólico toma o sentido da experiência, conforme Woodward, onde “as representações são formadas por sistemas simbólicos que produzem significados por meio dos quais damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.” (STECANELA, 2010a, p. 122). Segundo Stecanela (2010a) as relações e as representações são duas dimensões que caracterizam uma polaridade entre “auto-reconhecimento” e “hetero-reconhecimento”. Estas duas dimensões são referidas por Melucci como sendo um processo de “identificação” e de “afirmação da diferença”.

Um dos fatores que corroboram para uma constante mudança de rumos na trajetória juvenil é o próprio papel da educação formal, através das escolas. Percebo que a escola, de maneira geral, está em crise, ela passou do contexto de certeza e garantia de um bom futuro pessoal e profissional, garantindo a produção de bons cidadãos, para uma realidade de incertezas. Já não se acredita na premissa de que estudando se garante um bom futuro, pois o contexto de promessas da escola atualmente é colocado em dúvida pelos seus alunos, diante de tantas mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas. De acordo com Stecanela (2010a), embora prevaleça o mito da ascensão social em convivência com a necessidade da certificação imposta pela concorrência no mercado de trabalho, existem predisposições diferenciadas para a escola.

Em paralelo temos as tentativas de mergulhos no mercado de trabalho onde muitos jovens buscam as oportunidades do trabalho remunerado, formal ou não, seguindo com os estudos, que colocam os conhecimentos adquiridos na escola em comparação com as suas práticas laborativas. A situação do trabalho traz também a dificuldade em frequentar a escola, muitas vezes necessitando da troca de turnos, onde o trabalho ocorre durante o dia e as aulas à noite, sendo comuns narrativas como: “[...] *ouvi que para ser alguém na vida, tem que estudar, mas é também frequente o reconhecimento de que é difícil trabalhar o dia inteiro no pesado,*

puxando concreto, e depois ir prá escola estudar, de noite.” (STECANELA, 2010a, p. 42).

De acordo com Stecanela (2010a), a escola da metade do século passado era alicerçada em valores estáveis, tinha caráter elitista, favorecia a mobilidade social por meio da meritocracia, não era comprometida com as injustiças sociais e atuava calçada em valores estáveis para a fabricação de cidadãos conforme modelos cívicos preestabelecidos, situação que só foi modificada aos poucos, com a expansão dos sistemas escolares:

Com a expansão dos sistemas escolares e a democratização do acesso, proporcionado, na maioria dos países do primeiro mundo, no pós-guerra, a “escola das certezas” cedeu lugar à “escola das promessas”, fenômeno que, no Brasil, se faz presente por volta dos anos noventa. A “promessa” a que se refere o autor envolve desenvolvimento, mobilidade social, mais igualdade e justiça social. No entanto, as “promessas impossíveis” não foram cumpridas por conta da recessão do sistema econômico, levando o público escolar ao desencanto, o que veio a caracterizar a “escola das incertezas”. (CANÁRIO apud STECANELA, 2010a, p. 43).

Como educador percebo que a escola pode muito contribuir para a melhoria da sociedade com as bases fundamentais da educação, porém não divirjo da atual situação de crise nas instituições de ensino. Crise segundo Pais (2001), do grego *krísis* que significa decisão e esta deriva de cisão (*scission*). As cisões estão relacionadas ao caos e à instabilidade, que por sua vez provoca indecisões. O autor coloca a crise como um momento de indecisão que pede socorro à decisão:

A crise deve pois ser entendida no sentido de que os paradigmas emergentes da contemporaneidade são os da indecisão. Tudo é instável. Como na Economia, dominada por flutuações (das taxas de juro, dos câmbios, das ações da bolsa, dos preços do petróleo); também na Cultura se vive uma época de flutuações. O próprio consumo mostra sintomas de desregulação. (PAIS, 2001, p. 20).

A questão do consumo é um dos fatores que está diretamente ligado ao trabalho, tanto no sentido de produção, quanto no poder de aquisição. Segundo Pais (2001), no domínio do consumo vive-se o “paradoxo do omnívoro” com a correspondente “ansiedade omnívora” - ânsia consumista susceptível de provocar uma obesidade consumista. Ele alerta para o comportamento do consumo: “É esta propensão desenfreada ao consumo que tem sustentado a produção. O tempo de rotação da produção aumentou significativamente, ao mesmo tempo em que se

reduziu o tempo de rotação do consumo” (PAIS, 2001, p. 21), o autor chama a atenção para as campanhas publicitárias que buscam rápidas transformações nos padrões de consumo, utilizando-se de estratégias para criar novas necessidades de consumo.

Neste contexto encontram-se o grupo familiar e a escola, afetados pela influência direta de uma crise do modelo de organização social:

A crise da escola é afetada pela crise do modelo de organização social que centrou sua energia no processo de “modernização”, implicando uma crise estrutural simultânea, que envolve: as instituições responsáveis pela coesão social, o Estado-Providência; as relações entre a economia e a sociedade, o trabalho; os modos de construção das identidades individuais e coletivas e o sujeito. (TEDESCO apud STECANELA, 2010a, p. 45).

Segundo Stecanela (2010a), uma das instituições mais afetadas pela coexistência entre as crises citadas é a família, outra variável que acentua os problemas de legitimação da instituição escolar. “Tais crises constituem o que Dubet denomina de o “declive das instituições”, interferindo no curso das profissões, dos sujeitos e dos indivíduos na modernidade.” (STECANELA, 2010a, p. 45).

Em meio às crises, temos as idas e vindas de muitos jovens, num movimento alternativo, que justifica a ideia do abandono de linearidade na construção de uma carreira profissional e da própria estruturação da vida pessoal. São movimentos de alternância, citados por Stecanela como “trajetórias ioiô” apresentadas por Pais (2003; 2005), ao analisar trajetórias e projetos de jovens num contexto de estruturas sociais caracterizadas como “labirínticas”. (STECANELA, 2010a, p. 85). Segundo Stecanela (2010a), esta metáfora auxilia na interpretação da caracterização dos processos de desritualização das modalidades tradicionais de passagem para a vida adulta.

O princípio da “reversibilidade” e da “desritualização” são fortes referências na caracterização dessas trajetórias, conforme Stecanela (2010a), ocorrem descontinuidades e rupturas nos rituais de passagem tradicionais, onde a geração dos anos 90 foi classificada por Pais (2001) como “geração ioiô”, pela aleatoriedade característica da experimentação. Na combinação de aleatoriedade e experimentação, os jovens integrantes desta geração, “transitam pelos mais variados estatutos profissionais, estudantis e conjugais, possibilitando o movimento ioiô, do vaivém, *nas voltas e mais voltas que a vida dá*” (PAIS apud STECANELA,

2010a, p.85, grifo da autora), ocorrendo uma passagem ao lado dos itinerários lineares, onde jovens passam ao lado dos itinerários lineares, muitas vezes não seguindo etapas, saltando, reinventando a própria juventude.

Muitas são as razões pelas quais o movimento de transição juvenil, ocorrido nas últimas décadas, relaciona-se ao trabalho profissional. Segundo Pais (2001) temos a propagação do subemprego com condições precárias de trabalho; o crescente mercado de trabalho temporário; os processos produtivos em rede, através da globalização, gerando a economia do anonimato com as sociedades anônimas; os mitos das profecias relacionadas às profissões e aos cursos profissionalizantes; ofertas somente para estágios; os riscos do jogo nos labirintos da vida; o culto da sensação multiplicada; certo relativismo para os valores adotados pela sociedade; a independência momentânea seguida de volta para dependência dos pais; o presentismo com ociosidade e culto ao mundo virtual; o prolongamento da vida juvenil; entre outros aspectos, porém, entre idas e vindas dos movimentos de aproximação e distanciamento entre a escola e o trabalho temos a construção da autonomia juvenil.

A partir destas observações, busco a percepção do princípio educativo do trabalho, não como um resgate de uma linearidade ou a busca de alguma espécie de padronização da conduta juvenil, mas como um auxílio aos jovens na tomada de decisão, tanto para a vida profissional quanto pessoal, tendo em vista a dimensão humana da educação para o trabalho, diante de tantos fatores que influenciam nas mudanças das trajetórias juvenis.

Em pesquisa sobre valores e expectativas do pressuposto: “as melhores coisas do ser jovem”, na primeira década de 2000, de acordo com Abramo e Branco (2005), os itens diretamente associados ao “poder trabalhar” e à “obtenção de independência financeira”, que dizem respeito à busca de uma inserção econômica produtiva, correspondiam a menos de 20% do total:

[...] apenas um entre cinco jovens estaria manifestando espontaneamente esse tipo de valor associado às melhores coisas do ser jovem. Os demais quatro em cada cinco jovens identificam as coisas boas com atividades não relacionadas ao trabalho e a obtenção de independência financeira, sendo que quase a metade de todos se refere a dois aspectos quase opostos ao tema do trabalho e da renda, quando aludem a não ter preocupações/responsabilidades e aproveitar a vida/viver com alegria. Fica ainda mais evidente essa dissociação quando se junta a quantidade dos que valorizam as atividades de lazer/entretenimento+estudar/adquirir conhecimentos+ter liberdade. (ABRAMO e BRANCO, 2005, p. 136).

Por outro lado, de acordo com Abramo e Branco (2005), quando os jovens entrevistados foram convidados a listar os problemas que mais os preocupavam, foram apontados os aspectos da segurança, emprego e profissão. Assim, a preparação para o mercado de trabalho direciona para a melhoria da qualidade de vida, mesmo não sendo um ideal da vida juvenil, pois, surgiu a preocupação com o futuro profissional e com a conquista de espaço de trabalho, para um futuro próximo, o que causava grande insegurança nos jovens entrevistados.

O binômio “escola e trabalho” é mencionado por Abramo e Branco (2005) como uma alternativa que deve ser equacionada com muita cautela, sugerindo a combinação entre escola e trabalho com a garantia de promover simultaneamente a valorização e continuidade dos estudos, a fim de conclusão das etapas de formação e a oportunidade de qualificação, por meio do acesso ao ensino profissionalizante.

Esta combinação é colocada como imprescindível, apontando a escola como um espaço ideal para a execução da educação como preparação para o trabalho, porém, com muito cuidado, pois segundo Abramo e Branco (2005), torna-se necessária à discussão e o equacionamento de novos parâmetros como a flexibilização e redução da jornada de trabalho, com o controle rigoroso dos ambientes de trabalho, através de fiscalização e elaboração de meios mais efetivos para o apoio e acompanhamento aos jovens, na construção de suas trajetórias, nas esferas do trabalho e da educação. “Um dos espaços mais adequados à realização dessa necessidade deveria ser a própria escola, readaptada para essa função.” (ABRAMO e BRANCO, 2005 p. 142). A proposta apresentada por Abramo e Branco (2005), vai além da própria conclusão da educação básica, pois o ensino profissionalizante pode chamar ao retorno para a escola e continuidade de formação, fator que estenderia a permanência na escola, tanto para jovens que já tivessem completado a escolaridade básica, quanto para os que tivessem experiências posteriores no mundo profissional, “estimulando-os a retomar a aprendizagem, aliando a permanência no mundo do trabalho à continuidade de sua formação.” (ABRAMO e BRANCO, 2005 p. 142).

Os autores apontam para a necessidade da intervenção do Estado no apoio à inserção de jovens entre 16 e 24 anos de idade, no mercado formal de trabalho, com diversas sugestões, entre elas:

- Articulação entre educação profissional e local de trabalho, buscando-se a elevação do nível de escolaridade, concebendo-se a educação profissional como formação complementar à educação básica;
- Ampliação do envolvimento das empresas nas ações de formação profissional, visando geração de oportunidades de trabalho aos adolescentes;
- Ampliação dos espaços de debate em torno dos direitos dos trabalhadores, envolvendo poder público, sindicatos, empresários, universidades e sociedade civil;
- Incluir no currículo escolar (ensinos fundamental, médio e superior) a discussão sobre o mundo do trabalho (formal e informal), a economia solidária e o empreendedorismo de forma opcional e não obrigatória;
- Ampliar as alternativas de geração de trabalho e renda a partir de atividades já desenvolvidas por jovens, grupos ou organizações juvenis em diferentes áreas como educação, comunicação, cultura, lazer, esporte, meio-ambiente, entre outras;
- Fomentar a construção de alternativas de geração de trabalho e renda na área social. (ABRAMO e BRANCO, 2005 p. 146).

Acredito que estas ações convergem para o pensamento do princípio educativo do trabalho e que a educação para o trabalho auxilia nas escolhas dos jovens em seus destinos pessoais e profissionais, auxiliando nas saídas de um labirinto social descrito por Pais (2001), labirinto este apresentado como uma das muitas figuras do caos, entendido como complexo, porém, com a existência de uma ordem que, embora de forma oculta, permite a chegada ao destino proposto. “Por isso, os labirintos, enquanto estruturas de uma globalidade, são realidades complexas, porque não é fácil encontrar a porta de saída dessa globalidade.” (PAIS, 2001, p. 55).

A linearidade juvenil, citada por Abramo e Branco (2005), é analisada por Marília Sposito, na relação entre juventude e escola, e na ligação destas com a família e o trabalho, buscando interpretações sobre a configuração de uma nova condição juvenil, apontando para os caminhos e os contornos no momento da entrada na vida adulta, que se diversificam, tornando-se mais complexos e menos lineares.

Os modos como os jovens vivem essa etapa da vida e alteram, vigorando uma confluência de vários processos de socialização na experiência juvenil, na qual nem a família, nem a escola têm mais o monopólio. Dialogando com teses que apostam na desinstitucionalização dos processos de vivência juvenil, afirma a importância de investir na investigação e a importância política nas agências escola e família, que continuam a ser espaços formativos importantes para os jovens, apesar de transformados. (SPOSITO apud ABRAMO e BRANCO, 2005 p. 17).

Em Sposito (2009) encontramos diversos estudos voltados para a relação entre trabalho e juventude, entre eles, as pesquisas que revelam a relação entre qualificação e escolarização, na possibilidade de um futuro melhor:

Além do SENAC, há um conjunto de 7 estudos que tomam para análise programas/projetos desenvolvidos por ONGs (Costa, 2003a; Albuquerque, 2003; Villela, 2004; Arbache, 2000; Zucchetti, 2002; Silva, 2002a; Souza, 2003b). Os estudos revelam que alguns jovens manifestam a ideia de que a qualificação e a escolarização são possibilidades de alcançar um futuro melhor, ao mesmo tempo em que percebem as dificuldades para fazê-lo. Eles aparecem como uma figura de desordem quando fazem emergir sentidos e valores diversos, relativos ao trabalho. Para Silva (2002a) os jovens se apropriam do discurso da reestruturação do sistema produtivo neoliberal e, por isso, mostram-se preocupados com as exigências do mundo do trabalho. (SPOSITO, 2009, p. 30).

Acreditando nesta preocupação da juventude atual, penso na integração social, através de uma educação que possa colaborar para as futuras decisões de jovens, no que tange ao trabalho, com auxílio da escola em apoio aos indivíduos, sejam estas decisões tomadas de forma particular ou na família, pois, nas relações entre juventude, trabalho e educação, encontramos a base familiar como importante alicerce para o encaminhamento dos estudos e da inserção no mercado de trabalho. Embora a concepção de grupo familiar venha se modificando ao longo das últimas décadas, com grande número de separações de casais, uniões de subgrupos familiares e os jovens já não tenham uma linearidade em suas trajetórias de estudo, preparação e desenvolvimento de uma determinada profissão, é na família que, para a maioria, são tomadas as decisões quanto as trajetórias de estudo regular e profissionalizante.

De acordo com Raitz e Petters (2007), em pesquisa num município litorâneo do interior de Santa Catarina, cuja economia principal se baseia na pesca e no turismo, com 41 jovens, entre 15 e 21 anos, sendo 44% do sexo masculino e 56% do sexo feminino, a família aparece como alicerce para a maioria destes jovens. O grupo familiar foi também apontado como a base para que o jovem adquira forças para seguir em busca de seus projetos e sonhos. Segundo as autoras, os jovens entrevistados eram estudantes de escolas estaduais que trabalhavam durante o dia. Neste grupo, o trabalho era fonte de renda para suprir as necessidades dos estudantes trabalhadores, onde os que não trabalhavam viviam na expectativa de encontrarem uma ocupação, depositando na educação suas esperanças de inserção no mercado de trabalho e realização de seus projetos de vida.

A pesquisa revelou que os jovens ansiavam por serem reconhecidos como sujeitos de direitos, por oportunidades de emancipação e de autonomia, através do trabalho e do desenvolvimento profissional, isto é, requeriam oportunidades iguais as dos jovens de classe média e alta. O trabalho tinha sentido prioritário de necessidade na vida dos jovens pesquisados, porém as pesquisadoras perceberam contradições entre a educação escolar e sua aplicação no trabalho:

Os ensinamentos escolares aparecem como aspecto de grande importância na vida dos jovens, pois eles acreditam que é através destes que conquistarão seu futuro profissional e terão melhor compreensão da realidade, no entanto, esses ensinamentos se revelam como não aplicáveis ao trabalho. São movimentos contraditórios que existem na relação entre educação e trabalho. A educação profissional e orientação vocacional aparecem como demandas urgentes na vida desses jovens que clamam por mais oportunidades na sua vida profissional. As atitudes e sentimentos desencadeados pela experiência com o trabalho formal e informal destes jovens demonstram a heterogeneidade existente no mercado de trabalho, se sentem fragilizados nas tentativas de inserção. Suas experiências demonstram atitudes e estados de impotência frente à conquista e permanência no trabalho formal. (RAITZ e PETTERS, 2007, p. 1).

Desta forma, segundo Raitz e Petters (2007), os jovens são auxiliados pelas suas famílias, principalmente com um importante apoio psicológico, representando a base familiar uma âncora para embarcações à deriva, sem um destino definido, diante de poucas possibilidades e muitos obstáculos, auxiliando a enfrentar os desafios que se apresentam cotidianamente. É a família que os impulsiona para continuar lutando em busca de melhores condições de vida. “Portanto, nesta pesquisa a família aparece como alicerce para a maioria destes jovens. É também na família que o jovem adquire forças para seguir em busca de seus projetos e sonhos.” (RAITZ E PETTERS, 2007, p. 1).

Neste estudo as autoras relatam as narrativas dos jovens que expressam seus sentimentos diante das dificuldades em se posicionarem como trabalhadores:

Ao relatarem suas experiências com o desemprego esses jovens estudantes-trabalhadores deixam claro em suas falas a preocupação de permanecerem nesta situação, apresentando-se insatisfeitos com a perspectiva de não conseguirem uma ocupação no mercado de trabalho formal ou informal. Esta experiência é vivenciada de forma frustrante, sentimentos como impotência, vergonha, desassociação e exclusão social se tornam evidentes neste processo. (RAITZ E PETTERS, 2008, p. 415).

O trabalho formal, no âmbito profissional, com as garantias dos direitos do trabalhador de acordo com a legislação, nem sempre é uma realidade para muitos jovens em nosso país. O Brasil tem um grande contingente de jovens na faixa etária entre 15 e 24 anos, “que na sua maioria são pertencentes à classe menos favorecida economicamente, recebedores de uma educação e formação pública considerada insuficiente e sem qualidade.” (RAITZ e PETERS, 2007, p. 2).

Diante desta realidade surge a procura por oportunidades de inserção ao mercado de trabalho, onde oportunidades são constantes para trabalhadores com elevada qualificação, porém escassas, para jovens que buscam emprego apenas com a formação escolar regular, fato que contribui para o surgimento de uma categoria de subemprego, o trabalho informal:

Alguns deles trabalham, mas encontram, muitas vezes, ocupações disponíveis no mercado informal de trabalho, se sujeitando à baixa remuneração, sem perspectivas de melhoria, de crescimento profissional, sem garantias trabalhistas, desprovidos das novas demandas de formação e qualificação exigidas na sociedade contemporânea. (RAITZ e PETERS, 2007, p. 2).

Assim, a educação para o trabalho pode inserir a preparação para o mundo das profissões, dentro das culturas juvenis, como um aspecto importante na possibilidade de preparação para a vida profissional.

Nos estudos de Raitz e Petters (2007), os jovens que responderam a pesquisa mencionada estudavam no ensino médio e a maioria morava com a família, que foi considerada como o aspecto mais importante da vida deles, porém o “trabalho, também assume caráter de prioridade, de extrema relevância e se posiciona como vantagem na vida desses jovens e a falta dele representa angústia e frustração” (RAITZ e PETERS, 2007, p. 6), sendo que a falta do trabalho se constitui em um dos maiores problemas da vida juvenil. Segundo Branco (2005) “Isto permite concluir que o trabalho ocupa posição central na agenda juvenil, ainda que não autorize o entendimento que se deva promovê-lo tal e qual se passa para a população adulta.” (BRANCO apud RAITZ e PETERS, 2007, p. 6).

De acordo com estudos de Raitz e Petters (2007), o trabalho assume grande importância na vida dos jovens pesquisados uma vez que este significa um meio para a obtenção da cidadania, conquista de direitos e de autonomia, e ainda, segundo Alencar (2006), relacionado ao apoio da família:

É na família que as situações adversas, entre as quais, o desemprego, os modos de trabalho não qualificado, informal e mal remunerado adquirem objetividade e transformação no cotidiano do sujeito, tornando-se o lugar em que este encontra apoio, suporte para lidar com a adversidade das situações, para prover suas carências e necessidades básicas. (ALENCAR apud RAITZ e PETTERS, 2007, p. 6).

Ao pensar em preparação para o trabalho de jovens estudantes nos deparamos com a necessidade da adequação da educação ao trabalho, como apontam Raitz e Petters (2007), em suas pesquisas onde, para a maioria dos jovens entrevistados, a relação entre educação e trabalho possui contradições. Surgiram relatos quanto aos conhecimentos adquiridos na escola e suas aplicações no cotidiano do trabalho desses jovens que apontaram para uma dicotomia entre os estudos escolares e a prática profissional, embora a formação escolar fosse importante para a conquista profissional. “Percebe-se que há uma deficiência da educação escolar brasileira em promover a articulação entre os conhecimentos científicos e do trabalho, especialmente no ensino médio freqüentado por jovens estudantes-trabalhadores.” (RAITZ e PETTERS, 2007, p. 9).

Pelo exposto através dos estudos de Raitz e Petters (2007), temos a necessidade de um alinhamento entre a educação formal e o mundo do trabalho, especialmente para a promoção da inclusão juvenil no mercado de trabalho, com condições de qualificação, atuação, reconhecimento profissional, respeito aos seus direitos e harmônica interação entre jovem, escola e trabalho formal. Acredito que, apesar das dificuldades encontradas na inserção ao mercado de trabalho, os jovens busquem na educação a preparação para a vida adulta dentro de um contexto de um desenvolvimento pessoal e profissional. A conquista profissional com inserção no mercado de trabalho enfatiza o seu aprendizado, evidencia a importância dada à educação e a necessidade do alinhamento desta, como base para o trabalho, uma vez que, de acordo com os estudos de Raitz e Petters (2007), este assume o papel da autonomia e emancipação do jovem como cidadão:

Todo jovem que estuda poderia ter direito de preparar-se para o trabalho e vice-versa, pois é estudando, como se constatou neste estudo, que o jovem busca compreensão para sua vida, incrementa seu trabalho, satisfaz sua ânsia pela autonomia; é trabalhando dignamente que o jovem adquire liberdade: é reconhecido, reconhece-se como cidadão que não apenas está no mundo, mas como sujeito que está com o mundo. (RAITZ e PETTERS, 2007, p. 9).

Deste modo, a educação, não apenas como formação geral, mas também voltada ao trabalho, visa a plenitude da educação humana, como uma maneira de fomentar a importância do trabalho na vida do homem, dentro da educação de jovens, promovendo o desenvolvimento humano, tanto nos aspectos da vida pessoal, quanto profissional. Atualmente comenta-se a respeito de uma educação integral, penso num questionamento decorrente da palavra integral, como já exposto por Ciavatta (2005), na proposta de reflexão sobre “o que é” ou “o que pode vir a ser” a formação integrada, partindo da pergunta: O que é integrar? A autora remete o termo ao seu sentido de completude, de compreensão das partes no seu todo ou da unidade no diverso, o que implica em tratar a educação como uma totalidade social, isto é, nas múltiplas mediações históricas que concretizam os processos educativos.

Segundo Brasil (2007), a “formação integrada” ou o “ensino médio na integração com o ensino técnico”, tem como concepção de educação integrada uma associação da educação geral com a profissional, nos campos onde se dá a preparação para o trabalho, seja nos processos produtivos ou nos processos educativos, como na formação inicial ou nos ensinos técnico, tecnológico ou superior. Neste sentido o significado de educação integrada torna-se mais amplo, pois não destaca apenas uma preparação para o trabalho ou a formação geral, mas uma preparação para o contexto da vida adulta, onde o trabalho também faz parte:

Significa que buscamos enfocar o trabalho como princípio educativo, no sentido de superar a dicotomia trabalho manual / trabalho intelectual, de incorporar a dimensão intelectual ao trabalho produtivo, de formar trabalhadores capazes de atuar como dirigentes e cidadãos.

A idéia de formação integrada sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Trata-se de superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico-tecnológica e na sua apropriação histórico-social. (BRASIL, 2007, p. 41).

A superação da divisão social do trabalho, entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar, incide diretamente sobre a preparação para o trabalho. Superar esta dicotomia para pensar em transpor o aspecto operacional e simplificado, ampliando o horizonte para os conhecimentos, que estão em sua gênese científico-tecnológica e na sua apropriação histórico-social vai ao encontro

dos dizeres de Ciavatta (2005), quanto à educação de adolescentes, jovens e adultos trabalhadores, onde é importante a busca do direito da formação plena, para a leitura do mundo e atuação como cidadão, através de uma integração digna à sua sociedade política. “Formação que, nesse sentido, supõe a compreensão das relações sociais subjacentes a todos os fenômenos.” (BRASIL, 2007, p. 41).

Não pretendo aqui defender a educação integral como solução para a atual formação de jovens, mas a ideia de uma educação que contemple o mundo do trabalho tanto de forma ontológica, quanto como possibilidade de atuação profissional, com uma concepção de trabalho como um processo que permeia o ser humano e constitui sua especificidade, sem limitar-se especificamente às atividades laborativas, mas à produção de todas as dimensões da vida humana. Buscando assim, uma estreita relação com o cotidiano na vida coletiva, como apresentado por Gramsci (1968), ao tratar do advento da escola unitária, onde ele diz que o início de novas relações com o trabalho, não apenas na escola, mas em toda vida social, provocariam mudanças culturais. Pensamento que vai ao encontro de Cardozo: “O princípio, por isso, refletir-se-á em todos os organismos de cultura, transformando-os e emprestando-lhes um novo conteúdo.” (CARDOZO, 2008, p. 5). Manacorda (2000), também aborda o trabalho como processo educativo com a participação efetiva nas transformações sociais, que, segundo Cardozo: “O mesmo será tanto mais eficaz quanto menos seja um mero recurso didático, mas sim inserção real no processo produtivo social, isto é, vínculo efetivo entre as estruturas educativas e as estruturas produtivas.” (CARDOZO, 2008, p. 5).

Acredito numa proposta educacional destinada aos jovens com o princípio da cultura geral como formação humana, sem esquecermo-nos dos aspectos ontológico, histórico e científico do trabalho, porém com sua integração como princípio educativo, como ocorre nas escolas de ensino profissionalizante, ou seja, com o trabalho técnico-profissional, no final da formação regular, já com idade superior aos dezesseis anos. Assim, o princípio da cultura formativa desinteressada⁷³ abriria espaço para possibilidades de opções dentro do trabalho produtivo, que faz parte da vida adulta, onde a educação formal tomaria o caráter colaborativo à vida profissional, incentivando a inserção no mundo profissional e

⁷³ De acordo com Monasta, “Gramsci propõe uma escola unitária, básica para todos, fundamentada “desinteressadamente” no trabalho moderno (industrial) como princípio educativo, seguida de escolas profissionais de ensino superior, teóricas e práticas”. (MONASTA, 2010, p. 50).

dando sentido à busca por formação continuada de nível técnico e superior, através das escolas profissionalizantes, academias e universidades, para atendimento às necessidades das competências exigidas pelas profissões.

Em Caxias do Sul, a formação de jovens no ensino médio vem sendo apoiada por dois projetos distintos, o Ensino Politécnico, por parte do Governo do Estado do Rio Grande do Sul e o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), do Governo Federal, programa que oferece um conjunto de ações para a ampliação da oferta de vagas na educação profissional, visando beneficiar estudantes do ensino médio da rede pública e capacitar beneficiários do seguro-desemprego e de programas de inclusão produtiva. Sem entrar em questões políticas ou ideológicas, uma vez que os governantes são da mesma corrente partidária, nota-se que, na ação da implantação do chamado Ensino Politécnico⁷⁴ ocorreram modificações do currículo de algumas turmas piloto, escolhidas para a experiência pedagógica implantada, causando certo desconforto aos alunos pelas mudanças de horários de aula, com turnos estendidos e reclamações quanto à falta de condições para realização das ações propostas. A ação gerou protestos públicos no centro de Caxias do Sul, com passeatas e manifestações tanto de alunos, quanto de professores, defronte aos prédios dos órgãos públicos da educação, como a 4ª Coordenadoria Regional da Educação, conforme Britto (2013).

Na implantação do PRONATEC⁷⁵, surgem parcerias entre o Governo Federal e escolas de ensino profissionalizante, entre elas as da rede do SENAI, Sesi e SENAC, onde o Governo Federal contrata a vaga do aluno na instituição, oferecendo-lhe um curso técnico inteiramente gratuito, inclusive com transporte e lanche. Nesta ação percebo um comprometimento por parte do Governo Federal, no sentido de valer-se de instituições que possuem tradição na formação profissional para a efetiva educação para o trabalho e com grande possibilidade de inserção no mercado. Na EEP SENAI Nilo Peçanha, os cursos ainda são recentes, iniciaram em março de 2012, como o curso de Técnico em Eletrônica.

⁷⁴ Segundo a Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul (2011), a proposta basicamente se constitui por um ensino médio politécnico que tem por base na sua concepção a dimensão da politecnicidade, constituindo-se na articulação das áreas de conhecimento e suas tecnologias com os eixos: cultura, ciência, tecnologia e trabalho enquanto princípio educativo.

⁷⁵ De acordo com o Ministério da Educação do Brasil (2012), o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) foi criado pelo Governo Federal, em 2011, com o objetivo de ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica em todo país.

Os instrutores relatam bom aproveitamento dos estudantes destes cursos, considerando que o estágio é uma etapa importante desta ação, pois abre a oportunidade de admissão pela empresa contratante. Penso que as oportunidades de educação para o trabalho requerem comprometimento político e investimentos, que vão muito além de simples mudanças de currículos e horários de aula, torna-se necessário uma inserção nas áreas de ciência e tecnologia, uso de ambientes com laboratórios e equipamentos específicos das áreas estudadas, além de profissionais com conhecimento técnico e pedagógico, atentos à realidade do mercado de trabalho. Na história da educação e suas relações com o trabalho percebo a amplitude da educação dando sentido ao viver, como lembra Palma Filho, nas palavras de Edgar Morin:

Como assinala o pensador francês Edgar Morin, os educadores precisam refletir sobre a natureza do conhecimento a ser trabalhado pela escola, enfatizando o ensino sobre: a condição humana, a identidade terrena, as incertezas que cada vez mais assolam a espécie humana, com vistas a desenvolver uma educação voltada para a compreensão em todos os níveis educativos e em todas as idades, que pede a reforma das mentalidades e a consideração do caráter ternário da condição humana, que é ser ao mesmo tempo indivíduo/sociedade/espécie. Morin conclui que há necessidade de a educação se preocupar com a ética do gênero humano, tendo em vista estabelecer uma relação de “controle mútuo entre a sociedade e os indivíduos pela democracia e conceber a Humanidade como comunidade planetária”. (PALMA FILHO, 2010, p. 8).

No contexto histórico da educação voltada ao trabalho temos registros muito antigos, pois, segundo Cambi (1999), são relatados os aspectos tanto de valorização, quanto de desvalorização dessa educação, como no século I, a. C. na Grécia, quando o trabalho manual foi radicalmente desprezado, pois, estava em oposição ao da vida contemplativa, a vida do homem livre, por isso destinado aos escravos, todavia em Roma, os artesãos foram homens livres e entre eles se desenvolveu fortemente a ideologia do trabalho. O autor menciona as técnicas utilizadas pelos artesãos, inicialmente ligadas ao exército e à agricultura, depois ao artesanato, e por fim ao artesanato de luxo. Na evolução destas técnicas surgiu a necessidade da aprendizagem de suas especificidades, inicialmente em oficinas, depois junto a instituições de formação profissional, ligadas a uma formalização das artes. “Diante dessa exigência nova vem a constituir-se o *paedagogium*, “a primeira verdadeira escola profissional”, destinada à especialização, a partir da medicina.” (CAMBI, 1999, p. 115).

Segundo o autor, a primeira escola profissional representou o discurso de libertação e a partir dela surgem outras instituições para formação profissional. O *paedagogium* também funciona como palestra de formação para os libertos (escravos libertados pelo patrão) e local onde se ministram conhecimentos e práticas bastante diversas. “Por fim, existiam os *collegia* ou *corpora* (corporações) que acolhiam e formavam novos mestres, submetendo-os a verificações profissionais, a controles disciplinares dentro de um treinamento estritamente programado.” (CAMBI, 1999, p. 116). Ao lado das escolas artesanais existiam outras escolas especificamente conotadas e organizadas, pertencentes ao exército e a casta sacerdotal.

Na contemporaneidade, a relação entre instrução e o trabalho assume um papel mais evidente:

A época contemporânea propôs também - em pedagogia - um face a face mais explícito e radical entre instrução e trabalho, que se afirmaram como momentos centrais da ação pedagógica e da projeção educativa. A instrução afirmou-se como direito universal e como tarefa social. O trabalho é bem verdade que se impôs como dever social, mas, antes ainda, como atividade específica do homem. (CAMBI, 1999, p. 394).

Analisando o sistema escolar após a segunda guerra mundial até o tempo presente, o mesmo autor busca a caracterização da instituição escolar em países industrialmente e socialmente mais avançados, onde a escola tem um papel social cada vez mais central, com a característica de ser “capaz de colocar-se em sintonia com uma sociedade em transformação através da prática das "reformas", ainda que às vezes pareçam pouco orgânicas e colocadas um pouco a reboque das pressões políticas, por parte de classes, grupos ou partidos.” (CAMBI, 1999, p. 625).

Atualmente, no contexto da globalização, a preocupação passa a ser com a construção de uma educação planetária, que segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), têm a sua base de sustentação nos quatro pilares: Aprender a conhecer; Aprender a fazer; Aprender a viver juntos ou aprender a viver com os outros; Aprender a ser (UNESCO, 1998).

Assim, nesta ação-reflexão dentro do nosso existir, das nossas ações como educandos e educadores, é que penso na importância da educação e dentro dela o princípio educativo do trabalho.

5 JUVENTUDE, TRABALHO E CULTURAS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

“[...] as crianças e os jovens que “moram nos alunos” possuem saberes, culturas e projetos próprios de cada um, com base em suas trajetórias individuais e coletivas e a escola é parte de seus projetos, mas não a totalidade de suas vidas. Aproximar os dois mundos: o mundo da escola com o mundo da cultura dos que nela chegam significa contemplar a diversidade cultural e conceber a escola como espaço sociocultural.” (STECANELA, 2007, p. 201).

Contemplando as palavras de Stecanela, na visão de espaço escolar sociocultural, ao falar sobre juventude, trabalho e culturas de educação profissional, busco as relações entre os jovens estudantes, com o trabalho, através da educação escolar, em meio a experiências de meus ex-alunos, juntamente com estudos realizados e da minha própria narrativa de vida. Resgato alguns detalhes, passagens vividas e um pouco da existência da EEP SENAI Nilo Peçanha, mostrando a cultura e a forma de atuação desta instituição na educação profissional, buscando contextualizar a educação profissional, no seu cotidiano.

Neste capítulo trago as informações construídas através das entrevistas e as associo com os estudos por mim realizados a respeito dos assuntos propostos, procurando estabelecer um elo entre os conceitos apresentados por diversos autores a respeito do trabalho como um princípio educativo, das culturas escolares, da juventude e suas relações, com a escola e o trabalho. Em alguns momentos cruzo estas informações, com outras disponíveis no SENAI-RS, através de outras fontes de pesquisa, como as do Sistema de Acompanhamento Permanente de Egressos do SENAI (SAPES), no intuito de comparar as narrativas construídas pelos meus ex-alunos, nas experiências por eles vividas em Caxias do Sul, com as do SAPES, oriundas de diversas cidades do Rio Grande do Sul, buscando aproximações ou distanciamentos, na intenção da composição de resultados relacionados com a educação profissional, numa amplitude maior, como forma de auxílio às conclusões apresentadas.

O capítulo compõe-se de quatro subcapítulos, sendo que no primeiro, “Eles eram alunos, agora são profissionais”, inicio com os depoimentos de um dos ex-alunos, onde são apontados diversos aspectos das culturas escolares no ensino profissionalizante. Os aspectos da relação entre trabalho ciência e educação também são abordados, juntamente com relatos da alegria do pesquisador em realizar estas entrevistas, satisfação que evidencia o valor da História Oral abordada

por autores, como Alberti, Thompson, Ferreira e Bertaux, e na Cultura Escolar⁷⁶, por Viñao Frago, Certeau e Vidal, entre outros.

Nesta etapa do trabalho busquei perceber as trajetórias profissionais dos ex-alunos entrevistados e suas narrativas a respeito do caminho percorrido, pois, como o título diz: “eles eram alunos, agora são profissionais”. O destaque deste subcapítulo são as informações construídas, que foram, em sua maioria tabuladas. Entre elas temos o bairro atual de moradia, o número de residentes no lar, carga horária do trabalho semanal, ocupação no mercado de trabalho, cursos frequentados, entre outras, que buscam identificar o perfil dos ex-alunos, sua sociografia, as atividades por eles desenvolvidas, suas trajetórias de vida, a importância dos cursos profissionalizantes nelas e as possíveis contribuições da EEP SENAI Nilo Peçanha para o seu desenvolvimento. Foi realizado um cruzamento de informações, com uma importante pesquisa do SAPES do SENAI-RS, de abrangência estadual, comparando as informações obtidas através das entrevistas, dos ex-alunos de Caxias do Sul, realizada em 2014, com as informações de alunos de todo o estado, no triênio 2009 – 2011.

No segundo subcapítulo, “Trajetórias profissionais juvenis”, abordo os percursos dos ex-alunos colaboradores da pesquisa, sondando os motivos e as escolhas que os levaram aos cursos na EEP SENAI Nilo Peçanha, as relações anteriores ao curso com empresas e ex-alunos, o conceito da Escola antes de ingressar nela e após a conclusão do curso, a possibilidade de indicação da Escola para amigos e familiares, a inserção no mercado de trabalho, as profissões exercidas, suas relações com os cursos e, também, a importância dos cursos de Aprendizagem Industrial no exercício de suas funções laborais.

No terceiro, “A escola antes e depois da formatura”, busquei o imaginário dos ex-alunos quanto à forma de perceber a escola antes de ingressar nela, suas expectativas e o conceito que tinham da mesma quando candidatos aos cursos. Num segundo momento a visão dos mesmos a respeito de suas passagens pela EEP SENAI Nilo Peçanha, quando alunos. Estas percepções foram analisadas considerando as contribuições de Viñao Frago (1995) e Vidal (2005), sobre cultura

⁷⁶ De acordo com Viñao Frago (1995), a escola é uma instituição e, portanto, tem uma cultura escolar, assim prefere dizer culturas escolares, onde encontramos o conjunto de aspectos institucionalizados, como práticas e condutas, modos de vida, hábitos e rituais, a história cotidiana de fazer escola, com materiais, função, uso, distribuição de espaço, edificação, simbologia, etc.

escolar. Nesta etapa também procuro estabelecer relações entre os estudos realizados na escola e suas aplicações na sociedade, no caso da Aprendizagem Industrial, da escola com a indústria, onde busquei ênfase na Metodologia de Ensino por Competências, desenvolvida pelo SENAI-DN, como forma de aproximação entre a realidade das indústrias e a ação das escolas do SENAI, na Educação Profissional. Na abordagem da metodologia citada, busco evidenciar as práticas do cotidiano escolar, uma visão dos processos educativos e dos meandros da Educação Profissional dentro da EEP SENAI Nilo Peçanha, prospectando as culturas de educação profissional, com base na análise do trabalho desenvolvido dentro do SENAI, em especial na EEP SENAI Nilo Peçanha.

No quarto subcapítulo, “A educação para o trabalho no retrovisor da práxis profissional”, analiso as aproximações e afastamentos que ocorrem entre a educação geral e para o trabalho, buscando focar as memórias de situações vividas pelos alunos na escola, dentro dos fundamentos de memória em Bosi (2005). A ideia de “retrovisor” é a de olhar para o caminho percorrido estando na estrada, ou seja, dos profissionais atuantes pensarem em suas trajetórias e na própria identidade profissional. Apresento as exigências do mundo do trabalho profissional, direcionadas às escolas de Educação Profissional através de Carvalho e Durães, (2008). A partir desta análise, evoco novamente as concepções de cultura escolar, através de Certeau (1995), Vidal (2005) e Viñao Frago (1995), em meio aos relatos a respeito da cultura escolar, com comparações entre as escolas em que os ex-alunos estudaram, onde busco estudos voltados às narrativas de vida, conforme Pineau e Le Grand (2012), e Bertaux (2010). Nestas narrativas analiso a importância do trabalho com áreas não pertencentes à parte técnica, nos cursos da EEP SENAI Nilo Peçanha, como a prática esportiva e as competências de gestão, além de outros aspectos culturais. Estas ações valorizaram a dança, a música, o desenho artístico, entre outros, como formas de expressões da cultura, conforme Pesavento (2014), Thompson (1992) e Ferreira (2008). Por fim, são apresentados alguns sonhos, as metas destes ex-alunos, interlocutores empíricos, em seus projetos de futuro, tanto profissionais quanto pessoais.

5.1 ELES ERAM ALUNOS, AGORA SÃO PROFISSIONAIS

Os meninos, já homens, voltaram para a sala de aula, agora como profissionais:

Estudei numa boa escola, tive bons professores que me ensinaram não só para o trabalho, mas também para a vida, numa instituição muito bem organizada onde não tive só professores, pois destes temos muitos, mas tive mestres. Pessoas que tentam ajudar os alunos [...]. Fui tratado com respeito, por professores dedicados, não tive contato com a direção da escola [...]. Vejo transparência nas ações dentro das regras da EEP SENAI Nilo Peçanha, pois é esclarecido para o aluno que ele deve manter o cabelo preso ou curto, que não pode usar bermudas, brincos, etc., pois lá fora, quando procuramos um trabalho, existem pessoas muito conservadoras, assim, se você vai para uma entrevista de emprego e as pessoas percebem o cabelo sujo, brinco, etc., eles não vão te contratar, porém, não te dirão que é por causa disso. Aqui na EEP SENAI Nilo Peçanha, vocês dão orientação, não vejo as regras de uma forma ruim [...]. Acho que esta cultura das empresas vai persistir por muito tempo, que tu não vai ser um profissional pior por ter cabelos compridos, mas poderá ser discriminado em algum local de trabalho, principalmente por envolver a questão da segurança, na nossa área de atuação [...].⁷⁷ (VA)⁷⁸.

O relato acima nos traz um pouco das memórias de um estudante, que após ter se formado no curso de Mecânico de Usinagem da referida escola, ingressou no mercado de trabalho, atuou na área de estudo por um determinado tempo, e posteriormente, mudou de área de atuação.

As colocações apontam para uma visão de escola onde o cotidiano não está apenas focado no interesse de um processo que tem objetivos voltados à atividade prática do aprender a fazer, mas vai muito além disto, demonstrando a preocupação com a educação de uma maneira ampla, como formação humana. De acordo com Azevedo e Reis (2013), existe uma relação indissociável entre trabalho, ciência e cultura, sendo que esta indissociabilidade confere ao trabalho a condição de princípio educativo, onde o aprender simplesmente fazendo ou a concepção de trabalho como exclusiva prática econômica perdem sentido, diante da análise da capacidade do ser humano como produtor de sua realidade, sua apropriação e capacidade de transformação.

A oportunidade de entrevistar ex-alunos da EEP SENAI Nilo Peçanha, foi muito gratificante, tanto como experiência de pesquisador, na busca por narrativas de vida, quanto como docente da instituição, pois, surgiram relatos carregados de

⁷⁷ O relato acima descrito é parte de uma das entrevistas realizadas em fevereiro de 2014, com ex-alunos da EEP SENAI Nilo Peçanha, envolvendo estudantes que frequentaram a escola no período de 2000 a 2012.

⁷⁸ Embora 85% dos entrevistados tenham autorizado a utilização de seus nomes neste trabalho, optei por códigos de letras para não identificar aqueles que não o fizeram.

emoções, nas memórias dos acontecimentos da época em que frequentaram a escola. Os entrevistados fizeram questão de que as entrevistas fossem realizadas na escola, mesmo sendo oferecidas outras opções como em suas residências ou demais locais.

Nos relatos obtidos através das entrevistas, visualizei momentos de minha trajetória profissional, pois os entrevistados compuseram momentos do cotidiano escolar e, unindo suas memórias, suas narrativas, em seus fragmentos de vida, tive a oportunidade de uma visão de outro espaço temporal, o de doze anos de meu convívio com estas pessoas, dentro da minha atuação como docente.

De acordo com Aragão, kreutz e Timm (2013), relatos e fragmentos de vida só podem fazer parte de documentos científicos devido às profundas mudanças epistemológicas que puseram em debate alguns marcos conceituais da História, onde os velhos modelos explicativos deram lugar a novos olhares:

Explicações globalizantes e certezas inquestionáveis foram postas em xeque; as escolas abriram suas portas para o estudo de sua cultura; os sujeitos ganharam cor e as fontes foram ampliadas. Nesse percurso, a vida de sujeitos comuns passou a ser vista como mais uma possibilidade para compreensão da História, da História da Educação e das culturas escolares. (ARAGÃO; KREUTZ; TIMM, 2013, p. 29).

Autores como Viñao Frago, apresentam uma abordagem da educação com o olhar histórico e cultural, fazendo reflexões a respeito de conceitos e concepções destas, diante de uma visão inicial de pós-estruturalismo⁷⁹ e interdisciplinaridade, explorando algumas possibilidades da história cultural em relação à história da educação. Em Viñao Frago (1995) encontramos temas como a profissionalização docente, disciplinas acadêmicas e história intelectual; a cultura, organização e escola: o espaço e o tempo escolares. Nesta linha de pensamento, buscando o estudo da cultura escolar, por meio de procedimentos da História Oral, foram feitas as entrevistas com os ex-alunos da EEP SENAI Nilo Peçanha, sondando os relatos dos mesmos referentes às possíveis contribuições da referida escola em suas vidas, nos aspectos pessoais e profissionais. A busca através da voz do outro, em especial, os ex-alunos da escola, está ancorada no valor da História Oral, pois, “a partir da escuta do outro, de sua história de vida, é possível investigar a história das

⁷⁹ O pós-estruturalismo instaura uma teoria da desconstrução, na análise literária, liberando o texto para uma pluralidade de sentidos. A realidade é considerada como uma construção social e subjetiva.

disciplinas escolares, a cultura material escolar, as práticas e representações, enfim, a história da educação.” (ARAGÃO; KREUTZ; TIMM, 2013, p. 29).

Para a realização desta atividade de pesquisa foram entrevistados treze ex-alunos da EEP Nilo Peçanha, que estudaram entre os anos de 2000 a 2012, oriundos dos cursos da modalidade de Aprendizagem Industrial, na área da Usinagem Mecânica, sendo todos do sexo masculino, com idades entre 19 e 29 anos, naturais de Caxias do Sul, moradores de diversas regiões desta cidade, conforme tabela 2:

Tabela 2 – Bairro atual de moradia.

Regiões	Central	Periferia	Interior
Percentual	60%	31%	9%

Fonte: Entrevistas realizadas com ex-alunos na EEP SENAI Nilo Peçanha em fevereiro de 2014.

Os entrevistados eram na maioria solteiros (85%), sendo que do total, 70% moravam com os pais e 15% moravam sozinhos. Eles não tinham filhos e a quantidade de residentes no lar variava de uma a cinco pessoas, com incidência maior de três pessoas por residência, conforme tabela 3.

Tabela 3 – Residentes no lar.

Nº de residentes	1	2	3	4	5
Percentual	15%	23%	31%	23%	8%

Fonte: Entrevistas realizadas com ex-alunos na EEP SENAI Nilo Peçanha em fevereiro de 2014.

Os ex-alunos entrevistados estavam empregados em sua maioria (92%) e ocupavam diversos cargos, sendo que sete atuavam no segmento da indústria metal-mecânica, de iniciativa privada, nas funções de: empresário, projetista, desenhista, programador de máquinas computadorizadas, engenheiro mecânico, analista de processos e operador de máquinas de usinagem. Seis atuavam em áreas não relacionadas diretamente com os cursos realizados, como: profissional autônomo - consultor de administração de empresas, profissional autônomo - agroindústria, professor da rede estadual, professor da rede privada, bancário da rede federal. Na maioria dos casos (70%), trabalhavam com carteira profissional

assinada de acordo com a legislação vigente, onde, os que não possuíam contratos de trabalho eram os profissionais autônomos, empresários e um encontrava-se desempregado.

As jornadas de trabalho variavam entre 30 e 60 horas semanais, tendo na maioria uma jornada de 44 horas, conforme tabela 4:

Tabela 4 – Carga horária semanal.

Carga horária	30	40	44	60
Percentual	15%	15%	46%	15%

Fonte: Entrevistas realizadas com ex-alunos na EEP SENAI Nilo Peçanha em fevereiro de 2014.

O perfil sociográfico dos entrevistados revelou uma condição de diversidade em alguns aspectos, como: a localização dos bairros onde residiam, com quem eles residiam, as idades, o número de pessoas no lar e áreas de atuação, mas hegemonia em outros, como: sexo, cidade natal e estado civil. Ao cruzar as informações destas entrevistas com os resultados apontados pelo Sistema de Acompanhamento Permanente de Egressos do SENAI (SAPES) de acordo com SENAI/RS (2012), encontramos semelhanças nos resultados obtidos. Conforme SENAI/RS (2012), através do SAPES foram realizadas pesquisas em três fases, onde na primeira (acompanhamento do concluinte) foram planejadas pesquisas, em cada unidade operacional do Rio Grande do Sul, para alcançar o universo dos concluintes dos cursos nas modalidades de Aprendizagem Industrial e Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio no ano de 2009. Esta fase da pesquisa envolveu 3.258 e 1.211 concluintes respectivamente. No total, foram pesquisados 4.469 concluintes.

Na segunda fase (acompanhamento do egresso), em 2010, foi realizado um trabalho de campo com os egressos em nível regional. A pesquisa atingiu uma população total de 498 ex-alunos, sendo 414 da Aprendizagem Industrial e 84 da Habilitação Técnica. Na terceira fase (avaliação da empresa usuária), dos 498 respondentes da segunda fase (acompanhamento do egresso), foram identificados, incorporados ao mercado de trabalho na área de formação 60,78% dos egressos da Aprendizagem Industrial e 76,81% da Habilitação Técnica. Desse grupo, foram analisados dados cadastrais sobre as empresas onde estavam trabalhando no

momento da pesquisa, sendo entrevistados 201 supervisores imediatos dos egressos. A tabela 5 mostra um comparativo entre as informações colhidas através das entrevistas e os resultados do SAPES:

Tabela 5 – Comparação entre informações das entrevistas com ex-alunos e a pesquisa do SAPES, na modalidade de Aprendizagem Industrial.

Item	Entrevistas (2014)	SAPES (2009 - 2011)
Ocupação no mercado formal	92%	85,6%
Ocupação no setor industrial	61,5%	59,8%
Ocupação na área de formação	70%	60,8%
Desemprego	8%	12,8%
Matriculados ou concluíram o Ensino Médio	100%	59,5%

Fontes: Entrevistas realizadas com ex-alunos na EEP SENAI Nilo Peçanha em fevereiro de 2014. Sistema SAPES – Resumo dos resultados – Triênio 2009/2011 – RS (FIERGS/SENAI, 2012, p. 2)

Os resultados apresentados nos dois estudos, embora com amostragens e métodos diferentes, apontaram para resultados aproximados, o que demonstra um perfil de aluno atuante no mercado de trabalho formal, com aplicação de seus conhecimentos e habilidades na área de atuação, para a maioria dos entrevistados. Outro aspecto analisado foi a relação com a educação formal, especialmente na conclusão do Ensino Médio, onde todos os entrevistados fizeram questão de evidenciar sua preocupação com a conclusão de etapas e a busca por melhor formação, como preparação e pré-requisito para melhores oportunidades de trabalho, visando não só a obtenção do conhecimento geral, mas o atendimento aos requisitos de certificação, exigidos pelas empresas no exercício de cargos ou funções. Todos os ex-alunos frequentavam o Ensino Médio durante o período de realização de seus cursos na EEP SENAI Nilo Peçanha, situação favorecida pelo fato de que a escola não permite a frequência de alunos, em seus cursos, caso não estejam matriculados no Ensino Regular.

O ingresso no mercado de trabalho foi promovido pela formação no curso da EEP SENAI Nilo Peçanha para 85% dos entrevistados, sendo que 70% deles começaram sua vida profissional na área do curso e 30% que não o fizeram, alguns já trabalhavam antes ou faziam estágio e um deles encontrou dificuldades pela

menoridade. Ao serem questionados quanto à autonomia financeira, 56% dos entrevistados apontaram que a alcançaram no primeiro ano de atuação no mercado de trabalho, e os demais apontam para um tempo de aproximadamente dois anos.

Eles são oriundos de três cursos, conforme tabela 6:

Tabela 6 – Cursos frequentados.

Curso	Percentual
Torneiro Mecânico	7%
Mecânico Multifuncional	39%
Mecânico de Usinagem	54%

Fonte: Entrevistas realizadas com ex-alunos na EEP SENAI Nilo Peçanha em fevereiro de 2014.

Nas entrevistas, lancei questões referentes à realização de outros cursos profissionalizantes, conclusão do Ensino Médio, realização de Cursos Técnicos e de Nível Superior, buscando o desenvolvimento pessoal e profissional. Em paralelo ao interesse pelo desenvolvimento, também questionei quanto à possibilidade do curso de Aprendizagem Industrial ter influenciado ou estimulado a busca por desenvolvimento contínuo.

A educação voltada para o paralelo entre o trabalho intelectual e o manual, através da mobilização de conhecimentos e habilidades para o exercício das atividades laborais e prática da cidadania faz parte dos Planos de Curso na modalidade de Aprendizagem Industrial da EEP SENAI Nilo Peçanha.

O incentivo e cobrança aos alunos, pela continuidade dos estudos no ensino médio e superior, visando à melhoria da qualidade de vida, na perspectiva de desenvolvimento pessoal e profissional, tem sido uma constante no cotidiano da EEP SENAI Nilo Peçanha. Tal prática visa à busca por melhores condições de trabalho e remuneração, tendo em vista a necessidade do conhecimento e a exigência por formação técnica e acadêmica, dentro dos processos produtivos atuais. Estes aspectos foram abordados nas entrevistas realizadas, sondando a efetividade da busca pelo desenvolvimento dos entrevistados e sua relação com o curso freqüentado, com os resultados expressos em percentuais, conforme a tabela 7:

Tabela 7 – Relação do curso com o desenvolvimento pessoal e profissional.

Questões	Resposta positiva
Você fez outros cursos profissionalizantes após este?	56%
A formação no curso de aprendizagem influenciou na sua decisão de fazer outros cursos profissionalizantes?	100%
Você concluiu ou está cursando o ensino médio?	100%
A formação no curso de aprendizagem influenciou na sua decisão de cursar ou concluir o ensino médio?	77%
Você concluiu ou está estudando em algum curso de nível técnico?	30%
A formação no curso de aprendizagem influenciou na sua decisão de frequentar cursos de nível técnico?	100%
Você concluiu ou está estudando em algum curso de nível superior?	77%
A formação no curso de aprendizagem influenciou na sua decisão de frequentar cursos de nível superior?	80%
Você exerce ou exerceu algum cargo ou função de liderança ou gestão após sua iniciação profissional na área da usinagem?	39%
Você considera que o curso de aprendizagem o auxiliou para o exercício deste cargo ou função?	100%
Você desenvolve alguma atividade empreendedora, como sócio ou proprietário	30%
Você considera que o curso de aprendizagem o auxiliou para o exercício desta atividade?	75%

Fonte: Entrevistas realizadas com ex-alunos na EEP SENAI Nilo Peçanha em fevereiro de 2014.

As respostas evidenciaram a relação entre a formação no curso da modalidade de Aprendizagem Industrial da EEP SENAI Nilo Peçanha e a busca pelo desenvolvimento pessoal e profissional, através de outros cursos profissionalizantes, da formação regular e do ensino superior, para a maioria dos entrevistados. Fato que vai ao encontro da saudável relação entre escola e trabalho, evitando a valorização de um em relação ao outro, ou culturas como a “cultura contra-escolar”, apresentada nos estudos de Willis (1991), onde o trabalho reprodutivo torna-se

rotina para determinados trabalhadores e a resposta ao tédio e expressão da masculinidade aparece em forma de violência nas relações de trabalho. Segundo Willis (1991, p. 51): “uma forma cega ou distorcida de revolta, rompendo com a tirania convencional da regra, contrapondo-a ao machismo”. O autor aponta para uma “cultura de chão de fábrica”:

A masculinidade e a dureza da cultura contra-escolar refletem um dos temas localizadores centrais da cultura do chão de fábrica — uma forma de chauvinismo masculino. Os cartazes de mulheres em poses sensuais colados em cima de máquinas cheias de óleo são exemplos de um sexismo direto, mas o chão de fábrica está encharcado de masculinidade também de formas mais generalizadas e simbólicas. (WILLIS, 1991, p. 74).

Segundo Willis (1991) existe uma tendência de mudança desta cultura, na medida em que as condições de trabalho melhoram, porém, mesmo diante de muitas tecnologias novas, ainda existem muitas profissões que exigem trabalhos exaustivos e insalubres, que favorecem a sua permanência.

De acordo com o Documento Base para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio integrada ao Ensino Médio, do Ministério da Educação do Brasil (2007), na sociedade moderna, a profissionalização se opõe à simples formação para o mercado de trabalho, mesmo com a relação econômica permeando profissionalização, pois, sob a perspectiva da integração entre trabalho, ciência e cultura, “ela incorpora valores ético-políticos e conteúdos históricos e científicos que caracterizam a práxis humana.” (BRASIL, 2007. p. 45).

Estes valores foram citados nos relatos dos entrevistados da pesquisa, como nas respostas para o questionamento quanto à experiência de cursar na EEP SENAI Nilo Peçanha:

Foi uma experiência boa, no SENAI a gente tem regras diferentes, a Escola tem outro tipo de ensino, aqui ele é específico, ela prepara para o mercado de trabalho, mas, também, ensina valores, ética. Gostei de tudo, das amizades, do cotidiano, do curso, gostava muito de frequentar as aulas. Tinha grande alegria em ir para a Escola, encontrava com os colegas no curso e depois na escola regular, existia entre nós uma ajuda mútua. A Matemática era muito mais cobrada, de forma mas específica para aplicação nas peças usinadas. O SENAI foi um complemento da escola regular, tive maior facilidade nos estudos depois que comecei estudar no SENAI. (AD);

Imaginava uma instituição muito mais voltada ao técnico, depois percebi que o técnico é forte, mas, o mais importante é a preparação profissional nos aspectos pessoais. Após concluir o curso percebi que o foco era o pessoal. (IS).

Nestes relatos evidencia-se a aplicação do conhecimento teórico na execução de atividades práticas, na possibilidade de contextualizar os conhecimentos através de seus diversos laboratórios, significando efetivamente os estudos teóricos das áreas, como cálculos, gráficos, tabelas, conceitos, interpretação de normas técnicas, entre outros, além dos valores já mencionados, dentro da ideia de aprendizagem colaborativa, por meio do desenvolvimento de atuação em equipes. Os relatos que seguem também fortalecem a ideia da uma cobrança aliada a liberdade, tendo como parâmetro as experiências vividas em escolas do Ensino Regular, na EEP SENAI Nilo Peçanha e na atuação profissional dos entrevistados:

Ótimo, para desenvolver tanto a parte técnica quanto a pessoal, tornei-me um adulto responsável através de uma forma mais efetiva de crescimento pessoal. Lá ninguém é obrigado a ficar. O SENAI tem uma liberdade maior para desenvolver o aluno. Cria uma responsabilidade maior no aluno. (IS);

Eu sinto saudades do SENAI, lá o nível de cobrança era maior que na escola regular, porém menor se comparado com a indústria. Foi um período de aprendizagens, uma fase de mudança em minha vida, eu não era responsável, não tava nem aí para as coisas da vida, lá eu me tornei responsável, mudei muito o meu comportamento, sem deixar de ser feliz. Foi um lugar de aceitação de níveis sociais e étnicos, de trabalho com a deficiência, com nosso colega PCD e com a perda, pois um colega da turma faleceu num acidente de carro. Tínhamos o costume de jogar bola no parque e isso fez com que muitas pessoas praticassem esporte, jogávamos quase todos os dias de sol, continuamos nos encontrando um bom tempo depois de acabar o curso. (JLM).

Os resultados apresentados pela pesquisa, através das entrevistas, evidenciam a busca dos alunos pelo desenvolvimento, não só no aspecto técnico-profissional, mas de formação humana, fato que vai ao encontro da ideia de um trabalhador consciente de seu papel como colaborador na sociedade moderna, conforme as colocações feitas pelos colaboradores da pesquisa, quanto aos seus aprendizados:

Aprendi muito, não só de usinagem, mas também, a ter respeito, me portar. Aprendi muito na área técnica, se vier aqui e aproveitar tem um bom retorno, tem que ter interesse e buscar, pois, o mercado de trabalho não está fácil e no SENAI a gente tem tempo para aprender. Percebi como é importante o estudo e a formação superior para o desenvolvimento profissional e o lado pessoal também. (WU);

Aprendi planejamento, crescimento pessoal, tive aprendizagem técnica, oportunidade de emprego, desenvolvimento profissional, técnico e pessoal. Motivou-me a estudar e aprender mais na escola também. (JLM);

Nestes relatos percebe-se a mudança na postura de um jovem, aluno do Ensino Médio, que encontra motivação para dar maior valor aos seus estudos na

escola regular, por conta de significar o conhecimento, a partir de sua aplicação prática, através do Ensino Profissionalizante. Estes relatos são comuns, nas colocações dos estudantes da EEP SENAI Nilo Peçanha, embora existam alguns casos em que os alunos sentiram o efeito reverso, a desmotivação pelos estudos teóricos, que ficam abstratos na escola regular, levando-os ao interesse maior pelos estudos focados na profissionalização. Esta situação é algo que os instrutores salientam junto aos alunos, na intenção de enfatizar a importância do trabalho desenvolvido na educação de forma geral, uma vez que ela é base para os diversos aspectos da vida humana. Os colaboradores empíricos da pesquisa destacaram a Educação Profissional como uma forma de incentivo à continuidade dos estudos, para o desenvolvimento pessoal e profissional:

Tive contato com o conhecimento mais técnico, aprendi a prática, é uma escola que alia o conhecimento teórico com a prática, incentiva a gente continuar os estudos. (DLM);

Foi muito bom, não tive só uma formação profissional, mas sim, pessoal. Diferente da escola regular pela cobrança em fazer as coisas certas, de se comportar da maneira correta, lá eles não passam muito este tipo de valores, não te prepara para ter um comportamento profissional adequado. Eu acho que os valores passados pelos professores da EEP SENAI Nilo Peçanha são diferentes dos da escola regular, mas precisamos ter uma base boa, por isso não podemos deixar de estudar, para aprender as coisas da profissão e da formação como homem também. (AS);

As colocações dos ex-alunos expressam a cobrança por resultados, porém não em forma de notas ou conceitos, mas sim, de obter êxito neles, conseguindo atingir os objetivos propostos com qualidade. Outro aspecto muito relatado foi o da postura profissional, que envolve o comportamento humano, nas relações de trabalho, que estão ligadas aos valores humanos, com foco na ética, respeito, conduta adequada aos ambientes, etc.

Partindo do pressuposto das diferenças individuais dos seres humanos, temos também as diferenças nos grupos sociais e nas gerações, fatores que levam aos docentes, que trabalham com jovens, ao desafio de acompanhar as mudanças ocorridas ao longo do tempo, no pensamento e na ação, do jovem da atualidade. De acordo com Nóvoa (2013), a geração atual, pensa e age diferente das gerações anteriores, “se posiciona de outra forma, diante dos desafios da vida e que apresenta uma maneira nova de adquirir aprendizado”. (LINHA DIRETA, 2013, p. 12). Assim, o fato da maioria dos entrevistados buscarem conhecimentos através das escolas, tanto regulares quanto profissionalizantes, mostra a preocupação com

este desenvolvimento, para a melhoria contínua de suas ações e da qualidade de vida, na perspectiva de desenvolvimento, tanto técnico, quanto pessoal.

5.2 TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS JUVENIS

A revolução tecnológica não ocorreu apenas nos meios de comunicação e dos processos de informação, em meio a tantas inovações da atualidade, o mundo do trabalho presenciou a extinção de uma série de profissões, de acordo com Freitas (2013). Porém, outras foram sendo modificadas adaptando-se as novas exigências do mundo produtivo, sendo algumas ainda recentes, ampliando muito as opções para um futuro profissional de um adolescente. Na atual forma de viver, os jovens também estão cada vez mais suscetíveis às mudanças, pois, segundo Pais:

Os cursos de vida, entre os jovens, são textos cada vez mais bifurcados e baralhados, porque também os respectivos contextos de vida são cada vez mais instáveis e variáveis. Sistemáticamente, novas formas de mobilidade funcional e geográfica balizam o futuro profissional dos jovens. (PAIS, 2001, p. 28).

Nas entrevistas com os ex-alunos da EEP SENAI Nilo Peçanha, os mesmos relataram que a escolha do curso que fizeram foi um fator de motivação para a realização do mesmo, pois, se comparados com o ensino regular, o curso profissionalizante não tinha a característica da obrigatoriedade, embora que a decisão pelo curso não tenha sido algo fácil, para a maioria. Em 85% dos casos a opção de ingressar na Escola e a escolha pelo curso foram de responsabilidade do ex-aluno, sendo que 62% deles não tinham nenhum vínculo com as empresas que lhes forneceram Contratos de Aprendizagem, esta escolha foi mencionada pelos entrevistados:

Foi uma oportunidade única de ingressar na indústria. Escolhi o tipo de curso. Tive ótimo conhecimento técnico. Teve uma grande diferença com a escola regular, a parte prática. Aprendi a ter autonomia, tomada de decisões e a responsabilidade sobre elas. Uma escola bem mais rígida no aspecto da conduta, mas muito mais livre para se aprender. A cobrança me ajudou, me conduziu ao conhecimento. (JLM);

Estes contratos de trabalho não influenciaram na decisão de fazer um curso na EEP SENAI Nilo Peçanha, para 62% dos entrevistados, pois, os mesmos ingressavam na Escola por testes de seleção, sendo que a Escola entrava em

contato com as empresas oferecendo cotistas nas áreas dos cursos. Esta realidade mudou, atualmente não são mais realizadas provas de seleção e uma Carta de Apresentação do Aprendiz é fornecida pela empresa. Esta carta é pré-requisito para a inscrição na Escola, fator que determina uma relação entre o aprendiz e a empresa, antes mesmo do seu ingresso na escola.

Os entrevistados tinham entre 14 e 18 anos de idade quando frequentaram a EEP SENAI Nilo Peçanha. Atualmente é dada a preferência para a matrícula de alunos que possam completar a maioridade, concomitantemente com a conclusão do curso escolhido, levando em conta as exigências legais, especialmente quanto à idade, para a maioria dos postos de trabalho nas indústrias.

Na fala dos ex-alunos percebem-se diversos interesses na procura pelos cursos da EEP SENAI Nilo Peçanha. Com a adaptação, extinção e nascimento de profissões, muitos profissionais deixam de ser somente especialistas e passam a ser generalistas. De acordo com Oliveira e Silva (2013) o jovem que almeja o ingresso no mercado de trabalho atual necessita de uma visão ampla do mundo. Certas competências, que antigamente eram vistas como diferenciais, agora são consideradas pré-requisitos, como a liderança, a criatividade, a capacidade de trabalhar em equipe, de ter visão de futuro, o comportamento empreendedor, dinâmico e a habilidade para negociações. Estes fatores aliados às outras tantas variáveis do mundo globalizado levam muitos jovens às indecisões das escolhas diante das possibilidades dos caminhos que rumam para uma profissão.

A escolha da área de um curso profissionalizante envolve uma projeção de possibilidades de trabalho futuro, onde o conhecimento desta área é muito importante, porém, ao longo de minha experiência como docente, tenho percebido que muitos alunos ingressam nos cursos oferecidos pela EEP SENAI Nilo Peçanha, sem conhecimento das atividades desenvolvidas dentro das profissões para as quais se destinam os cursos, como os que envolvem a usinagem mecânica, através de atividades que envolvem torneamento, fresamento e furação executadas em diferentes tipos de máquinas, tanto convencionais, como comandadas por computadores.

Segundo Fonseca (1986), nos primeiros anos de funcionamento do SENAI, existia o curso primário, que funcionava como uma preparação para as fases posteriores, onde os alunos recebiam lições de conhecimentos gerais, nas áreas de matemática, português e ciências. Nesta fase os alunos tinham contato com as

oficinas e observavam as atividades realizadas por alunos que já estavam na fase final dos cursos, além de prestarem testes vocacionais, na tentativa de auxiliar na escolha do curso que gostariam de frequentar. Quando questionados quanto aos motivos que os levaram a frequentar a referida escola, surgiram argumentos como os relacionados na tabela 8;

Tabela 8 – Motivos para frequentar a EEP Nilo Peçanha.

Relatos	Motivo
<i>Curiosidade e interesse em aprender. (ETO; JLM).</i>	Interesse pelo aprendizado
<i>Ganhei o curso como um presente na conclusão do curso do Projeto Pescar.⁸⁰ (VAGA); Curso gratuito e estava na idade que precisava trabalhar. (AS).</i>	Gratuidade do curso
<i>Visibilidade do nome SENAI no mercado de trabalho e diversidade de cursos oferecidos pela EEP SENAI Nilo Peçanha (IS); Melhor escola da rede SENAI, em Caxias. (VLA); A escola sempre foi bem recomendada e eu buscava um curso na área da usinagem, o curso terminava junto com o Ensino Médio. (WU); Recomendação de pessoas que passaram pela escola e foram bem sucedidas.(GES).</i>	Recomendação pela qualidade
<i>Buscava algo relacionado com o trabalho, queria um salário e adquirir conhecimento. (JLM); Vontade de trabalhar, independência financeira, formação para o trabalho (VA); Oportunidade de ingresso na indústria, escola perto de casa (VLA); Oportunidade de ingresso no mercado de trabalho (PJF); Trabalhava com meu pai e não gostava do serviço. (GES).</i>	Relação com o mercado de trabalho e independência financeira
<i>Tinha o curso que eu gostava e era perto da minha casa. (AD).</i>	Localização da escola
<i>Indicação do meu pai que já tinha cursado na EEP SENAI Nilo Peçanha. (JLM; AD); Indicação de um primo. (EP); Indicação por amigos e familiares. (PJF).</i>	Indicação de amigos ou parentes

Obs.: Alguns entrevistados foram enquadrados em dois ou mais grupos.
Fonte: Entrevistas realizadas com ex-alunos na EEP SENAI Nilo Peçanha em fevereiro de 2014.

⁸⁰ De acordo com Projeto Pescar (s. d.), o Projeto Pescar é uma iniciativa mantida por empresas, sem fins lucrativos, com a intenção de preparar jovens de baixa renda para inclusão social e no mercado de trabalho. Durante o curso os jovens aprendem sobre alguma área profissional de acordo com o ramo que a empresa trabalha, além de orientações sobre: Cidadania, meio ambiente, educação sexual, família e tecnologia. O nome foi inspirado no provérbio chinês: Se deres um peixe a um homem faminto, vais alimentá-lo por um dia. Se o ensinares a pescar, vais alimentá-lo por toda a vida. O projeto inspira-se neste provérbio devido ao fato de ter como objetivo o real aprendizado destes jovens que buscam uma qualificação para se adequarem as exigências profissionais e não somente inseri-los no mercado sem qualquer experiência de trabalho.

Atualmente o aluno escolhe o curso referente a uma profissão a ser estudada, antes de matricular-se na escola. Esta escolha envolve a sua experiência de vida, sendo que, na maioria dos casos, ele não teve a oportunidade de conhecer as atividades desenvolvidas na profissão, à qual o curso se destina. Os colaboradores empíricos, entrevistados nesta pesquisa apresentaram diversas justificativas para suas escolhas, quando perguntado: Como você escolheu a área ou o curso? Os resultados são apresentados na tabela 9;

Tabela 9 – Razões para a escolha da área do curso profissionalizante.

Relatos	Categorias
<p><i>Tinha colegas que faziam SENAI, gostavam, elogiavam e diziam que era, meio que, um quartel. Tinha um tio que era Torneiro, mas eu não sabia o que era isso. (AS);</i> <i>Um amigo fazia SENAI e me indicou, aliás, fez excelente referência. (PJF);</i> <i>Foi por pesquisas, tinha tios que fizeram SENAI. (DLM);</i> <i>Meu pai trabalhava na área. (ETO);</i> <i>Influência do pai. (AD);</i> <i>Meu pai trabalhou com mecânica por vinte anos, queria conhecer a área para seguir os passos dele. (WU).</i></p>	<p>Escolha pela opinião de amigos e parentes</p>
<p><i>Já conhecia algumas coisas, meu pai me levava para ver as máquinas, cheguei a trabalhar na área antes do curso, mas, antes de entrar pesquisei na Internet. (WU);</i> <i>Pelo trabalho que eu fazia. (VLA);</i> <i>Vontade de mexer com mecânica, eu precisava concertar equipamentos em casa, ajudava meu pai a solucionar problemas com os implementos agrícolas. (EP);</i> <i>Afinidade com a área. (JLM).</i></p>	<p>Conhecimentos na área do curso</p>
<p><i>Pela valorização da área no mercado caxiense. (VAGA);</i> <i>Querida ir para a mecânica industrial, tinha pesquisado antes. (IS).</i></p>	<p>Pesquisa da área do curso</p>
<p><i>Foi por acaso, não recebi nenhuma explicação sobre o curso. (VA);</i> <i>Não sabia o que era e não gostava de elétrica então escolhi mecânica, gostava de desafios e gostei do curso. (GES).</i></p>	<p>Escolha aleatória</p>

Obs.: Alguns entrevistados foram enquadrados em dois ou mais grupos.
 Fonte: Entrevistas realizadas com ex-alunos na EEP SENAI Nilo Peçanha em fevereiro de 2014.

Ainda antes de matricular-se, a maioria dos entrevistados conheciam pessoas que já haviam frequentado a EEP SENAI Nilo Peçanha. Os cursos de Aprendizagem Industrial têm uma grande procura na Escola, mesmo sendo pouco divulgados nos meios de comunicação tradicionais. O período de inscrições é muito divulgado por alunos e ex-alunos. O círculo de relações dos ex-alunos entrevistados, com pessoas que já haviam frequentado um curso na Escola, apresenta-se na tabela 10;

Tabela 10 – Relacionamento com pessoas que já haviam frequentado a EEP Nilo Peçanha.

Ex-alunos da Escola	Percentual
Colegas da escola no ensino regular	31%
Vizinhos	15%
Amigos	39%
Familiares	70%

Obs.: Alguns entrevistados foram enquadrados em dois ou mais grupos.
 Fonte: Entrevistas realizadas com ex-alunos na EEP SENAI Nilo Peçanha em fevereiro de 2014.

Após terem cursado na Escola e, na maioria dos casos, terem experiência profissional, os entrevistados foram questionados quanto ao conceito dado para o curso realizado, sendo que 85% dos entrevistados atribuem à escola o conceito de “Ótima escola” e 15% de “Muito boa escola”.

De acordo com Meneses, “o momento da escolha profissional envolve questões profundas do ser humano, muito estudadas no campo da Filosofia, sobre o “ser alguém”, que escolha seguir identidade social, etc.” (MENESES, 2012, p. 22). Como a escolha abrange as expectativas que outros depositam no indivíduo, juntamente com as suas, neste momento geram-se muitas dúvidas.

Além das variáveis de escolha das áreas de estudo, para inserção no mercado de trabalho, os ex-alunos entrevistados também não conheciam a EEP SENAI Nilo Peçanha, porém, ela tinha um bom conceito para eles, conforme relatos apresentados na tabela 11;

Tabela 11 – Conceito dos ex-alunos da EEP SENAI Nilo Peçanha antes do ingresso no curso.

Relatos	Conceito
<p><i>Não conhecia a escola, só a importância do nome SENAI. (IS);</i></p> <p><i>Ouvi falar muito bem da escola, quis fazer pela reputação da mesma. (AS).</i></p>	Importante
<p><i>Boa escola. Nunca ouvi falar mal da escola. (VA);</i></p> <p><i>Boa escola, que realmente se saía aprendendo. (EP);</i></p> <p><i>Sempre ouvi falar como escola de referência, boa escola. (DLM);</i></p> <p><i>Boa escola. (VLA).</i></p>	Boa escola
<p><i>Escola boa, mas possivelmente chata pela cobrança. (JLM);</i></p> <p><i>Boa escola, rígida mas com qualificação, no SENAI o profissional era diferenciado. (GES);</i></p> <p><i>Escola rígida em relação à postura, bom aprendizado, de cobrança. (WU);</i></p> <p><i>Escola boa que poucos entravam, que seria como escola regular mas, um pouco mais puxado, mas nem tanto. Que existiam diferenças entre ambos, que o SENAI era como uma faculdade, mexe no caráter, vontade, determinação e busca pelo conhecimento. (ETO).</i></p>	Boa escola, com rigidez e cobrança
<p><i>Muito boa escola, com ensino forte, com regras e cobrança para obter o certificado. Que não era fácil. Que eu ia sair sabendo. (AD).</i></p>	Muito boa escola
<p><i>Ótima escola para crescimento pessoal. (VAGA);</i></p> <p><i>Ótima escola, referência de familiares e amigos. (PJF);</i></p>	Ótima escola

Fonte: Entrevistas realizadas com ex-alunos na EEP SENAI Nilo Peçanha em fevereiro de 2014.

No leque das profissões ou funções assumidas por eles, apresenta-se uma variedade significativa, porém, na maioria dos casos, estão relacionadas diretamente com a área dos cursos realizados na EEP SENAI Nilo Peçanha. Na ocasião da pesquisa, apenas um ex-aluno exercia a função direta de usinagem em máquinas, a maioria havia mudado de função dentro da área mecânica, sendo que três haviam mudado de área, conforme a tabela 12;

Tabela 12 – Profissões dos ex-alunos da EEP SENAI Nilo Peçanha.

Cargos ocupados	Atuação
<i>Programador, Preparador e Operador de Máquinas de Usinagem a Controle Numérico Computadorizado - CNC.⁸¹ (VAGA).</i>	Na função do curso frequentado
<p><i>Programador, Preparador e Operador de Máquinas de Usinagem a CNC e Projetista. (JLM);</i></p> <p><i>Analista de Métodos e Processos, Engenheiro da Qualidade e Engenheiro de Processos. (GES);</i></p> <p><i>Office Boy, Auxiliar de Expedição, Montador, Ajustador Mecânico, Operador de Máquinas de Usinagem a CNC, Comprador, Programador, Preparador e Operador de Máquinas de Usinagem a CNC, Técnico em Usinagem e Consultor Técnico. (AS);</i></p> <p><i>Montador, Inspetor da Qualidade, Gráfico e Desenhista Detalhista. (PJF);</i></p> <p><i>Preparador e Afiador de Ferramentas de Usinagem, Estagiário na Engenharia da Qualidade, Analista da Qualidade, Projetista e Engenheiro da Qualidade. (DLM);</i></p> <p><i>Torneiro, Inspetor da Qualidade, Programador, Preparador e Operador de Máquinas de Usinagem a CNC, Programador, Preparador e Operador de Máquinas de Gravação a Laser. (WU);</i></p> <p><i>Instrutor de Educação Profissional Básica. (IS).</i></p>	Na área do curso, exercendo outras funções
<p><i>Auxiliar de Produção, Preparador e Operador de Máquinas de Usinagem a CNC, Líder de Setor e Professor de Matemática da rede estadual. (AD);</i></p> <p><i>Torneiro Mecânico, Programador, Preparador e Operador de Máquinas de Usinagem a CNC, Chefe de Setor de Usinagem, Coordenador e Programador de Processo, Sócio Gerente da Empresa e Proprietário de Empresa de Agronegócio. (EP);</i></p> <p><i>Auxiliar de Produção, Técnico em Manutenção, Estagiário na Secretaria Municipal do Meio Ambiente como Instrutor de Educação Ambiental, Auxiliar de Análises Laboratoriais, Bancário na rede federal. (VA).</i></p>	Em outras áreas

Fonte: Entrevistas realizadas com ex-alunos na EEP SENAI Nilo Peçanha em fevereiro de 2014.

Os cargos ocupados pelos colaboradores empíricos da pesquisa demonstram o desenvolvimento profissional destes a partir da inserção profissional oportunizada pelos cursos da EEP SENAI Nilo Peçanha. Os profissionais que, no momento da

⁸¹ Máquinas de Usinagem a Controle Numérico Computadorizado executam operações como torneamento, fresamento e furação, entre outras, de maneira automatizada, através da lógica da programação computadorizada (código binário) e controle por números (plano cartesiano), com extrema precisão e rapidez quando comparadas com máquinas convencionais.

pesquisa atuavam em profissões não ligadas a área dos cursos, relataram a importância destes cursos em sua atuação profissional:

Curso bom que sai com profissão em qualquer área pela responsabilidade da equipe, prepara para o mercado de trabalho, ensina disciplina. (VA);

Meu irmão vai fazer o curso e eu usei o argumento do mercado de trabalho. Comparei com um professor, pois, a área técnica paga melhor, no SENAI também bons professores, cobrança, qualidade superior a do ensino regular, disciplina, espírito de equipe, experiência de vida, vale a pena estudar na EEP Nilo Peçanha. (AD);

O curso tem qualidade e visibilidade no mercado. (EP).

Os relatos deste desenvolvimento profissional evidenciam a importância da Escola de suas contribuições para a juventude de Caxias do Sul, pois, mesmo para o aluno que não seguiu sua trajetória profissional na área do curso, a experiência de ter cursado na EEP SENAI Nilo Peçanha, foi apresentada como de grande valia, afirmando que ela serve para qualquer área, a partir dos ensinamentos que envolvem a preparação de um profissional para atuação, não apenas na parte técnica, mas na conduta e relacionamento com os seus grupos de trabalho.

A profissão de Professor foi também mencionada, e comparada com outras da área técnica. Neste relato temos um Professor de Matemática, do Ensino Médio, fazendo uma análise de mercado de trabalho e de remuneração profissional, para seu irmão, ao recomendar um curso profissionalizante para o mesmo. Este relato também reforça a ideia da contribuição da Escola para um profissional que, mesmo não atuando mais na área técnica, recomenda esta escola para seus familiares pelo reconhecimento de sua qualidade na educação, nos aspectos pessoais.

Embora as trajetórias profissionais sejam bem diversificadas, todos os entrevistados indicam os cursos de Aprendizagem Industrial da EEP SENAI Nilo Peçanha, para pessoas de suas famílias ou amigos com argumentos que estão ligados ao aspecto de desenvolvimento pessoal:

Crescimento pessoal e desenvolvimento profissional. (ETO);

Antes do curso eu sabia que quem fazia se destacava no mercado, feito o curso conheci a qualidade e tive uma ótima experiência de vida. (GES);

Curso muito bom, vai do básico ao avançado, formação do conhecimento e desenvolvimento pessoal. (DLM);

A iniciação profissional foi mencionada por alguns colaboradores da pesquisa como algo muito importante na vida de um jovem:

O SENAI é o primeiro passo na carreira profissional, mudança de vida de uma pessoa. (VAGA);

Por ser ótimo, primeiro passo para a iniciação profissional, formação pessoal para o profissional, transição da criança para o adulto. (IS);

Melhor caminho para começar uma carreira profissional, comportamento profissional. (AS);

Outros aspectos citados foram o caráter e o comportamento, onde a EEP SENAI Nilo Peçanha é vista como uma instituição que auxilia nestes aspectos, de acordo com os seus ex-alunos:

Além de colocar num rumo profissional auxilia no caráter, comportamento profissional. (VLA);

O SENAI não forma apenas um profissional, mas também, solidifica as fases para o caráter do jovem aprendiz. (PJF).

Todos os entrevistados lembraram seus professores e das respectivas áreas de atuação, sendo que vários mencionaram a importância do papel destes docentes para a sua trajetória profissional. Observando as colocações de meus entrevistados, quanto às trajetórias profissionais, lembrei-me da minha também, onde busquei algumas semelhanças, começando pelo fato de que a Escola foi indicada por meu pai, passei pela prova de seleção, que era um teste de matemática, onde muitos não conseguiam responder 50% das questões e para a matrícula apresentei a Carta de Apresentação de Aprendiz da empresa, também exigida nos anos oitenta, empresa em que meu pai trabalhava. A escolha do curso foi por afinidade com a área mecânica, embora eu também gostasse da área eletroeletrônica, mas tinha um fator de influência, meu pai era torneiro, então escolhi o curso mesmo sem conhecer absolutamente nada sobre o ofício. Como um de meus entrevistados, eu também já trabalhava com minha mãe antes de cursar no SENAI, aos treze anos. Trabalhava informalmente, com reciclagem de materiais e não gostava do que fazia.

De acordo com Stecanela (2010b) existem movimentos, falas, ações e pensamentos nos entrevistados de uma pesquisa, enquanto nós os observamos. Ela cita Melucci, que menciona os “atores sociais”, onde na concepção do autor não existe distinção entre observadores e observados, pois estes “atores sociais” somos nós mesmos, onde os outros, sejam os sujeitos ou objetos da pesquisa, estão em

relação conosco, pelo menos, quando nós estamos em relação com eles. “Sendo assim, a distinção ‘nós-eles’ é introduzida pelo pesquisador.” (MELUCCI apud STECANELA, 2010b, p.3).

As profissões por mim exercidas, não foram muitas, mas foi no curso de Torneiro Mecânico que tive minha base nos conhecimentos da Mecânica de Usinagem, que me levou a ser um Torneiro Mecânico dentro de um setor de Ferramentaria, Matrizaria e Manutenção de Máquinas. Depois de dois anos mudei para o setor de Engenharia, também através de criteriosos testes de seleção, onde exerci o cargo de Projetista de Ferramentas e Matrizes, pelo período de um ano. Após este período fiz o mais rigoroso teste de seleção de minha vida, as provas para instrutores da EEP SENAI Nilo Peçanha, que envolviam testes teóricos, tanto de conhecimentos técnicos e gerais, quanto da área das ciências humanas, além de provas práticas, que exigiram a confecção de componentes mecânicos para montagem em conjunto. Os testes duraram 12 horas e tendo sido aprovado, ingressei no SENAI ocupando o cargo de Instrutor e, posteriormente, de Coordenador de Cursos. Entre minhas lembranças do curso do SENAI, guardo com carinho em minha memória, a maneira com a qual os professores tratavam os alunos, do respeito e a preocupação com nossos resultados e dos muitos aconselhamentos de orientação, não só para o trabalho, mas para a vida.

Guardo também boas lembranças de cada um deles, do que nos transmitiram como seres humanos, das suas aulas e do modo como eles conduziam os grupos. Tais lembranças me remetem a uma reflexão que vai ao encontro dos estudos de Stecanela, onde a autora aborda o cotidiano como fonte de pesquisa relatando: “A reflexividade produzida pela entrevista acontecia também comigo, pois, as palavras dos jovens ficavam ecoando após cada encontro, indicando que a realidade social inclui o observador, é processual e interage com ele”. (STECANELA, 2010b, p. 3).

Hoje, infelizmente três de meus professores e um coordenador de curso, já faleceram, outro professor teve um derrame cerebral e felizmente se recuperou, uma situação de dificuldade, momento em que vários ex-alunos foram visitá-lo. Nesta situação pude refletir a respeito do significado que estes docentes tiveram não só para mim, mas para muitos de seus ex-alunos. As lembranças de meus professores do SENAI soaram como ecos da pesquisa, onde, de acordo com Stecanela (2010b), as reflexões sobre os contextos de vida não se esgotam no momento em que cessa

a entrevista, pois, os diálogos entre pesquisador e entrevistado produzem ecos para ambos.

5.3 A ESCOLA ANTES E DEPOIS DA FORMATURA

Analisando os aspectos de cultura, organização e escola, o espaço e o tempo escolares, segundo Viñao Frago (1995), a escola é uma instituição e, portanto, tem uma cultura escolar, assim prefere dizer culturas escolares, onde encontramos o conjunto de aspectos institucionalizados, como práticas e condutas, modos de vida, hábitos e rituais, a história cotidiana de fazer escola, com materiais, função, uso, distribuição de espaço, edificação, simbologia, etc. De acordo com o autor, os aspectos como espaço, tempo e modos de comunicação, afetam o ser humano em seu todo, na consciência, pensamentos, atividades, de modo individual e grupal, conformando a sua mente e suas ações.

Busquei nesta pesquisa respostas para as representações desta cultura mencionada por Viñao Frago, que vai além dos muros da escola, onde questionei os entrevistados sobre como eles imaginavam a EEP SENAI Nilo Peçanha antes de ingressar no curso. Assim, as representações da escola foram expressas pelos ex-alunos de diversas formas, onde surgiram os relatos que mencionam desde o desconhecimento total da escola até ideias de extrema rigidez. Os termos de rigidez e cobrança foram bastante citados nos depoimentos:

Tinha muita expectativa e receio de dificuldades na adaptação pela rigidez. Imaginava uma escola diferenciada. (GES);

Não tinha noção, pensava que era igual às outras escolas só que mais rígida, porém, não foi tão rígida quanto eu imaginava. Para preparar bem a pessoa tem que ter um pouco de rigidez. Vejo a rigidez como algo bom e importante. Nota-se a diferença que faz o SENAI, na ética, dentro de uma empresa. (AS).

Em alguns relatos dos ex-alunos percebi maior ênfase para a questão da rigidez, na ideia que alguns alunos faziam da Escola antes de seu ingresso, onde a mesma chegou a ser comparada com um quartel militar, mesmo eles não tendo frequentado tal instituição:

Pensava num ambiente bom, mas militar, bem rígido, sério, sem nenhum minuto de distração. Quando entrei vi que no SENAI tinha amigos e que só se queria uma postura para o mercado de trabalho. A Escola era semelhante ao que eu pensava, porém, melhor do que eu

imaginava, tínhamos liberdade de trocar ideias sobre a vida, o que fez parte do meu aprendizado. (WU).

Por outro lado, alguns dos colaboradores empíricos da pesquisa relataram que tinham uma noção do funcionamento e das regras da escola, encontrando o que buscaram nela, durante a realização dos cursos:

Imaginava o que eu encontrei, a fila, a organização e o silêncio. O rígido que eu imaginava era a cobrança no ensino. Pensava numa escola que era difícil e que a gente tinha que levar a sério. Pensava que ia ser bem mais difícil do que realmente foi. (AD);

Tinha ótima impressão, sabia que era um local de seriedade, estudo e comprometimento. (PJF).

Tais representações estão relacionadas aos relatos de pessoas que cursaram a EEP SENAI Nilo Peçanha em diferentes épocas. Ao mencionar representações, me reporto a Chartier (2002), na ideia de construção de representações:

As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 2002, p. 17).

Os ex-alunos, colaboradores da pesquisa, tiveram contato com outros ex-alunos, que passaram pelos bancos escolares do SENAI nas décadas de 50, 60 e 70. Eles ouviram os relatos de uma educação muito rígida e com um nível de cobrança de resultados muito elevado. Narrativas de ações ou episódios ocorridos no passado, já contados muitas vezes, por alunos e instrutores, pessoas com mais de 60 ou 70 anos de idade, fazem parte de minhas lembranças. Elas me levam a uma representação, que remonta um passado onde o respeito pelo professor era algo que provocava temores e tremores em muitos alunos. Porém, o fato que me chama a atenção neste sentido é que todos os ex-alunos que narram estes fatos, de épocas passadas, guardam com carinho muitas de suas lembranças e possuem reconhecimento pelos seus docentes.

Ouvindo estas narrativas tenho razões para supor um passado de uma educação rígida, não só na EEP SENAI Nilo Peçanha, mas em outras instituições também, que possivelmente levaram as colocações que mencionam o termo quartel:

Pensava que era uma escola rígida como um quartel general, mais rígida do que foi, mas um lugar de oportunidade de crescimento, para auxiliar na vida profissional e que se oportunizaria a independência financeira. (JLM);

Imaginava um quartel, com muita cobrança, especialmente no visual e na conduta da pessoa. O primeiro momento foi de difícil adaptação. (VLA).

Não é de se estranhar que uma instituição criada na época do Estado Novo, no governo militar, seja comparada com um quartel pelos ex-alunos. Poderíamos atribuir à rigidez do ensino de épocas passadas, talvez, mas isto necessitaria de um estudo mais aprofundado, bem verdade é que a EEP SENAI Nilo Peçanha teve muitos instrutores que trabalharam muitos anos na instituição, como meu caso, porém em realidades de educação muito diferentes da vivida nos atuais anos democráticos. Os colaboradores empíricos da pesquisa, que tiveram contato com as gerações mais recentes de ex-alunos do SENAI, também apresentaram relatos que mencionaram a regras e as cobranças, porém de outra maneira:

Não tinha muita ideia do que era. Imaginava uma escola voltada ao aprendizado do jovem e ao mercado de trabalho para a preparação do profissional para a indústria. (DLM);

Pensava que era uma escola normal, mas ela tem regras diferentes das escolas comuns. A cobrança é maior e você acaba tendo uma postura diferente, com mais respeito aos valores humanos, conhecimento e trabalho em equipe. (VAGA);

Não tinha muita ideia do que era. Imaginava uma escola voltada ao aprendizado do jovem e ao mercado de trabalho para a preparação do profissional para a indústria. (DLM);

Uma escola que unia a teoria com a prática, não tinha noção do era uma escola técnica. (VA).

A atuação docente atual tem uma conduta muito diferente, não mais associada à imagem de um quartel de rígido tal qual uma pastilha de “Widia”⁸², o que não quer dizer que tenhamos recozido⁸³ o aço, mas talvez lhe dado um revenimento⁸⁴, para que o mesmo não perca suas qualidades. A educação atual exige uma postura de diálogo e compreensão do outro, com respeito mútuo entre estudantes e docentes, buscando juntos, melhores caminhos para atingir êxito no processo ensino-aprendizagem, pois, de acordo com Freire:

⁸² Widia é a marca comercial de um material para ferramentas de corte, mundialmente conhecida, por ser o primeiro produto fabricado com dureza muito próxima ao diamante.

⁸³ O recozimento ou normalização do aço é o processo que tem por objetivo tirar suas tensões internas deixando-o macio.

⁸⁴ Revenimento é o processo aplicado após a têmpera, para aliviar parcialmente as tensões internas do aço, diminuindo parte de sua dureza para ganhar tenacidade. A têmpera é um processo que se dá ao aço com o objetivo de atingir elevada dureza.

Conhecer, que é sempre um processo, supõe uma situação dialógica. Não há estritamente falando um “eu penso”, mas um “nós pensamos”. Não é o “eu penso” o que constitui o “nós pensamos”, mas, pelo contrário, é o “nós pensamos” que me faz possível pensar. (FREIRE, 1981, p. 71).

O trabalho realizado na EEP SENAI Nilo Peçanha no aspecto técnico visa à preparação para o trabalho, onde a cobrança mencionada pelos alunos não se resume a uma avaliação por notas ou conceitos, mas na apresentação dos resultados para atendimento dos objetivos da educação profissional. Os alunos são levados a execução de atividades e responsabilidade por suas ações, sendo cobrados pelos resultados com qualidade e tempo de execução. Um dos aspectos que chama a atenção é a atitude de alguns jovens não cumprirem com suas tarefas escolares e pensarem que tal conduta é normal, pois na média ele poderia ser aprovado. As ações docentes estão voltadas para o desenvolvimento de competências necessárias para a atuação profissional do jovem no mercado de trabalho, sendo que, em alguns casos, um instrutor pode ser considerado até chato, no bom sentido, pelas cobranças neste desenvolvimento:

Minha experiência de estudar na Escola foi muito gratificante, no começo foi difícil, as provas tinham uma exigência maior, o nível mínimo era 80%, o professor Guerra era “chato”, cobrava a caligrafia o tempo todo, foi no SENAI que melhorei minha forma de escrever, hoje tenho a noção do benefício de ter tido um professor “chato” que nem ele. Tive uma grande amizade com os professores e os colegas da turma. Foi muito divertido e foi numa época crítica e inesquecível de nossas vidas. Hoje tenho orgulho de encontrar colegas da turma e saber que estão bem profissionalmente e pessoalmente. (GES).

O trabalho baseado em competências corrobora muito no sentido de harmonia, de vínculos entre professores e estudantes, tendo a pesquisa e a interdisciplinaridade como bases de ação. Estes aspectos também são propostos em outros níveis de ensino: “A colaboração entre professores e alunos e os padrões de funcionamento da organização permitem a formação de uma nova cultura universitária [...]” (PAVIANI, 2008. p. 66). Segundo Paviani (2008), esta cultura estaria integrada com a sociedade, com os meios de comunicação e com a socialização dos conhecimentos. Os ex-alunos entrevistados relatam suas experiências neste sentido:

Bom, fiz amigos, tive bons professores, aprendi muita coisa que uso na universidade, como o Desenho Técnico Mecânico. A Matemática me ajudou muito no colégio e o treinamento para a Olimpíada do Conhecimento⁸⁵ me fez aprender muitas coisas. (VA);

Ótimo, diferente da escola regular pela nota mínima (80%) e pela organização. Tive crescimento pessoal. A Escola tem uma cultura diferente, existe a cobrança pelos resultados e comprometimento de todos. (ETO).

Ao falar sobre as habilidades necessárias em um mundo interconectado, Coll (2013), aponta para as competências necessárias para o século XXI, mencionando a necessidade de educação continuada, ao longo de toda a vida. Ele cita a necessidade da capacidade de autoaprendizagem para as adaptações às diversas situações e soluções de problemas de forma independente, a capacidade de compreender o outro e a si mesmo, da comunicação e informação, entre outras. Quando questionado quanto ao conceito de competência, ele expressa:

Competência é um conjunto de atributos que uma pessoa possui e que lhe permite desenvolver ações efetivas em determinada área. É a interação harmoniosa de habilidades, conhecimentos, valores, motivações, características de personalidade e aptidões próprias de cada pessoa que determinam e revelam o comportamento que leva a obtenção de resultados ou objetivos a serem alcançados na organização. Hoje em dia as competências são vistas como uma nova forma de avaliação, que contrapõe ao modelo de avaliação anterior, baseado em conteúdos. (COLL, 2013, p. 41).

A EEP SENAI Nilo Peçanha vem desenvolvendo suas atividades desde 2000, através da Metodologia por Competências. Esta Metodologia foi desenvolvida pelo Departamento Nacional do SENAI, que possui sede em Brasília e implantada em todas as escolas do SENAI, através de seus Departamentos Regionais. Ela envolve diversas fases da ação das escolas, iniciando pela a análise das necessidades da indústria e elaboração de Comitês Técnicos Setoriais, onde participam diversos

⁸⁵ De acordo com SENAI/RS (2008), a Olimpíada do Conhecimento é uma competição de educação profissional que tem como principal objetivo avaliar habilidades técnicas e práticas dos alunos participantes, considerando aspectos como a criatividade, a capacidade de liderança, a tomada de decisão, a resolução de problemas, o autodesenvolvimento, as habilidades de comunicação e raciocínio crítico, considerados essenciais para um perfil profissional competente. Para participarem da Olimpíada do Conhecimento, os alunos das escolas do SENAI de todo o país precisam vencer os desafios da etapa escolar. A seguir, os vencedores de cada ocupação disputam em nível estadual e os melhores são classificados para a etapa nacional. Essa fase, que encerra o processo relativo ao SENAI, reúne os melhores alunos por ocupação, que poderão representar o Brasil, no ano seguinte, no WorldSkills International. O Torneio é organizado pela International Vocational Training Organization (IVTO), organização mundial de promoção do desenvolvimento de habilidades profissionais.

representantes da comunidade industrial e sociedade, como sindicatos, instituições de ensino superior, secretarias da educação municipais, etc., passando pela elaboração de Programas de Cursos, através de reuniões entre instrutores, pedagogos e equipes de desenvolvimento educacional, para a implantação dos cursos nas escolas. Esta forma de ação traz em seu bojo a ideia do desenvolvimento das competências necessárias ao mercado de trabalho, pelos alunos, levando em consideração a educação profissional em sua forma ampla, tanto de aspectos técnicos quanto humanos, como colocado pelos colaboradores empíricos, da pesquisa, quanto a suas experiências em estudar na EEP SENAI Nilo Peçanha:

Foi excelente, o SENAI me auxiliou a abrir a mente para passar de menino para um profissional, a iniciar uma nova etapa da vida. Foi um divisor de águas, com responsabilidades para a preparação para outra etapa da vida. (PJF);

Bom, aprendizagem, trabalho e estudo para a parte técnica e pessoal, com aprendizagem muito boa, não importando a carga horária, mas o que se aprende estando no SENAI, especialmente comprometimento com os resultados. (EP).

Na educação profissional a aproximação entre a escola e a indústria representa um desafio constante, especialmente pelas mudanças tecnológicas. Para Andreassa (2012), existe um *gap* entre a educação e a indústria no Brasil, que pode ser solucionado com uma melhor preparação dos colaboradores, através de uma educação onde, além da formação técnica intrínseca à atividade, espera-se do recém-formado que saiba trabalhar em equipe em ambientes multiculturais, entenda e se adapte rapidamente à cultura corporativa da empresa.

Foi buscando esta aproximação entre a educação e sua relação com o mundo do trabalho que o SENAI desenvolveu a sua Metodologia por Competências. Ela envolve uma série de ações que incide na forma de atuação docente, mudanças de instalações e decisões administrativas das escolas, fato que provocou uma mudança cultural, pois de acordo com atual diretor regional do SENAI/RS Sr. José Zortéa, o SENAI sempre buscou as melhores práticas pedagógicas:

Foi uma mudança considerável de cultura. Em vez de um aluno ter sua formação dividida em disciplinas, onde ele é avaliado se 'sabe' ou 'não sabe', tratamos de desenvolver competências neste aluno. Assim ele projeta um produto, por exemplo, e vai trabalhar para realizá-lo aprendendo passo a passo o que é necessário, adquirindo confiança e conhecimento que lhe garantam a execução. (INDÚSTRIA EM AÇÃO, 2012, p. 5).

Nos idos anos de 1982 e 1983, em que cursei o SENAI, não lembro de alguém que tenha me apresentado um quartel, como citado por alguns ex-alunos. Atualmente, como instrutor, percebo um local onde a aprendizagem tem efeito de mudança de comportamento, com a possibilidade da união das aulas teóricas com as práticas, aplicando conhecimentos estudados de forma interdisciplinar na solução de situações de aprendizagem propostas. Atualmente os alunos passam por uma fase inicial de adaptação ao trabalho com competências e posteriormente vão ganhando autonomia em suas ações na busca pelo conhecimento incentivada pela pesquisa, nas práticas do cotidiano, tendo a liberdade em paralelo com a responsabilidade.

Esta liberdade, aliada ao espírito de equipe e propostas de trabalhos em grupo, apresentações de estudos, execução de tarefas práticas nos laboratórios e oficinas, cria um coleguismo diferenciado em relação a outras instituições de ensino, quebrando o paradigma de “escola linha dura” e revelando uma escola muito diferente do imaginado “quartel”. Os relatos dos entrevistados, quanto ao questionamento referente à experiência de estudar numa escola de educação profissional apontam para estes aspectos:

Foi uma ótima oportunidade, de tudo que colhi só vejo pontos positivos, excelente. (VAGA);

Foi uma experiência muito boa, auxiliava no meu trabalho, tive crescimento como pessoa, foi importante para mim pois, estava vivendo um momento muito difícil de minha vida particular, meus pais tinham se separado e a Escola me ajudou a colocar um foco em minha vida, com responsabilidades, respeito aos horários, apresentação pessoal, que foram a base para minha vida profissional. (VLA).

Muitos sentimentos foram expostos nos diálogos estabelecidos pelas entrevistas e neles surgiu a complexidade da missão de um educador pois, a necessidade da orientação quanto aos limites das fronteiras do respeito mútuo, organização, segurança para o trabalho, responsabilidade, comprometimento, assiduidade, pontualidade, colaboração, trabalho em equipe, apresentação pessoal, asseio pessoal e ambiental, postura, entre outros aspectos que envolvem a educação profissional

Estes aspectos trazem à tona a missão de pais e mães, na condução das ações para a educação dos filhos, na difícil missão de muitas vezes também dizer o “não”, pois existe a necessidade de exercer a tarefa de educar, de ajudar na busca dos caminhos da vida, com a qualidade de “humana”.

Nos relatos destes sentimentos encontrei, como pesquisador, a liberdade de ouvir o outro, antes jovem, hoje um adulto, com discernimento de sua posição na sociedade. Um de meus entrevistados passou por diversas etapas na hierarquia de uma indústria e comenta a questão da cultura empresarial e escolar:

Na época fiquei totalmente revoltado com as cobranças, mas não cheguei a pensar em desistir, pois, me interessei muito pela área do curso, mas, a revolta era muito grande, devido ao fato que eu tinha que tirar o brinco, andar sempre de cabelo cortado, tirar piercing. Mas, uma grande motivação para meus estudos foi uma tentativa de provar para os professores que não tinha nada a ver o fato de eu usar brincos e piercings com a minha capacidade. Você sabe de meus resultados, eram para te provar que eu era capaz e que a aparência é outra história. Acho que hoje não se aplicaria mais cobrar isso, mas, eu sei que ainda hoje, existe uma cultura empresarial que não aceita isto. Quando eu contrato um novo funcionário que usa brinco, piercings, tem cabelos compridos ou está tatuado, já aviso: - Você vai ter que provar a sua capacidade, pois possivelmente vai sofrer preconceito de muitos, pois o próprio padrão da indústria não aceita estas mudanças no comportamento e apresentação. Felizmente está mudando, mas o preconceito ainda existe. Eu ainda sofro com este tipo de preconceito atualmente, mesmo sendo empresário. (VLA).

As escolas possuem seus espaços físicos, que no caso da EEP SENAI Nilo Peçanha, busca uma similaridade com os ambientes fabris, através de laboratórios e oficinas mecânicas, porém, é uma instituição que compõe um ambiente misto entre escola e fábrica, que tem os aspectos pedagógicos como norteadores de sua ação. Assim, salas e oficinas são espaços compartilhados onde algumas vezes classes e cadeiras estão em meio às máquinas, quando estas não estão em operação, mas, transformadas em objeto de estudo. Também, não raro é, vermos docentes demonstrando máquinas e equipamentos de pequeno porte, em sala de aula. De acordo com Viñao Frago (1995), o espaço físico para o ser humano é o habitat:

O espaço escolar não é, por tanto, um confinamento, nem um teatro, mas uma espécie de discurso que institui em sua materialidade, um sistema de valores, marcos para a aprendizagem sensorial e motora, e toda uma simbologia que cobre diferentes representações estéticas, culturais e ideológicas. Qualquer mudança em sua disposição, como lugar e território, modifica a natureza cultural e educativa. (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 69).

A Metodologia de Ensino por Competências traz desafios de planejamento e organização, que devem ser bem racionalizados, pois ela permite a flexibilização destes espaços e tempos dentro das diversas possibilidades de execução dos Planos de Curso, oportunizando a criatividade para docentes e alunos, na busca pelo conhecimento. Esta oportunidade de liberdade e criatividade também exige uma mudança de comportamento, pois depende de iniciativas, de ações que

provoquem esta busca, de autonomia dos envolvidos, de muita responsabilidade e comprometimento, pois, embora flexível e com maior possibilidade de atendimento individual, há o trabalho com o coletivo, espaços e tempos determinados de acordo com as propostas de Situações de Aprendizagem, o que vai ao encontro do pensamento de Viñao Frago:

Os espaços e tempos escolares são planejados de acordo com o currículo e a escola não trabalha de forma geral com o indivíduo, mas com o coletivo, onde ocorre a mecanização do ensino para um grande público, com método diferente do ensino individualizado. O que se quer ensinar deve ser delimitado, ordenado e seqüenciado, de modo planejado, onde o espaço faz parte de um sistema fechado, tornando a personalização inviável e o professor torna-se um arquiteto, com o desafio de tornar um espaço frio e mecânico, num lugar quente, acolhedor e vivo (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 71).

De acordo com SENAI/DN (2009), entende-se como “situação de aprendizagem”, uma proposta ancorada na práxis pedagógica, que propõe o desafio em sua execução, considera a inserção entre o difícil e o possível para o aluno em seu momento de aprendizagem. Esta situação é criada com fins educativos, e segundo SENAI/DN:

Deve ser contextualizada, ter valor sociocultural, evocar saberes e propor a solução de um “problema”, que exija tomada de decisão, testagem de hipóteses e transferência de aprendizagens, ampliando no aluno a consciência de seus recursos cognitivos. (SENAI/DN, 2009, p. 29).

Em meio a alguns adjetivos e sentimentos que envolveram o verbo “cobrança”, surge nas entrevistas o sentimento de um esforço que dá resultado, que é valorizado pelos alunos, o esforço da dedicação e do empenho em aprender. Esta forma de estudar, onde temos que “aprender a aprender” é que causa estranheza nos alunos. Alguns meses são necessários para que a semente da autonomia e da busca pelo novo, pelo diferente, comece a brotar. Para que isso aconteça, é preciso também propor uma mudança cultural para o aluno, mudar o paradigma de que ele deve copiar tudo no caderno, que deva decorar ou transcrever para provas, para passar no trimestre, para atingir a média ou executar cálculos somente olhando uma fórmula sem entender o que as incógnitas representam.

A escola de ensino profissionalizante tem a missão de romper com as barreiras da rotina do aluno que apenas reproduz conhecimentos, de investir na educação da autonomia do pensamento humano, no pensar, planejar e buscar as

novidades de um mundo em constantes e rápidas mudanças, o mundo do trabalho, onde alunos possam pensar e agir como estudantes, na busca por conhecimentos, com vistas ao desenvolvimento técnico e humano. Nesta perspectiva, a Metodologia por Competências utilizada nas escolas do SENAI-RS, oferece grande apoio, pois está alicerçada em aspectos como interdisciplinaridade, pesquisa e estudos aplicados à solução de situações de aprendizagens, que envolvem diversos conhecimentos teóricos e práticos, habilidades e qualidades pessoais, trabalho individual e em equipes, com a avaliação focada tanto nos processos e produtos, quanto nas ações que envolvem os valores humanos, a sociabilidade, conduta, ética e sustentabilidade. Assim, não se avalia por notas ou médias, mas pela qualidade dos resultados apresentados, com as possíveis recuperações previstas e integradas ao processo educativo, para a obtenção dos resultados almejados.

Nos primeiros meses de curso, quando os alunos são informados de que não existe média, a informação causa muito desconforto, surgem muitas perguntas, referentes à avaliação. Quando uma atividade é proposta e alguns alunos não entregam, eles agem com naturalidade, como se não fosse seu papel como estudantes de fazê-lo, porém, causa mais estranheza a cobrança nas datas e resultados, fato que tem que ser trabalhado com os alunos e que causa alguns dos sentimentos apontados pelos entrevistados, quando no início de suas atividades na Escola, como a cobrança e o papel do professor “chato”, no sentido de ser o responsável por esta cobrança de tempos, prazos, responsabilidade nos compromissos assumidos e da qualidade nos resultados produzidos.

Na voz dos entrevistados foi possível perceber o reconhecimento da importância desta cobrança e da valorização dos esforços, tanto de instrutores quanto de alunos, pela qualidade na educação:

Percebi que no SENAI a cobrança não era tanta assim e foi um lugar onde tive muita liberdade para aprender, tive tempo para tirar minhas dúvidas e para estudar as coisas que eu não sabia, quando precisava fazer algo novo. Hoje, na empresa, as coisas não são assim, temos que ter respostas rápidas e com pouco tempo de estudo, por isso foi muito importante ter estudado no SENAI. (EP).

Os esforços de alunos e professores pela qualidade na educação remetem às culturas de educação profissional, onde educação não tem o fim de preparo exclusivo para o exercício de um trabalho, mas de proporcionar uma compreensão das dinâmicas sócioprodutivas das sociedades contemporâneas, com seus avanços,

conquistas e contratempos, habilitando os sujeitos envolvidos, para o exercício autônomo e crítico de profissões, sem se esgotar nestas.

A qualidade é um processo dinâmico, que continuamente estará se alterando, não tendo um enunciado final. A definição da qualidade de uma realidade é um processo de interpretação, feito através construção de significados na relação entre as culturas. As experiências pessoais, acadêmicas e profissionais vivenciadas são referências importantes para a estruturação da conduta de professores e os traços constituintes das culturas de educação profissional. De acordo com Souza (2012), existe um aspecto essencial na relação estabelecida entre a cultura e a educação na escola: o lugar onde ela está situada. Vários colaboradores empíricos da pesquisa relataram suas memórias do lugar da EEP SENAI Nilo Peçanha como um lugar de liberdade de expressão, de busca pelo conhecimento, de incentivo à curiosidade e a pesquisa, pelo qual sentiam certo pertencimento e responsabilidade. Este lugar configura-se como um espaço vivo, carregado de memórias e significações, onde:

[...] os discentes, familiares e a escola fazem parte do mesmo espaço e nutrem sentimento de pertencimento, de enraizamento, nesse sentido, é preciso que se sintam reconhecidos no conhecimento que a escola produz e transmite que consiste em uma ampliação do sentido cultural da escola. (SOUZA, 2012, p. 3).

Nas culturas de educação profissional também encontramos um conjunto de aspectos institucionalizados, que se assemelham aos mencionados por Viñao Frago (1995), referentes às culturas escolares. São práticas e condutas, modos de vida, hábitos e rituais, a história cotidiana de fazer escola, com materiais, função, uso, distribuição de espaço, edificação, simbologia, etc.. Nestas culturas temos estes aspectos voltados ao cotidiano laboral, com o foco da profissão, porém correlacionados com os aspectos do comportamento humano e do contexto social do qual este labor faz parte.

Trata-se, portanto, de um processo de socialização no qual se aprende o ofício, mas também as relações humanas, as culturas institucionais e as culturas de atuação profissional, na perspectiva da integração entre trabalho, ciência e cultura, onde, de acordo com Brasil (2007), a profissionalização não se limita a preparação para a atuação no mercado de trabalho de forma simples e mecanizada, mas na incorporação de valores éticos, políticos, com o conhecimento histórico e científico, que são inerentes da práxis humana. Assim, inspirado das formulações de Viñao

Frago (1995) busco tecer aproximações com o que venho denominando como culturas de educação profissional.

De acordo com Souza (2012), a escola é dinâmica como sociedade, e a cultura escolar, possibilita compreender a escola como um mundo social, que possui suas características específicas de vida, seus ritmos e ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos de regulação ou de transgressão, um regime próprio de produção e de gestão de símbolos que são transformados de acordo com as interações sociais. Segundo Vidal (2005), a capacidade da escola em produzir uma cultura específica, singular e original, também é defendida por Chervel, pois “para ele, a instituição escolar era capaz de produzir um saber específico cujos efeitos estendiam-se sobre a sociedade e a cultura e que emergia das determinantes do próprio funcionamento institucional”. (VIDAL, 2005. p. 26).

Observando o funcionamento de algumas escolas do SENAI, percebo que fazem parte das culturas de educação profissional ações que não se restringem apenas ao cumprimento de normas ou da legislação, mas que vão além destas, buscando a excelência nos processos de formação do humano para o contexto social do trabalho. Como exemplo, na EEP SENAI Nilo Peçanha, o controle de faltas dos alunos é condizente com a cobrança realizada nas indústrias, que respeita a legislação através da CLT, na relação empresa e colaborador e do MEC, na relação escola e aluno, onde o limite de 25% de faltas é permitido. Cabe, porém ressaltar que, dentro da cultura de educação profissional da Escola, este limite não condiz com o comportamento de um bom profissional, sendo acompanhadas as faltas junto aos alunos, seus familiares ou responsáveis, na tentativa de solucionar possíveis problemas neste sentido. Da mesma maneira são controlados os atrasos e a evolução dos alunos de forma individual e pontual.

O nível mínimo de aproveitamento está voltado para o domínio dos conhecimentos e habilidades trabalhados na Escola, com vistas ao desenvolvimento de competências técnicas e de gestão. Portanto não estabelecido por notas, porém parte-se do pressuposto de algo em torno de 80% de aproveitamento, existindo recuperações para atingi-lo, como comenta um dos colaboradores empíricos da pesquisa:

Quando se faz o que se gosta não se sente o tempo passar. Relacionava-me bem com todos. Teve algumas partes do curso em que eu tive dificuldade de aprender, algumas provas abaixo de 80%, que tive que fazer recuperações, mas se perguntar de que parte eu tenho

saudades, posso dizer que é de todas, até das recuperações, pois aprendi muito com elas, foram importantes para mim. No SENAI aprendi ética e respeito, que são ensinados desde o primeiro dia do curso. (AD).

Dentro da cultura de educação profissional da EEP SENAI Nilo Peçanha, existe uma grande valorização pelos aspectos de segurança, organização e limpeza, de forma a promover a autonomia dos alunos nestes aspectos, como condição básica para demais atividades realizadas na escola. Assim, a manutenção, limpeza e organização dos ambientes da escola são realizadas em grande parte pela colaboração dos alunos, com o incentivo ao desenvolvimento do trabalho em equipes. Também fazem parte desta cultura os cuidados com a apresentação e asseio pessoal, formas de expressão, uso de vocabulário formal composto por termos técnicos, bom relacionamento com colegas e funcionários, atitudes de educação ao circular pelas dependências, respeito à hierarquia, entre outros aspectos que se constituem como pressupostos para o desempenho profissional, dentro das culturas de educação profissional.

Aspectos importantes da cultura de educação profissional da EEP SENAI Nilo Peçanha surgiram nos comentários de cobrança e limites citados pelos ex-alunos entrevistados nesta pesquisa:

O padrão SENAI, organização, horários, respeito com os outros, disciplina, responsabilidades, prazos de entrega de atividades, etc., é muito bom. Tive dificuldade com algumas tarefas, como afiar ferramentas, mas eu gostava de vir para a escola, vinha pra cá com alegria, queria fazer as atividades, peças, montar os conjuntos, era importante para mim. Gostei muito das aulas de educação física, jogávamos futebol a cada 15 dias. No meu dia-a-dia, acordava cedo para não chegar atrasado e vinha com prazer para a EEP SENAI Nilo Peçanha. (AD).

A partir do que as afirmativas suscitam, observo que as culturas de educação profissional estão voltadas à preparação para uma vida profissional, que não depende exclusivamente das técnicas do trabalho, mas também do comportamento profissional, que envolve diversos aspectos pessoais, especialmente de conduta ética e de bom relacionamento social, em especial nos locais do exercício profissional. Tais culturas estão vinculadas a formação científica, com suas necessidades educacionais que integram o ensino com a pesquisa, numa perspectiva interdisciplinar, com o diálogo das ciências humanas, sociais e da natureza com os conhecimentos tecnológicos. Neste processo de formação humana,

entrelaçando trabalho, ciência e cultura, ocorre um movimento permanente de inovação do mundo material e social.

O espaço e o tempo escolares são fatores que me conduzem a uma aproximação entre os estudos de Viñao Frago (1995) relacionados às culturas escolares e os das culturas de educação profissional, que busco prospecção. De acordo com o autor, a escola administra o tempo de forma regrada e sistemática, mas historicamente o tempo cultural e escolar é variável, um produto cultural que implica uma determinada vivência de experiência temporal, construída social e culturalmente, não só por professores e alunos, mas também por famílias e comunidade, na inserção com os demais ritmos de tempos sociais. Quanto ao espaço, autor também sinaliza que a mudança em sua disposição, como lugar e território, modifica a natureza cultural e educativa.

Dentro das instituições de educação profissional, os espaços e tempos escolares são diferenciados das demais instituições de ensino, pois existe uma exigência de domínio dos conhecimentos e das habilidades relativas ao labor, juntamente com os valores humanos solicitados pelas demandas do mundo profissional e de formação cidadã. De acordo com SENAI (2013), a instituição desenvolveu uma metodologia própria para este tipo de educação, a “Metodologia SENAI de Educação Profissional”, que na implantação ou adequação de um curso envolve as fases de elaboração de um “Perfil Profissional”, do “Desenho Curricular” e a orientação da “Prática Docente”.

Nestas etapas os espaços e os tempos escolares são adequados às necessidades apontadas pelo mundo do trabalho, através do “perfil profissional” elaborado, junto à comunidade empresarial, colaboradores do SENAI, sindicatos de trabalhadores e patronal, associações e órgãos de classe, meio acadêmico e poder público, na composição de um “Comitê Técnico Setorial”, onde o objetivo é:

[...] contribuir para a identificação e atualização das competências profissionais requeridas dos trabalhadores, responsabilizando-se particularmente pela definição dos perfis profissionais correspondentes às ocupações demandadas pelos segmentos industriais atendidos pelo SENAI. (SENAI, 2013, p. 23).

De acordo com SENAI (2013), a definição de um “perfil profissional” passa por diversas etapas, como: Análise da prospectiva interna; Definição da estrutura inicial da ocupação; Identificação do nível de qualificação da ocupação; Definição da

competência geral; Definição das unidades de competência; Definição dos elementos de competência; Definição dos padrões de desempenho; Descrição do contexto de trabalho da ocupação; Identificação das competências de gestão; Identificação das ocupações intermediárias; Organização e validação do perfil profissional.

Estas etapas evidenciam o vínculo da instituição com o meio profissional das comunidades em que esta educação se faz necessária e alguns aspectos das culturas de educação profissional, pois o “perfil profissional” serve de referência e expressa competências profissionais que subsidiam o planejamento e o desenvolvimento das ofertas formativas. Estas ofertas seguem um fluxo onde uma ocupação representa um conjunto articulado de atividades destinadas à obtenção de bens ou serviços, levando ao “perfil profissional”.

O perfil profissional é definido como uma descrição do que idealmente é necessário ao trabalhador saber realizar no campo profissional correspondente a uma determinada ocupação. O resultado obtido no final deste fluxo de oferta formativa corresponde a uma “qualificação profissional”. A qualificação profissional que é “o processo ou resultado de formação e desenvolvimento de capacidades para alcançar as competências de um determinado Perfil Profissional definido no mercado de trabalho”. (SENAI, 2013, p. 16).

A metodologia utilizada pelo SENAI, em âmbito nacional, utiliza as informações obtidas no “perfil profissional” para elaborar um “desenho curricular” onde, segundo SENAI (2013), são apresentadas as seguintes fases: Identificação das possíveis saídas intermediárias para o mercado de trabalho; Análise do perfil profissional; Definição dos módulos que integram a oferta formativa; Definição das unidades curriculares relativas aos módulos; Definição do itinerário do curso; Definição e organização de conhecimentos, ambientes pedagógicos e de cargas horárias das unidades curriculares.

Dentro das culturas de educação profissional desta instituição, o papel do docente tem especial função, sendo que, conforme SENAI (2013), o desempenho desta função segue fundamentos e princípios como: Mediação da aprendizagem; Desenvolvimento de capacidades; Interdisciplinaridade; Contextualização; Ênfase no aprender a aprender; Proximidade entre o mundo do trabalho e as práticas sociais; Integração entre teoria e prática; Incentivo ao pensamento criativo e à inovação; Avaliação da aprendizagem com função diagnóstica, formativa e somativa.

A ação docente é amparada no planejamento e desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem. Neste contexto de culturas de educação profissional a competência profissional assume um papel muito importante, onde:

Para o SENAI, COMPETÊNCIA PROFISSIONAL implica mobilização de CONHECIMENTOS, HABILIDADES e ATITUDES profissionais necessários ao desempenho de atividades ou funções típicas, segundo padrões de qualidade e produtividade requeridos pela natureza do trabalho. (SENAI, 2013, p. 17).

Atualmente, a formação do trabalhador não abrange somente as tarefas relativas a postos de trabalho ou funções específicas. O mundo do trabalho exige, cada vez mais, um profissional que domine não apenas o conteúdo técnico específico de sua atividade, mas que, igualmente, detenha capacidade crítica, autonomia para gerir seu próprio trabalho, habilidade para atuar em equipe e solucionar criativamente situações desafiadoras em sua área profissional. Na metodologia utilizada pelo SENAI, os fundamentos técnicos e científicos caracterizam-se como pré-requisitos para o desenvolvimento de outras capacidades como sociais, organizativas e metodológicas:

Os Fundamentos Técnicos e Científicos referem-se às Capacidades Básicas de caráter geral, relacionadas às bases científicas, tecnológicas e aos saberes universais, identificados como pré-requisitos no âmbito de uma qualificação e que dão suporte ao desenvolvimento das Capacidades Técnicas, Sociais, Organizativas e Metodológicas. (SENAI, 2013, p. 68).

As culturas de educação profissional do SENAI envolvem práticas que visam proporcionar ao estudante o domínio dos fundamentos científico-tecnológicos, sócio-históricos e culturais de processos produtivos, em geral e específicos, de bens e serviços, assim como a apropriação de conhecimentos necessários ao exercício profissional e da cidadania. Estas ações, no contexto atual do mundo do trabalho exigem uma postura docente de protagonista do processo de ensino e mediador do processo de aprendizagem, onde:

A postura desejada do docente do SENAI é a de líder, com capacidade de mediar o processo de aprendizagem, atribuindo significado à teoria e às práticas desenvolvidas, integrando-as. Nessa perspectiva, requer-se do docente do SENAI competências que ultrapassem o campo técnico e tecnológico. É de fundamental importância que, além dos conhecimentos específicos da sua área e da cultura geral, ele tenha o domínio da Metodologia SENAI de Educação Profissional. Considerando as inovações tecnológicas e a necessidade de permanente aprimoramento pedagógico,

ressalta-se também a relevância da formação continuada desse docente. (SENAI, 2013, p.109).

A Metodologia SENAI de Educação Profissional fundamenta-se em diversos autores, entre eles Perrenoud, que situa a competência além dos conhecimentos, conforme SENAI (2013). Também de acordo com SENAI (2013), esta metodologia envolve uma prática docente que: Desloque o foco do “ensinar” para o “aprender”, do que vai ser ensinado para o que é preciso aprender no mundo contemporâneo e futuro; Privilegie Situações de Aprendizagem ativas e centradas no sujeito que aprende, desencadeadas por estratégias desafiadoras planejadas para o desenvolvimento das competências definidas no Perfil Profissional; Valorize o papel do docente como mediador da aprendizagem; Vise formar alunos com autonomia, iniciativa, proatividade, capazes de solucionar problemas, recorrer à metacognição, realizar autoavaliação e, conseqüentemente, conduzir sua autoformação e aperfeiçoamento; Possibilite reformulações durante os processos de ensino e aprendizagem, sem comprometimento do planejamento como um todo, conferindo, assim, flexibilidade à ação docente; Propicie oportunidade de acompanhamento constante das atividades do aluno por meio de avaliações formativas que permitam ao docente intervir, ainda durante o processo, com ações para melhoria da aprendizagem; Permita ao aluno a visão de conjunto do que deve ser desenvolvido no Módulo como um todo e nas Unidades Curriculares, propiciando a interdisciplinaridade entre elas.

As características da metodologia citada remetem para a análise das culturas de educação profissional, que possuem particularidades ou distinções em relação às culturas escolares de formação geral. A abordagem de seus detalhes objetiva evidenciar algumas destas particularidades buscando uma reflexão para um pensar nas culturas de educação profissional de forma mais ampla, que envolve as instituições da área da educação profissional.

5.4 A EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO NO RETROVISOR DA PRÁXIS PROFISSIONAL

Olhar para o caminho percorrido, sem deixar de percorrê-lo, buscar a reflexão no passado para a análise do hoje e projeção do futuro, fez parte do trabalho desta pesquisa, onde afloraram relatos carregados de emoções. Nestes relatos, sentimentos emergiram, compondo as trajetórias dos profissionais que, em suas caminhadas de vida guardam na lembrança o sentimento de saudades dos bons momentos vividos na escola profissionalizante:

Tenho saudades do da EEP SENAI Nilo Peçanha. Hoje se pudesse voltar no tempo, faria o curso novamente. Guardo muitas lembranças tanto de professores quanto de colegas, isso jamais vai ser apagado de minha memória. Tive uma experiência profissional internacional, uma oportunidade que tive através da Escola, de trabalhar na Itália. Estas lembranças estarão sempre comigo. A iniciação profissional que tive através da Escola, na Itália, me proporcionou a oportunidade de operação de Tornos a CNC, que foi muito bom para o meu aprendizado profissional, saindo um pouco das máquinas convencionais, que também aprendemos no curso, mas lá, nos países desenvolvidos, praticamente não se usa mais. Trabalhei um ano nesta área e retornei ao Brasil pela saudade de tudo o que deixei aqui, família, amigos, colegas e professores do SENAI. Senti muita falta de alguém para tirar minhas dúvidas, me ajudar quando não sabia fazer as coisas, lembrei muito do SENAI quando estava lá. (VAGA).

As considerações acima expressam o sentimento de um ex-aluno da EEP Nilo Peçanha, na idade de 25 anos, que fez parte de um projeto para auxiliar menores com vulnerabilidade social, o Projeto Pescar. Ele teve a oportunidade de estudar na EEP SENAI Nilo Peçanha, na área da usinagem, após ter concluído o curso no Projeto Pescar. Foi convidado a trabalhar na Itália, ainda quando frequentava o curso de Mecânico de Usinagem, através de um acordo internacional entre Itália e Brasil, em que empresas italianas recrutaram profissionais brasileiros para o trabalho em diversas áreas operacionais, inclusive máquinas de usinagem com comando numérico computadorizado. A iniciativa tem como base o problema existente na Itália, quanto à necessidade de mão de obra de jovens para o exercício de profissões básicas, sendo que vários ex-alunos foram para Itália e alguns até concluído sua formação superior naquele país.

Estes relatos são oriundos dos questionamentos quanto às memórias da escola cujas lembranças, evocam os dizeres de Bosi:

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através

de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. É tarefa do cientista social procurar esses vínculos de afinidades eletivas entre fenômenos distanciados no tempo. (BOSI, 2005, p. 11).

Este ex-aluno relatou que na sua profissão utiliza não apenas os conhecimentos técnicos, que adquiriu na EEP Nilo Peçanha, mas principalmente outros aprendizados. Ele lembrou o seu curso de Mecânico de Usinagem:

Lembro-me dos trabalhos em equipes, tanto em sala de aula quanto em oficinas; da conduta dos professores e alunos; do apoio dos professores, mesmo quando os alunos tinham muita dificuldade tanto de execução quanto de prazos de entrega; da hora da saída, que ninguém saía se não estivesse tudo organizado e limpo. Trago para a minha vida profissional valores muito importantes que me foram passados como ideais para um técnico da área mecânica, entre eles estão: a importância do caráter, da ajuda ao próximo, da humildade, do trabalho em equipe, opções dentro do mercado de trabalho, enfim, diversas coisas que fazem um bom profissional. Muitas destas coisas são estudadas também na escola regular, mas no SENAI é diferente, especialmente quanto ao respeito ao próximo e às regras. O SENAI tem um regulamento interno, que funciona com regras de qualquer escola, só que estão escritas e são cobradas. O perfil do aluno também é diferente, pois é cobrado um perfil de profissional dentro de ambientes com muita organização. (VAGA).

O relato desta entrevista lembra a complexidade do mundo do trabalho de modo global, onde temos que processar muitas informações de diferentes tecnologias, respondendo aos resultados esperados dentro de curtos períodos de tempo, conforme apontam Carvalho e Durães:

No mundo do trabalho, que cada dia é mais exigente ao cobrar competências de seus trabalhadores, é necessário que se saiba lidar, pesquisar, discutir, intercambiar, assimilar, criticar, explorar e desenvolver estas informações. Urgencia-se portanto, a necessidade da escola preparar o aluno para saber lidar com tais informações. Não que a escola tenha que prepará-lo unicamente de acordo com as necessidades do mercado de trabalho, mas o ambiente escolar, um dos principais *locus* de formação humana e profissional dos sujeitos, precisa dar condições para que o futuro trabalhador, além de saber viver de forma consciente, crítica e humana na atual sociedade da informação, adquira condições para também saber questionar os contrastes e contradições desta sociedade, contribuindo para a sua melhoria (CARVALHO e DURÃES, 2008, p. 2).

O princípio educativo do trabalho remete ao pensamento do ser humano como produtor e transformador de sua realidade. Atualmente a relação econômica está diretamente ligada à profissão, porém a integração entre trabalho, ciência e cultura está muito além da simples formação de mão de obra para mercado de trabalho, transcendendo a execução de atividades tanto manuais quanto intelectuais, ao agregar valores éticos e políticos, através de diversos estudos, como

históricos e científicos, que caracterizam a vida humana em seus diversos aspectos como o relacionamento humano no ambiente de trabalho, também comentado pelos entrevistados:

Gostei bastante de trabalhar em duplas, cada um fazia a sua peça, mas havia a necessidade de conciliar, fazer acordos que geravam trocas mútuas, de ferramentas, máquinas, instrumentos, horários para execução das peças, etc., que foram ajudando no aspecto pessoal pelas oportunidades de troca. Algumas vezes o tempo era curto para realizar as tarefas, causava desconforto, tínhamos a preocupação em concluir em tempo hábil, o que nos forçava a um excelente planejamento das ações. Se existe algo que sinto saudades no SENAI, é o coleguismo. Foi através do SENAI que eu consegui estabilidade financeira e profissional, tive uma visão de mundo profissional e principalmente, me tornei mais responsável, pois lá nós estudávamos com a finalidade de fazer o que os profissionais fazem, diferente da escola regular que é uma preparação para o vestibular, além de ter uma estrutura adequada ao curso, com boas condições físicas, que na escola regular não tem. (IS).

Algumas distinções entre a formação geral e profissional surgiram nas entrevistas. Conforme MEC, Brasil (2007), a formação geral é apresentada como uma etapa onde as pessoas adquirem conhecimentos que permitam compreender a realidade e a formação profissional, com o conhecimento científico adquirindo, para os trabalhadores, o sentido de força produtiva, assim, “traduzindo-se em técnicas e procedimentos, a partir da compreensão dos conceitos científicos e tecnológicos básicos que o possibilitarão à atuação autônoma e consciente na dinâmica econômica da sociedade.” (BRASIL. 2007, p.45). As questões do convívio social também foram levantadas nos diálogos das entrevistas:

No SENAI a limpeza, segurança e organização, são coisas que são levadas muito a sério, não só em oficinas, mas em salas também, limpamos classes e cadeiras e varemos a sala depois do uso, isso valorizou muito o ambiente de trabalho, o cuidado com as coisas e com a manutenção da escola. Arrumamos máquinas e o que esteve no nosso alcance para ter uma boa sala e oficinas em condições. Nós fazíamos tudo em equipe, nos ajudávamos e isso era muito legal. Eu fui representante do GEPA⁸⁶ e tive a oportunidade de fazer treinamentos na área da segurança do trabalho, que também gostei muito. Um fato que muito nos entristeceu na época foi o falecimento de um colega de turma, num acidente de carro, ele estava num gol que capotou. Toda turma, alunos e professores foram no velório e no enterro, foi muito triste, até os professores choraram. Nós prestamos uma homenagem a ele na missa de sétimo dia, deixamos uma lembrança para a família, que nós mesmos fizemos na oficina. Fomos todos vestidos com as roupas do SENAI e lemos uma mensagem para os pais de nosso colega. (JLM).

⁸⁶ O GEPA, Grupo de Educação e Prevenção de Acidentes, foi criado a partir da não obrigatoriedade da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes - CIPA, nas escolas do SENAI- RS. Basicamente segue as mesmas ações que a CIPA executa nas empresas.

As contribuições da EEP SENAI Nilo Peçanha para a educação na área social são evidenciadas por relatos que envolvem os aspectos étnicos, de poder aquisitivo e de inclusão de deficientes intelectuais, num ambiente de respeito e coleguismo:

No SENAI o companheirismo é diferente do ensino regular, temos colegas de todos os lugares de cidade, de todos os níveis sociais. Foi aqui que estudei pela primeira vez com colegas negros, foi muito legal, pois não tive colegas de outras etnias em minha escola regular, nunca tive esta oportunidade antes. Tivemos um colega deficiente intelectual, ele fez com que toda a turma se unisse em prol de sua causa, nos tornamos muito mais amigos por enfrentarmos a deficiência juntos. Com este colega aprendemos a lidar, sem medo, com a deficiência, mesmo em ambiente de fábrica, com máquinas perigosas. Para mim a cobrança de qualidade e prazos na entrega das atividades propostas só representa a igualdade tanto em direitos quanto em deveres. (JLM).

Em vários depoimentos surgiram colocações que remetem as questões de limites, cobranças e a comparação da Escola com um quartel militar, porém, tão comum quanto estes apontamentos, são aqueles que retratam a alegria, o coleguismo, as amizades, e, contrastando com um suposto quartel mencionado pelos entrevistados, surge o termo “liberdade”:

Achei a EEP SENAI Nilo Peçanha muito diferente da escola de ensino regular, pela oportunidade de escolha do curso, pela liberdade que conquistamos lá dentro, pelo crescimento pessoal que tive, pela aceitação das diferenças e das limitações dos outros e pela idéia que criamos de continuidade de desenvolvimento, tanto no ensino superior quanto através de cursos profissionalizantes, treinamentos, palestras, etc.. (JLM).

O termo liberdade remete às questões da autonomia e emancipação, onde, segundo Freire (1996) ela também tem limites, pois quando questionado da possibilidade da liberdade estar acima de qualquer limite, ele assim argumenta: “Para mim, não exatamente, porque aposto nela, porque sei que sem ela a existência só tem valor e sentido na luta em favor dela. A liberdade sem limite é tão negada quanto a liberdade asfixiada ou castrada.” (FREIRE, 1996, p. 65).

As colocações apresentadas pelo ex-aluno apresentam um forte cunho social, que vem ao encontro das colocações de Elias, apontadas por Lopes:

O domínio profissional em que se situam as interdependências sociais e a pressão das obrigações sociais centrada neste mesmo domínio, abre um leque de questões para refletirmos sobre as escolhas dos trabalhadores na organização da escola hoje, uma vez que, neste espaço, as pessoas vão construindo a si próprias e aos outros com valores próprios da sociedade (LOPES, 2000, p. 63).

Diversas colocações feitas pelos colaboradores empíricos da pesquisa foram expressas com muita emoção. Eles reconheceram a importância da passagem pela EEP SENAI Nilo Peçanha, para o desempenho de suas funções dentro da prática profissional em que atuam, mas o que chama a atenção não são os relatos de operações de usinagem, ferramentas de corte, tornos, fresadoras, furadeiras, acessórios, materiais de peças, desenhos mecânicos, tecnologias, cálculos, etc., mas os apontamentos quanto aos aspectos pessoais, o que vai ao encontro da concepção de cultura, pois:

[...] a concepção de cultura que embasa a síntese entre formação geral e formação específica a compreende como as diferentes formas de criação da sociedade, de tal forma que o conhecimento característico de um tempo histórico e de um grupo social traz a marca das razões, dos problemas e das dúvidas que motivaram o avanço do conhecimento numa sociedade. (BRASIL. 2007, p.45).

Embora toda atividade humana possa ser considerada cultura, como coloca Certeau (1995), esta, segundo o autor, não é reconhecida pela imposição ou força, sendo que, “para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza.” (CERTEAU, 1995, p. 9). Na análise da cultura escolar, Chervel, aponta para a importância dos assuntos abordados como disciplinas na escola, para a conformação desta cultura, conforme apresenta Vidal:

Porque são criações espontâneas e originais do sistema escolar é que as disciplinas merecem um interesse todo particular. E porque o sistema escolar é detentor de um poder criativo insuficientemente valorizado até aqui é que ele desempenha na sociedade um papel o qual não se percebeu que era duplo: de fato ele forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global. (VIDAL, 2005, p. 28).

De acordo com Viñao Frago (1995, p. 75), “a mente é um produto sócio-histórico e os processos cognitivos também podem ser estudados a partir de uma perspectiva histórica, onde os recursos culturais são elementos construtivos.” As narrativas produzidas através das entrevistas me proporcionaram a percepção das mudanças da forma de pensar entre as épocas em que os entrevistados eram alunos e na atualidade, como profissionais. Acompanhar o processo de mudanças destas pessoas lembra os dizeres de Viñao Frago (1995, p. 76): “Estudar algo sob o

ponto de vista histórico é estudar um processo de mudança, como um corpo que mostra o que realmente é com seu movimento”.

Entre as mudanças percebidas, parece evidente o aspecto da emancipação daqueles jovens do passado, hoje, olhando a EEP SENAI Nilo Peçanha, pelo retrovisor de suas carreiras profissionais, como um caminho percorrido. Caminho que foi resultado de ações, atualmente expressado pela compreensão do rumo tomado, das escolhas, dos objetivos, das conquistas e do que está por vir. A ação, compreensão e emancipação, conforme Pineau e Le Grand formam uma trilogia:

Essa trilogia de finalidades de ação, de compreensão e de emancipação começa a se consolidar teoricamente, de modo perfeitamente heurístico, na formação de adultos, com a distinção de Habermas (1976) entre três tipos de interesse de conhecimento: o técnico, o prático e o emancipador. O último deles, em particular, vai além da emancipação política no seu sentido restrito, identificando-se com a libertação relativa operada pela tomada de consciência crítica e reflexiva dos determinantes existenciais por meio de sua expressão. (PINEAU; LE GRANDE, 2012, p. 109).

Como as narrativas de vida, segundo Bertaux, “não liberam de uma só vez seus segredos” (2010, p. 89), e o “relato de vida aponta para a importância da expressão do vivido pelo ‘desdobrar narrativo’, quer essa enunciação seja oral ou escrita.” (PINEAU, 2006, p. 340). Durante as entrevistas surgiram aspectos que sublinham a atuação de professores e professoras, de áreas que não são diretamente ligadas às ações de cunho técnico:

Eu não gostava de esportes e achava as aulas de Complementação Profissional muito interessante, tinha um bom relacionamento com os colegas, embora eu fosse mais reservado. Tive meu primeiro contato com a área da administração, através do Programa Brasil Empreendedor, foi quando percebi que gostava desta área e hoje atuo nela. Sempre tive dificuldade com as máquinas, mas gostava muito das aulas teóricas, cheguei a ter um acidente no torno, mas ninguém se machucou, uma peça saltou da máquina. Toda base teórica que uso até hoje é resultante das aulas do SENAI, consegui bases para toda a minha vida profissional, até hoje. A minha qualidade de vida melhorou muito depois que entrei na EEP SENAI Nilo Peçanha, foi um amadurecimento que tive, bom para a época que eu vivia. Minha visão de vida melhorou muito e a minha família começou a se orgulhar de mim. O SENAI foi totalmente diferente da escola regular, aqui se cobra muito mais e se usa o que se estuda, na prática. No meu caso, isto teve uma consequência, acabei me desmotivando e piorando na escola regular, não me interessei mais por ela. (AS).

A prática de esportes na EEP SENAI Nilo Peçanha também fez parte do cotidiano escolar de 2000 a 2010, juntamente com as atividades das aulas de Complementação da Formação Profissional. Eram atividades que envolviam aulas de Educação Física, onde os alunos estudavam e praticavam esportes, ginástica

laboral⁸⁷, atividades em equipe relacionadas ao corpo e o movimento, na perspectiva de cuidados com a saúde do trabalhador.

As aulas de Educação Física ocorriam a cada 15 dias, no período de duas horas, foram extintas no ano de 2011, por necessidade de expansão do prédio da Escola e deixaram como legado a prática da ginástica laboral, um projeto do SESI, implantado nas escolas do SENAI/RS e nas indústrias. A prática da Educação Física já faz parte da história da EEP SENAI Nilo Peçanha, desde seus primeiros anos de atuação.

Nas aulas de Complementação da Formação Profissional, são trabalhados diversos assuntos como: organização do trabalho, capacidade de planejamento, gestão da rotina, delimitação de atividades, previsão de recursos, elaboração de cronogramas, empreendedorismo, atitudes empreendedoras, busca de oportunidades e iniciativas, comunicação e negociação, liderança, ética e postura profissional, criatividade e pró-atividade, trabalho em equipe, busca de informações, raciocínio indutivo e dedutivo, análise e solução de problemas, avaliação dos resultados, entre outros.

O nome Complementação da Formação profissional originou-se da ideia de complementar a formação técnica com o desenvolvimento de diversas competências de gestão, associadas aos campos de atuação dos diversos cursos realizados na escola, como:

Aplicar os procedimentos de gestão e garantia da qualidade; Participar em reuniões com a equipe de trabalho; Utilizar de forma racional os recursos disponíveis; Participar de grupos de trabalho da área técnica da empresa com a finalidade de analisar melhorias nos produtos/serviços; Propor mudanças considerando a evolução e o desenvolvimento tecnológico; Analisar e propor alternativas de preservação do meio ambiente; Identificar problemas e, junto com a equipe, aplicar as técnicas de análise e de resolução de problemas; Sugerir propostas de redução dos custos e/ou melhorias na produção/serviço; Aplicar os princípios do empreendedorismo no desenvolvimento das atividades; Analisar e propor alternativas de racionalização de energia; Desenvolver e manter relações interpessoais, através da comunicação, interação e cooperação; Participar com a equipe de trabalho na execução de atividades de produção e serviços; Comunicar-se verbalmente e por escrito com os departamentos que mantém relação funcional; Respeitar os procedimentos técnicos, legislação específica de saúde, segurança e meio ambiente; Agir com dinamismo, iniciativa, criatividade e responsabilidade. (SENAI/RS, 2007, p. 5).

⁸⁷ A ginástica laboral é uma série de exercícios físicos realizado no ambiente de trabalho, no horário de trabalho, com o objetivo de melhorar a saúde e evitar lesões dos funcionários por esforço repetitivo e algumas doenças ocupacionais.

As aulas de Complementação da Formação Profissional e Educação Física eram ministradas no mesmo turno para cada turma, proporcionando um horário de preparação de aulas para o docente do curso. Este horário era de quatro horas por quinzena até 2011, sendo atualmente de duas horas, quinzenalmente.

Durante os cursos, alguns talentos se revelaram nestas aulas de Educação Física e Complementação da Formação Profissional, tanto na prática de diversas modalidades de esportes como vôlei, basquete, handebol, futebol, taco, tênis, adaptados ao espaço do ginásio de esportes, quanto em jogos de dama e xadrez. As aulas da Complementação revelaram músicos, compositores, declamadores dançarinos peões e prendas de centros de tradições gaúchas (CTGs) e diversos outros talentos, como o da arte do desenho:

Uma lembrança que guardo com grande carinho, por ter me trazido muita satisfação pessoal é a da “caricatura” da turma, um desenho a lápis, com as caricaturas de todos os alunos, que resultou num quadro de uns três metros de comprimento por um de altura, ficando exposto no restante do tempo de nosso curso e por mais alguns anos depois, na cantina da Escola. Todos comentavam sobre ele, comecei a fazer de brincadeira e resultou num belo trabalho, fui incentivado pela professora da Complementação. Sempre gostei de artes e de desenho, tanto que trabalho com desenho técnico até hoje. Tinha medo das máquinas, receio de acidentes, nunca gostei muito de trabalhar nelas, mas me encontrei dentro da área mecânica, através do que eu mais gosto nela, o Desenho Técnico Mecânico. Lembro-me da EEP Nilo Peçanha em diversos aspectos, na pontualidade, seriedade, amizades entre professores e alunos e principalmente pelos trabalhos em grupo, com a cooperação de todos. Foi uma transformação da minha vida, uma fase que lembro com alegria. Lembro-me dos amigos e da alegria em ir para a Escola, uma Escola com disciplina, comprometimento com seus alunos, limpeza, respeito pelas pessoas e muita organização. Na EEP Nilo Peçanha encontrei uma escola com comprometimento verdadeiro e sincero na formação do jovem, tanto como um profissional, quanto como um cidadão. (PJF).

Nas palavras do ex-aluno temos a valorização da forma de expressão através do desenho artístico, que encontra o desenho técnico com simpatia para uma forma de expressão, a linguagem da usinagem, que se expressa dentro de uma cultura, com suas normas, códigos, signos e vocabulários, pois:

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa. (PESAVENTO, 2014, p. 13).

A adaptação à cultura foi apontada pelos ex-alunos, que relataram as suas dificuldades diante dos desafios impostos pelas regras da Escola, que tenta uma aproximação às culturas empresariais das indústrias de Caxias do Sul e região:

Na EEP SENAI Nilo Peçanha tinha um ensino diferenciado, na escola regular tinha muita tolerância, lá tudo podia. Era grande a alegria que tínhamos em concluir as tarefas e dar tudo certo. Tivemos muito aconselhamento pessoal. Foi difícil dar conta das atividades que eu tinha nos três turnos, pois eu estudava no colégio, no SENAI e trabalhava no outro turno. Aqui acontece uma transformação da pessoa para a adaptação a cultura, foi um pouco difícil esta adaptação, pois ela tinha restrições, limites, próprios do sistema industrial. Ao entrar aqui senti certa nostalgia, deu saudades dos momentos das descobertas, dos conselhos. Aprendi coisas para a vida toda, responsabilidade, compromisso, comprometimento, caráter, respeito, valores, ser uma pessoa de bem, ser mais humano, etc.. Através do SENAI melhorei financeiramente, tive uma relação melhor com a minha família, tive boas lições de vida. Acho muito importante a cobrança, pois se comparar com a escola regular, a EEP SENAI Nilo Peçanha é muito mais conservada, é uma escola nossa, a gente sente certo pertencimento, cuida, limpa arruma, etc., o tipo de ensino mostra um comprometimento da escola com o aluno e o prepara para o pessoal e profissional. (GES).

A cobrança nos resultados obtidos, a visão de organização adequada ao trabalho, a ideia de limites, postura profissional, relacionamento entre colegas, alunos, instrutores e funcionários, aliados à liberdade, são fatores que foram relatados dentro da cultura escolar da EEP Nilo Peçanha. Estes aspectos são motivo da permanente troca entre os sujeitos destas narrativas, assim, de acordo com os colaboradores da pesquisa, da mesma maneira que os instrutores cobram a conduta dos alunos, também são cobrados por eles, pois a Escola solicita uma avaliação dos alunos sobre seus instrutores a cada semestre.

Os resultados destas avaliações não podem ficar abaixo de 90%, caso em que se analisam as oportunidades de melhorias, para a solução dos possíveis problemas encontrados pelos alunos avaliadores. A opinião dos alunos é muito importante e tem muito respaldo pela coordenação e direção da Escola, conforme o relato de um dos entrevistados da pesquisa, quanto ao desligamento de um instrutor:

O primeiro ano na escola foi difícil, eu era um bom aluno, sempre tive boas notas na escola regular, mas na minha primeira prova na EEP SENAI Nilo Peçanha, eu quase zerei. Este ano foi muito difícil, pela adaptação à cultura empresarial, às regras da casa. Gostava muito do entrosamento da turma no esporte e achava as aulas de Complementação muito boas. Cada vez que passo por aqui em frente, sinto saudades do tempo de aluno, das aprendizagens, colegas e novidades. A cobrança era mútua, os professores cobravam qualidade dos alunos e nós deles, teve um professor que não tinha uma postura adequada, nós cobramos isso da coordenação e ele foi desligado do SENAI. Nossa turma tinha muita união, éramos muito amigos. Aprendemos postura profissional e caráter. Teve um episódio em que um aluno chegou em casa todo orgulhoso, desrespeitou o pai dele dizendo que sabia muito mais coisas

que ele. Este fato gerou uma reunião com todos os alunos para explicar a importância da humildade, do respeito pelo conhecimento das pessoas e do valor da família. Gabaritei todas as peças na oficina, não tive bons resultados em algumas provas de matemática e o desenho técnico foi a minha válvula de escape para aliviar a tensão da adaptação. Minhas peças ficaram tão boas que o professor deixou de amostra para as outras turmas. (VLA).

Ao realizar as entrevistas me percebi fazendo parte da história em meio às narrativas. Os relatos abordaram momentos da minha vida juntamente com as dos meus ex-alunos, como alude Thompson:

[...] a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história a distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira. (THOMPSON, 1992, p. 137).

Um dos entrevistados é um ex-aluno, que desistiu do curso e que veio solicitar oportunidades de emprego na EEP SENAI Nilo Peçanha. Este contato com a Escola é muito comum, pois, através dela, se faz um elo muito importante entre alunos e empresas. As empresas frequentemente oferecem vagas para alunos e ex-alunos, fato que estreita as relações entre as partes, principalmente entre alunos e instrutores.

A Escola assume este compromisso junto aos alunos e empresários, mantendo contatos que colaborem para o desenvolvimento de trabalhadores e empresas, no sentido de validar a missão do SENAI-RS: “Promover a educação profissional e tecnológica, a inovação e a transferência de tecnologias industriais, contribuindo para elevar a competitividade da indústria brasileira.” (SENAI, s.d. b).

Este aluno, que não chegou a concluir o curso, assim expressou suas lembranças da Escola:

Tenho boas lembranças do SENAI, amizades, brincadeiras e aprendizado, gostava muito da descontração, de ver a turma todos os dias, aqui existiam momentos bem separados, o de descontração e o de trabalho sério, eles não se misturavam muito. As lembranças tristes são os motivos da minha desistência, pelo desinteresse e falta de motivação, que geraram dificuldade para acompanhar o grupo. Gostava das máquinas, de aprender coisas novas, dos colegas e professores. O SENAI foi importante na minha educação pessoal. Com o SENAI melhorei minha condição financeira e aprendi que temos que nos empenhar para conquistar nossos objetivos. A EEP Nilo Peçanha era diferente da escola regular pela cobrança feita no bom sentido, gostei da avaliação por competências. (ETO).

Ao serem questionados quanto aos seus projetos para o futuro os entrevistados apresentaram seus objetivos com ideias de desenvolvimento tanto no âmbito pessoal quanto profissional, onde os estudos e formações tanto de nível técnico, quanto acadêmico, fazem parte de suas metas, na maioria dos casos, conforme apresentado na tabela 13:

Tabela 13 – Projetos dos ex-alunos da EEP SENAI Nilo Peçanha para futuro

Metas	Objetivos
<p><i>Ser um Engenheiro Mecânico, crescer dentro do SENAI. (IS);</i> <i>Terminar o curso de Educação Física, trabalhar na área de esportes. (AD);</i> <i>Fazer Mestrado para dar aulas no Curso Superior. (AS);</i> <i>Fazer Curso Superior e ter um filho. (VLA);</i> <i>Terminar o Curso Superior, ter minha casa, carro, família, paz e não parar de estudar. (WU);</i> <i>Trocar meu curso para Engenharia Civil, participar de concurso público, comprar casa, carro e constituir família. (VA).</i> <i>Viagem ao exterior, ter um negócio próprio e fazer um Curso Superior de Artes Visuais ou Psicologia. (PJF);</i> <i>Continuar me desenvolvendo na empresa e fazer uma Pós-Graduação. (DLM);</i></p>	<p>Desenvolvimento pessoal, profissional e formação acadêmica</p>
<p><i>Fazer um curso Técnico em Mecânica, Ensino Superior em Engenharia e abrir uma empresa. (ETO);</i> <i>Ter uma Granja para a produção de ovos. (EP);</i> <i>Possibilidade de negócio próprio na área de comércio ou consultoria. (GES);</i></p>	<p>Desenvolvimento pessoal, profissional e empreendedorismo</p>

Fonte: Entrevistas realizadas com ex-alunos na EEP SENAI Nilo Peçanha em fevereiro de 2014.

Duas semanas após a entrevista, o ex-aluno ETO, já havia conseguido emprego numa metalúrgica de Caxias do Sul. Este aspecto também é muito importante para os cursos na área da usinagem, pois em todo o tempo que trabalho na instituição, nunca se deixou de conseguir emprego para os alunos que tiveram bom desempenho, pela característica deste mercado de trabalho que, em Caxias do Sul, oferece muitas oportunidades de emprego.

No caso deste aluno, como já ocorrido com outros anteriormente, houve uma oportunidade de inserção profissional, mesmo sem a conclusão do curso. Nesta situação é comum o trabalhador sentir a necessidade de desenvolvimento e voltar para escola noutra modalidade de curso, como Qualificação ou Treinamento

Profissional, seja pelo exercício de sua função ou pela necessidade de certificação, uma exigência cada vez mais comum na cultura empresarial.

Em meio às entrevistas, percebi que não estava trabalhando apenas com aspectos narrativos ou históricos, mas com outras áreas, como falou Marieta de Moraes Ferreira (2008), em entrevista, ao abordar a História Oral no âmbito interdisciplinar:

[...] eu acho que essa metodologia pegou muita coisa da antropologia e da sociologia, essa idéia de história de vida, são noções que já estavam, há muito tempo na antropologia na sociologia né, o trabalho de campo e os historiadores de alguma forma se apropriaram, num bom sentido, dessas influências, eu acho também que por outro lado os cientistas sociais também se beneficiaram e passaram a trabalhar com muitos temas que não eram muito do interesse deles, ou até mesmo aprofundar trabalhos com o passado, num tempo um pouco mais recuado, ou trabalhar, por exemplo, com fontes que os antropólogos e sociólogos não trabalham [...] (LEITE e BALLER, 2008, p. 9).

Nos relatos da maioria dos ex-alunos entrevistados destaca-se a preocupação quanto ao desenvolvimento pessoal e profissional, em especial com a formação, aspecto muito comentado na época de realização dos cursos, momento em que os instrutores, de maneira geral, procuram incentivar aos alunos quanto à continuidade dos estudos, através de Cursos Técnicos e Superiores.

Por fim, todos os alunos evidenciaram a relação entre as suas atuações profissionais e os cursos realizados na EEP SENAI Nilo Peçanha, demonstrando alegria e relatando satisfação em participar das entrevistas. Nas narrativas construídas, percebe-se a relação da educação para o trabalho com as áreas não pertencentes à parte técnica, nos cursos da EEP SENAI Nilo Peçanha, como a prática esportiva e as competências de gestão, além de aspectos da cultura, através de ações que valorizaram a dança, a música, o desenho artístico, entre outras manifestações culturais. Tais ações vão ao encontro do princípio educativo do trabalho, onde se evidencia a atuação da EEP SENAI Nilo Peçanha e suas contribuições, não apenas na parte técnica do ensino, mas como instituição de educação humana, que prepara para o mundo profissional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAS

Ensinar não é transferir conhecimento.

Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando,
[...] a convicção de que a mudança é possível, bom senso,
[...] apreensão da realidade, alegria e esperança.

Ensinar é uma especificidade humana.

Ensinar exige segurança, competência profissional,
[...] generosidade, disponibilidade para o diálogo
[...] querer bem aos educandos.

Paulo Freire, 1996

Uma das fases mais marcantes do desenvolvimento do ser humano é a juventude, ela é uma etapa peculiar cuja compreensão exige a análise de diversos aspectos como biológicos, psicológicos, sociais e culturais. De acordo com Oliveira e Silva (2006), o jovem busca de sua maturidade e independência emocional dos pais, necessita de autoafirmação e procura se integrar em grupos fechados de jovens de sua idade. A consciência e responsabilidade de seus atos, que eram divididos com seus responsáveis passam a ter outra dimensão nesta fase, ocorrendo uma busca por identidade, onde os problemas sociais e culturais se tornam mais latentes. São comuns as formações de grupos, pois, “[...] o encontro dos iguais no mundo dos diferentes é o que caracteriza a formação dos grupos de adolescentes, que se tornarão lugar de livre expressão e de reestruturação da personalidade.” (OLIVEIRA e SILVA, 2006, p. 4).

Na observação de aspectos relacionados à juventude e análise de trajetórias profissionais juvenis, estabelecendo relações com o princípio educativo do trabalho, é que posicionei minha pesquisa, buscando as contribuições da EEP SENAI Nilo Peçanha para a educação profissional da juventude de Caxias do Sul, na voz de seus ex-alunos. Realizar uma pesquisa com narrativas produzidas por meio da História Oral, a partir de momentos vividos na fase da juventude, provocou diálogos envoltos em muita emoção, tanto por parte dos entrevistados, quanto do pesquisador. Nos argumentos produzidos percebi que os discursos de grande valor, fator que vai ao encontro das colocações de Bertaux (2010), ao afirmar que uma narrativa de vida não é um discurso qualquer, mas “um discurso narrativo” que “[...]”

se esforça para contar uma história real e que, além disso, diferentemente da autobiografia escrita, é improvisado durante uma relação dialógica com um pesquisador que orientou a entrevista para a descrição de experiências pertinentes para o estudo de seu objeto de pesquisa.” (BERTAUX, 2010, p.89).

A tarefa de construção de narrativas de vida apresenta-se um tanto quanto desafiadora, pois, em meio aos relatos e às narrativas dos ex-alunos, também me identifiquei com suas experiências. Antes da realização das entrevistas busquei uma revisão de minha própria história de vida e a da EEP SENAI Nilo Peçanha. Esta tarefa me provocou muitas reflexões e me revelou a importância deste ato, pois construir histórias de vida, envolvendo a minha própria experiência vivida é algo que exige um afastamento do eu vivido com o eu pesquisador. Pineau e Le Grand me auxiliaram na compreensão de que “Construir uma história de vida é constituir um terceiro tempo histórico pessoal que articula de modo singular vestígios, lugares e datas no curso da vida social e cósmica” (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 114). Além disso, os autores referem que se trata de uma “Construção laboriosa e audaciosa, a qual requer do sujeito que ele tenha vivido e ousado diferenciar-se desse vivido para construir e, mais tarde, incluir nessa construção um terceiro tempo singular, situado entre a particularidade e a universalidade” (p. 114).

Pineau e Le Grand (2012) buscaram estudos em Ricoeur (1983), para a compreensão da possibilidade epistemológica de construção das histórias de vida, onde Ricoeur aponta para o caminho da hermenêutica e da consciência histórica para fornecer um modelo que auxilie nesta compreensão. A cultura foi comentada nas entrevistas que realizei e a hipótese de Ricoeur apresenta uma forma de necessidade transcultural, onde “[...] o tempo torna-se tempo humano na medida em que ele é articulado num modo narrativo e que a narrativa alcança sua plena significação quando se torna uma condição da existência temporal.” (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 119). Ainda, de acordo com Ricoeur, a narrativa pertence ao campo da ética e não o esgota. Conforme Pineau e Le Grand (2012), Ricoeur fundamenta a possibilidade das histórias de vida que utilizam a narrativa como meio de articular as temporalidades, para se orientarem em relação a elas, recorrendo aos componentes narrativos, práticos e éticos da formação temporal do sujeito agente. “A fim de construir uma história, a narrativa deve se dialetizar com o entreato, e não se reificar com o em-si.” (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 121).

A análise das narrativas de vida envolvendo o trabalho, tanto no sentido ontológico, quanto no mundo do trabalho profissional e das tecnologias nele utilizadas, alerta para as aproximações existentes na relação entre a escola e o trabalho, pois “[...] no mundo do trabalho, que cada dia é mais exigente ao cobrar competências de seus trabalhadores, é necessário que se saiba lidar, pesquisar, discutir, intercambiar, assimilar, criticar, explorar e desenvolver estas informações.” (CARVALHO E DURÃES, 2008, p. 2). Tal realidade aponta para a urgência do preparo dos alunos para saber lidar com tais informações, comuns aos locais de trabalho. Não defendo a ideia de que a escola regular tenha que prepará-los unicamente de acordo com as necessidades do mercado de trabalho, mas, conforme Carvalho e Durães (2008), que o ambiente escolar, um dos principais *locus* de formação humana e profissional dos sujeitos, possa dar condições para que o futuro trabalhador viva de forma consciente, crítica e humana na atual sociedade da informação, em condições de questionar os contrastes e contradições desta sociedade, contribuindo para a sua melhoria. O princípio educativo do trabalho direciona-se para a educação que não se finda no simples ato de ensinar “o que fazer”, ele ultrapassa as fronteiras de um labor mecânico, do “fazer por fazer” e busca a educação do ser humano de forma plena.

Sabe-se que os jovens tendem a se organizarem em grupos de afinidades, onde adquirem diferentes formas de linguagem, hoje muito mais estimulados pela mídia, comportamento que demonstra a tentativa da diferenciação do mundo adulto e busca espaço próprio para a construção identitária. Oliveira e Silva (2006) mencionam Osório (1989), no uso da gíria: “Para Osório, a gíria constitui a expressão verbal do processo de diferenciação do adolescente, de seu afã de reconhecer-se a seu grupo de iguais como portadores de uma identidade própria e distinta da identidade dos pais e do mundo adulto em geral.” (OLIVEIRA; SILVA, 2006, p. 5). Também segundo Oliveira e Silva (2006), a inserção do jovem no mercado de trabalho requer uma adequação desta forma de linguagem, melhorando sua forma de comunicação desde a entrevista para a admissão no emprego, até a própria rotina de comunicação no trabalho de âmbito profissional.

De acordo com Stecanela, “as identidades juvenis são construídas em interação contínua com as condições e experiências proporcionadas pela escola e seu entorno”. (2010a, p. 28). Sabemos que a aprendizagem ocorre na vida como um todo, em espaços da escola regular e fora dela, onde a mesma faz parte dos

espaços sociais. Segundo Stecanela (2010a), o espaço urbano torna-se lugar de produção e circulação de saberes e é reinventado pelos jovens por meio de suas práticas culturais, especialmente na ocupação de seus tempos livres. A autora menciona ainda, que os jovens são submetidos a um processo de estigmatização e etiquetagem, porém “[...] os jovens produzem estratégias criativas para a vivência de suas sociabilidades e identidades culturais juvenis, processam aprendizagens para além da escola, estabelecendo um diálogo silencioso com as aprendizagens formais.” (STECANELA, 2010a, p. 28).

Trabalhar com o princípio educativo do trabalho envolve as questões da identidade e autoafirmação do jovem, exigindo, além de estruturação adequada, uma cultura voltada para a educação do ser profissional, ou seja, a pessoa que constitui um profissional, abrindo espaço para diversos diálogos a respeito do trabalho e seus aspectos sociais, políticos, éticos, de impacto ambiental e saúde do trabalhador, do papel de cada segmento da sociedade e a importância do trabalho no desenvolvimento humano. As culturas de educação profissional envolvem a intenção de aproximação com as culturas empresariais, onde os aspectos do conhecimento humano estão alinhados com a capacidade de aplicação dos mesmos, dentro de conhecimentos que não se restringem a simples realização de atividades laborais, mas auxiliam na visão da sociedade como um todo.

Desde sua criação, em 1942, o SENAI mantém sua vocação para a educação de jovens com o foco na educação para o trabalho profissional e formação humana. Na história da instituição observamos o uso de diversas metodologias de ensino, formas de avaliação e estudo de áreas que vão além das técnicas laborais, como: saúde do trabalhador, esporte, ciências, legislação, meio-ambiente, relações interpessoais, empreendedorismo, valores e virtudes, entre outras.

Na EEP SENAI Nilo Peçanha, estas características compõem uma “cultura de educação profissional” embasada nos valores humanos, onde diversos aspectos fazem parte da formação do aprendiz. Estes aspectos envolvem diretamente o pensar e agir do aluno, como modo de desenvolver sua autonomia com responsabilidade e comprometimento, através de atividades teóricas e práticas. São ações que buscam o envolvimento do aluno com a Escola e que, segundo os colaboradores da pesquisa, caracterizam as diferenças em relação às instituições de ensino regular. Eles citaram aspectos como cobrança nos resultados, limites,

respeito, amizade, conhecimento técnico, ensinamentos para a vida pessoal e profissional.

Acredito que a diferença percebida pelos colaboradores da pesquisa esteja nas ações do cotidiano, onde os aspectos como o respeito nos relacionamentos, limpeza, organização e segurança são muito evidenciados. A EEP SENAI Nilo Peçanha segue o Regulamento Interno para Alunos do SENAI/RS, um documento que traz as diretrizes para a conduta de alunos nas escolas do SENAI, no Rio Grande do Sul. Nas atividades diárias existem práticas como a limpeza e organização de salas e oficinas, além de reparos e manutenção de equipamentos e instalações, que são realizadas pelos alunos. Os serviços são realizados sob a orientação da coordenação e instrutores, respeitando a programação dos cursos, conhecimentos e habilidades dos aprendizes. O envolvimento com a Escola também se estende aos atos cívicos, onde os instrutores buscam o resgate cívico, a valorização da Pátria, do Estado e do Município.

A “cultura de educação profissional” da EEP SENAI Nilo Peçanha busca a ideia do pertencimento da Escola pelo aluno, onde o aluno possa sentir a mesma como sua, valorizando, cuidando, preservando e melhorando o ambiente, instalações equipamentos, como uma forma de agir profissionalmente, onde o conhecimento, habilidades, autonomia e responsabilidade, fazem parte do desenvolvimento do aprendiz, tornando a Escola um local agradável para o convívio e aprendizado, preparando os jovens para a realidade do mundo do trabalho. As famílias também são convidadas a participar deste processo de aproximação e apropriação, através de visitas dos pais para acompanhamento das atividades dos alunos, de forma periódica, através de visitas programadas ou espontaneamente.

Na realização das entrevistas, percebi as diversas contribuições da Escola SENAI Nilo Peçanha para a juventude de Caxias do Sul. Os entrevistados relataram suas carreiras profissionais e evidenciaram o que foi mais significativo para suas vidas dentro da educação para o trabalho. Foram diversas colocações a respeito de valores humanos, postura, ética, mudança de vida, maturidade, relacionamento entre colegas e professores, ajuda mútua, espírito de equipe, noção de qualidade, respeito às pessoas, empenho, dedicação, ensino levado a sério, comprometimento, lições para a vida, etc.. A superação das dificuldades como a cobrança pelos resultados e a adequação às regras, também foram mencionadas, fato que vai ao encontro dos dizeres de Freire, que aponta: “Estudar é, realmente, um trabalho

difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a". (FREIRE, 1981, p. 8). Porém, mesmo os momentos de dificuldades foram relatados como aspectos positivos, tendo em vista o enfrentamento e conquista do alcance de objetivos propostos.

Na voz dos ex-alunos, foram vários aspectos que contribuíram para o desenvolvimento profissional, desde a oportunidade do primeiro emprego até as conquistas alcançadas na carreira. Foi destacada a qualidade do ensino técnico da instituição, porém não se discutiu esta parte da educação, já havia uma espécie de pressuposto a respeito deste aspecto. Embora compondo a maior carga horária nos planos de curso e gerando os próprios nomes destes, a parte técnica ficou em segundo plano nos diálogos. Eles fizeram questão de mencionar os benefícios que os cursos os proporcionaram como educação no aspecto pessoal. Alguns definiram a educação da Escola como "a preparação da pessoa para ser um profissional". Tal fato vai ao encontro do princípio educativo do trabalho, para jovens que, em sua maioria, encontram-se numa idade de mudanças significativas, numa fase da transformação de meninos e meninas em homens e mulheres.

A presente pesquisa proporcionou-me a reflexão do ontem e do hoje, entre o que sou e como cheguei a ser, envolvendo os aspectos pessoais e profissionais, onde os meus ex-alunos voltaram para a minha sala de aula, muitos anos depois, já não mais meninos, agora homens, alguns como pais de família e, na maioria, profissionais, todos com experiências de vida muito interessantes. Vê-los, ouvi-los, estar junto a eles, foi uma grata satisfação e me trouxe um grande aprendizado. Os estudos realizados até aqui e as relações estabelecidas com a minha experiência, juntamente com as de meus alunos, fundamentam a importância da educação profissional, dentro dos aspectos aqui abordados.

Atualmente percebo que o ócio tem sido preenchido pelos aparatos eletrônicos, através de *hardwares*, *softwares*, *internet* e redes sociais, sendo os jogos, através de computadores ou aparelhos de *games*, uma das atividades mais praticadas pelos jovens. Muitas vezes estes jogos começam de maneira inocente e transformam-se em verdadeiras manias, levando muitos jovens a perder muitas horas de sono, madrugando nos jogos *on line*, tanto individuais, quanto em grupos. Não discuto os prós e contras de tais atividades, mas sim, a ociosidade na juventude, que pode ser dosada através da educação, de diferentes formas, entre as quais, encontra-se ensino profissionalizante que oportuniza o desenvolvimento

humano e conhecimento do mundo do trabalho, auxiliando nas escolhas dos jovens para sua atuação como adultos, não apenas como trabalhadores nas tarefas do fazer laboral, mas como trabalhadores cidadãos, sejam como funcionários, profissionais liberais, empresários, empreendedores, etc., numa sociedade em constante mudança, mas que pode ser mais justa e ética, a partir de uma educação que visa à formação plena no ser humano.

As narrativas aqui apresentadas fazem parte de uma história, que não se encerra, pois, conforme Pineau e Le Grand (2012), só existe um fim na história, se a mesma for compartimentada ou preestabelecida, onde “[...] a tarefa de todos aqueles que vivem na história é participar de uma ecologia da história na qual a pluralidade dos tempos, das direções e dos espaços não seja necessariamente redutível a um Tempo, a uma Direção e a um Espaço fundamentais.” (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 127). De acordo com Luchese, “As indagações, as inquietudes, a problemática da pesquisa que na constante comparação de documentos oferece a possibilidade de narrar o passado.” (2014, p. 150). A autora menciona Pesavento que alude: “Tudo o que foi um dia contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que hoje acontece terá no futuro, várias versões narrativas.” (2003, p. 16).

Os caminhos para a educação profissional podem ser diversos, porém através dos estudos realizados e em paralelo a análise das nossas histórias de vida, minha e de meus alunos, percebo que o princípio educativo do trabalho é de suma importância para o ser humano, onde lembro as palavras de Luchese: “[...] as narrativas históricas da educação, derivadas das pesquisas que produzimos, são resultado de trabalho com questões de pesquisa possíveis no tempo em que vivemos [...]” (2014, p. 159), sendo que as respostas, segundo a autora, dependem da construção de “[...] um corpus empírico de indícios, rastros, sinais que são ordenados, montados, questionados na análise, na interrelação e contextualização que procedemos para escrever.” (2014, p. 159).

Analisando os relatos e sentimentos, explicitados nas entrevistas, quanto às contribuições da EEP SENAI Nilo Peçanha para a juventude de Caxias do Sul, reitera-se a contribuição que esta instituição de ensino teve na trajetória profissional de muitos jovens, que os mesmos continuaram seu desenvolvimento tanto pessoal quanto profissional, após terem saído desta Escola. Tais resultados reafirmam a

importância das instituições de socialização, seja a escola regular ou de educação profissional, nos percursos juvenis e na formação das novas gerações.

Os colaboradores empíricos desta pesquisa estabeleceram paralelos entre as experiências vividas nas escolas regulares que frequentaram, com a de estudar numa escola de educação profissional, relatando similaridades e diferenças. A educação regular é base para a educação profissional, assim como para a vida humana de forma geral, com ela a educação profissional aprendeu que sem as bases adquiridas no ensino regular, na formação básica de um cidadão, não se consegue atingir os objetivos da educação profissional.

Para um trabalhador se constituir como um profissional necessita de princípios e valores humanos, que começam na base familiar e se expandem para a sociedade, onde a escola regular tem um papel fundamental. Considerando o princípio educativo do trabalho, como uma forma de contribuição para o desenvolvimento humano através da educação profissional, percebe-se uma oportunidade de desenvolvimento da educação regular, onde os aspectos de preparação para a formação de um profissional podem e devem fazer parte do contexto escolar, numa perspectiva de educação para a vida humana, como um todo.

A escola regular pode aprender com a escola profissionalizante, diversos aspectos da educação que tem aplicação direta na vida de um profissional, onde se tornam necessários conhecimentos que possam transformar-se em ações, com base no desenvolvimento de diversas competências necessárias, não apenas para profissionais, mas na vida como um todo. Colaborando com as necessidades da formação profissional que são requeridas pela sociedade atual, a escola regular pode valorizar ainda mais a educação, visando uma aplicação prática para o conhecimento trabalhado nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, retirando a impressão do caráter enciclopédico ou de desconexão com a realidade, como mencionado por alguns ex-alunos entrevistados, dando maior sentido ao trabalho desenvolvido, na sua importante missão de educação para a vida e contribuição ao desenvolvimento da atual sociedade. Acredito que a escola regular não deva ter o objetivo de preparação específica para o trabalho, mas que este assunto possa ser amplamente debatido entre os jovens, no sentido de uma educação para o viver, onde o trabalho se inclui como produção e desenvolvimento humanos.

De acordo com Ciavatta “[...] tanto a conceituação do trabalho como princípio educativo quanto à defesa da educação politécnica e da formação integrada, formulada por educadores brasileiros, pesquisadores da área trabalho e educação, têm por base algumas fontes básicas teórico-conceituais,” (2009, p.5). Ao mencionar a introdução do trabalho como princípio educativo na atividade escolar ou na formação de profissionais para a área da saúde, ela apresenta a ideia de que trabalho como princípio educativo “[...] supõe recuperar a dimensão do conhecimento científico-tecnológico da escola unitária e politécnica, introduzir nos currículos a crítica histórico-social do trabalho no sistema capitalista, os direitos do trabalho e o sentido das lutas históricas no trabalho, na saúde e na educação.” (CIAVATTA, 2009, p. 7).

Tecer argumentos no sentido de construção de um conceito para o princípio educativo do trabalho remete a uma discussão sobre o valor do trabalho como princípio educativo nos percursos juvenis, daqueles que procuram a formação para o trabalho nas escolas de educação profissional, onde lembro as palavras dos entrevistados, que remetem para as mudanças em suas vidas, a partir de suas experiências junto à educação profissional. Os mesmos apontaram para mudanças de pensamentos e atitudes, em diversos aspectos, como: administração de suas finanças, forma de comprar, análise da qualidade de vida, respeito com colegas e professores na escola, com a família e amigos, liberdade e o desejo para estudar, liberdade de expressão e respeito à opinião do outro, onde se desperta a curiosidade para descobrir, usando conhecimentos e habilidades.

Entendo o princípio educativo do trabalho, como uma forma de educação voltada para a formação do ser humano numa parte importante da vida, o trabalho. Trabalho que envolve ações no sentido de promover os meios de sustentabilidade de nossa existência nas relações sociais e com o nosso planeta, de educação ampla que abrange os aspectos técnicos e de relações humanas, regidos pela ética, seja este trabalho de caráter pessoal ou profissional.

Por fim, aponto minha experiência profissional de muitos anos de atuação na educação profissional, como testemunho das mudanças nas vidas de muitos jovens de Caxias do Sul, através do princípio educativo do trabalho, onde os mesmos buscaram desenvolvimento profissional e pessoal, a partir das contribuições da EEP SENAI Nilo Peçanha, através de seus cursos profissionalizantes.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (Org.). **Retratos da juventude brasileira**: Análise de uma pesquisa nacional. Instituto Cidadania. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ALBERTI, Verena. **Fontes orais**: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezzi. (Org.), Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2004.

ALBERTI, Verena; FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria., (Orgs.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getulio Vargas, 2000.

ANDREASSA, Mauro. **O gap entre a educação e a indústria**. In: Mundo da Usinagem, São Paulo, n. 89. p. 22-23, out. 2012. Disponível em: <<http://www.omundodausinagem.com.br/?p=2484>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

ARAGÃO, M.; KREUTZ, L.; TIMM, J. W.. A história oral e suas contribuições para o estudo das culturas escolares. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 18, n. 2, p. 28-41, maio/ago. 2013.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia**: geral e do Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARANHA, Maria Lúcia De Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando, Introdução à Filosofia**. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

AZEVEDO, Jose Clovis de; REIS, Jonas Tarcísio. (Orgs.). **Reestruturação do ensino médio**: pressupostos teóricos e desafios. São Paulo: Fundação Santillana, 2013.

BACELLAR, Carlos. **Fontes documentais**: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). Fontes Históricas, São Paulo: Contexto, 2005, p. 23 a 79.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BÍBLIA, **Evangélio Segundo São João**. : edição pastoral, Trad. de: Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. Cap. 5, vers. 17.

BÍBLIA, **Eclesiástico**. : edição pastoral, Trad. de: Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. Cap. 38, vers. 24-34. Cap. 39, vers. 1-11.

BOLOGNA, Ítalo. **O SENAI - Formação Profissional na Indústria**. Rio de Janeiro: SENAI/DN, s. d.

BOMBASSARO, Luiz; PAVIANI, Jayme. (Orgs.). **Filosofia, Lógica e existência**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, Ecléa. **Tempos vivos e tempos mortos**. 2005. Disponível em: <<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420091014164722Tempos%20vivos%20e%20tempos%20mortos.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

BRANCO, Rosane Fátima da Conceição. **Educação de jovens e adultos trabalhadores sob os ditames do Mercado Neoliberal**. 2012. Artigo (XIX ANPED SUL) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1598/242>> Acesso em: 30 jan. 2013.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, de 5 de outubro de 1988. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 24 jul. 2013.

BRASIL. Decreto nº 5.598, de 1º de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5598.htm>. Acesso em: 22 jul. 2013.

BRASIL. Decreto-Lei nº 229, de 28.2.1967. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-229-28-fevereiro-1967-351770-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

BRASIL. Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 – CLT. Disponível em: <<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/10/1943/5452.htm>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

BRASIL. Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10097.htm>. Acesso em: 24 jul. 2013.

BRASIL. Lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11180.htm#art18>. Acesso em: 24 jul. 2013.

BRASIL. Marinha do Brasil. s.d., **Escola Naval**: A mais antiga instituição de ensino superior do Brasil. Disponível em: <<http://www.mar.mil.br/en/>>. Acesso em: 13 de out. 2013.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio. **Documento Base**. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2013.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **O que é o Pronatec?**. 2012. Disponível em: <<http://pronatec.mec.gov.br/institucional/o-que-e-o-pronatec>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

BRASIL. Ministério da Justiça. Arquivo Nacional. (s.d.). **Abertura dos portos**. Disponível em: <<http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=809&sid=99&tpl=printerview>>. Acesso em: 14 de out. 2013.

BRASIL. Ministério da Justiça. Arquivo Nacional. 2011a. **Academia Real Militar**. Disponível em: <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=2438>>. Acesso em: 13 de out. 2013.

BRASIL. Ministério da Justiça. Arquivo Nacional. 2011b. **A Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro**. Disponível em: <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=2652>>. Acesso em: 13 de out. 2013.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Agência Brasileira de Cooperação. **Sobre a ABC**. 2012. Disponível em: <<http://www.abc.gov.br/SobreABC/Introducao>>. Acesso em: 18 de out. 2013.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Portaria nº 88, de 28 de abril de 2009. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812C0858EF012C1189618755B7/p_20090428_88.pdf> Acesso em: 24 jul. 2013.

BRASIL. Resolução nº 4, de 25 de novembro de 1999. **Conselho Nacional de Educação**, Câmara de Educação Básica. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/rede/legisla_rede_resol0499.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2013.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Imprensa e Porta-Voz. **Discurso do Presidente da República**. Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Escola Senai de Garanhuns Eurídice Ferreira de Melo – “Dona Lindú”. Garanhuns-PE, 16 dez. 2005. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/luiz-nacio-lula-da-silva/discursos/1o-mandato/2005/2o-semester/16-12-2005-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-cerimonia-de-inauguracao-da-escola-senai-de-garanhuns-euridice-ferreira-de-melo-2013-201cdonalindu201d/view>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

BRASIL. Senado. **Proposta de Emenda Constitucional nº 24/2005**, de autoria do Senador Paulo Paim, criando o Fundo do Ensino Profissional e Qualificação do Trabalhador - FUNDEP. Brasília: Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2009. Disponível em: <<http://www.senadorpaim.com.br/uploads/downloads/arquivos/dabb7a0efd04dc4087c24d4a2987dd6c.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

BRASIL.GOV.BR. **Linha do Tempo - Nilo Procópio Peçanha**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/linhadotempo/epocas/1909/nilo-procopio-pecanha>>. Acesso em: 10 set. 2012.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **O surgimento do Estado republicano**. In: Lua Nova. n.º 62. São Paulo: 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452004000200008&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 out. 2013.

BRITTO, Jéssica. **Estudantes voltam a protestar contra o ensino politécnico em Caxias do Sul**. In: Pioneiro, Caxias do Sul, 18 abril. 2013. Cidade, p. 1.

BURKE, Peter. (Org.); **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP. 1992

BUENO, Eduardo; TAITEIBAUM, Paula. **Indústria de ponta: uma história da industrialização do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Buenas Ideias. 2009.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CANDIDO, Maria Regina (Org.); **Memórias do Mediterrâneo Antigo**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2010.

CARDOZO, Maria José Pires Barros. **Ensino médio integrado à educação profissional: limites e possibilidades**. In: ANPED, 31ª Reunião Anual, GT9. Caxambu, MG. 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT09-3976--Int.pdf>>. Acesso em: 04 maio 2013.

CARVALHO, Jonathan Luiz Trindade de; DURÃES, Marina Nunes. **Informática e educação – conflitos e necessidades da sala de aula**. Disponível em: <http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema5/TerxaTema5Artigo5.pdf> Acesso em: 02 mar. 2012.

CENTRO DE MEMÓRIA FIEP. **Metodologia de Ensino**. A evolução do ensino no SENAI-PR. s.d.. Disponível em: <<http://www.fiepr.org.br/centrodememoria/FreeComponent14926content119149.shtml>>. Acesso em: 20 de out. 2013.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 1995

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. In: Memória e sociedade. 2ª ed. Algés – Portugal: Difel, 2002.

CIAVATTA, Maria. **Trabalho como Princípio Educativo**. 2009. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/trapriedu.html>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

CIAVATTA, Maria; SILVEIRA, Zuleide Simas da. **Celso Suckow da Fonseca**, in Coleção Educadores. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Massangana, 2010. Disponível em: <http://www.sema.edu.br/editor/fama/livros/historia_educacao/14_cel.pdf> Acesso em: 31 jul. 2013.

COLL, César Salvador. **Competências para o século XXI**. In: Linha Direta. Espaço-ibero-americano. Belo Horizonte, ano 17, n. 189, p. 38-41, dez. 2013. Mensal.

DIEESE. **Redução da jornada de trabalho**: uma luta do passado, presente e futuro. Nota Técnica Número 87 – Abril de 2010. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/notatecnica/2010/notatec87ReducaoJornadaTrabalho.pdf>. Acesso em: 04 de nov. 2013.

DINERO, Donald. A. **Training Within Industry**: the foundation of Lean. New York: Productivity Press, 2005. Disponível em: <<http://www.crcpress.com/product/isbn/9781563273070>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

DOMINSCHEK, Desirê Luciane. **A Concepção de Ensino Pensada por Roberto Mange - A Formação de Mão de Obra SENAI**: A Escola do SENAI – PR, in: História & Ensino, Londrina, v. 17, n. 1, p. 195-210, jan./jun. 2011.

DZIEKANIAK, Gisele; ROVER, Aires. **Sociedade do Conhecimento**: características, demandas e requisitos. In: DataGramaZero - Revista de Informação - v.12 n.5 out/2011. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/artigosociedadedoconhecimentocaracter%C3%ADsticas-demandas-e-requisitos>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio**. Versão 5.11a. Curitiba, PR: Positivo Informática, 2004.

FERRARI, Rose. **Do SENAI à presidência**. In: Campo e Cidade. Edição 50 - SENAI. Disponível em <<http://www.campoecidade.com.br/edicao-50/do-senai-a-presidencia/>>. Acesso em: 08 jun. 2014.

FIERGS. **A FERGS e o CIERGS**. (s. d.). Disponível em: <http://www.fiergs.org.br/a_fiergs_o_ciergs_fiergs.asp>. Acesso em: 17 fev. 2014.

FIERGS-SENAI. **Relatório da Infraestrutura de Atendimento do SENAI-RS**. Circular 690-2014/GEAP de 19/02/2014. Porto Alegre.

FONSECA, Celso Suckow da. **História do Ensino Industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: SENAI/DN, 1986.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 1996. Coletivo Sabotagem. Versão digital: 2002. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. In: Coleção Questões de Nossa Época. v.23. 5. Ed. São Paulo, Cortez, 2001.

FREITAS, Marcelo. **A educação e as profissões que ainda não existem**. In: Linha Direta – Educação para o mundo do trabalho. Belo Horizonte, ano 16, n. 185, p. 54-56, ago. 2013. Mensal. Disponível em: <<http://www.linhadireta.com.br/revistas/arquivos/k9fhcq2wlbc5.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. (Orgs.). **A experiência do trabalho e a educação básica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FRIGOTTO, Gaudêncio. et al. **O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral de trabalhadores - Excertos**. 2005. Disponível em: <www.escolanet.com.br/teleduc/.../Trabalho_Princip_Educativo.doc> Acesso em: 14 fev. 2013.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO; FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO; CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO; SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL; SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL. **Mecânica**: universo da mecânica, organização do trabalho e normalização. Rio de Janeiro: Globo, 1995.

GAZETA DE CAXIAS. Memória. A Caxias política dos italianos e lusitanos. 2012. Disponível em: <http://www.gazetadecaxias.net.br/2012/09/memoria_8.html>. Acesso em: 19 de out. 2013.

GRUPO DE POETAS LIVRES. Literatura. **Barroco no Brasil**. 2012. Disponível em: <<http://www.poetaslivres.com.br/>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

GUERRA, Vanderlei Ricardo. **Educação de jovens e adultos**: a ação docente diante das novas formas de informação e comunicação. 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/301/236>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. **Memória e identidade: CIC**. Caxias do Sul, RS: Belas Letras, 2007a.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. **SIMECS: 50 anos. Caxias do Sul**: Belas-Letras, 2007b.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; MACHADO, Maria Abel. **Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul: cem anos de história**. Caxias do Sul: Maneco, 2001.

IDORT. **Quem somos**. (s. d.). Disponível em: <<http://www.idort.com/portal.php/quem-somos>>. Acesso em: 18 de out. 2013.

INDÚSTRIA EM AÇÃO. Jovem aos 70 anos. SENAI. Porto Alegre, ano 6, n. 69, p. 4-11, ago. 2012. Mensal. Disponível em: <http://www.fiergs.com.br/revista_fiergs.asp?id_edicao=11867>. Acesso em: 19 mar. 2014.

INFOPÉDIA – Enciclopédia e Dicionários da Porto Editora – *On Line*. **Cultura empresarial**. Porto: Porto Editora, 2003-2013. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$cultura-empresarial](http://www.infopedia.pt/$cultura-empresarial)>. Acesso em: 20 out. 2013.

INSTITUTO DE PESQUISAS JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. (s.d.). **Histórico**. Disponível em: <<http://www.jbrj.gov.br/historic/>>. Acesso em: 13 de out. 2013.

KUENZER, Acacia Zeneida. **Educação Profissional: desafios para a construção de um projeto para os que vivem do trabalho**. Perspectiva UFSC, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 273-296, jan/jun. 2006.

KUENZER, Acacia Zeneida. **Entrevista**. Pensar a Prática UFG, Goiás, v. 3 p. 1-18, Jul./Jun. 1999-2000.

KUENZER, Acacia Zeneida. **Reforma da educação profissional ou ajuste ao regime de acumulação flexível?** Trabalho Educação e Saúde FIOCRUZ, Rio de Janeiro, v.5 n.3, p. 491-508, nov.2007/fev.2008.

LEITE, Eudes Fernando; BALLER Leandro. **Entrevista com a Professora Dr^a Marieta de Moraes Ferreira**. In: Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 2, n. 3 – UFGD - Dourados Jan/Jun 2008. Disponível em: <http://www.historiaemreflexao.ufgd.edu.br/historiaemreflexao_ed3/Entrevista_Prof_Marieta_Moraes_Ferreira.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2014.

LOPES, Jurema Rosa. **A escola como espaço social, prática pedagógica processo de trabalho: reflexões**. In: Pro-Posições - Vol.1 n.5 Julho. 2000.

LUCHESE, Terciane A. **Modos de fazer história da educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais**. In: História e Educação [On Line] – Porto Alegre: Vol. 18 nº 43 Maio/ago. 2014 p. 145-161. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/43796/pdf_27>. Acesso em: 10 jul. 2014.

LUCHESI, Everton – Aula Inicial do Curso de Aprendizagem em Mecânico de Usinagem, da Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Peçanha, Auditório, 22 jul. 2013, Caxias do Sul, RS.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da Pedagogia**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1983.

MANACORDA, Mário Alighiero. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MENESES, Maria Julia Bezerra de. **Testes vocacionais**: eles funcionam? In: O Mundo da Usinagem, São Paulo, n. 89. p. 22-23, out. 2012. Disponível em: <<http://www.omundodausinagem.com.br/?p=2484>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

MOURÃO, Eliana. **Das técnicas artesanais à civilização industrial**: a trajetória do ensino profissional no Brasil. Rio de Janeiro: SENAI/DN, 1992.

NÓVOA, António. **Práticas pedagógicas e tecnologia**. In: Linha Direta – Auditoria e controladoria: para quê? Belo Horizonte, ano 17, n. 187, p. 12-14, out. 2013. Mensal. Disponível em: <<http://www.linhadireta.com.br/revistas/arquivos/3c4sx5u9agg7.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

OLIVEIRA, Simone Tavares de; SILVA, José Antonio Funchal. **Qualificando o jovem para o primeiro emprego**: preparando para o processo seletivo. In: Revista Estação Científica UES. Juiz de Fora, nº 2 Jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://portal.estacio.br/media/3344183/4-qualificando-jovem-primeiro-empregopreparacao-processo-seletivo.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates** – Jovens, trabalho e futuro. In: Coleção Enciclopédia Moderna, Nº 3, Série Sociologia. Porto: Ambar, 2001.

PALARO, Ricardo; BERNARTT, Maria de Lourdes. **O trabalho na pedagogia da alternância como princípio educativo: Possibilidades e limites**. Synergismus scyentifica UTFPR, Pato Branco, v. 6, n. 1, p. 1-8, jan./dez. 2011. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/SysScy/article/view/1239/814>> Acesso em: 13 fev. 2013.

PALMA FILHO, João Cardoso. **A educação através dos tempos**: Texto introdutório a disciplina História da Educação. São Paulo: UNESP, 2010. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/173>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade**: conceitos e distinções. 2. ed. rev. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINEAU, Gastón; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Natal: EUFRN, 2012.

PINEAU, Gastón. **As histórias de vida em formação**: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006. Trimestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a09v32n2.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

PORTAL EDUCARBRASIL.ORG.BR. **A imprensa régia e a imprensa no Brasil**. (2011). Disponível em: <<http://www.portaleducarbrasil.com.br/Portal.Base/Web/VerContenido.aspx?ID=206628>>. Acesso em: 13 out. 2013.

PORTAL JORNAL DO POVO. **Com palestra de astronauta, Senai inicia cursos da Eldorado**. (2010). Disponível em: <http://www.jptl.com.br/?pag=ver_noticia&id=30899>. Acesso em: 26 jun. 2014.

PROJETO PESCAR. A fundação. (s. d.). Disponível em: <<http://site.projetopescar.org.br/>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

RAITZ, Tânia Regina. **Diversidade dos sentidos sobre o trabalho para jovens egressos de cursos de educação profissional**. In: XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009, Maceió. Psicologia Social e Políticas de existência: Fronteiras e conflitos, 2009. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/54.%20diversidade%20dos%20sentidos%20sobre%20o%20trabalho%20para%20jovens%20egressos%20de%20cursos%20de%20educa%C7%C3o%20profissional.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2013.

RAITZ, Tânia Regina. **Jovens, trabalho e educação**: processos identitários na contemporaneidade. Reflexão e Ação (Online), v. 19, p. 78-94, 2011. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/1988/1916>> Acesso em: 10 mar. 2013.

RAITZ, Tânia Regina. **Jovens, trabalho e educação**: rede de significados dos processos identitários na Ilha de Santa Catarina. 371f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

RAITZ, Tânia Regina; PETTERS, Luciane Carmem Figueredo. **Jovens e os desafios enfrentados na atualidade**: Trabalho, Educação e Família. In: XIV Encontro Nacional da Abrapso, 2007, Rio de Janeiro. Diálogos em Psicologia Social: Epistemológicos Metodológicos Éticos Políticos Estéticos Políticas públicas. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2007. p. 1-11. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_17.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2013.

RAITZ, Tânia Regina; PETTERS, Luciane Carmem Figueredo. **Novos desafios dos jovens na atualidade**: Trabalho, Educação e Família. Psicologia e Sociedade (Impresso), v. 20 (3), p. 408-416, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n3/11.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2013.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Cultura. Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro. **Apresentação**. (s.d.). Disponível em: <<http://www.cultura.rj.gov.br/espaco/biblioteca-publica-do-estado-do-rio-de-janeiro-bpe>>. Acesso em: 13 de out. 2013.

RIO GRANDE DO SUL. Parecer nº 1129, de 1º de outubro de 1996. **Conselho Estadual de Educação**, Comissão de Ensino Supletivo. Rio Grande do Sul, 1996.

RIO GRANDE DO SUL. Parecer nº 79, de 16 de janeiro de 2002. **Conselho Estadual de Educação**, Comissão Especial de Educação Básica. Rio Grande do Sul, 2002.

RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Proposta pedagógica para o ensino médio politécnico e educação profissional integrada ao ensino médio - 2011-2014**. 2011. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf>. Acesso em: 10 de nov. 2013

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

SANTOS, J. A. dos. **A trajetória da educação profissional**. In VEIGA, C. G. et al (Org.). 500 Anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **O trabalho como princípio educativo frente as novas tecnologias**. 1998. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/go/files/demerval%20saviani.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, v. 12 n. 34 jan/abr. 2007.

SENAI – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL. **História**. (s.d. a). Disponível em: <http://www.senai.br/portal/br/institucional/snai_his.aspx>. Acesso em: 10 ago. 2012.

SENAI – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL. **Missão**. (s.d. b). Disponível em: <http://www.senai.br/portal/br/institucional/snai_mis.aspx>. Acesso em: 10 ago. 2012.

SENAI/DN - SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL – DEPARTAMENTO NACIONAL. **Metodologia de ensino**: método de instrução individualizada. 2ª. ed. Rio de Janeiro: SENAI/DN/DET, 1984.

SENAI/DN - SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL – DEPARTAMENTO NACIONAL. **Metodologia SENAI de educação profissional**. SENAI. Departamento Nacional. Brasília: SENAI/DN, 2013.

SENAI/DN - SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL – DEPARTAMENTO NACIONAL. **Metodologias SENAI para formação profissional com base em competências**: norteador da prática pedagógica. 2ª ed. Brasília: SENAI/DN, 2009.

SENAI/RS – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL / RIO GRANDE DO SUL. **Conheça o SENAI**. (s.d. a). Disponível em: <http://www.senairs.org.br/conheca_senai.asp?idArea=4&idSubMenu=5>. Acesso em: 17 Fev. 2014.

SENAI/RS – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL / RIO GRANDE DO SUL. **Cursos** - modalidades. (s.d. b). Disponível em: <http://www.senairs.org.br/cursos_senai.asp?idArea=61&idSubMenu=86&idSubSubMenu=100>. Acesso em: 17 fev. 2014.

SENAI/RS – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL / RIO GRANDE DO SUL. **Mecânico de usinagem**: plano de curso – área profissional: metalmeccânica – aprendizagem industrial básica. Porto Alegre: FIERGS. 2007.

SENAI/RS – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL / RIO GRANDE DO SUL. **Olimpíada do Conhecimento 2008**: A olimpíada do Conhecimento. (2008). Disponível em: <<http://www.senairs.org.br/olimpiada/olimpiada.asp>>. Acesso em: 21 mar. 2014.

SENAI/RS – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL / RIO GRANDE DO SUL. **Resumo dos resultados**: Sistema de Acompanhamento Permanente de Egressos – Triênio 2009/2011 - Rio Grande do Sul. Porto Alegre: FIERGS/SENAI. 2012.

SENAIBRASIL. Homenagem ao diálogo. **Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI)**. Brasília, ano 18, n. 134, p. 3-5, ago. 2009. Mensal. Disponível em: <<http://www.dn.senai.br/sb/sb134/Completo.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

SOUZA, Leigh Maria de. **Cultura escolar e *habitus* professoral em uma instituição de educação profissional agrícola**. 232f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2012.

SPOSITO, Marilia Pontes (Coordenação). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Vol. 1. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

STECANELA, Nilda. **Inclusão dos Excluídos do Interior**: um duplo desafio para a escola reinventar-se. In: Interação com o Mundo Cultural/Olga Araújo Perazzolo... [et al]. Caxias do Sul, RS: Educs, 2007.

STECANELA, Nilda. **Jovens e cotidiano**: trânsitos pelas culturas juvenis e pela Escola da Vida. Caxias do Sul: Educs, 2010a.

STECANELA, Nilda . **Retratos de um percurso**: o cotidiano como fonte de pesquisa. In: Luciane Sgarbi Grazziotin; Giseli Paim Costa. (Org.). Experiências de quem pesquisa: reflexões e percursos. Caxias do Sul: EDUCS, 2010b.

TARTUCE, Gisela Lobo B. P. **Tensões e intenções na transição escola-trabalho**: um estudo das vivências e percepções de jovens sobre os processos de qualificação profissional e (re)inserção no mercado de trabalho na cidade de São Paulo. 441f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TONET, Tânia; TONET, Charles. **Por que somos como somos**. Caxias do Sul, RS: Belas-Letras, 2010.

UNESCO. **Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ. (s.d.). **Institucional**: História. Disponível em: <<http://www.eba.ufrj.br/index.php/a-eba/institucional>>. Acesso em: 13 de out. 2013.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares**: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2005.

VIÑAO FRAGO, Antônio. **História de la educación e historia cultural**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n. 0, p. 63-82, set./dez. 1995.

WEISTEIN, B. **(Re) formação da classe trabalhadora no Brasil**: (1920-1964). São Paulo: Cortez, 2000.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador**: escola, resistência e reprodução social. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

APÊNDICES

APÊNDICE A – RELAÇÃO DE UNIDADES OPERACIONAIS DO SENAI-RS

Tabela 1 – Relação de CTs, CEPs, EEPs, AEPs e Faculdade do SENAI-RS.

(continua)

Nº	INÍCIO	UNIDADE	CIDADE
1	27/10/1943	Centro de Educação Profissional SENAI João Simplício	Rio Grande
2	31/05/1944	Escola de Educação Profissional SENAI Visconde de Mauá	Porto Alegre
3	01/08/1944	Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Peçanha	Caxias do Sul
4	15/01/1946	Centro Tecnológico do Calçado SENAI	Novo Hamburgo
5	10/07/1949	Centro de Educação Profissional SENAI Lindolfo Collor	São Leopoldo
6	01/08/1951	Escola de Educação Profissional SENAI Carlos Tannhauser	Santa Cruz
7	21/07/1952	Centro de Educação Profissional SENAI João Luderitz	Cachoeira
8	15/08/1952	Centro de Educação Profissional SENAI João Wallig	Carazinho
9	05/05/1965	Centro Tecnológico do COURO SENAI	Estância Velha
10	09/05/1967	Centro de Educação Profissional SENAI Antônio Jacob Renner	Canoas
11	07/12/1968	Centro de Educação Profissional SENAI Thomaz A Ibornoz	Santana do Livramento
12	04/12/1970	Escola de Educação Profissional SENAI Vergílio Lunardi	Santa Rosa
13	05/08/1972	Centro de Educação Profissional SENAI Jorge Barbieux	Passo Fundo
14	05/03/1974	Agência de Educação Profissional SENAI Dona Júlia Garrastazú Médici	Bagé
15	07/03/1975	Centro de Educação Profissional SENAI José Oscar Salazar	Erechim
16	09/02/1976	Centro de Educação Profissional SENAI Eraldo Giacobbe	Pelotas
17	13/11/1976	Agência de Educação Profissional SENAI Restinga	Porto Alegre
18	02/04/1977	Centro de Educação Profissional SENAI Waldemar Strassburger	Sapiranga
19	15/04/1978	Centro de Educação Profissional SENAI Lajeado	Lajeado
20	30/03/1980	Centro de Educação Profissional SENAI de Ijuí	Ijuí
21	23/05/1980	Centro de Educação Profissional SENAI de Artes Gráficas Henrique D'Avila Bertaso	Porto Alegre

(continuação)

Nº	INÍCIO	UNIDADE	CIDADE
22	20/08/1980	Centro de Educação Profissional SENAI de Eletromecânica	Sapucaia do Sul
23	30/06/1982	Centro de Educação Profissional SENAI de Soldagem Cypriano Micheletto	Canoas
24	10/05/1983	Centro Tecnológico de Mecânica de Precisão SENAI Plínio Gilberto Kroeff	São Leopoldo
25	30/06/1983	Centro Tecnológico do Mobiliário SENAI - CETEMO	Bento Gonçalves
26	13/05/1987	Centro de Educação Profissional SENAI Roberto Barbosa Ribas	Santa Maria
27	30/07/1987	Escola de Educação Profissional SENAI Ney Damasceno Ferreira	Gravataí
28	18/09/1987	Escola de Educação Profissional SENAI José Gazola	Caxias do Sul
29	19/05/1988	Centro de Educação Profissional SENAI de Construção Civil	Porto Alegre
30	21/02/1989	Centro de Educação Profissional SENAI Gustavo Copé	Novo Hamburgo
31	15/06/1989	Centro de Educação Profissional SENAI de Panambi	Panambi
32	05/05/1990	Agência de Educação Profissional SENAI de Montenegro	Montenegro
33	03/07/1990	Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Bettanin	Esteio
34	09/10/1991	Agência de Educação Profissional SENAI de Santo Angelo	Santo Ângelo
35	12/06/1992	Agência de Educação Profissional SENAI João Flávio Rech	São Marcos
36	07/07/1992	Centro de Educação Profissional SENAI Adelino Miotti	Farroupilha
37	24/09/1992	Agência de Educação Profissional SENAI Fernando de Castro Freitas	Triunfo
38	26/10/1992	Centro Tecnológico de Polímeros SENAI - CETEPO	São Leopoldo
39	16/11/1992	Centro Tecnológico de Mecatrônica SENAI	Caxias do Sul
40	17/05/1993	Agência de Educação Profissional SENAI de Canela	Canela
41	14/06/1993	Agência de Educação Profissional SENAI de Garibaldi	Garibaldi
42	11/03/1994	Agência de Educação Profissional SENAI Frederico Gloss	Venâncio Aires
43	11/07/1994	Agência de Educação Profissional SENAI de Santiago	Santiago
44	01/07/1995	Centro Nacional de Tecnologias Limpas SENAI - CNTL	Porto Alegre

(conclusão)

Nº	INÍCIO	UNIDADE	CIDADE
45	29/11/1995	Agência de Educação Profissional SENAI Nelson Heidrich	Igrejinha
46	15/04/1996	Agência de Educação Profissional SENAI Comendador Clemente Cifali	Cachoeirinha
47	16/04/1996	Centro de Educação Profissional SENAI Giuseppe Fasolo	Bento Gonçalves
48	24/05/1996	Agência de Educação Profissional SENAI Nicandro Oltramari	Marau
49	06/09/1996	Agência de Educação Profissional SENAI de Guaporé	Guaporé
50	03/12/1998	Centro de Educação Profissional SENAI de Moda e Design	Porto Alegre
51	30/06/1999	Escola de Educação Profissional SENAI Automotivo - Porto Alegre	Porto Alegre
52	19/11/1999	Centro Tecnológico Automotivo SENAI	Caxias do Sul
53	22/08/2002	Agência de Educação Profissional SENAI de Soledade	Soledade
54	21/10/2002	Agência de Educação Profissional SENAI de Uruguaiana	Uruguaiana
55	17/06/2004	Agência de Educação Profissional SENAI de Alegrete	Alegrete
56	25/08/2004	Agência de Educação Profissional SENAI da Construção Civil	Caxias do Sul
57	17/11/2004	Agência de Educação Profissional SENAI Sady Schmidt	Campo Bom
58	02/01/2005	Centro de Excelência em Tecnologias Avançadas SENAI - CETA	Porto Alegre
59	23/11/2006	Faculdade de Tecnologia SENAI Porto Alegre	Porto Alegre
60	04/12/2006	Agência de Educação Profissional SENAI do Plástico	Caxias do Sul
61	13/12/2007	Agência de Educação Profissional SENAI de Nova Prata	Nova Prata
62	18/03/2008	Agência de Educação Profissional SENAI Têxtil	Esteio
63	04/07/2008	Agência de Educação Profissional SENAI de Veranópolis	Veranópolis

Fonte: FIERGS-SENAI (2014), Circular 690-2014/GEAP.

Nota: Unidades Operacionais dispostas em ordem cronológica de acordo com a data de inauguração, conforme informações contidas na Circular 690-2014/GEAP.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTEVISTA

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO**

VANDERLEI RICARDO GUERRA

**O PRINCÍPIO EDUCATIVO DO TRABALHO E AS CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA
SENAI NILO PEÇANHA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS DE
CAXIAS DO SUL (2000-2012)**

Caxias do Sul

2014

VANDERLEI RICARDO GUERRA

**O PRINCÍPIO EDUCATIVO DO TRABALHO E AS CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA
SENAI NILO PEÇANHA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS DE
CAXIAS DO SUL (2000-2012)**

Pesquisa referente aos percursos escolares, na Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Peçanha, direcionada aos ex-alunos, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Curso de Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, como atividade de pesquisa de campo.
Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nilda Stecanela.

Caxias do Sul

2014

SUMÁRIO

PARTE I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO – SOCIOGRAFIA DO ENTREVISTADO	3
PARTE II – RELAÇÃO DO CURSO COM O DESENVOLVIMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL	4
PARTE III – MOTIVAÇÃO PARA PROCURAR A EEP SENAI NILO PEÇANHA	5
PARTE V – EXPERIÊNCIA EM PARTICIPAR DA ENTREVISTA.....	7

Entrevista nº: _____ Período: _____ à _____

Olá!

Sou estudante no Programa de Pós-Graduação em Educação - Curso de Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul e estou fazendo uma pesquisa sobre as experiências de vida dos alunos da Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Peçanha, com direcionamentos para estudos referentes ao princípio educativo do trabalho e as contribuições da EEP SENAI Nilo Peçanha para a juventude de Caxias do Sul. Posso contar com sua colaboração participando desta entrevista?

Obrigado!

Entrevistador: Vanderlei Ricardo Guerra

Data da entrevista: ____ de _____ de 2014

Local da entrevista: EEP SENAI Nilo Peçanha

PARTE I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO – SOCIOGRAFIA DO ENTREVISTADO

01. Nome: _____
02. Idade: _____
03. Telefones: _____
04. E-mails: _____
05. Cidade natal: _____
06. Bairro atual de moradia: _____
07. Estado civil: _____
08. Com quem você mora? _____
09. Quantas pessoas moram na sua casa? _____
10. Tem filhos?
() Não () Sim. Quantos? _____
11. Você trabalha?
() Não. () Sim. Carga horária semanal: _____ Onde? _____
12. Você tem carteira assinada?
() Sim. () Não. Por quê? _____

Tempo: _____

PARTE II – RELAÇÃO DO CURSO COM O DESENVOLVIMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL

13. Qual foi o curso de aprendizagem que você frequentou na EEP SENAI Nilo Peçanha? _____
14. Em que ano você concluiu o curso? _____
15. Você atua na área do curso, utilizando máquinas ou equipamentos convencionais ou por controle numérico computadorizado?
() Sim () Não
16. Seu ingresso no mercado de trabalho foi promovido pela formação no curso da Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Peçanha?
() Sim () Não
17. O seu primeiro emprego foi na área do curso?
() Sim () Não. Motivo: _____
18. No primeiro ano de sua carreira profissional, você conseguiu independência financeira?
() Sim () Não
19. Você fez outros cursos profissionalizantes após este?
() Sim () Não (Se não, desconsidere a próxima questão)
20. A formação no curso de aprendizagem influenciou na sua decisão de fazer outros cursos profissionalizantes?
() Sim () Não
21. Você concluiu ou está cursando o ensino médio?
() Sim () Não (Se não, desconsidere as próximas 5 questões)
22. A formação no curso de aprendizagem influenciou na sua decisão de cursar ou concluir o ensino médio?
() Sim () Não
23. Você concluiu ou está estudando em algum curso de nível técnico? (Ex.: Mecatrônica, Autotrônica, Mecânico de Usinagem, etc.).
() Sim () Não (Se não, desconsidere a próxima questão)
24. A formação no curso de aprendizagem influenciou na sua decisão de frequentar cursos de nível técnico?
() Sim () Não
25. Você concluiu ou está estudando em algum curso de nível superior (Ex.: Engenharia, Automatização, Administração, etc.)?
() Sim () Não (Se não, desconsidere a próxima questão)

Tempo: _____

5

26. A formação no curso de aprendizagem influenciou na sua decisão de frequentar cursos de nível superior?
() Sim () Não
27. Você exerce ou exerceu algum cargo ou função de liderança ou gestão após sua iniciação profissional na área da usinagem? Ex. (Chefe, Líder, Gerente, etc.)
() Sim () Não (Se não, desconsidere a próxima questão).
28. Você considera que o curso de aprendizagem o auxiliou para o exercício deste cargo ou função?
() Sim () Não
29. Você desenvolve alguma atividade empreendedora, como sócio ou proprietário? (Ex.: Empreendedor Individual, Micro-empresa, etc.)
() Sim () Não (Se não, desconsidere a próxima questão).
30. Você considera que o curso de aprendizagem o auxiliou para o exercício desta atividade?
() Sim () Não
31. Que conceito você dá para o curso de aprendizagem realizado?
() Ruim () Regular () Bom () Muito bom () Ótimo
32. Você indicou ou indicaria o curso de aprendizagem da Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Peçanha para pessoas de sua família ou amigos? (Ex. Filhos, irmãos, primos, vizinhos, colegas de trabalho, etc.)
() Sim () Não (Se não, desconsidere a próxima questão).
33. Quais seriam seus argumentos nesta indicação?

PARTE III – MOTIVAÇÃO PARA PROCURAR A EEP SENAI NILO PEÇANHA

34. Em que período de sua vida escolar você frequentou a EEP SENAI Nilo Peçanha? _____
35. O que o levou a frequentar a EEP SENAI Nilo Peçanha?

36. Como foi sua experiência de estudar numa escola de educação profissional?

Tempo: _____

37. Sua entrada no SENAI foi por:
() Livre escolha;
() Induzido por amigos ou parentes.
38. Como você escolheu a área ou o curso?

39. O fato de ter um contrato de trabalho influenciou na sua decisão de fazer um curso no SENAI?

40. Você tinha alguma relação com a empresa que lhe oportunizou a carta de apresentação de aprendiz?
() Não
() Sim. Qual? _____
41. Você conhecia pessoas que já haviam cursado esta escola? Quem?

42. Que conceito você tinha da escola antes de iniciar o curso?

43. Como você imaginava o SENAI, antes de entrar na EEP SENAI Nilo Peçanha?

PARTE IV – MEMÓRIAS DA EEP SENAI NILO PEÇANHA

44. Que idade você tinha quando frequentava o SENAI? _____
45. Você lembra do nome e das áreas de seus professores? () Sim () Não
46. Que memórias você tem da EEP Nilo Peçanha?

Tempo: _____

47. Você poderia relatar alguma lembrança que lhe deixou feliz na EEP SENAI Nilo Peçanha? E uma que lhe deixou triste?

Bons momentos:

Momentos difíceis:

48. Em algum momento você sente saudades do SENAI? Poderia comentar?

49. Pode citar algo que tenha aprendido na EEP SENAI Nilo Peçanha e que foi importante para a sua vida?

50. O fato de você ter frequentado a EEP SENAI Nilo Peçanha, melhorou a sua qualidade de vida ou de sua família em algum aspecto?

51. Você percebeu alguma diferença entre a escola regular e a EEP SENAI Nilo Peçanha? Qual/quais?

52. Quais são seus projetos de futuro?

PARTE V – EXPERIÊNCIA EM PARTICIPAR DA ENTREVISTA

53. Qual sua opinião sobre a experiência de ter participado desta entrevista?

Tempo: _____

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

No âmbito da pesquisa de mestrado referente ao princípio educativo do trabalho e as contribuições da Escola SENAI Nilo Peçanha na Educação Profissional dos jovens de Caxias do Sul, a presente entrevista pretende conhecer os percursos escolares e profissionais dos participantes, sondando as contribuições da referida escola para a educação, tanto no aspecto do exercício profissional quanto de desenvolvimento pessoal, de pessoas que freqüentaram seus cursos profissionalizantes. O trabalho culminará na elaboração de uma dissertação de mestrado, desenvolvida no curso de Mestrado em Educação da Universidade de Caxias do Sul.

Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos/das participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a.

A participação na entrevista não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. Se no decorrer da entrevista o participante resolver não mais continuar ou cancelar o uso das informações prestadas até então, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer consequência.

A atividade está sob a responsabilidade da orientadora do curso de mestrado, professora Nilda Stecanela, docente da Universidade de Caxias do Sul, a qual se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter sobre entrevista, através do telefone 54 99771560.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da entrevista e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____, identidade nº _____ concordo em participar da referida entrevista e prestar meu depoimento, cujos resultados serão registrados e analisados, além de discutidos coletivamente.

Quanto à identificação da autoria de meu depoimento opto:

() pela não identificação de meu nome e uso do codinome: _____

() pela identificação do meu nome.

Participante da pesquisa

Pesquisador(a)

Entrevistador(a)

Caxias do Sul, _____ de _____ de 2014.

ANEXO B – CONSELHO REGIONAL DO SENAI/RS

21-1-2014

SENAI-RS – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL
DEPARTAMENTO REGIONAL DO RIO GRANDE DO SUL

CONSELHO REGIONAL

Presidente Nato

Heitor José Müller – Presidente do Sistema FIERGS

Conselheiros Representantes das Atividades Industriais - FIERGS

Titulares

*Ademar De Gasperi
Ricardo Wirth
Getúlio Fonseca
Júlio Cezar Steffen*

Suplentes

*Pedro Antônio Leivas Leite
Henrique Purper
Edilson Deitos
José Agnelo Seger*

Representantes do Ministério da Educação

Titular

Antônio Carlos Barum Brod

Suplente

Renato Louzada Meireles

Representante do Ministério do Trabalho e Emprego

Titular

Flávio Pércio Zacher

Suplente

Leonor da Costa

Representante dos Trabalhadores

Titular

Jurandir Damin

Suplente

Enio Klein

Diretor Regional e Membro Nato do Conselho Regional do SENAI-RS

José Zortea

DIRETORIA SENAI-RS

José Zortea - Diretor Regional

Carlos Artur Trein - Diretor de Operações

Carlos Heitor Zuanazzi – Diretor Administrativo e Financeiro